

O SISTEMA

Gênese e Estrutura do
Universo



PIETRO UBALDI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O Sistema

GÊNESE E ESTRUTURA DO UNIVERSO

Autor: Pietro Ubaldi

Tradução: Carlos Torres Pastorino

ÍNDICE

Impressão
Prefácio

Primeira Parte - A VISÃO

- I – O Método
- II – Deus e Criação
- III – Queda e Reconstrução do Sistema
- IV – O Ciclo Involução-Evolução

Segunda Parte - ANÁLISE CRÍTICA

- V – Orientação
 - VI – Deus Criador
 - VII – A Revolta
 - VIII – Sistema e Anti-Sistema
 - IX – Objeções e Esclarecimentos
 - X – A Visão Diante da Filosofia
 - XI – A Visão diante da Biologia
 - XII – Teoria Cinética da Queda
 - XIII – O Problema da Perfeição, Onisciência e Onipotência
 - XIV – A Psicologia da Revolta. Satanás e o Anti-Sistema
 - XV – Outras Provas e Esclarecimentos
 - XVI – Reconstrução Orgânica do Sistema e Desenvolvimento da Consciência
 - XVII – Significado da Morte e da Reencarnação
 - XVIII – Outros Fatos e Explicações
 - XIX – Aspectos Mais Profundos da Visão (1ª Parte)
 - XX – Aspectos Mais Profundos da Visão (2ª Parte)
- Conclusão

IMPRESSÃO

Carlos Torres Pastorino (Rio, 5 de julho de 1957)

Terminada a tradução da obra, O Sistema, de Pietro Ubaldi, feita com a alegria imensa do garimpeiro que vai descobrindo em cada nova linha uma pepita de ouro do mais puro, não me contendo em rascunhar a impressão que me ficou dessa leitura meditada, do estudo dessa revelação nova trazida a nós em plena segunda metade do século XX.

Desde a infância, o estudo desses problemas, através das obras da Teologia Católica, primeiramente, e mais tarde através das publicações oficiais do Espiritismo, do

Protestantismo, da Teosofia, do Esoterismo, da Antroposofia, dos Rosa-Cruzes, das obras mais antigas da Índia, do Egito e da China, o estudo de tudo isto deu-me uma impressão de incerteza e de tateamento, ou então de afirmativas sem bases no campo racional. Não há, em todas essas doutrinas, respeitabilíssimas sem dúvida, porque representam o labor da mente concreta que busca o conhecimento através de suas próprias forças – não há uma unidade completa que una tudo numa única visão de conjunto.

Por isso, através da leitura estudada e meditada da obra de Ubaldi, cheguei à conclusão de que o universo é de fato um todo único, cujo centro é Deus. E, completando a maravilhosa e inspirada A Grande Síntese com o volume Deus e Universo, vislumbrei certos aspectos novos. No entanto, o segundo volume citado está demais conciso e alto, não me permitindo à parca inteligência, a compreensão total da grandiosidade ali exposta.

Neste volume, entretanto, a explicação é cabal e acessível a todas as inteligências, mesmo as medianas, como a de quem está escrevendo, e as provas são de tal forma completas e irresponsáveis, que pouco haverá que acrescentar a isso, nessa época. Talvez mais tarde se possa dizer algo mais. Mas, no momento, não vemos o que acrescentar ao que aqui se encontra.

O Sistema é um livro ótimo, lógico e claro. Trata-se, em minha insignificante opinião, de completo curso ou tratado de Teologia cosmogônica, uma Teologia Nova, que vem cortar pela raiz todas as elucubrações puramente humanas, esclarecendo os pontos obscuros, revelando todos os mistérios incompreensíveis e inaceitáveis à mente hodierna. As teologias antigas, que pararam no tempo e no espaço, por se terem tornado dogmáticas e não mais admitirem pesquisas, reagirão, sem dúvida, a esta intromissão em seu terreno. Mas a humanidade está em evolução perene, e não seria compreensível que a parte mais nobre e elevada da humanidade, que é o pensamento e a sabedoria, parassem nos séculos remotos, enquanto a parte inferior, material, estivesse, como está, progredindo a passos gigantes.

Neste Tratado Teológico, encontramos um Deus perfeitamente aceitável por Sua grandeza, ao invés daquele Deus mesquinho que trazia sempre bombons na mão direita para premiar e um chicote na esquerda para castigar, como qualquer capataz irritadiço e vulgar. Revela-nos uma finalidade à existência, ao invés de um paraíso de ociosidade inútil e egoísta, em que as criaturas ficarão por toda a eternidade gozando ao ver seus entes queridos sofrendo horrorosamente um inferno infundável.

A teoria da queda e da reabilitação dos espíritos é tão lógica que temos a impressão que ela guiará o mundo espiritualizado de amanhã, esclarecendo os pontos obscuros e dando direção à evolução da humanidade, que hoje se debate em problemas sem solução. É um Tratado de Teologia nova e ao mesmo tempo um Tratado de Filosofia Universalista Unitária, que nos apresenta, como um todo único, um só corpo cuja cabeça é Cristo.

A segurança de raciocínio jamais abandona o autor a especulações vazias, mas o leva a provas sólidas, em matéria difícil e complexa. É a única teoria que conhecemos, que pode satisfazer o intelecto, a razão e mesmo o coração, porque explica logicamente tudo o que se passa neste mundo. Filosofia, física, química, biologia, sociologia, moral, tudo é examinado conscienciosamente, com minúcias que esgotam o assunto, com inflexibilidade irresponsável, com segurança e acerto.

A parte mais alta do livro O Sistema é constituída pelo capítulo XX, quando o autor nos dá a terceira interpretação da visão. Esta é de uma clareza deslumbrante. Inegavelmente trata-se, nesta obra, de uma revelação descida do Alto, que nos vem trazer luz acerca de problemas que a mente humana, por si só não poderia resolver.

Perguntam-me alguns confrades, como posso aceitar a teoria de Pietro Ubaldi, sendo, como sou, espírita adepto de Allan Kardec. Confesso não ver nenhuma contradição entre as duas teorias.

Para quem lê Kardec superficialmente, detendo-se nas palavras impressas, a teoria de Pietro Ubaldi pode parecer "herética". Mas aos que lêem o mestre penetrando as entrelinhas das respostas dos espíritos, tão sábias e profundas, nada lhes parece de contraditório.

Em primeiro lugar, Allan Kardec tentou penetrar nesse terreno. Todavia os espíritos não lhe deram a resposta ansiada. Podemos encontrar no Livro dos Espíritos a pergunta 39: "Podemos conhecer o modo de formação dos mundos"? E a resposta dos espíritos: "Tudo o que a esse respeito se pode dizer e podeis compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço". Não é o que diz Pietro Ubaldi, no capítulo XX? A origem dos universos foi uma "contração", em que o espírito ficou aprisionado dentro da matéria.

Em segundo lugar, o próprio Kardec afirma não ter dito a última palavra, mas apenas a primeira. E que todas as teorias por ele trazidas deveriam ser desenvolvidas à proporção que a ciência progredisse.

Em terceiro lugar, Allan Kardec preocupa-se com o problema da evolução, a partir da matéria primitiva, sem cogitar do que havia ocorrido antes. Ou seja, começa do mesmo modo em que a Bíblia e do mesmo ponto em que A Grande Síntese iniciaram o estudo: a subida evolutiva dos seres encarnados. Evidentemente, partiram todos da "matéria", ou seja, dos átomos, cuja concentração formou os universos. Nesse ponto – o infinito negativo, o ponto de chegada da involução, a concentração máxima do espírito – era evidente que "todos os espíritos eram simples e ignorantes" (pergunta 115). Entretanto, é evidente a confusão da palavra "espírito", no sentido de "princípio espiritual" com o sentido de espírito humano. Mas as próprias respostas dos espíritos e Allan Kardec classificam a origem, pesquisada agora por Pietro Ubaldi, como "mistério": "a origem deles é mistério" (Pergunta 81). E pouco antes: "Quanto ao modo pelo qual nos criou e em que momento o fez, nada sabemos" (Pergunta 78).

Dentro do próprio Livro dos Espíritos, contudo, encontramos em esboço muito rápido e leves pinceladas, a confirmação da teoria ubaldiana. Pergunta Kardec: "Donde vieram para a Terra os seres vivos"? Resposta: "A Terra lhes continha os germes, que aguardavam momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se congregaram (teoria das "unidades coletivas"), desde que cessou a atuação da força que os mantinha afastados" (Pergunta 44). Não é o que diz Pietro Ubaldi?

Mas, acima de tudo, está de pé a resposta à pergunta 540, no fim: "É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!"

Nada mais cremos seja precioso para provar que a teoria exposta por Pietro Ubaldi, em sua revelação, nada tem de contraditório com a doutrina codificada por Allan Kardec. Antes, vem completá-la e explicá-la, levantando o véu daquele mistério que, há um século, os espíritos julgaram oportuno deixar ainda envolvendo a origem da vida. E isto porque os homens daquela época "ainda não podiam entender" essa origem, pois a ciência não havia demonstrado que matéria é apenas a condensação da energia, e esta a descida das vibrações do espírito. A frase final da resposta à pergunta nº 83 nos revela bem que Allan Kardec, incontestável mestre codificador, não pôde receber dos espíritos uma doutrina completa, porque o ambiente terrestre ainda não estava preparado. Lemos aí: "É tudo o que podemos, por agora, dizer". Então, há mais coisas a dizer, mas não podiam ser ditas, tal como ocorreu quando Jesus disse a seus apóstolos: "Muitas coisas vos tenho a dizer, mas não as podeis suportar agora" (João, 16:12). Por que então condenaremos a teoria de Pietro Ubaldi, se ela sem contradizer nem Kardec, nem Jesus, vem trazer-nos luz a respeito de coisas que nem um nem outro nas haviam revelado?

O fato concreto, sob nossa vista, é que a teoria exposta mediante revelação e inspiração por Pietro Ubaldi satisfaz integralmente a todas as indagações científicas, psíquicas, filosóficas, teológicas e espirituais que possamos fazer-nos. Assim sendo, temos que lealmente aceitá-la, até prova em contrário; mas prova que traga argumentos e fatos, experimentações e demonstrações, e não apenas citações do "magister dixit". Hoje o método científico tem de prevalecer para satisfazer tanto à mente concreta quanto à abstrata, tanto à razão quanto à intuição, tanto à inteligência quanto à sensibilidade.

A obra é de suma importância e finca no mundo um marco que dificilmente será removido. Poderá ser mais bem explicado e desenvolvido seu ponto de vista, poderá mesmo ser modificado em seus aspectos secundários. Mas o âmago do problema foi equacionado brilhantemente, e daí poderemos partir para posteriores e maiores pesquisas e buscas.

Compete agora ao homem de amanhã essa parte. Mas este já encontrará uma base onde se apoiar, um alicerce sobre o qual poderá erguer novos edifícios. E era isto, justamente, o que faltava à humanidade de hoje, que nada podia edificar em terrenos movediços de mistérios, sobre abismos sem fundo de desconhecimentos confessados. Tudo, dentro da relatividade humana, foi explicado em termos científicos e lógicos. Foi-nos mostrado, com dificuldade por causa da pobreza da linguagem humana, o que a mente do homem perquiria há milênios, e que nos fora dito várias vezes, mas sempre com palavras ocultas, cheias de subentendimentos, que a mente comum não conseguia penetrar.

Para a filosofia e a teologia, este volume constitui um dos mais importantes tratados que já apareceram publicados na face da Terra. É uma luz nova que se levanta no horizonte, um novo sol que vem iluminar as mentes e aquecer os corações, sequiosos de sabedoria e de amor. Porque nele se revelam, em Sua plenitude infinita, a Sabedoria e o Amor de Deus, como centro de tudo, como Seu pensamento a constituir atmosfera psíquica "em que vivemos, nos movemos e existimos (...) porque Dele também somos gerados" (Ato, 17:28)

Rio, 5 de Julho de 1957
C. Torres Pastorino

PREFÁCIO

Com este volume, inicia-se a Segunda Trilogia da obra, chamada brasileira porque escrita no Brasil, em relação à primeira chamada italiana, escrita na Itália. Terminou, com a Primeira Trilogia o período da grande batalha, da luta. Tiramos dela todo o fruto benéfico. Voltamos, agora, ao caminho ascensional da construção com o início desta Segunda Trilogia.

Retomamos neste escrito, os conceitos dos volumes: *A Grande Síntese* e *Deus e Universo*, nascidos em dois períodos diversos da minha maturação e filhos de estados d'alma diferentes, a fim de fundi-los num só, formado pela atual e mais profunda maturação adquirida. Significa isto fundir as duas concepções numa única visão de conjunto, ou seja, num único sistema (religioso, ético, científico etc.) que abarque em síntese todos os fenômenos do Universo, orientando-os para um único centro e objetivo; um sistema que dê a chave e esgote o problema do conhecimento, pelo menos nas suas linhas gerais.

Por isso, este volume se chama O Sistema, pois representa um conjunto de princípios em que cada fenômeno se coordena, para formar um todo orgânico. Nesta visão global, a concepção científica de *A Grande Síntese*, vista em função do homem, fundir-se-á, permanecendo nela inserida, junto com a concepção teológica do volume *Deus e Universo*, vista em função de Deus.

A Grande Síntese é uma visão do Alto, isto é, vinda do Espírito para baixo, ou seja, para o mundo físico da matéria até ao homem. O volume *Deus e Universo*, é uma visão de baixo, isto é, do plano humano para o Alto, ou seja, em direção ao pensamento de Deus Criador. Neste volume, queremos fundir as duas visões numa só, o sistema de *A Grande Síntese* com o sistema de *Deus e Universo*, cada um em seu campo; ou seja, fundir os dois campos num só, dando-nos, não duas perspectivas diferentes, mas uma única perspectiva, num único sistema. Esta é a finalidade do presente livro.

O livro nasceu no primeiro semestre de 1956. Havia então terminado o período da grande batalha e o horizonte se havia tornado mais claro. A luta, se bem que não terminada, ao menos não exigia toda a minha atenção e energia, podendo se organizar na forma dum trabalho mais regular e ordenado. Com o meu espírito mais livre pude então dirigir-me para novos caminhos.

Foi isso que permitiu o nascimento deste novo volume: *O Sistema*. Naturalmente a produção literária se ressentiu das condições do ambiente, no qual se vive, e do trabalho que isto impõe. Mudou meu estado de ânimo e não mais oprimido pela luta indispensável à sobrevivência num ambiente hostil, um sentido de libertação e de alívio me permitiu, em vez de olhar para a Terra a fim de defender-me, levantar os olhos para o Alto, contemplando visões. Nasceu deste modo este meu novo livro, que representa o maior amadurecimento espiritual até hoje atingido.

Mas para ele me arrastaram também, as forças que dirigem a minha vida, e isto através de conhecimentos exteriores, independentes da minha vontade. O volume *Deus e Universo* foi honrado, na primeira metade de 1956, com discussões na imprensa brasileira. As observações feitas chamaram de novo a minha atenção para aquele argumento, que eu esquecera durante a luta. Ao mesmo tempo, essas forças me prepararam, sem que eu o soubesse, um curso que em 1956 dei em São Paulo e, depois, outro no Rio, e mais um terceiro, em Santos, exatamente sobre o tema: "*Gênese e Estrutura do Universo*", tema do volume *Deus e Universo*. E esses cursos levantaram novas discussões. O Brasil é um grande país, onde o público se interessa por questões difíceis de alta teologia, coisa que não é comum em outros lugares.

Esses fatos excitaram e tornaram a despertar aquele meu pensamento adormecido e o impeliram a colocar-se novamente diante da visão de *Deus e Universo*, mas desta vez com maior amadurecimento ao que havia dantes contemplado. O empenho em fazer estes cursos e em responder as objeções dos assistentes e da imprensa, obrigou-me a precisá-los, ao focalizá-los com mais exatidão, a fim de esclarecer melhor, sobretudo a mim próprio, sobre os problemas enfrentados. Isto porque o modo como eram feitas as discussões e desenvolvidas na imprensa e nas conversas, demonstrava-me, acima de tudo, que não tinha sido bem compreendida a orientação e a colocação geral dos problemas tratados, o que de resto bem se explica, porque eram diferentes os pontos de referência culturais e a novidade revolucionária de uma concepção que nem sequer a cultura européia se revelou capaz de logo compreender e aceitar. É evidente que uma tal visão, de dimensões cósmicas, não podia ser reduzida a medir-se e a ser julgada pela média comum,

nem podia se reduzida a enquadrar-se nos limites desta ou daquela doutrina. Assim o homem, mesmo partindo de religiões diferentes, teve um comportamento igual diante de *A Grande Síntese* e de *Deus e Universo*. Não discutimos os julgamentos, que respeitamos porque correspondem à necessidade de defender patrimônios espirituais já adquiridos. Mas também é certo que Deus, ao criar, não podia ficar na dependência deste ou daquele sistema religioso, que lhe estabelece uma determinada norma.

De tudo isso nasceu a necessidade de esclarecer ainda melhor como se desenvolveu o processo da criação, enfrentando-o novamente, com métodos inspirativos (já que não existem outros de observação direta), e dos quais já demonstramos o valor como métodos de pesquisa, estes, aliás, completados e controlados pela lógica e pela razão. Respeitamos todas as fontes, tradicionais; mas Galileu, como a ciência moderna, para resolver os problemas astronômicos, se lançou ao estudo dos céus por meio de telescópio e do cálculo, e não com a Bíblia. E se esta dizia que Josué deteve o sol, Galileu não obstante ser julgado herege porque contradizia à Bíblia, continuou, com toda a razão a dizer: "e, no entanto, a Terra se move".

Por isso, tal como Galileu, só podemos responder às objeções da imprensa dizendo que, apesar de tudo o que afirmam as diversas doutrinas, as coisas são exatamente como estão descritas desde o princípio do volume *Deus e Universo*. Para termos a certeza disso, neste volume, *O Sistema*, a questão foi toda reexaminada: a visão foi novamente vista em seu conjunto e em seus pormenores. Deste novo exame crítico e analítico, resultaram confirmadas todas as afirmações precedentes, e demonstradas com maior evidência. Esta é uma análise ainda mais atenta. Se houvesse erros, eles deveriam aparecer. E não apareceram.

Eu teria gostado muito que a crítica alheia me houvesse apontado erros. Mas, tal como ocorreu na Itália, com a condenação de *A Grande Síntese*, a crítica limitou-se não a ver se a teoria era verdadeira ou falsa à luz da lógica e dos fatos, mas penas a ver se ela correspondia a uma unidade anterior de medida, dada pela medida da própria doutrina. Assim, a crítica não me ofereceu, como eu teria desejado, alguma coisa que pudesse aprender, para melhorar meu trabalho, nenhum fato positivo que verdadeiramente enfrentasse a substância dos problemas. E é isto o que mais interessa ao pesquisador apaixonado. O que lhe interessa não é tanto se ele está de acordo com esta ou aquela doutrina particular, mas é obter resposta às suas perguntas e saber como realmente ocorreu o fenômeno da criação.

Como aconteceu com *A Grande Síntese*, o fato se repetiu agora. Qualquer verdade nova se acha diante de outras verdades já admitidas. Se a nova verdade concorda com elas, é julgada verdadeira. Se não concorda, é julgada falsa. Assim, as verdades novas que se estão desenvolvendo nestes volumes são diferentemente julgadas. Há sempre luta entre o velho e o novo. O primeiro possui as posições já conquistadas, mas envelhece e se cansa. O segundo deve conquistá-las, mas é jovem e tem direito à vida. Ninguém pode deter o progresso que, apesar dos conflitos, continua a avançar sempre impassível. Trata-se de uma lei irresistível da vida. Basta esperar. Para compreender o novo, precisa-se de tempo. Foram necessários vinte anos, para que *A Grande Síntese* fosse compreendida. Para que *Deus e Universo* seja também compreendido, mais ainda será necessário.

No momento, só uma poderia ser a resposta às discussões sobre o volume *Deus e Universo*: a que foi dada às que se fizeram sobre o volume *A Grande Síntese*. Não renegar, mas reafirmar, porque havia sido feito um estudo profundo do problema, tendo sido encontradas novas confirmações. Por isso, tudo se reduz a explicar ainda melhor, cada vez mais clara e evidentemente, até que se compreenda. A única dificuldade que pode surgir como causa de dissensões, é não se haver explicado bastante. O remédio diante de qualquer condenação é apenas o de insistir, explicando sempre mais claramente. O problema não é de modificar, mas de ser compreendido.

Assim nasceu este livro. Embora susceptível de contínuos desenvolvimentos, agora ele já esclarece tudo, pelo menos em suas grandes linhas especialmente a mim próprio, que sou difícil de convencer. E ele me convenceu. Eliminou, em meu atual estado de amadurecimento, todo resíduo de dúvida, que sempre permanece no fundo da mente de qualquer pesquisador honesto.

Assim a teoria da queda não só não morreu, como se reforçou em mim, fundindo-se com a concepção de *A Grande Síntese* e absorvendo-a. Por isso, essa teoria continuará a constituir a espinha dorsal das obras que estou escrevendo, de modo que os meus futuros livros não só a confirmarão, como continuarão a elevar-se nestas bases, esclarecendo cada vez mais, desenvolvendo, aplicando, convencendo. Quanto mais se estuda o que é verdadeiro, menos dúvidas se tem.

Foi assim que a Verdade sempre caminhou desta forma. As resistências fazem parte do seu processo evolutivo. Trata-se de uma lei igual para todos, que nós não podemos modificar, devendo apenas aceitá-la. É justo e devemos defender as velhas verdades

já conquistadas. Mas, às vezes, repudiando e sufocando o que é novo, para defender o patrimônio já possuído, tenta-se impedir a vida de conquistar outro patrimônio melhor. No entanto, como é explicado neste volume, o impulso do progresso vem de Deus e, como tal, esse impulso é o mais forte e não pode deixar de vencer.

São Vicente, Natal de 1956

Primeira Parte



A V I S ã O

Capítulo I

O MÉTODO

Em primeiro lugar, temos de explicar a técnica de pensamento que usamos, para chegar às concepções a que aqui exporemos.

Podemos estudar a natureza de um terreno, de duas maneiras: 1) construindo, para nós, um conceito geral, observando-o do alto de um monte ou de um avião; 2) fazendo uma idéia dele percorrendo-o a pé, passo a passo, em todos os sentidos. No primeiro caso teremos uma visão de conjunto, que chamaremos de síntese. No segundo teremos uma visão de pormenores que chamaremos de análise. No primeiro caso veremos as linhas gerais, que nos escapam no segundo; no segundo veremos as linhas dos pormenores, que nos escapam no primeiro.

É lógico ser desse modo, porque o ser humano se encontra exatamente entre o microcosmo e o macrocosmo, ou seja, entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande. Somos feitos para perceber com os nossos sentidos apenas a realidade que nos é oferecida pelos fenômenos de nossa grandeza. Procuramos afastar-nos deles, superando-lhes os limites, com o microscópio e o telescópio, mas só podemos fazê-lo até certo ponto. Conseguimos, então, chegar um pouco mais longe, mas temos, depois, de parar, diante de horizontes mais afastados, além dos quais, para nós, o infinito permanece igualmente inatingível.

O pensamento humano, filho de capacidades perceptivas incrustadas pela natureza das coisas entre esses dois extremos, lançou-se, em seu impulso natural para o conhecimento, ora uma direção ora noutra, criando assim instintivamente os dois métodos de pesquisa que o homem conhece: o dedutivo e o indutivo. Possuindo a inteligência e equipado assim, com meios para caminhar, o homem tinha de seguir as duas estradas que já o esperavam, traçadas na estrutura do mundo, e por elas caminhou. Logo, com o seu método dedutivo explorou o terreno, como de cima de um monte ou de um avião, obtendo uma visão de síntese, mas sem ser controlada no local, em contato com o terreno onde ocorrem os fenômenos; uma visão de conjunto, de princípios gerais, onde faltam os pormenores. Isto ocorreu quando o homem se entregou

nos braços da inspiração, da intuição ou da revelação. Daí tirou os princípios gerais, não demonstrados, não focalizados com exatidão pelo trabalho racional, suficientes para saciar apenas a mente, até quando o seu amadurecimento lhes despertasse a fome de saber mais.

Eis então que, em certo momento, nasce a ciência, usando a perspectiva oposta, ou seja, o método indutivo; com sua posse começou a explorar o terreno não mais do alto, mas percorrendo-o passo a passo, entrando em contato direto com os fenômenos. Não mais visão de conjunto, de síntese, mas dos pormenores, analítica. Daí a observação e a experiência, no primeiro caso excluídas, e os resultados práticos e utilitários, produzidos pela ciência.

Este método, entretanto, diante do problema do conhecimento, tem um ponto fraco: se é mais apto a agir na matéria, dando-nos resultados práticos, é o mais inadequado, por ser método de análise, para dar-nos a visão de síntese e resolver assim o problema do conhecimento. Sucede então que, em pleno século de ciência positiva, como o nosso, voltamos a confiar no gênio dos grandes matemáticos, os quais, por abstração — não só trabalho de lógica, mas também de intuição conseguem elevar-se acima do mundo fenomênico, daí trazendo a visão de conjunto, que a ciência positiva, com seu método experimental, não consegue alcançar. No entanto, também a ciência necessita da intuição, pelo menos para formular algumas hipóteses de trabalho, sem o que não consegue orientar-se, ficando em seu progresso, sujeita às puras tentativas.



Após esta premissa, vamos ao nosso caso. Nos volumes anteriores usamos, alternadamente, ora um ora o outro desses dois métodos. Neste volume utilizar-nos-emos de ambos dirigindo-os em colaboração para o mesmo alvo. Quer dizer, usaremos os dois métodos e as duas perspectivas: a da revelação, intuição e inspiração — ou seja visão panorâmica por síntese — e a da observação e experiência — ou seja visão detalhada por análise. São estas as duas formas do pensamento humano: religioso e científico, isto é, descida do pensamento de Deus à Terra, por meio dos profetas e inspirados, e a laboriosa ascensão do pensamento humano por meio dos pensadores e dos cientistas.

Eis aí o método que seguiremos. Para atingir o máximo resultado possível, na busca da verdade, e alcançar o máximo possível de conhecimento, usei alternadamente os dois métodos: inspiração e razão.

Começo, assim, enfrentando o problema com a visão panorâmica, do alto, ou seja, com inspiração. Dessa forma, obtenho uma visão de conjunto, ou total, o último resultado de uma operação, da qual, entretanto, não conheço os termos componentes donde esses totais derivaram. Faltam os pormenores, as provas, o controle racional, para esses resultados serem aceitáveis no plano lógico, a fim de que resultem demonstrados, de acordo com a forma mental do homem moderno. A intuição não nos dá nada disso. Ela produz num lampejo, uma visão de síntese, sem minúcias, na qual não é possível aplicar, naquele momento, análise e controle, nem de observação, nem de experiência. Pude conseguir desse modo a orientação geral, mas falta todo o resto. Assim, chego a descobrir a conclusão a ser alcançada; mas pelas vias racionais, ainda não sei o caminho para chegar lá. Vi a verdade, mas não posso demonstrá-la, agora. Tanto mais que o fenômeno da inspiração é, em grande parte, independente de nossa vontade. Mas enfim, alguma coisa conseguimos, precisamente a orientação geral que hoje falta à ciência.

Os profetas, os inspirados, as revelações das religiões pararam aí. É natural, portanto, que a ciência ao trabalhar no pólo oposto, não tome em consideração esses resultados, os quais, no entanto, são de grande importância. Ela não deveria tê-los rejeitado, mas antes tomado para examinar e dar-lhes uma explicação, pelo menos uma hipótese de trabalho, que pudesse, mesmo provisoriamente, preencher a sua falta de orientação quanto aos problemas máximos do conhecimento. Por enquanto, não vamos deter-nos neste ponto. Ao contrário, temos de procurar completar os resultados da inspiração recebida, usando em seguida, num segundo tempo, também o método oposto e complementar, que é o da ciência. Devemos, assim, descer do monte ou do avião, ao nível

do terreno e percorrê-lo todo a pé, observando-o de perto. Isto procuramos fazer em vários volumes, onde retomamos os temas da inspiração para desenvolvê-los racionalmente, controlando-os com a observação e a experiência. Guiados pela inspiração recebida, maior é nossa orientação, e não vamos explorando ao acaso; mas, pelo contrário, seguimos direções precisas, porque sabemos, mesmo antes de vê-los, que lá existe um rio, um bosque, uma rocha, um terreno diferente. Com o mapa geral do solo, obtido com a perspectiva do alto, reduzir-se-á o nosso trabalho apenas à análise dos pormenores, em vista de a visão sintética estar diante de nossos olhos, nos orientando. Com esse mapa nas mãos, não temos o trabalho de fabricar outro para orientar-nos e podemos, pois já estamos orientados, concentrar toda a nossa atenção no estudo das minúcias.

Infelizmente, a ciência se acha em outras condições. Ela não tem nas mãos o mapa geral do terreno, para fazer as suas pesquisas. Acha-se diante de um número infinito de pormenores, e o fato de estar obrigada, através deles, a chegar à reconstrução de uma visão de conjunto, constitui uma dificuldade por vezes insuperável, pois em nosso universo, como veremos, a unidade do todo foi pulverizada na infinita multiplicidade fenomênica. Por isso, ela é obrigada a limitar-se a sondagens parciais, denominadas hipóteses; estas, controladas mais tarde pela observação dos fatos, são definitivamente aprovadas como teorias aceitas, representando apenas sínteses parciais, limitadas a campos restritos ou aspectos da verdade global. Assim, tudo permanece fracionário, cobrindo apenas estreitas faixas do terreno. No conjunto, tudo fica desorientado, justamente porque falta o meio para alcançar uma visão de síntese, coisa que a análise, por sua natureza, é incompetente para nos dar. Dessa forma, se a ciência é o meio mais adequado para produzir resultados de caráter material, mostra-se mais inepta para produzi-los de valor espiritual. E isto porque, estando ela situada na multiplicidade dos pormenores fenomênicos, no terreno das formas e dos efeitos — no pólo oposto do centro unitário da Divindade, da qual desce a revelação — mostra-se por sua natureza, a mais incompetente para alcançar resultados unitários de síntese, ou seja, visão geral, única que pode resolver os problemas máximos e dar-nos o conhecimento. Fica-lhe, dessa maneira, vedada a função de orientação, que compete, pelo contrário, à inspiração, como a esta é vedada a função do conhecimento analítico, que compete à ciência.

Mesmo em relação ao nosso caso, temos de fazer estas referências contínuas ao estado atual do pensamento humano, pois o nosso deve também orientar-se em relação a ele e à sua atual fase de desenvolvimento. Procuramos, assim, não permanecer unilaterais, como as religiões de um lado e a ciência de outro, acreditando cada uma ter a sua perspectiva particular, suficiente para abarcar a verdade toda. Em vez de completar-se, como é necessário entre coisas complementares, a fé e a ciência têm procurado excluir-se, condenando-se uma à outra.

Procuramos, por isso, evitar esse erro de unilateralidade, fundindo os dois métodos, sem nos fecharmos em barreiras preconcebidas, nem num nem no outro pólo. Sempre há alguém para compreender cada vez melhor, ou, seja, para alcançar o conhecimento, se, em vez de uma, dispõe-se de duas perspectivas ao mesmo tempo: a sintética e a analítica.



Aí está, portanto, o que será e é, de u'a maneira geral, o nosso trabalho no segundo momento. Quando já houvermos registrado, por escrito, os resultados da inspiração e tiver cessado o lampejo, do qual derivam aqueles conceitos, então cessa de funcionar a intuição, e voltamos ao estado normal. É como se descêssemos do monte ou do avião. Aí, então, começamos a andar a pé, no chão, passo a passo. Tornamo-nos, dessa forma, investigadores comuns, que observam e experimentam. Estamos, então, fora do mundo da revelação e da fé, penetrando no da pesquisa e da ciência. Usamos, agora, a forma mental, não mais a de quem crê, mas a de quem duvida. As atitudes e as perspectivas invertem-se. Não se abre a alma de Deus, mas buscam-se provas, entrando na fase de controle racional da intuição. O nosso pensamento põe-se a

funcionar com engrenagens diferentes, pondo-se em relação diferente com o existente, não mais de espírito, interior, por visão, mas de sentidos, exterior, por contato material.

Entro pois nesta segunda fase retomando o pensamento já atingido pela inspiração e o analiso. Eu mesmo procuro as provas, com os meios racionais e culturais, porque só quando tiver transformado o pensamento intuitivo, nesta segunda forma, então poderei apresentá-lo aos modernos homens da ciência, os quais só tomam a sério o pensamento quando este se apresenta assim revestido. Nesta segunda fase, não é mais a inspiração que trabalha, mas apenas as forças da minha pequena inteligência humana. Não voo, mas caminho à pé, e a cada passo toco a terra e tudo em meu redor. Tenho de fazer, então, pesquisas, e quando me falta o conhecimento de alguma coisa, devo procurá-la e encontrá-la nos livros científicos.

Entretanto, esta não é a investigação comum, da qual se diferencia. Não se realiza por tentativas, mas segue uma orientação conhecida, não se encontrando nos livros. Quem já está orientado por sua conta, sabe o que quer achar; do que é dito pela ciência, sabe o que deve e o que não deve aceitar. Nesta pesquisa, não me submeto à orientação dada pelos livros. Ela já me foi dada pela inspiração e só esta me pode dar. À ciência eu peço apenas o fato, o fenômeno que não está em minhas mãos, o qual a ciência conhece bem, porque é a ciência dos fatos e dos fenômenos; peço-lhe apenas os pormenores, pertencentes à sua análise, e não fornecidos pela visão sintética de conjunto.

Quis explicar tudo isto, também para afastar o mal-entendido que a meu respeito tem ocorrido no Brasil. Fui aqui qualificado de médium, o que neste país tem o significado geral de receber, neste caso, mensagens escritas e fragmentárias (quase nunca um tratado sistemático e completo), proveniente de determinadas entidades, que quase sempre foram humanas; e tudo isso, em estado de inconsciência, em estado de transe. Enquanto para esses médiuns, a maior prova da genuinidade da recepção reside em não se conhecer aquilo que se escreve, para mim a maior prova consiste no controle contínuo, que eu posso fazer, em plena consciência, da própria recepção, no momento mesmo em que ela ocorre. No meu caso, a passividade do transe não é uma virtude, mas um defeito que deve ser evitado; se eu não perceber, em plena lucidez, os conceitos que estou recebendo, seria apenas u'a máquina cega, passiva e irresponsável, e não poderia distinguir os conceitos inspirados, dos que não o são. Tenho de tomar parte no trabalho com a minha contribuição pessoal, que a seguir deve controlar os resultados obtidos pela inspiração, verificando se são genuínos, submetendo-os ao exame da razão e da cultura, baseando-os em provas, traduzindo-os para a linguagem científica moderna. Trabalho sério e árduo, exigindo disciplina intelectual e certo conhecimento da arte de saber pensar. Pode-se então imaginar a dificuldade surgida aqui, quando tive de entrar nessas categorias já estabelecidas, adequadas a outros casos e tipos de fenômenos, tendo de vestir uma roupa que não tinha as minhas medidas. A finalidade do meu trabalho não é apenas demonstrar a sobrevivência da alma ou o fenômeno mediúnic, mas oferecer ao mundo cultural moderno o resultado de um trabalho sério de investigações positivas, realizadas em campos inexplorados, com o método da intuição, novo para a ciência. O meu trabalho não consiste em fazer ato de fé neste ou naquele grupo religioso, mas em explorar, com métodos novos, o inexplorado, em enfrentar e possivelmente resolver, perante a ciência e o pensamento moderno, o tremendo problema do conhecimento. Assim, como fui julgado condenável pela Igreja católica, na Itália, porque não era ortodoxo, o mesmo ocorreu comigo neste novo ambiente mediúnic. Pelo que parece: procurar a Verdade, sem preconceitos, não pode ser aceito como ortodoxo em nenhum grupo humano.

De tudo isso, o leitor poderá compreender como os meus livros nascem de uma profunda elaboração. A fonte primeira e maior é a inspirativa. Representa a origem de onde nasce tudo. Se mais tarde, leio algo a respeito do argumento tratado, isto é só depois, para conhecer o ponto de vista da cultura contemporânea, a respeito dos temas desenvolvidos. Mas jamais a opinião alheia, tendo chegado sempre num segundo momento, modificou ou pôde modificar o que resultara da inspiração. Jamais aconteceu alterar, por maiores que fossem as objeções dos opositores. Em caso de discussão e dúvida, sempre acrescentei esclarecimentos e exemplos, para explicar melhor,

eliminando todas as dificuldades possíveis, para achar cada vez mais provas, a fim de eu mesmo — que nesta segunda fase do trabalho me fizera tanto mais desconfiado, como o quer a ciência positiva, quanto mais confiante fora na primeira fase — ser estrangido a render-me diante da evidência e aceitar como prova as conclusões da inspiração. Trabalho útil, porque havendo-me colocado no estado psicológico do homem mais desconfiado e refratário, tive de achar tantas provas até ficar esmagado e convencido. Quis eu mesmo colocar-me num estado de descrença tal, que não houvesse mais lugar para a descrença alheia.

Compreendida a gênese do pensamento a ser aqui seguido, vamos proceder à exposição dos princípios fundamentais do Sistema.

Tudo em nosso mundo, se baseia numa contraposição de conceitos opostos, que se completam como dois pólos do ser; são contrários, mas só podem existir um em função do outro; lutam, mas justamente na luta se escoram mutuamente, e um não pode dispensar o outro. Ora tudo isso é dado pelo primeiro modelo Sistema/Anti-Sistema, modelo que aparece reproduzido em todas as formas do ser. Todo o nosso modo de conceber depende desse fato. Assim a afirmação nasce da contradição, e só podemos afirmar enquanto existe o termo oposto da negação. Por isso, é a negação que conduz à afirmação, e é a afirmação que implica a possibilidade da negação.

Acontece então que não sabemos conceber o infinito e o absoluto senão como o estado inverso ao nosso estado de finito e relativo. De modo que o conceito que, em nossa posição de Anti-Sistema, conseguimos formar do Sistema, é para nós, negativo; é assim em relação a nós, apesar de tratar-se da coisa mais positiva que pode existir. O fato de que nós só conseguimos fazer do infinito e do absoluto uma idéia que representa o inverso de nosso finito e relativo — e não uma idéia direta e positiva — dá-nos ainda uma prova de que estamos situado no Anti-Sistema, por efeito da queda.

Vejamos um caso mais particular. Poder-se-ia dizer que o ateísmo representa uma das provas da existência de Deus. O ateísmo é uma negação que presume a afirmação, e que só em função dela pode existir. A negação não só presume e prova a afirmação, como faz parte de dois conceitos que se condicionam reciprocamente, de modo que um não pode existir senão em relação ao outro. Há mais ainda, porém. A negação, ao negar — enquanto é negação — alimenta e reforça o poder da afirmação apenas com sua presença. Quando há dois conceitos juntos, dizer *não* de um lado, significa dizer *sim* do outro. De modo que, em última análise, o *não* só pode existir para anular-se a si mesmo, e para reforçar, com a própria negação, a afirmação oposta. Quem nega, nega em última análise a si mesmo, ou seja, se destrói; e quem afirma, afirma a si mesmo, isto é, se torna mais poderoso, e constrói. Quem nega uma afirmação, nega a si mesmo em favor dessa afirmação, que se torna mais poderosa, crescendo por meio dessa negação. Os negadores caem nesse erro. Deduz-se daí que, quando um conceito possui valor intrínseco como afirmação de verdade, ele nada terá de temer das negações que, se aparecerem, trabalharão em seu favor. O esforço para destruir a nova verdade é utilizado, pelas leis da vida, para difundi-la, tal como os ventos tempestuosos que trazem destruição são utilizados para levar para longe as sementes fecundas de uma vida mais ampla. É a própria posição negativa assumida pelos negadores, servirá para destruí-los em favor da afirmação, nutrindo-a com a própria carne.

O modelo dos dois opostos, Sistema e Anti-Sistema, nós o vemos reproduzindo também nos dois termos contrários: espírito e matéria. E instintivamente o homem vê Deus e o paraíso, isto é, o Sistema, no céu; e nas vísceras da terra, afundado na matéria, o inferno. Por que isso? Porque a queda foi do estado de espírito ao estado material, através da energia. Aqui a idéia da queda é reproduzida em sentido espacial, do céu para a Terra. Na concepção de Dante, Lúcifer se precipita do céu ao inferno, aprofundando-se até o centro da Terra, onde, no ponto mais longe do céu, permanece a habitação do maior rebelde a Deus. E as subidas ao céu são concebidas em sentido contrário. O purgatório dantesco é o monte da ascensão, subindo pelo qual, de plano em plano, se chega ao paraíso. Esse inferno e purgatório exprimem exatamente, em sua posição inversa, o primeiro, cavado nas vísceras da matéria, o segundo, emergindo de seu seio, as duas metades inversas e complementares do ciclo da queda, constituído pelo período involutivo (queda no inferno) e pelo período evolutivo (purgatório), da purificação

que leva a Deus. Sob outra forma, achamos aí a substância da visão que expusemos. O inferno dantesco possui todas as qualidades do Anti-Sistema: trevas, dor, ódio, mal etc.. O paraíso dantesco possui todas as qualidades do Sistema: luz, felicidade, amor, bem etc.. Também no inferno há certa ordem e disciplina. Mas a ordem é coagida, a disciplina é a do escravo algemado; enquanto que no paraíso a ordem e a disciplina são livres e por convicção. Isso corresponde aos conceitos de determinismo, a que está presa a matéria, e de liberdade, primeira qualidade do espírito.

Explicam-se, dessa maneira, muitos modos de conceber, que encontramos nas várias religiões, e as formas com que os estados de além túmulo são representadas por elas. Explica-se assim a contraposição entre espiritualismo e materialismo, o primeiro concebido como elevação, o segundo como negação. Explica-se a divisão do pensamento moderno nestas duas direções opostas, num contraste que representa em nosso mundo a luta entre o Sistema e o Anti-Sistema. O materialismo moderno constitui um movimento de descida, mas descida na matéria, para depois chegar a compreender melhor, em relação a Deus e ao espírito, a significação do universo e de nossa vida nele. O materialismo nasceu como corretivo e reação ao espiritualismo abusado das religiões, como liberação e renovação, a fim de passar das velhas estradas às novas, como salvação da cristalização dogmática, a fim de que o pensamento não permanecesse aí, morto dentro delas, mas revivesse, continuando a avançar. Só num primeiro momento é que a ciência apareceu como inimiga da fé, quando se manifestou como reação de cura do pensamento humano, o qual corria o perigo de permanecer fechado em alguns caminhos sem saída. Mas depois a ciência materialista não podia evitar de caminhar, de iluminar-se mais, de construir; porque observando honestamente os fatos e os fenômenos, tinha que encontrar-se com o pensamento de Deus que os dirige, e chegar a ouvir a voz de Deus que fala neles. Pôde assim aparecer a verdadeira função positiva criadora, própria desse regresso a matéria, ou seja, a de poder tomar um impulso mais forte, a fim de poder ascender mais para o alto, no caminho da evolução para o espírito. Fato que só agora começa a delinear-se mas que representa o verdadeiro sentido, o valor e o futuro da ciência.

Capítulo II

DEUS E CRIAÇÃO

Para tornar a exposição compreensível à forma mental comum, tive de exprimir, em *A Grande Síntese* e em *Deus e Universo*, a concepção sintética da primeira visão intuitiva, por graus e por concatenação de desenvolvimento lógico. Assim, para torná-la mais compreensível, a visão sintética foi expressa analiticamente. Sigamos agora o processo inverso expondo os conceitos na forma em que realmente me apareceram, isto é, num primeiro momento como síntese ou visão de conjunto, e só num segundo momento, como controle racional e exposição de provas, pondo-nos em contato com a realidade dos fatos. Dessa forma, podemos colocar como atual ponto de partida, o que daqueles livros era, ponto de chegada. Assim, teremos logo diante dos olhos o quadro geral do Sistema completo, de acordo com a perspectiva panorâmica obtida, observando-a do alto. Desceremos, depois, num segundo momento, ao nível do terreno, para percorrê-lo a pé, trabalho que nos permitirá verificar, tocando de perto a realidade, que a visão de conjunto corresponde aos fatos.

O nosso ponto de partida será, pois, o capítulo final, intitulado: "Visão Sintética" do Volume *Deus e Universo*. Naquela visão, de máxima amplitude, que até agora conseguimos por intuição, enxertaremos a outra visão, menos vasta, porém mais próxima, a de *A Grande Síntese*. Os conteúdos dos dois volumes estarão, pois, fundidos aqui numa única concepção, que nos dará, num só golpe de vista, a visão de todo o Sistema. O nosso trabalho é, agora, o mesmo da minha primeira fase de

recepção por inspiração, ou seja, abrir os olhos e ver. Depois, num segundo momento, faremos o outro trabalho, o de analisar, para compreender racionalmente. Desta maneira, fazendo o leitor seguir o mesmo caminho que segui, procuro dar-lhe a sensação viva do fenômeno como eu mesmo o vivi.

Então, num primeiro momento, somos apenas seres sensibilizados, dotados de uma visão interior, observando nossas percepções, sem exercer nenhum controle racional a fim de saber se correspondem aos fatos e a razão pela qual devam ser como nos aparece. Só mais tarde serão enfrentados esses quesitos, dando-se-lhes resposta. Então, como ponto de partida teremos os totais da operação que nos chegaram de forma sintética, para os analisar, buscando os seus termos constitutivos, por meio dos quais poderemos novamente alcançar aqueles totais, mesmo usando a forma mental moderna. Coloquemos, então, agora, as conclusões, para depois proceder à sua análise. Poderá isto parecer estranho, mas a humanidade enfrentou o problema do conhecimento com o mesmo método: primeiro a revelação, por meio de profetas e inspirados, depois a ciência, com a observação e a experiência. É este, portanto, o sistema usado pelas leis da vida, no desenvolvimento do pensamento humano. São dois momentos sucessivos e complementares: o primeiro é o movimento instintivo e inconsciente do menino que abre os olhos, olha e assimila; o segundo é o movimento reflexo e consciente do adulto, controlando com a razão o que vê, não mais esperando o conhecimento descer gratuitamente do Alto, mas movendo-se ele mesmo à sua procura, com seu trabalho e esforço.

Em vista de as duas operações se completarem mutuamente, sendo uma necessária à outra, devemos executar ambas. Fiquemos agora no âmbito da primeira. Neste trecho no qual a intuição impera, os céticos ainda nada podem dizer. Para a dúvida, que virá mais tarde, ainda não há lugar aqui. Estamos agora na fase em que se olha, se recebe e se registra. Os raciocinadores, os críticos, os céticos, trabalham em outro terreno, e virão depois, sendo bem aceitos, porque também são utilíssimos para realizar o trabalho de controle. Mas nesta primeira fase, só pode olhar e calar-se.

Na atual visão de síntese, encontramos-nos situados no absoluto, no qual tudo é suprema abstração, onde tudo escapa a uma possibilidade de controle com os meios de nossa concepção de origem sensória e com os princípios da realidade fenomênica de nosso mundo. Diante dessa visão, falta-nos qualquer meio de controle direto e ponto de referência, não funcionando a observação e a experiência, que constituem a força da ciência. Mas isto não significa não haver a possibilidade de algum controle. Ele existe, mas indireto. Movemo-nos aqui no âmbito das causas primeiras, cuja essência escapa à nossa percepção. Destas causas, possuímos os efeitos repercutindo em nosso mundo, efeitos que vivemos e dos quais somos o resultado. Sem dúvida, não podemos ver o Absoluto, mas podemos fazer dele uma imagem, indiretamente, através dos reflexos e efeitos que vemos em nosso relativo, o qual bem conhecemos. Esses efeitos, nós os temos sob os olhos, controláveis a cada momento, falando-nos sempre da causa, de que são filhos diretos. Assim, neles podemos ver o rosto da mãe, cuja fisionomia pode ser reconstruída até por meio daquela razão, que não chega a vê-la, como o faz a intuição. Então, por um caminho mais longo, podemos levar os céticos a admitir a verdade daquelas visões que, por sua natureza, são incontroláveis diretamente.

Quando chegamos a esta visão, não podemos saber nem nos perguntar por que Deus quis existir e agir de determinada maneira e não de outra. Podemos somente receber a visão e registrar o estado de fato, que ela representa, e por fim aceitá-lo. Não podemos discuti-lo, nem modificá-lo, como é o caso da lei que regula qualquer fenômeno. Em ambos os casos verificaremos que o estado de fato é assim, acontece assim, sendo esta a inviolável estrutura do fenômeno.

Ocorre, porém, uma coisa. Nesse plano imperscrutável e nesse esquema geral indiscutível do ser, achamos as causas primeiras, únicas a nos explicar não só os efeitos que temos entre as mãos, mas também a sua estrutura, sem o que não saberíamos explicar a razão pela qual teriam tomado aquela conformação particular e não outra. Por isso, não podemos explicar porque Deus teria querido criar os seres, transformando-se, de um todo homogêneo, internamente indiferenciado, num todo

orgânico, unidade coletiva composta de infinitos espíritos. Mas este fato, que não podemos pesquisar, é o único a explicar outro fato correspondente, pelo qual o homem resulta constituído por um organismo de células, ou seja, uma unidade coletiva dirigida por um eu central, assim como todo o universo é dirigido por Deus. É ainda o único a nos explicar o princípio, pelo qual os seres tendem a reagrupar-se em unidades coletivas cada vez mais amplas; daí vemos dominar em nosso universo o princípio orgânico, justamente aquele ao qual se deve a criação dos seres, como foi revelado pela visão. Somente ascendendo a estas origens das coisas podemos dar-nos conta da razão pela qual assumiram em nosso universo sua atual conformação.

Assim, não podemos explicar, agora, o porquê último da estrutura trina da Divindade, além dos princípios gerais de ordem e harmonia, como não podemos perguntar nem saber a razão. Mas, verificamos que nós mesmos, em cada ato nosso, repetimos o mesmo comportamento: primeiro concepção da idéia, depois ação e, finalmente, a sua manifestação na realização concreta, exprimindo na forma, a idéia. Por isso, não podemos dizer a razão pela qual Deus tenha desejado existir como Trindade, mas podemos compreender a razão pela qual funcionamos dessa maneira. Devido o universo ser constituído segundo esquemas de tipo único, que se repetem em todas as alturas e dimensões, repetimos em cada ato nosso o princípio da Trindade, o único que pode esclarecer sobre essa estrutura de nossa maneira de agir e da sua forma de existir. É precisamente aquele primeiro modelo da Trindade, que vem repetido em todos os atos criadores de cada ser inteligente.



Eis como me apareceu a visão máxima do todo, já esboçada como conclusão no capítulo final de volume Deus e Universo, e agora, tendo chegado a um estado de mais profunda maturação, apresentamos de forma mais ampla e completa.

Apareceu-me Deus como uma esfera que envolve o todo, isto é, como conceito abstrato de esfera, existente além do espaço e cuja superfície está situada no infinito. Deus está no centro e domina toda a esfera, existindo também em cada ponto seu. Deus não pode ser definido, porque no infinito Ele simplesmente "é". Deus significa existir. Ele é a essência da vida. Tudo o que existe é vida, isto é, Deus. E Deus é tudo o que existe, que é vida. Deus é o ser, sem atributos e sem limites. O nada significa o que não existe. O nada, portanto, não existe. Ele não pode existir em si mesmo, por si só, mas só como uma função do existir, como uma sua posição diversa, da mesma forma que a sombra não pode existir por si mesma, mas só em função da luz, e o negativo não é concebível senão como contraposição ao positivo.

Nós, como tudo o que existe, estamos em Deus, porque nada pode existir fora de Deus, nada lhe pode ser acrescentado nem tirado. Mas, como veremos, nós humanos, com os outros seres de nosso universo físico, encontramos-nos existindo numa posição particular, semelhante à da sombra em relação à luz. Como sombra, fazemos parte do fenômeno luz, ou seja, fazemos parte do Tudo-Uno-Deus, mas como sombra, isto é, negativo, estamos no pólo oposto ao positivo da mesma unidade. Mais tarde veremos como isto aconteceu. Assim, diante do absoluto, encontramos-nos no relativo; diante do imutável, no contínuo transformar-se; diante da perfeição, numa condição de imperfeição sempre em movimento para atingir a perfeição; diante da unidade orgânica do todo, encontramos-nos fragmentados e fechados em nosso individual egocentrismo de egoístas; diante da liberdade do espírito, encontramos-nos prisioneiros no cárcere da matéria e de seu determinismo; diante da onisciência de Deus, estamos imersos nas trevas da ignorância; diante do bem, da felicidade, da vida, somos presas do mal, da dor e da morte.

Explicamos isto, para compreender como, existindo em um mundo emborcado do lado negativo, em relação a Deus, só sabemos conceber Deus como uma negação de tudo o que constitui nosso mundo. Pelo fato de sermos sombra, só podemos conceber Deus como a sombra concebe a luz, isto é, como o contrário de si

mesma. Para poder atingir o positivo, seria indispensável, portanto, chegar a negar todo o próprio negativo, ou seja, dizer: Deus não é tudo o que nos aparece e existe como real; como para chegar à luz, mister seria afastar toda a sombra. Este nosso mundo de matéria, percebido pelos nossos sentidos, não é Deus. Este ou aquele fenômeno ou forma, em seu aspecto contingente, não é Deus. Mesmo Deus estando em tudo o que somos e vemos, tudo isso, por si só, não é Deus. Ele está além de todo fenômeno e forma, de toda posição do particular. Se se pudesse definir o infinito, a definição de Deus deveria estar para nós, antes, no negativo, isto é, como a negação de tudo o que para nós, em nossa posição, ao contrário, existe.

Todavia, há um fato. A sombra não é, absolutamente completa. Ela contém sem dúvida, reflexos de luz. Isto porque no atual plano de sua vida, o ser humano já percorreu certo trecho do caminho da evolução, ou seja, já subiu uma certa parte do caminho da descida e com isto reconquistou um pouco da perfeição originária. Ora, as definições comuns de Deus, em sentido positivo, foram obtidas com o elevar-se à potência infinita, as mínimas quantidades de perfeição reconquistada pelo homem ou intuída como futura realização a conquistar, isto é, os pálidos reflexos contidos na sombra.



Chegamos assim, não a uma definição, mas apenas a uma aproximação do conceito de Deus. Com efeito, não é possível uma sua definição, porque, como acima dissemos, não se pode definir o infinito. O infinito uma vez definido não seria mais infinito. Compreendido este ponto, continuemos a contemplar a visão. Focalizando cada vez mais de perto, verificamos ser a esfera constituída não de uma, mas de três esferas, idênticas em tudo, e que cada uma se vai transformando na outra. Passamos, assim, ao segundo momento ou aspecto da visão. O primeiro deu-nos o conceito de Deus. O segundo dar-nos-á o conceito de criação.

Eis então que a esfera a qual chamamos de Tudo-Uno-Deus, por representar Deus como Unidade envolvendo o todo, inicia um processo de íntima elaboração, levando-a a uma profunda transformação. Neste segundo aspecto da visão, a Divindade se distingue em três momentos sucessivos, constituindo a Trindade do Deus-Uno. Representa o assim chamado mistério da Trindade, encontrado em muitas religiões, em todos os tempos. Eis a Divindade, una e trina ao mesmo tempo. Observemos os três momentos. Para nos tornar compreensíveis, teremos infelizmente de materializar os conceitos abstratos, em termos antropomórficos e com representações concretas; estas, se são úteis para fixar as idéias mediante representações mentais, mais facilmente concebíveis, no entanto, certamente deformam o conteúdo abstrato da visão, diretamente impossível de ser imaginado.

No primeiro momento, acha-se Deus no estado de puro pensamento. Ele então existe como um eu pensante que concebe. O movimento da elaboração interior está só na ideação abstrata, que é de visão do plano, o qual depois se realizará nos momentos sucessivos; é formulação da Lei, isto é, dos princípios que irão reger tudo; é contemplação da obra futura, ainda no estado de imagem mental.

Mas, eis que tudo se transforma e passa a um segundo momento, quando a concepção se muda em ação. O movimento da elaboração interior, de puro pensamento se torna vontade, que executa a idéia abstrata, põe em ação os planos concebidos, aplica os princípios da Lei. A imagem mental torna-se ação e se encaminha à sua realização.

Chega-se, assim, ao terceiro momento, àquele em que a idéia, por meio da ação, atingiu sua realização. Então o movimento da elaboração interior se completou, chegando à obra terminada, na qual, por meio da ação, a idéia originária do primeiro momento encontrou sua expressão final, de acordo com os planos concebidos e os princípios da Lei. É neste terceiro momento que ocorre a gênese da criatura, ou seja, a criação.

Estes três momentos representam o que chamamos as três pessoas da Trindade, ou seja: Espírito (a concepção); Pai (o Verbo, ou ação); Filho (o ser criado). Cada um dos três momentos é sempre o mesmo Deus, que permanece assim o Todo-Uno e trino ao mesmo tempo.



Para facilitar a representação destes conceitos, poderemos imaginar as três esferas lado a lado, uma depois da outra, isto é, contíguas e sucessivas. Focalizemos nossa atenção na terceira ou última.

Qual é o resultado final do citado movimento de elaboração interior? Como se transformou, em seu íntimo, o Tudo-Uno-Deus, no fim do terceiro momento? Como fica a estrutura interior da esfera, no fim do processo a que se deve a criação? Em que constituiu ela?

Respondamos começando com as palavras do capítulo "Visão sintética", com que se encerra a visão do volume Deus e Universo. Neste processo, Deus multiplicou-se, como que se dividindo num número infinito de seres e no entanto continuando uno. Nos três momentos, a unidade de Deus permanece intacta e idêntica. Em vista de, ao Todo, nada se poder acrescentar, a criação ocorreu e permaneceu no seio do Tudo-Uno-Deus. Em outras palavras, poderemos imaginar este processo criador, como uma íntima auto-elaboração, pela qual Deus se transformou, de seu estado homogêneo e indistinto, em outro seu estado diferenciado e orgânico. Disto nasceu uma Sua diversa estrutura orgânica e hierárquica, um sistema de elementos (as criaturas) coordenados em função Dele e regidos por Sua lei, concebida no primeiro momento. Assim, a Divindade, que era unidade diferenciada, permaneceu igualmente uma também agora, em seu terceiro momento, como unidade orgânica. Isto porque os elementos componentes resultaram tão profundamente integrados na ordem da Lei, tão bem coordenados em hierarquias e distribuições de funções, que a unidade originária de Deus nada perdeu e ficou íntegra, perfeita em seu novo aspecto de unidade orgânica. Criou-se, assim, o modelo, que mais tarde será repetido na formação de todos os organismos, quer da matéria quer da vida, segundo um dos maiores princípios da Lei, o das unidades coletivas.

Assim, as criaturas, nascidas desta criação, podem imaginar-se, em representação antropomórfica, como tantas centelhas em que quis dividir-se o incêndio divino. É evidente estarmos nos esforçando em dar uma representação mental ao fenômeno, de forma facilmente compreensível, mesmo sabendo que, quanto mais nos avizinharmos da forma mental humana, mais nos afastaremos da realidade toda abstrata e espiritual do fenômeno. Mas temos de fazer isso, porque a aceitação e a sorte de uma teoria dependem, muitas vezes, da forma mais ou menos facilmente compreensível e representável, com que seja exposta.

Além disso, mister é ter presente, que quando falamos de criação, não se trata ainda da criação de nosso universo que conhecemos, mas de uma originária criação, da qual derivou depois a atual. Essa era de puros espíritos perfeitos, bem diferente em toda sua qualidade, daquela em que nos achamos atualmente situados. Esta virá depois, e veremos como. Esses espíritos perfeitos que Deus tirou de Sua própria substância, nela permaneceram fundidos num só organismo unitário. A substância divina que os constituiu, continuou a existir una em Deus, agora, que se achava em estado diferenciado de elementos fundidos num organismo, como o era no primeiro momento, quando estava em estado homogêneo indistinto.

Com isto, completa-se o terceiro momento e está terminada a primeira criação. Esta é a criação perfeita, de puros espíritos, existentes em absoluta harmonia na ordem da Lei, no seio de Deus. Chegamos assim da fase do Espírito, à do Pai e enfim à do Filho, representada por este último estado. Na harmonia de Deus, tudo funciona perfeitamente. Tudo é luz sem sombra, alegria sem dor, vida sem morte. Assim ocorreu a criação e estes foram os resultados.

É claro nos acharmos, em cada um dos três aspectos, diante do mesmo Deus, que nada mudou de Sua substância. É portanto lógica e compreensível a equivalência dos três modos de ser da mesma Entidade. Trata-se, realmente, de três pessoas iguais, porquanto são a mesma pessoa, e distintas, enquanto a mesma pessoa se transforma em três momentos diversos. Trata-se do mesmo Deus em três aspectos Seus diferentes; como no caso do menino, adulto e velho se trata da mesma pessoa, constituída, entretanto, por três pessoas distintas, enquanto esta se muda em três diversos momentos seus. Como este homem, também Deus, em seus três aspectos, permanece o mesmo.

Concetremos agora nossa atenção, focalizando o nosso olhar nesta criação realizada, no fim do terceiro momento, ou seja, no terceiro aspecto da Divindade, o Filho.

Capítulo III

QUEDA E RECONSTRUÇÃO DO SISTEMA

Estamos diante do terceiro aspecto da esfera do Tudo-Uno: o de Deus-Filho. No segundo momento, o Verbo quis e agiu; fez assim de si mesmo um sistema orgânico de seres. Este é o que a visão agora nos oferece. Aqui Deus nos aparece como uma infinita multidão de seres, isto é, uma multiplicidade de individuações do ser, a qual não significa, de forma alguma, fracionamento ou dispersão da unidade, porquanto as criaturas surgiram todas organicamente coordenadas, funcionando de acordo com a Lei, ou seja, com o pensamento de Deus, e a Ele todos se subordinando, como centro do Sistema.

Sendo as criaturas centelhas de Deus, deviam possuir as qualidades do fogo central, tendo em primeiro lugar a liberdade. Os filhos de Deus só podiam ser livres e conscientes, aceitando permanecer na ordem por livre adesão. O organismo da Divindade não podia ser constituído de autômatos, de escravos inconscientes. Mas, sendo os elementos constituintes hierarquicamente coordenados num organismo, não podiam ser idênticos ao Centro, ao qual, no que respeita o conhecimento e poderes, tinham de ficar subordinados, como num regime de ordem e harmonia é necessário para tudo o que é menor e derivado. A coordenação dos elementos componentes do organismo do sistema, implicava, como primeiro dever, na ordem soberana, o da obediência. Num sistema de ordem, é necessidade imprescindível e lógica que a liberdade seja condicionada a ele, e não lhe seja lícito ultrapassar limites, além dos quais lhe seria permitido subverter aquela ordem, chegando, assim, neste caso, a atentar até contra a unidade do Tudo-Uno-Deus, em cujo seio se move e de cujo sistema faz parte. A primeira condição, pois, a que deve submeter-se a liberdade é o dever de manter-se em perfeita adesão à Lei, que exprime o pensamento e a vontade de Deus.

Todavia, a liberdade é tal, que contém a possibilidade do arbítrio e do abuso, significando poder quebrar a unidade orgânica do Sistema. Neste caso, portanto, o ser livre podia não querer mais mover-se harmonicamente no Todo, produzindo assim, um tumor canceroso no seio do próprio Sistema, pronto a alterar a estrutura sadia. Era necessário então que a liberdade não se exagerasse, ultrapassando os limites da ordem e da obediência, mas permanecendo, ao invés, subordinada em tudo à supremacia do Centro. Se essa infração ocorresse, a desordem nascida no seio da ordem, produziria uma fratura, pelo menos na parte inquinada, um emborcamento e uma queda.

Mas como poderia acontecer fosse o Sistema, obra de Deus, tão imperfeito que pudesse desmoronar a cada momento? Não. Ao contrário, era tão perfeito, podendo até desmoronar sem dano definitivo, justamente por isso podia conter,

deixada à mercê da livre vontade do ser, a possibilidade de uma queda. Se isso tivesse ocorrido, é porque o Sistema era perfeito a tal ponto, que teria tido a possibilidade de ressurgir de sua queda. Esta implícita capacidade de automedicação, apta a resolver qualquer crise, tornava inócuo, em última análise, esse perigo e erro. Não se tratava, pois, de imperfeição. Ao contrário, na perfeição do Sistema, tudo estava previsto, até a possibilidade de uma desordem e de uma queda; por isso, foi deixada nas mãos do ser a escolha entre obediência e a desobediência, com a possibilidade de uma desordem e uma queda. Se isto acontecesse, tudo se curaria por si mesmo, embora passando por outros caminhos, e voltaria ao primitivo estado de perfeição, se bem que através de uma nova experiência, sempre útil e justa, apesar de árdua.

Mas, pode objetar-se ainda, se os espíritos eram livres e felizes na ordem por que deveriam ter-se sentido atraídos para uma desordem tão desastrosa? O que os açoitou, foi o mesmo princípio fundamental do ser, próprio também a eles: o egocentrismo. Este representa o princípio unitário, que rege a existência de cada individuação. Seu modelo máximo é Deus, centro em torno do qual tudo gira e para o qual tudo gravita. Egocentrismo não quer dizer egoísmo. Este é um egocentrismo exclusivista, para vantagem própria e desvantagem dos outros, ao passo que o egocentrismo pode fazer centro de si, como até no caso máximo de Deus, sobretudo para o bem dos outros.

E então aconteceu justamente que, em sua liberdade, parte dos espíritos, em vez de se deixar possuir por este egocentrismo altruísta e orgânico — que a Lei quer em sua ordem — deixou-se atrair e preferir um egocentrismo egoísta. O egocentrismo é, por natureza sua, uma afirmação, e como tal tende a afirmar-se cada vez mais, se o seu impulso não for equilibrado por um contra-impulso, exercitado pela disciplina que o ser se impõe, em respeito à ordem e em obediência à Lei. Mas, se esse egocentrismo egoísta pode ter parecido como uma vantajosa expansão do eu, ele representava o princípio subversivo e anti-orgânico, que reaparece no câncer, no organismo humano. Rompeu-se, dessa forma, a harmonia hierárquica do Sistema, na qual toda individuação existe, como acontece com as células no corpo humano, que vivem umas em função de outras, sem o que, desmorona a unidade orgânica. Num sistema orgânico e hierárquico, as dimensões de cada eu são, para cada ser, medidas pelo valor e pela função ali representada; e cada individuação deve, para não se alterar a harmonia da ordem, manter-se sempre nos limites das dimensões relativas a esse valor e a essa função. Cada expansão do eu que exagere as devidas proporções, tende a emborcar o Sistema, pelo menos no ponto contaminado: emborcar, isto é, inverter, porque num sistema equilibrado, o desenvolvimento exagerado para além da ordem, leva a uma contração correspondente; cada expansão indevida, é corrigida por uma diminuição proporcional.



Então, mais exatamente, o que aconteceu? Como se verificou esse novo fato, que teria deslocado, pelo menos em parte, a ordem do Sistema? Observemos.

Encontramo-nos, agora, situados diante do terceiro aspecto da esfera do Tudo-Uno-Deus: o de Deus-Filho. Tudo continuava existindo em perfeita ordem, segundo a Lei. Fora dada por Deus, à multidão dos espíritos, uma livre autonomia de vontade, com a condição desta ser coordenada em harmonia com a Lei, em função Dele. Mas, este poder estava nas mãos deles que, sendo livres, podiam dirigi-lo mesmo em direção errada, contra a ordem, contra a Lei, contra o próprio Deus. Bastava aquele poder, ser canalizado pela vontade livre deles, para fora do caminho justo, e ocorreria a queda.

Foi justamente este o fato novo que aconteceu. Pelo uso errado de sua liberdade e um excesso de expansão do eu, por um egocentrismo exagerado e sobretudo invertido, ou seja, não centrífugo, isto é, que partindo de si mesmo trabalha a favor de todo o organismo, como deve ocorrer com todas as células sãs e disciplinadas,

mas centrípeto, em função do próprio eu, foi implantado no sistema o princípio anárquico do egoísmo em lugar do princípio orgânico da cooperação. Dessa forma, o estado de fusão unitária se subverteu no dissíduo separatista. Iniciou-se, por isso, no seio do sistema, todo de natureza afirmativa ou positiva, o arremesso de um impulso oposto, todo negativo. Não se tratou simplesmente de uma desordem qualquer, que semeasse o caos no seio da ordem. Dada a natureza do impulso de onde nascera, essa desordem assumiu uma direção precisa e significou exatamente o emborcamento do Sistema num estado antagônico ao anterior: o Anti-Sistema.

Com efeito, o nosso atual universo é baseado no dualismo: Sistema e Anti-Sistema, e só assim podem ser encontradas e compreendidas as suas primeiras causas. Só assim podemos compreender por que, em nosso universo, tudo se baseia no contraste dos elementos, impulsos e conceitos opostos e complementares. Dessa forma nasceu este triste mundo, nossa triste herança e consequência da queda, mundo em que, em contraste com o bem reina o mal, com a alegria a dor, com a luz as trevas, com o conhecimento a ignorância, com o espírito a matéria; e apareceram todas as forças e conceitos ao negativo, o que não existia antes no Sistema, sendo agora qualidade exclusiva do Anti-Sistema. Por isso, se no fundo deste aparece o caos, não se trata — como já dissemos acima — de um caos desordenado, feito ao acaso, mas de uma desordem, justamente porque, com o Anti-Sistema, se chega ao pólo oposto da ordem, no qual esta se apresenta emborcada, em seu estado contrário. A lógica, implícita na perfeição originária do Sistema, permanece íntegra em qualquer transformação sua.

Continuemos a observar. Nem todos os espíritos se rebelaram, de modo que a desordem não foi geral, ou seja, não abrangeu toda a terceira esfera ou aspecto da Divindade, aqui chamada o Filho. Assim, nem todo o Sistema se transformou em Anti-Sistema. Uma parte do Sistema permaneceu íntegra em sua perfeição, enquanto na outra parte, rebelde, a ordem se desfez na desordem. Naquele momento tremendo, a unidade se partiu em dois, e ocorreu a grande cisão de que nasceu o nosso universo corrompido, no qual vivemos justamente nesse estado de cisão, ou seja, separados da alegria, na dor; da luz, nas trevas; do espírito, na matéria, numa palavra, em tudo invertidos no negativo, como é lógico ocorrer no seio do Anti-Sistema. Então, todos os que tinham querido mandar, em vez de obedecer, caíram, de um estado de límpida visão, num universo de ilusões; todos os que tinham querido dilatar demais as devidas dimensões do próprio eu, permaneceram aprisionados nas restritas individualizações da forma e, da ilimitada liberdade do espírito, ficaram estrangulados à escravidão das necessidades da matéria, no cárcere do próprio restrito egoísmo.

Dessa maneira, enquanto uma parte caiu, outra parte dos espíritos permaneceu intacta, em sua perfeição, no Sistema. Mas assim o Tudo-Uno-Deus resultou como que partido em dois; uma parte continuou na perfeição do Absoluto e a outra foi formar a estrutura material e espiritual de nosso universo. Devemos, entretanto, compreender bem, não representar este a verdadeira criação, como se crê, mas uma contrafação, uma inversão sua, um seu verdadeiro estado patológico, embora transitório e curável. Em outros termos, o nosso Universo não é a criação, mas uma sua doença, que lentamente se vai curando.



Continuemos pormenorizando a visão do fenômeno. Que ocorreu na esfera? Antes de tudo isso ocorrer, podíamos imaginá-la toda branca, feita apenas de luz, de valores positivos. Agora, uma parte dela começou a fazer-se, e cada vez mais se tornou negra, sombra, de valor negativo. Começou um processo de desfazimento e de descida, de inversão de todas as qualidades do Sistema nas qualidades opostas. Este processo chama-se involução, explicando-se assim como nasceu a matéria e porque o nosso universo assumiu uma forma material. Explica-se também como, chegados ao fundo do caminho da descida involutiva, tenha podido nascer e desenvolver-se o processo

inverso, em que estamos situados e se chama evolução. Só dessa forma são coordenados todos os fenômenos do universo num único telefinalismo; compreende-se porque nascem os planetas e a vida sobre eles, descobrindo-se o fio espiritual que liga todas as formas de vida num único caminho ascensional dirigido para Deus. Sem este conceito da queda do Sistema, mostrando-nos que agora vivemos num Anti-Sistema, o qual não pode ser atribuído a Deus, tudo permanece desconexo e incompreensível.

Há o fato positivo de não se poder dar a Deus, de maneira nenhuma a paternidade de um universo, que demonstra ser o contrário da perfeição. Não se pode admitir de modo algum ser a obra de Deus apenas uma afanosa busca fatigante de uma remotíssima perfeição, através de infinitas tentativas. O nosso Universo, dividido no dualismo, em que cada ponto se fracionou em dois termos contrários que lutam para sobrepor-se, é um trabalho tão sobrecarregado de males, dores e imperfeições, tal como existe hoje, só pode ser considerado como um estado patológico de decadência. A quem o atribuiremos pois? Não há dúvida de que a esses efeitos, temos de atribuir uma causa. Como no todo não há outros termos e não podemos atribuir ao Criador a derrocada, só nos resta atribuí-la à criatura. Não podendo admitir, de forma alguma, que a causa de tamanha ruína tenha sido diretamente de Deus — acreditar nisso seria tirar Dele os atributos da Divindade — temos de admitir ser outra a causa de tudo isso, e tenha chegado depois. Não se pode sair do dilema: ou atribuir esta obra a Deus, e Deus não é Deus; ou, então, atribuí-la a outra causa; mas, em vista de no todo só existir Deus e a Sua criatura, só nos resta atribuir essa obra à Sua criatura. Estes conceitos demonstrativos são de tal evidência, que aparecem diretamente na visão, antes de submetê-los ao controle racional.

Assim esta visão se nos abre diante dos olhos, como aquele gigantesco drama, ou seja a queda dos anjos. Não foi uma queda em sentido espacial, mas demolição de valores, inversão de qualidades, descida de dimensões, ou contração de tudo isto, através de uma progressiva inversão de valores positivos e originários, até estarem todos transformados em sentido negativo. Esta queda significa transformar gradativamente todo o Sistema em Anti-Sistema. A descida foi gradual e se prolongou até atingir a profundidade do abismo, representada pela completa inversão de valores, ponto em que o Sistema, com todas as suas qualidades, resultou completamente invertido no Anti-Sistema, com as qualidades opostas. Nesse trajeto, a luz se foi ofuscando até se tornar treva completa, o conhecimento se tornar ignorância, a liberdade do espírito se tornar escravidão na matéria, a felicidade se tornar em dor, a vida se transformar em morte, o bem em mal, a ordem orgânica do Sistema até sua completa inversão no pólo oposto do ser, no fundo da descida, no completo caos do Anti-Sistema.



Mas, se tudo parasse nesse ponto, a queda seria definitiva e a obra de Deus, aquela obra perfeita da primeira verdadeira criação, estaria definitivamente falida, pela vontade apenas de algumas criaturas rebeldes. Ora, é absurdo, num sistema perfeito, fosse dado pelo próprio Criador tanto poder. Ele, como Onisciente, devia saber tudo de antemão. Só por erro pode um artesão, não conhecendo bem o trabalho que está executando, fazer uma obra que o destrua. Mas, ao contrário, já dissemos ser a obra de Deus tão perfeita, que contém em si, desde o início, todos os elementos de recuperação, o remédio para seu autotratamento. Isto se explica com o fato de que os espíritos decaídos continuaram a ser centelhas de Deus e ofuscaram, mas não destruíram, a sua natureza divina. É neste sentido que os homens também, em sua íntima natureza espiritual, derivada daquelas remotas origens, podem ser chamados deuses. Em outros termos, no Sistema corrompido em Anti-Sistema, através desses seres que o constituem, sem terem perdido as suas qualidades originárias de espíritos filhos de Deus (3º momento de Trindade), continua presente a Divindade, impedindo o Anti-Sistema da destruição completa. Trata-se de uma presença viva e operante. Eis onde se encontra o remédio para o autotratamento. É essa presença de Deus que representa e torna possível a salvação. Deus continua centro do Sistema; o Anti-Sistema, por sua natureza negativa, pôs-se a girar em torno do pólo oposto à Divindade, um pseudo-centro, negativo, mas Deus continua

representando seu verdadeiro centro, que só pode ser um: o positivo. E não podia haver outro caminho de salvação para o Anti-Sistema. Foi dessa possibilidade que se derivou e só assim podemos explicar como tenha nascido, exista e seja concebível na Terra a idéia de redenção. I

Isto, entretanto, não significa que todo o Sistema tenha se desmoronado. No dualismo derivado da queda, a Divindade, mesmo permanecendo una, transformou-se, também, em novo aspecto. Temos o aspecto de Deus transcendente, ao qual se subordinou a parte incorrupta do Sistema, onde permaneceram os espíritos obedientes, na ordem da Lei; e temos o outro aspecto novo, de Deus imanente, que acompanhou o Sistema em toda a sua queda, permanecendo, como poder saneador de todos os seus males e diretriz do caminho evolutivo.

A isto tudo devemos a capacidade de recuperação do Anti-Sistema, que de outra forma não teria explicação. É assim que se torna possível, após o período da destruição ou período involutivo, o da reconstrução ou período evolutivo; só assim é possível esta inversão de rota, em sentido positivo, que o Anti-Sistema ignora, mas é impulsionado segundo uma direção e sob um conjunto de forças que ele não possui. Logicamente, deveria continuar até à plenitude de sua negação, isto é, até atingir o completo e definitivo aniquilamento do todo no nada, sua meta final. E assim, pois, que ocorre o prodígio pelo qual o Anti-Sistema, chegando ao extremo da descida, retoma o caminho destruindo a sua própria obra de destruição, e concomitantemente a si mesmo, começando a reconstruir em direção oposta à sua, que não é mais a do Anti-Sistema, mas a do Sistema. Eis a redenção, que consiste a evolução. E assim, no último momento, se opera a grande maravilha, isto é a vitória divina, ou seja, o Sistema vence o Anti-Sistema, reconstruindo-se sobre as suas ruínas. Quer isto dizer que as trevas se purificam até se tornarem luz, a ignorância até tornar-se conhecimento, a escravidão até achar a liberdade do espírito, a dor até achar a felicidade, a morte até encontrar a vida, o mal até tornar-se bem, o caos do Anti-Sistema até inverter-se para tornar-se a ordem do Sistema. Então, aquela queda, que pode parecer uma imperfeição do Sistema, representa, pelo contrário, a sua maior perfeição.

O homem percorre agora este caminho de subida, no qual há luta entre o elemento negativo, que deseja a destruição, e o elemento positivo, que busca a reconstrução. Daí os contrastes entre os princípios dominantes em cada uma das diferentes fases de reconstrução da Lei, correspondentes aos vários planos de evolução; daí a luta entre o nosso passado de animalidade e o anseio instintivo de um futuro melhor, entre a realidade feroz de nossa vida e a sede de bondade e justiça; daí a necessidade de ficarmos submetidos ao esforço de progredir, e a insaciabilidade que nos acicata para horizontes cada vez mais remotos, a sede de infinito na alma fechada num corpo, acorrentado às suas imprescindíveis necessidades materiais. Embora aqui se trate de problemas altos e remotíssimos em relação aos de nossa vida cotidiana, não podemos deixar de constatar como os primeiros explicam os segundos, e como a cada momento encontramos nestes a confirmação da verdade e das teorias que estamos desenvolvendo, as únicas que podemos aceitar como causas dos efeitos constitutivos de nosso mundo atual. Tudo isso continua perfeitamente lógico, porque, como dissemos, tratando-se de problemas remotíssimos, temos em nosso relativo não um pedaço destacado do todo, mas como um espelho, pequeno e opaco, onde, não obstante, se reflete o Absoluto, cuja imagem, apesar de tudo, ali podemos ver reproduzida.

Capítulo IV

O Ciclo – Involução / Evolução

Observemos agora de uma forma cada vez mais exata a visão do fenômeno. Este, em seu conjunto, compreende um ciclo completo de ida e volta, que chamaremos de ciclo.

Divide-se esse ciclo em dois períodos. O de descida chama-se involução. O de subida ou ascensão, chama-se evolução.

Cada período divide-se em três fases, que são espírito, energia, matéria. Apresentam-se nesta ordem sucessiva no período de descida ou involução, e na ordem inversa, no período oposto, no evolutivo, que é o nosso.

O período involutivo parte da parte espírito, que representa o estado originário, ponto de partida, donde se inicia a descida. Enredado no processo involutivo, o espírito sofre uma transformação por contração de dimensões, pela qual — sendo demolidas as qualidades positivas do Sistema — também ele, espírito, fica demolido, então até à fase de energia. Continuando na mesma direção o mesmo processo, chega-se da energia à fase matéria, transformação que é fenômeno já conhecido da ciência moderna. Temos assim, diante dos olhos as três fases do mesmo período, chamado involutivo: espírito, energia, matéria.

Exprimindo com o símbolo α a primeira fase, o espírito; como símbolo β a segunda fase, ou seja, a energia; e com o símbolo γ a terceira fase, isto é, a matéria, este primeiro período pode ser assim representado em símbolos:

Involução = $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$

sabendo-se que o sinal \rightarrow significa “vai para”.

No fim desse período, a substância que constitui a parte que se corrompeu, da esfera Tudo-Uno-Deus, em seu terceiro aspecto de Filho, inverteu todas as suas qualidades originárias positivas em qualidades negativas. A causa originária produziu assim todo o seu efeito e o impulso da revolta esgotou-se. Neste ponto de máxima inversão dos valores positivos e de máxima saturação de valores negativos, no sistema invertido, o processo se detém. Isto, devido a lei de equilíbrio, de proporção entre causa e efeito, porque cada desenvolvimento de forças em relação ao princípio de casualidade é regido por normas precisas. O processo se detém por atrito (sem atrito não se deteria) o qual representa, no seio da ordem, a desordem que ali quer nascer por força; e, no seio da desordem, a ordem, que quer manter-se íntegra, e não ficar ali presa e ser demolida. Mais ainda, o conceito de atrito é uma criação mesmo do Anti-Sistema, justamente constituído de uma luta, pois nasceu do conflito entre dois impulsos opostos. Com efeito, no Sistema puro não existem atritos, nem mesmo pode conceber-se a existência do conceito de atrito.

Em certo ponto, calculável por quem conhecesse o valor dos impulsos de origem e de todas forças em jogo no processo, este se detém. Isto quer dizer que a transformação em direção involutiva ou de descida pára. Nesse momento, tendo se esgotado o impulso da revolta, permanece em campo apenas o outro impulso

(pois não há mais nenhum além desse), o maior e fundamental, o que sempre dominou o sistema todo, diante do qual, o outro impulso, o do Anti-Sistema, é apenas um episódio e uma exceção. Então vai retomando, embora muito lentamente a princípio, a ação dos impulsos da ordem. Sua ação é então ainda fraca, porque o Anti-Sistema se acha na plenitude de sua realização; mas ela é tenaz, é uma pressão constante, que acabará vencendo e reconduzindo toda a desordem do Anti-Sistema ao estado de ordem do Sistema: em outras palavras, reconduzindo tudo a Deus.

De fato, Ele permaneceu sempre também no Anti-Sistema, em Seu aspecto imanente, à espera que os impulsos da revolta se esgotasse e detivesse o processo da queda. Chegados a esse momento, Deus retoma Sua lenta ação de atração para Si, como centro, ação que fundamental no Sistema, pois este é centrípeto, e é tão grande a atração que o mantém uno e compacto. Com a revolta, justamente, iniciara-se e agira o impulso contrário, ou seja, o centrífugo, ou de afastamento do centro. Mas agora, tendo chegado o percurso desse afastamento a seu termo, tornará a agir o impulso originário centrípeto reabsorvendo, assim, lentamente, o movimento centrífugo de afastamento de Deus, no Anti-Sistema, por meio do movimento centrípeto de reaproximação de Deus, voltando ao Sistema. É assim que se passa, ao “tornar-se” no sentido contrário, de saneamento, que tem o seu centro no Sistema. Dessa forma, tudo o que havia decaído no pólo negativo, se reconstrói e fica saneado no pólo positivo.

Iniciou-se, então, aquele longuíssimo processo, no qual vivemos hoje, o da subida, que é o segundo período inverso e complementar, e que se chama evolução. Enquanto o primeiro período da queda ou involução significara a destruição do universo espiritual e a criação ou construção de nosso universo físico, este segundo período de subida ou evolução significa a destruição da matéria como tal e a reconstrução do universo originário espiritual. E é lógico que, tendo sido o espírito que quis espontaneamente enclausurar-se no cárcere da matéria, transformando-se deliberadamente nesta forma corrupta da substância, tenha que ser esse mesmo espírito o que deva fazer todo o esforço, vivendo dentro daquela forma muito longamente, como princípio animador, a fim de voltar a transformar esta forma corrompida da substância, restituindo-a ao seu estado originário e íntegro de espírito.

Em tudo isso há, como dissemos, o auxílio de Deus sempre presente. Mas o árduo esforço da evolução e do progresso, embora garantida por aquela presença a segurança da vitória, compete todo à criatura, e no presente trecho da estrada, compete a nós, humanos. O nosso caminho não é ao acaso. Esta visão explica-nos claramente qual o ponto de partida e o de chegada. A desordem da queda permaneceu sempre circunscrita dentro da ordem maior do Sistema. Portanto, tudo é sempre guiado encaminhado; até mesmo a explosão das forças negativas está enquadrada nos grandes esquemas da Lei; até o mal, a dor e o erro — por um sábio jogo de forças, reações e recuperações — tudo é sempre reconduzido ao telefinalismo, supremo fio condutor que reconduz tudo a Deus. A meta não foi deixada ao acaso, mas já está pronta, já está estabelecida à partida, porque é o ponto de chegada e tudo permanece fechado no mesmo ciclo.

Permite-nos desse modo a visão colocar em foco também a nossa atual posição de seres humanos, no seio do grande organismo Tudo-Uno-Deus. Através de longuíssimo caminho de evolução, o homem subiu uma parte da montanha e está saindo da animalidade. Seu atual esforço é destacar-se definitivamente da besta. Ele subiu uma parte da montanha, mas ainda tem muito que subir. Trata-se de reabsorver todas as qualidades do Anti-Sistema nas do Sistema, ou seja, como acima dissemos, de voltar a trazer a ignorância ao conhecimento, a materialidade à espiritualidade, a dor à alegria, o mal ao bem, o caos à ordem. Diz-nos esta visão, quem somos, o que já foi feito e o que está ainda por fazer. Fornece-nos cartazes indicadores, ao longo do caminho da evolução, para indicar-nos a quilometragem, os percursos, a direção. Mais tarde desceremos ao terreno dos pormenores e das conseqüências.



Continuemos o exame da visão. Examinamos o primeiro período do ciclo da revolta, ou seja, a descida ou involução. E assim entramos no segundo período do ciclo, representado pela subida ou evolução. Agora inicia-se o grande fluxo de retorno, para reerguer os valores invertidos. Ao contrário de antes, em que o caminho consistia no afastamento de Deus, ele consiste agora numa reaproximação progressiva. É a própria atração de Deus que estabelece a rota do “tornar-se”, que imprime seu telefinalismo a todo o processo, voltando a trazer a Si tudo que dantes Dele se afastara. Isso tudo é facilmente imaginável, porque agora a visão diz respeito ao nosso universo e se baseia em conceitos dele, como seja, o contraste entre opostos, sua qualidade mais importante.

Retornando aos mesmos símbolos acima usados, pode ser assim expresso este segundo período:

Evolução = $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$

Então, o ciclo completo do “tornar-se” de nosso universo pode ser resumido nesta expressão sintética:

$\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$

Desta forma, numa só expressão representamos o ciclo completo da queda, com ambos períodos de ida e volta, involutivo e evolutivo até novamente se atingir o ponto de partida. Nesse momento, está o Sistema reconstituído, a doença foi curada e o episódio termina com o ser rebelde tendo aprendido, mediante lição salutar, quanto mais vantajoso seria para ele manter-se na ordem, do que entre todos os males que derivam da desordem. Desse modo, terá a Lei de Deus demonstrado plenamente a Sua perfeição, porque soube abranger e resolver, em seu seio, toda a desordem e tornar a trazê-la para a ordem, seu ponto de partida. Assim, a subida anula a descida, um período absorve o outro, equilibrando todo o ciclo, e a redenção cancela a revolta. Na perfeição da Lei estavam calculados pelo pensamento de Deus até os movimentos errados e os desvios das órbitas do Sistema que havia sido dotados de meios que, automaticamente, fizessem tudo reentrar no itinerário da ordem. Assim, o movimento que se destacou de Deus, volta a Ele. O movimento errado provocado pela vontade da criatura é corrigido e saneado pela vontade do Criador. Explica-se assim, como já dissemos, o significado profundo do conceito de redenção.

Então, a soma dos dois períodos forma o ciclo completo, feito de um movimento que se fecha, dobrando-se sobre si mesmo, sem nada ter deslocado na estrutura do Sistema. No conjunto tudo volta a seu lugar, no fim a correção neutraliza o erro, a expiação reabsorve a culpa. Mas o nascimento do ciclo fez aparecer um conceito novo: o movimento, o transformismo fenomênico, o não poder existir senão como um “tornar-se”, conceito que só existe no ciclo da queda, que é justamente feita desses seres imperfeitos, que correm atrás da perfeição para alcança-la. É evidente que, se no Sistema reina a perfeição, não se pode conceber aperfeiçoamento nem movimento necessário para alcança-la, e não existe o fenômeno como nós o conhecemos, no sentido de um “tornar-se”. De maneira que podemos conceber o transformismo de nosso mundo fenomênico, como uma corrupção da imobilidade própria do Sistema. Dessa forma podemos ver a essência de nosso universo, a origem, a razão e o significado dos princípios que o regem. Podemos também ver as causas mais remotas e profundas de sua estrutura atual. Acha-se assim o ser encaixado numa posição em que é imprescindível necessidade o viver em formas sem duração, num mundo em que nada resiste ao tempo; é necessário o transformar-se, preso a uma instabilidade contínua, à qual nada pode escapar. E não haverá paz enquanto não se tiver percorrido todo o ciclo até o seu final. Explica-se com isso a fatalidade inevitável da necessidade de progredir e a razão pela qual o ser está constrangido a esse esforço pela própria ânsia insaciável que está no fundo de sua alma, que aspira sempre o melhorar. O sinal da perfeição perdida está impresso com caracteres indeléveis em nosso espírito, que não a esqueceu e tem fome de reconquistá-la. A insatisfação o instiga e acicata, constrangendo-o à corrida, queira ele ou não. E o ser corre, impulsionado por essa ânsia. Deus o espera no final da corrida, e desde já o convida, o ajuda, lhe abre os braços para recolhê-lo em Seu seio.

A corrida para a perfeição é dura, mas deverá ter um fim. O trabalho é penoso, e compete a nós executá-lo, mas foi merecido, somos auxiliados e os resultados são nossos. A visão satisfaz a todas as leis de nosso mundo físico e dinâmico, como desenvolvimento de forças, tanto da justiça como da ética. Deverá o ser viver na febre da insatisfação, até que seja satisfeito; terá de viver no mal e na dor, até que tenha aprendido à sua custa a viver com disciplina na ordem da Lei. Assim, na escola da dura experiência, o ser aprenderá que sua vantagem maior não é rebelar-se contra a Lei, como se faz na Terra, mas sim obedecer a ela. E dessa forma, nessa escola, ele passará de classe em classe, aprendendo cada vez mais e melhorando. A marcha levada à originária pureza do Sistema deve ser toda limpa com nosso suor. Até aquele momento, terá de viver o espírito a serviço das necessidades materiais de sua forma física, deverá voltar a encarnar-se, fundindo-se com ela, para desmaterializar essa matéria até que ela alcance a condição de espírito, que quer gera-la em sua desordem. Não há outra solução possível que consiga destruir essa forma da substância que se chama matéria. E isto porque a substância é indestrutível, e uma forma dela como o é a matéria, não pode ser eliminada senão quando venha transformada em outra sua forma, que, neste caso, é o espírito. É assim que a matéria só pode ser destruída quando for reabsorvida em outra forma da substância indestrutível, como o é o espírito. E isso porque a substância tem apenas três formas, e delas não se pode sair. Assim, o significado profundo da evolução de nosso universo é dado por esse conceito de espiritualização, pelo qual toda a matéria existente deverá desaparecer como tal, por desintegração atômica, e, por meio das formas dinâmicas, voltar ao estado originário da substância, da qual proveio.

A contemplação desta visão leva-nos a uma conclusão estranha: que o nosso universo, esse que a ciência estuda e que aceitamos como base da pesquisa para o conhecimento, não representa a criação nem o verdadeiro estado do ser, mas apenas um estado patológico transitório, de que, só indiretamente, podemos reconstruir o estado perfeito e definitivo. Essa conclusão implica outra: o método adotado pela ciência, ou seja, o da observação e da experiência, aplicados aos fenômenos desse universo, jamais poderá conduzir-nos ao conhecimento das causas primeiras. Isto não só porque para reconstruir o plano geral, seria preciso percorrer toda a fenomenologia do universo no infinito do espaço e do tempo, mas sobretudo porque o mundo fenomênico é apenas um derivado corrompido de um estado de perfeição originária bem diferente. A ciência ignora tudo isso, e em suas investigações considera sólida a realidade dos fatos, ao passo que eles representam uma imagem contorcida e opaca da verdade. No futuro, o homem usará métodos totalmente diferentes de pesquisa. Seu conhecimento é ainda insignificante; diante de tais problemas máximos, ele nada sabe de positivo; sua evolução ainda se encontra imersa na fase animal, e ele ignora a espiritual que o aguarda; sua atual posição no caminho da subida, se já o distancia da pedra, deixa-o muito mais distante ainda dos planos espirituais que o esperam.

Nosso atual mundo pode-se considerar um composto híbrido, em parte constituído por uma ossatura material, sobre a qual a vida se está elevando e assim realizando seu trabalho de reconstrução espiritual. Somos por isso constituídos de dupla natureza, feitas de dois termos em contraste, na qual lutam o bem e o mal, a luz e as trevas. Nossa unidade é uma conjunção de dois elementos antagônicos, o passado que não quer morrer e o futuro que quer nascer em seu lugar. Assim, somos feitos de infinito aprisionado no finito, do absoluto fragmentado no relativo, de felicidade que chora na dor, de sabedoria que se tornou ignorância, de vida eterna despedaçada no ciclo das vidas e das mortes; somos verdadeiramente anjos decaídos. E então para reencontrar o infinito, vamos acumulando insaciavelmente fragmentos de finito, e tentamos aproximar-nos da imortalidade agarrando-nos a esta vida breve e prolongando a recordação dela com grandes obras. Desmoronou o gigantesco edifício, e estamos recolhendo as pedras espalhadas no chão, experimentamos reuni-las umas sobre as outras, e já levantamos algumas paredes. E prosseguimos, cimentando as pedras com lágrimas e sangue, para tornar a fazer a nossa bela morada de conhecimento, de liberdade e de bondade, donde saímos. Estamos cansados e quereríamos parar, mas acicata-nos o horror do vazio, das trevas e da dor, da morte em que mergulhamos. Queremos viver; e a centelha divina originária do espírito, embora sufocada nas angústias da morte, não pode

morrer. Ela sobreviverá a todas as lutas e a todas as dores, até que o organismo imperfeito, correndo em busca da perfeição, a torne a encontrar, e tudo assim fique sanado, para poder reentrar no seio do grande organismo perfeito de onde saiu o Tudo-Uno-Deus.



Chegados a este ponto, verificamos que a visão nos levou ao âmbito do tema desenvolvido em *A Grande Síntese*. Como podemos perceber só agora, ao termos diante dos olhos toda a visão, aquela obra abrange apenas uma parte dela e não esgota o problema, como muitos pensaram. Na verdade, após haver brevemente feito, no princípio, uma ligeira referência ao primeiro período, o involutivo, aquele volume aceita o fato consumado, sem indagar-lhe os precedentes e as causas, e dirige-se para a estrada que devia percorrer, que é o segundo período, o evolutivo. *A Grande Síntese* mostra-nos o percurso desse caminho ascensional partindo da matéria, da sua origem e evolução, através das formas da energia, depois da vida mineral, vegetal e animal, subindo sempre até ao homem, ao seu espírito, ao seu mundo social e moral, até ao seu futuro nos mais altos planos da existência.

É isto o que está contido naquele volume. Ele vai da matéria para o espírito. Mas as razões últimas do processo involutivo-evolutivo e da estrutura atual de nosso universo, a visão completa que abarque o quadro todo — e não apenas a segunda metade do ciclo da queda — tudo isso está além dos limites que *A Grande Síntese* se impôs. Mas aquele livro tinha em mira, sobretudo, o homem e seus problemas científicos, sociais e morais. Sua finalidade foi resolver o problema do conhecimento, mas do conhecimento humano, o qual o homem julga ser tudo, porque é conhecimento e de seu universo, que ele crê ser tudo.

Mas uma vez registrado o pensamento de *A Grande Síntese*, a visão se alargou com a contínua maturação do espírito e o olhar estendeu-se para horizontes mais vastos, levando-me além dos limites de nosso universo, que vai da matéria ao espírito. Então, uma força me arrastou e me colocou diante do pensamento de Deus. Não posso dizê-lo de outro modo, porque foi isto que me aconteceu. Tive a sensação nítida de que a fonte da inspiração não era mais Cristo, o Filho, que em *A Grande Síntese* falara aos homens sobre seus problemas; mas que a fonte era o Pai, o Verbo Criador, que queria lançar luzes sobre os problemas máximos, cuja solução está além das capacidades racionais e dos meios de investigação do homem.

Nasceu assim o volume *Deus e Universo*, que já não é mais uma síntese científico-espiritual, mas uma síntese teológica. Ora, se *A Grande Síntese* está mais próxima dos problemas humanos que mais interessam à ciência e à vida, e se pôde mergulhar na análise para dela deduzir a síntese, o seu campo entretanto não supera os limites de nosso universo. Ao contrário, o volume *Deus e Universo* quis ultrapassar esses limites, resolvendo numa visão suprema, também os problemas máximos. Considerando isso, *A Grande Síntese* fica enquadrada no sistema deste segundo volume, como um momento dele. Se ela representa a síntese do conhecimento humano, *Deus e Universo* representa a síntese do conhecimento divino. E é somente assim que o quadro está completo e que se pode ver quanto conhecimento ainda havia, além daquele primeiro tratado, pois esta última visão levou-nos para além de todas as nossas dimensões, diante do Absoluto e do Infinito.



Estes confrontos permitem-nos aprofundar alguns conceitos de *A Grande Síntese*. Nos seus primeiros capítulos, leva-nos aquela obra ao infinito, donde tudo derivou, explicando que as fases α , β , γ não esgotam todas as dimensões do ser, mas que elas se estendem de $+\infty$ a $-\infty$, de modo que a queda ou

involução não foi de α a γ , mas de $+\infty$ a $-\infty$, e ao contrário, que a subida ou evolução, não foi de γ a α , mas também de $-\infty$ a $+\infty$.

De modo que o ciclo da queda, acima examinado, $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, não esgota todo o seu caminho, que deveria ser, ao invés $+\infty \rightarrow -\infty \rightarrow +\infty$ ou mais exatamente: $+\infty \rightarrow \dots \rightarrow +y \rightarrow +x \rightarrow \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow -x \rightarrow -y \rightarrow \dots \rightarrow -\infty$ para o período da descida ou involução; e ao contrário, em seguida deveria ser, continuando a expressão em posição invertida: $-\infty \rightarrow \dots \rightarrow -y \rightarrow -x \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha \rightarrow +x \rightarrow +y \rightarrow \dots \rightarrow +\infty$ para o período da subida ou evolução.

Em outras palavras, o desmoronamento das dimensões teria sido muito mais vasto do que o possamos perceber em nosso universo, ou seja, um desmoronamento cujos dois termos extremos estão situados, como é lógico, no infinito, que é a dimensão do Tudo-Uno-Deus, donde tudo derivou e para onde tudo volta. A Grande Síntese desenvolve esta segunda parte do ciclo para fases γ, β, α , que são as que mais interessam ao homem e ao seu universo. Mas, agora podemos compreender como esses limites se dilatam ao infinito, e como o que é chamado ali de criação, no sentido comum, se refira apenas ao homem, pois exprime somente uma das fases da queda, isto é, da série das criações sucessivas, como o explica A Grande Síntese.

Temos assim no pólo $+\infty$, o Sistema em sua plenitude, ao passo que no pólo $-\infty$, temos sua completa destruição, no negativo, que se verifica na plenitude do Anti-Sistema. Ou seja, temos na extremidade $+\infty$ a ordem perfeita, que no extremo oposto $-\infty$ se transmutou, no período de involução, em caos, com a destruição completa da ordem do sistema. E ao contrário, tornando a subir o caminho do período de evolução, chegamos, do extremo $-\infty$ do caos completo, à ordem perfeita da extremidade oposta, $+\infty$. Assim, no circuito de todo o ciclo da queda, os dois períodos da destruição e da reconstrução se compensam e equilibram e o segundo período anula o primeiro. Somente assim o plano de A Grande Síntese fica perfeitamente compreensível até mesmo em suas origens e em suas últimas conseqüências. E só agora, depois que esgotamos o tema do volume Deus e Universo, podíamos chegar a uma visão global do Tudo-Uno-Deus.

De acordo com as duas expressões expostas aqui acima, que vão de $+\infty$ a $-\infty$ (período de involução) e ao contrário de $-\infty$ a $+\infty$ (período de evolução), podem os dois períodos ser sintetizados, sob o ponto de vista do estado que atingiram, em seu ponto de chegada, nas duas seguintes expressões-limite:

$\lim_{t \rightarrow \max i} \Delta = S -\infty$	$\lim_{t \rightarrow \max e} \Delta = S +\infty$
--	--

A primeira fórmula pode ser lida assim: “No limite do universo, ou sistema de universos (Δ), a substância (S), através do “tornar-se” ou transformismo fenomênico, acabou, no instante (t) máximo final (max) no semiciclo ou período involutivo (i), (ou inicial do semiciclo ou período evolutivo) por encontrar-se toda no estado de infinito negativo ($-\infty$)”.

A Segunda fórmula pode ser lida assim: “No limite do universo, ou sistema de universos (Δ), a substância (S), através do “tornar-se” ou transformismo fenomênico, acabou, no instante máximo final do semiciclo ou período evolutivo (t \rightarrow max e), (ou final também de todo o ciclo, instante que tudo apresenta reconstituído no estado inicial), por encontrasse toda no estado de infinito positivo ($+\infty$)”.

A primeira fórmula exprime-nos o estado alcançado pela parte decaída, do terceiro aspecto do Tudo-Uno-Deus, o Filho, no fim da primeira metade do ciclo, quer dizer, período de descida involutiva, ou seja, no estado totalmente negativo, isto é, de completa destruição do sistema no caos do Anti-Sistema ($-\infty$).

A Segunda fórmula revela-nos o estado alcançado pela referida parte decaída, no fim da Segunda metade do ciclo, quer dizer, período de subida

evolutiva, ou seja, no estado totalmente positivo, isto é, de completa reconstrução do Sistema em sua ordem ($+\infty$).

Unem-se assim as duas expressões, exprimindo as duas metades do mesmo ciclo: a primeira, que pode chamar-se a fórmula da queda ou destruição, completa-se com a Segunda, que se pode chamar a fórmula da reconstrução. Dão-nos assim as duas expressões a imagem sintética das duas metades inversas e complementares de todo o ciclo. A primeira partindo de $+\infty$, mostra-nos, seu ponto de chegada em $-\infty$; e ao contrário, a Segunda nos mostra como conclui seu caminho, que vai de $-\infty$, seu ponto de partida, até $+\infty$, seu ponto de chegada. Fica assim expresso o ciclo completo, que foi formulado mais acima: $+\infty \rightarrow -\infty \rightarrow +\infty$ (Sistema \rightarrow Anti-Sistema \rightarrow Sistema). Tudo termina em $+\infty$, de onde havia partido; e as duas fórmulas, a de ida e a de volta, se fundem numa só. A Segunda, que pode chamar-se a fórmula resolutive do universo, completa e fecha o ciclo. Assim o princípio e o fim chegam a sobrepor-se, o ciclo fecha-se sobre si mesmo e, após este parênteses de imperfeição, permanece imutável a perfeição, e Deus sempre “é”, no antes como no depois, nunca mudou e não pode mudar, em Sua perfeição.



Antes de deixar a contemplação desta visão, observemos outro aspecto seu.

Já notamos como se reproduzem, nas três fases do procedimento do nosso agir, os três momentos: espírito, energia e matéria, que constituem o ciclo da queda e reconstrução. Toda nossa atividade criadora, no trabalho, segue estas três fases: primeiro um pensamento que concebe e projeta a ação (fase espírito); depois uma vontade que executa aquele pensamento, que, de outro modo, permaneceria sem atuação, ou seja a ação que cria (fase energia); enfim, uma forma concreta na qual se imprimiu a ação e o pensamento se exprimiu (fase matéria). O primeiro modelo deste fato, que repetimos a cada momento, foi criado pela queda. Podemos deste modo, Ter uma explicação para tudo isso e conhecer a razão profunda do motivo pelo qual a técnica de ação, no ser humano, tenha assumido precisamente essa forma, e não outra qualquer.

Mas a visão mostra-nos uma correlação ainda maior. Vejamos uma correspondência entre os três momentos ou aspectos da Trindade (Espírito, Pai, Filho) e as três fases do ciclo da queda e da subida. De fato, três são as etapas do processo involução ou evolução: espírito, energia e matéria. Em ambos os casos, temos, na primeira fase, a concepção, na Segunda a ação, na terceira a criação realizada. Em ambos os casos, em primeiro lugar a obra é concebida, depois executada, e finalmente realizada na forma desejada.

É evidente, pois, o seguinte fato: no ciclo da queda ecoa o motivo da criação, mas em posição invertida, ou seja, ao invés de se chegar à verdadeira criação dos espíritos, no terceiro aspecto da Divindade, o Filho, chega-se a uma pseudo criação invertida na matéria, aquela que o homem chama criação. Constituído o primeiro modelo da Trindade, não se podia sair dele; e com efeito ele retorna, ainda que invertido, permanece sempre o mesmo. Temos assim uma criação às avessas, que é uma corrupção da substância, e que não é construção, mas destruição; uma criação de que não nasce o espírito, mas a matéria. De fato, não podemos compreender a fundo nosso universo senão como uma inversão ao negativo, da verdadeira criação, pois esta, para poder ser logicamente atribuída a Deus, deve ser perfeita e espiritual.

Podemos compreender assim a primeira origem da estrutura trifásica do fenômeno da queda, e a razão pela qual assumiu essa forma. Mostramos ele a marca recebida do primeiro modelo, o da Trindade da Divindade. Mesmo na queda, o primeiro momento é \square , o espírito, como era o primeiro aspecto da Trindade (a concepção). O segundo momento é \square , a energia, como era o segundo aspecto da Trindade (o Pai ou Verbo, - a ação). O terceiro momento é \square , a matéria, como era o terceiro aspecto da Trindade (Filho – a criação realizada).

Mas se esta estrutura do fenômeno da queda nos mostra refletida em si, a Trindade do Tudo-Uno-Deus, ela no-la oferece em posição invertida, que, ao invés de concluir com a criação, conclui com a destruição. De modo que a trindade trifásica da queda é apenas uma imagem contrafeita, de valores corruptos, bem diferente dos da primeira Trindade perfeita. Enquanto que o terceiro momento desta pode ser figurado como uma esfera de luz, em que triunfa a Lei e o Sistema, em que se realiza o pensamento e a vontade de Deus, — o terceiro momento da Trindade da queda pode figurar-se como uma esfera de trevas, em que triunfa a revolta e o Anti-Sistema, em que se realizou o pensamento e a vontade de Satã.

Com isto, as duas visões contempladas nos dois volumes *A Grande Síntese* e *Deus e Universo*, aparecem fundidas numa visão única, dando-nos num só golpe de vista o quadro completo de uma síntese maior, que engloba todo o problema do conhecimento. Fica com isto esgotado – pelo menos até que cheguem novos fatos espirituais e mais profunda maturação — o atual trabalho inspirativo. A visão apareceu completa em suas linhas-mestras. Observamo-la e a registramos aqui. Mudemos, agora, a engrenagem mental, os métodos de investigação e os pontos de vista. Desçamos dos remotos planos da intuição. Retomemos a psicologia dos seres racionais comuns, que observam e duvidam, e com ela continuemos o nosso trabalho; analisemos com a mente fria, à maneira de positivistas descrentes, os resultados obtidos, procedendo pela lógica pura, desconfiando e controlando, em busca de provas.

Segunda Parte



ANÁLISE E CRÍTICA

Capítulo V

ORIENTAÇÃO

A visão apareceu completa. Registramo-la na primeira parte, e temos o manuscrito sob os olhos. Podemos agora relê-lo, com outra forma mental: examiná-lo-emos nesta segunda parte à luz da razão, com a psicologia da análise e da crítica, que diverge fundamentalmente do estado de inspiração. Agora vamo-nos transformar em incrédulos a quem é lícito toda a discussão e toda a dúvida, para enfrentar a teoria exposta, agora submetida a uma ação de controle racional, necessário para provar sua veracidade. Se ela corresponder aos fatos e for por eles confirmada, poderemos aceitá-la, declarando que a inspiração viu efetivamente a verdade. Se assim não for, temos obrigação de não aceitar essa teoria. Por aí se vê até que ponto trabalhamos sem preconceitos nem dogmatismos, sem preocupar-nos de chegar a esta ou àquela conclusão, sem antepor à pesquisa, totalmente desapaixonada, às teorias desta ou daquela escola ou religião. Esta posição de absoluta imparcialidade, pela qual nós mesmos procuramos demolir, com dúvidas, os resultados de nossa inspiração, é a única a nos dar a garantia de

ter visto uma verdade, garantia indispensável, se quisermos atingir resultados positivos, sem cair na fantasia.

As probabilidades de erro são muitas, no terreno da metapsíquica onde nosso espírito trabalha, e ainda conhecemos pouco a sua estrutura e funcionamento, para podermos julgar com segurança os seus produtos. Para o homem, a alma humana é ainda um abismo desconhecido, onde se movem forças de que não sabemos a origem nem as possibilidades. Enquanto não submetemos os resultados das operações do espírito a severo controle positivo, a ciência tem o direito de não os tomar a sério. De nossa parte, esta análise e crítica dos resultados de nossa inspiração leva-nos a resultados jamais alcançados no terreno teológico em que, agora, se aventuraram as nossas indagações. Entendemos por teologia a ciência das coisas de Deus, a que enfrenta os problemas máximos do conhecimento, situados no absoluto: teologia pertencente a todas as religiões na medida em que se ocupam das coisas de Deus. Pois bem, neste campo, inatingível para a ciência, poderemos chegar a conclusões positivas, alcançadas mediante um controle racional até chegar às provas, em nosso mundo, das verdades descobertas por inspiração, as quais, doutra maneira, escapariam no absoluto. Obteremos assim um plano de teologia demonstrada, e esta, baseando-se em provas encontradas em nosso mundo, tem o direito de ser levada em consideração mesmo pelos racionalistas positivos.

Estes resultados, nós oferecemos a todos, imparcialmente, seja às várias religiões, à filosofia ou à ciência. A solução dos problemas máximos interessa a todos. Subir o monte do conhecimento representa uma conquista para todos os homens. Levantar o véu do mistério é a grande aspiração e o maior progresso. Oferecemos o produto genuíno de nossa pesquisa, que é inspirativa e racional ao mesmo tempo. Cada um usá-lo-á da forma que lhe for mais útil. Nossa pesquisa é absolutamente desapaixonada. Nossa única finalidade é conhecer as causas primeiras, de que derivou a gênese e a estrutura de nosso universo, e não é, de modo algum, defender aprioristicamente esta ou aquela religião. Iniciamos as pesquisas sem saber aonde chegaríamos nem quais seriam as conclusões. Provavelmente, agindo desta maneira, descontentamos a todos, pois cada um procura mais achar provas em favor do próprio grupo, do que descobrir a verdade. Mas, em compensação, achamos a resposta a muitas perguntas que estavam em suspenso sobre nossa cabeça. Isto é o que vamos explicar nesta segunda parte.

Enfrentemos, pois, a visão, para verificar se ela resiste às várias objeções e se as nossas dúvidas poderão destruí-la. Devemos, por isso, ser sinceros e honestos, mesmo nas dúvidas. Devemos ser impelidos apenas pelo desejo de conhecer a verdade, prontos a sacrificar, a ela, todos os nossos preconceitos, a render-nos sempre à evidência, todas as vezes que ela surgir. Não podemos antecipar as conclusões da pesquisa e obrigar-nos a repelir esta ou aquela verdade, apenas pelo fato dela ser contrária a certos princípios que ainda não estão demonstrados. Quem está na fase da pesquisa sabe que pode chegar a qualquer conclusão e deve estar pronto para qualquer surpresa.

Por isso, temos de ser pesquisadores sinceros, que amigavelmente se ajudam no mesmo trabalho de indagação, e não polemistas que procuram sobrepor-se, esforçando-se cada um por impor ao outro a própria verdade. Para nós, situados no relativo, as perspectivas são diferentes. Dessa forma, não só as verdades são relativas à posição particular de cada um, como também são progressivas, ou caminham em evolução, e são conquistáveis por aproximações sucessivas. Por isso, os verdadeiros pesquisadores, sabendo disso, não fazem polêmicas, mas pelo contrário, ao invés de procurarem eliminar-se mutuamente, como num combate de esgrima, buscam o caminho da compreensão para colaborar, combinando as próprias visões particulares para alcançar uma visão de conjunto sempre mais vasta. Por estas afirmações se compreende quanto esteja afastada de nós a idéia de proferir afirmações catedráticas, em tom de autoridade. Explicamos tudo isto, porque o objetivo destas pesquisas é também mostrar o método evoluído com que elas devem ser conduzidas, e porque este estudo quer ser também uma escola de arte de pensar de acordo com uma técnica mais produtiva.

O sistema de querer vencer polemizando, ou seja, usando as palavras e os argumentos como armas e projéteis, para esmagar o inimigo, é o sistema do homem primitivo, que instintivamente ainda adota os métodos da guerra, para ter razão contra os outros. Nos planos mais elevados, não é o vencedor, o mais forte em dialética mas o que, usando da mais simples sinceridade, convence porque demonstra que descobriu desapaixonadamente maiores verdades e sabe dar as provas necessárias. Ora, a descoberta da verdade pertence a quem vive nesses planos mais altos e usa seus métodos. Os involuídos sabem fazer bem as guerras e vencê-las, sendo muito fortes no terreno da luta pela vida, mas são impotentes diante do problema da busca da verdade.

É preciso compreender este princípio geral, de que a verdade não se conquista — como as coisas humanas — pela força ou pela astúcia, mas sim pelo amor. A verdade está escrita, fechada no pensamento de Deus, e só se revela a quem mereça conhecê-la, porque esse dará garantia de saber usá-la bem. A ele a verdade abre suas portas e se deixa conquistar pela sinceridade e pureza de intenções, pela humildade do pesquisador e pelo desejo de conhecê-la para o bem. Quando aparece o contrário, ou seja, o orgulho de apoderar-se da verdade para explorá-la e impô-la ao próximo; quando transparece na busca a insinceridade, o egoísmo, as segundas intenções; a verdade que é constituída por inteligentes correntes de pensamento, recusa-se e fecha as portas ao seu conhecimento. A verdade se esconde dos involuídos, porque estes a usariam mal e portanto devem ser dela excluídos até que tenham atingido, vivendo e lutando, o necessário amadurecimento. Por conseguinte, quando deparamos com quem queira impor a própria verdade, vendo no próximo antagonista a serem derrotados, ao invés de neles encontrar colaboradores que lhe possam apresentar novos e inéditos aspectos; então, podemos dizer que este não só descobrirá pouco da verdade, mas também demonstra nada ter compreendido a seu respeito, apenas pensa poder pregar só por tê-la aprendido dos outros. Tudo isto pelo fato de procurar impô-lo ao próximo. A verdade se entrega a quem ama, e quem ama procura a unificação com os seus semelhantes, e não o domínio sobre eles. Isto porque a verdade está em Deus, e só podemos nos aproximar de Deus pelos caminhos do amor, ou seja, unindo-nos fraternalmente ao próximo. Quem assim não procede, mesmo quando prega a verdade em nome de Deus, só consegue afastar-se dela e de Deus. Portanto, com a agressividade polemística não se difunde nem, muito menos, se descobre a verdade, antes, pelo contrário, ela se sufoca e se nega, pois tudo o que não é amor não pertence ao Sistema, mas ao Anti-Sistema.

A nossa finalidade, pois, deve ser única; a de chegar a conhecer a verdade. Com o máximo respeito para com tudo já dito pelas religiões e filosofias, somos obrigados a enfrentar sozinhos, para resolvê-los, os problemas que elas não enfrentaram nem resolveram. A Lei de Deus rege todos os fenômenos e não há religião nem filosofia que lhe possa alterar o funcionamento. Tanto no mundo espiritual como no material, há fatos positivos que como tais a todos se impõem, independentemente de nossas crenças. Galileu não podia impedir que a Terra girasse em redor do Sol, fazendo o Sol girar em redor da Terra, só porque a Bíblia podia fazer supor que assim acontecesse. Da mesma forma não se poderá impedir que a reencarnação seja verdadeira, só pelo fato do o catolicismo sul-americano a combater (o catolicismo europeu nem sequer se interessa por isso e não a combate). Assim também não se pode impedir que a teoria da queda dos anjos se nos apresente com grande possibilidade de ser verdadeira, só pelo fato de vários espiritistas brasileiros não a aceitarem, por ela parecer de origem católica, sem saberem que os teólogos de Roma seriam os primeiros a condenar o nosso ponto de vista, pois a teologia clássica os orienta de modo completamente diferente.

Infelizmente, sobre estes problemas e suas soluções apoiaram-se numerosos interesses materiais e morais de casta, que para defender-se criam obstáculos a cada passo, como trincheiras no caminho do pesquisador. A este não é pedida, de modo algum, a verdade, que pouco interessa, porque já a julgam em suas mãos, mas pedem-lhe se filiar ao próprio grupo, para fazê-lo crescer. Assim, o pesquisador sem preconceitos é constrangido a esbarrar a cada passo do seu caminho, com as estradas transversais, onde está escrito: local ocupado, aqui não se passa! Mas, isto está perfeitamente justificado, porque o mundo está organizado segundo o tipo médio normal, mais precisando de chefes que o dominem e o domem, do que de compreensão e liberdade

para poder realizar investigações, a fim de chegar ao conhecimento da verdade. Por isso, a resposta ao nosso esforço de investigação não foi discutir o problema em si, para saber como de fato se passavam as coisas, mas foi, sobretudo, para cada grupo, saber se as conclusões concordavam ou não com princípios seus; em caso afirmativo, declarando-as ótimas, em caso negativo, condenando-as.

As necessidades da mentalidade corrente parecem ser diferentes. O que se pretende a qualquer coisa nova que surja, é enquadrá-la num dos muitos padrões já existentes para catalogar todas as coisas humanas. Esta é, com efeito, uma das características do ser situado no anti-sistema, de conceber tudo dividido e de querer fixar essas suas divisões em categorias separadas e contrastantes. A criatura situada no Anti-Sistema não concebe uma idéia senão em posição de antagonismo com outra oposta à sua. Por isso, a principal preocupação de muitos que acompanham estes estudos, é saber, em primeiro lugar, a que religião ou corrente humana pertencem, naturalmente, para formar grupos e agredir os que se acham do outro lado. E é incrível a desilusão, quando não acham nada disso. Seu sentimento é quase de desgosto, diante desta estranha linguagem de imparcialidade e universalidade, num mundo fundamentado em outros princípios. Linguagem que dá, a quem vive de lutas, com a psicologia correspondente, um sentido de inutilidade, como de ecletismo vazio e passatempo para diletantes.

Mas, perguntamos: como é possível excluir a priori esta ou aquela filosofia ou religião, garantir que não possa haver, no campo alheio, um pouco de verdade, só porque não está em nosso campo? Como negar que o outro aspecto da verdade, possa ser talvez o mesmo que nos falta para completar a nossa? E como não admitir também que, mesmo no campo alheio, possa faltar outro aspecto da verdade, e seja este justamente o que não possuímos? A voz de todas as coisas é tão grande e rica, a presença do pensamento de Deus é tão universal no todo, que cada um terá visto, por certo, algo da verdade. Num mundo onde tudo é relativo, como admitir estar a verdade toda de um lado, e nada do outro? Como é possível acreditar que a verdade esteja toda exclusivamente do próprio lado, e o erro sempre do lado oposto? Isto corresponde à psicologia de quem vive no plano da luta animal, mas não à de quem vive no plano mais evoluído, no qual deveria estar situado o homem.



Dito isto, ou seja, esclarecidos os critérios com que procederemos em nosso exame, enfrentamos a visão. Eis-nos, pois, como incrédulos, mas incrédulos honestos. Portanto, devemos permanecer eqüitativos, sinceros, fraternos com todos. Como incrédulos, temos direito de perguntar: será verdadeira esta teoria? Como tais, temos de partir da dúvida, para somente aceitar o que ficar provado. Mas, embora honestamente imparciais, não podemos deixar de reconhecer verdadeiro o que sinceramente nos convence.

Ora, a razão pela qual estou desenvolvendo e aceitando a teoria da queda, não é tanto por um ato de fé cega nas origens inspirativas da mesma, quanto pelo fato dela resolver muitas das minhas dúvidas, explicando muitos fatos e solucionando muitos problemas, num quadro orgânico e harmônico, reconduzindo tudo à unidade e ao mesmo tempo satisfazendo as exigências da minha mente e do meu coração. Esta teoria me dá, de Deus, um conceito verdadeiramente grande e bom, que permanece tal apesar da maldade dos ruins dominar em nosso mundo humano. Nesse conceito, que busca afastar-se cada vez mais dos conceitos comuns antropomórficos da Divindade, vejo triunfar a bondade, a liberdade, o Amor, que um instinto irresistível me diz serem Seus atributos.

Além disso, a teoria me explica algumas coisas, que nem a razão, nem as religiões, nem a filosofia, nem a ciência sabem dar-me. Por exemplo: por que motivo nasceu a matéria? Com isto pergunto não só de que nasceu a matéria, mas por que nosso mundo assumiu a forma de matéria. E mais: por que existe a evolução? E por que ela progride da matéria para o espírito? Por que esse telefinalismo na evolução, e não

outro, e por que a evolução assumiu esta e não outra forma e direção? Mais ainda: que é a vida? E por que em nosso mundo existe o contrário, a morte? E, se Deus é perfeito, donde nasceu e como se justifica entre nós a imperfeição, o erro, o mal, a dor etc.? Como podem as trevas ter nascido da luz da nossa vida, e tantas negações do existir, quando a suprema qualidade de Deus é afirmação?

Poder-se-ia responder que esse Deus é uma nossa projeção antropomórfica no vazio, pois nela se idealizam as aspirações humanas de perfeição, sabedoria, poder, liberdade, amor, vida, alegria etc., em compensação da carência, em nós, dessas qualidades que desejamos, porque nos fariam felizes. Mas, então, poder-se-ia replicar: a vida não tem finalidade? Por que lutar e sofrer tanto, senão em vista de um amanhã melhor? A natureza humana tem exigências psicológicas, ânsias instintivas que não se podem obrigar a calar. Não podemos aceitar as sutilezas filosóficas que tudo destroem, sem nada criar. Além disso, como podemos dizer ser esse conceito de Deus uma criação nossa, inconsciente, alcançada para personificar nossas aspirações num Ser Supremo que as satisfaça todas, endireitando assim a nossa posição de emborcados na tristeza da imperfeição, se ao contrário poderíamos também crer ser essa criação justamente o efeito de um desejo de compensação e de soerguimento devido à queda? Então, não seria mais o homem que criaria um Deus de acordo com uma imagem tirada do emborcamento da própria imperfeição, mas seria o homem uma corrupção da perfeição de Deus, um ser decaído, que anseia por voltar à perfeição perdida.

São muitas as objeções à teoria e algumas parecem insuperáveis, mas iremos destruí-las uma a uma. Dúvidas foram propostas por outros ou por mim mesmo criadas. Olhamos melhor para a visão, focalizando melhor os pormenores, vemos que bastava observar com mais exatidão, para responder às nossas perguntas e solucionar as nossas dúvidas. Elas apareceram porque ainda não havia sido visto tudo, e tudo se resume em esclarecer melhor, iluminando os pontos obscuros, que permanecem imprecisos. Mas em sua primeira visão de conjunto, apresenta-se-nos a teoria com as características da organicidade e unidade, com grande poder de enquadramento dos fenômenos de toda a espécie, desde os da matéria inorgânica, até aos da vida e do espírito; dos fenômenos atômicos aos sociais e morais, reduzindo a um só sistema a infinita multiplicidade de nosso relativo. E sem dúvida, uma das maiores aspirações da alma humana é a das grandes unificações. Fazer de tudo num só organismo, que não só funciona mas progride através deste seu funcionamento para um fim único, exato, satisfazendo a lógica, o sentimento e os anseios mais instintivos e profundos da alma humana, tudo isso convence a mente e sacia a alma.

Diante desses resultados, não posso deixar de perceber um sentido de fome satisfeita, fome de conhecimento que orienta a própria vida. É a saciedade do homem que, após haver atravessado as filosofias, as ciências, as religiões, pedindo a todos a explicação de tantos mistérios, finalmente a achou por outro caminho persuadindo-se, e agora vê claramente. E a satisfação é tanto maior, quanto essa clareza é comunicável e pode saciar tantos outros famintos e orientar tantas outras vidas, ainda perdidas nas trevas, por falta de uma visão clara e convincente do porquê das coisas, da vida e de seus objetivos. A filosofia caminha por sua estrada, e o mesmo faz a ciência e também as religiões. Cada um segue seu caminho e ignora o dos outros, quando até não o combate. Cada religião inimiga da outra, cada filosofia diferente da outra, cada cientista aplicado a um setor particular do saber. Todos divididos, atentos a visões parciais, fechados na terminologia e nos conceitos de sua propriedade, de que são vigilantes guardas. O conhecimento humano apenas nos oferece aspectos particulares, incompletos, perspectivas limitadas; isto, diante daquela maravilhosa unidade, à qual nossa alma sente que tudo deve reduzir-se, por necessidade lógica e por instintivo desejo do espírito.

Confesso que uma das maiores admirações, quando nasci na Terra, ao sentir-me vivo nesta veste corpórea, foi para mim a de verificar quão pouco de positivo o homem sabia, em relação aos maiores problemas, dos quais tudo deriva e em última análise, depende a própria vida e cada ato seu. Não compreendia como se pudesse agir sem conhecer, só com fundamento nos instintos, não se sendo orientado de forma positiva, clara e segura, em relação aos efeitos do próprio comportamento. Então, para poder viver, tive de buscar eu mesmo, o alimento para mim indispensável. Isto porque não

sei conceber como se possa viver sem compreender. Assim, conquistar o conhecimento, coisa para mim indispensável, foi o maior trabalho de toda a minha vida e este é o melhor fruto que agora, no fim do meu caminho, posso oferecer, a fim de servir de alimento a todos quantos, como eu, tenham esta fome, que bem sei quanto é tremenda, para quem a sente.

•

Ofereçamos, pois, a fim de que os outros se saciem, o fruto maduro de nossas investigações. A idéia é oferecida, não imposta. Ofereça-a como a minha verdade, sem pretender que possa ser a verdade de todos. As formas mentais são diferentes e podem ocorrer para outras formas mentais outras formas de verdade, não obstante, existirem no mundo formas mentais semelhantes. Pode acontecer, então, que estes homens encontrem, nesta exposição, a verdade adaptada a eles, os convença e satisfaça. Para estes, tal como experimentei, será grande satisfação achar o que buscavam. Essa compreensão ocorre espontaneamente entre os espíritos do mesmo grau de evolução, sintonizados por afinidade de tipo biológico, ao longo do mesmo canal de especialização de trabalho.

Que o pensamento humano não se move por acaso, é um fato. Mesmo a compreensão entre homens e a difusão das idéias depende de leis precisas, contidas nas teorias que estamos expondo, teorias que tão profundamente penetram em nossa vida, pois as estamos vivendo, no momento mesmo em que lhes estudamos a estrutura. Estamos aplicando-as enquanto observamos para ver como funcionam. Não se poderia exigir maior prova da verdade de nossa visão.

Nas próprias coisas, em seu funcionamento e desenvolvimento, há uma lógica que constitui um caminho já traçado, que não se pode deixar de seguir. Nenhum fenômeno ocorre ao acaso, mas sempre de acordo com uma sua lei que o guia e individualiza. Assim, o desenvolvimento de cada processo lógico tem uma lei sua, como a tem o desenvolvimento de cada processo dinâmico, ou químico, ou orgânico etc. Em cada fenômeno as causas continuam em seus efeitos até às conclusões. Nenhum momento do “tornar-se” universal se move por acaso, loucamente, mas dentro de margens que lhe disciplinam o transformismo, coordenando-o ao de todos os demais fenômenos, no seio do funcionamento do grande organismo do todo.

Então, todo o nosso esforço de pesquisa, quer na fase inspirativa, quer nesta de análise e crítica, e todo nosso pensamento como a nossa própria vida, funcionam e se desenvolvem dentro destas leis que tudo guiam e dirigem. É por esta razão que, ao mesmo tempo que estamos julgando a teoria, nós a estamos aplicando e vivendo, pois, ela é justamente a demonstração dessas leis, levada até a forma mental humana. Neste momento em que estou escrevendo, e depois, no momento em que o leitor estiver considerando estes conceitos, estamos todos aplicando estas leis e a teoria que as explica. Todos nós vivemos e funcionamos, em cada pensamento nosso ou ação, envolvidos no seio de um sistema de conceitos e de forças, verdadeiro organismo, em função do qual existimos, em função de tudo o que existe. As normas de nosso pensamento, mesmo nesta fase racional de análise e crítica, de acordo com o nosso atual plano de evolução e o grau de amadurecimento atingido, para todos nós que aqui estamos pensando, quer na posição de escritor, quer na de leitores, essas normas já estavam contidas na lei que dirige. O que fazemos, apenas, é aplicá-las, neste momento, segundo princípios que não podemos admitir tenham nascido agora para nós, nem tenhamos sido nós a criar, da mesma forma que a visão percebida pela intuição não representa em si nada de novo, senão o eterno funcionamento do todo. De novo, ela apenas representa o fato de que, neste momento, conseguimos vê-la e registrá-la.

Se pensarmos, se julgarmos, se aceitarmos ou não, tudo sempre será em virtude dessas leis. É assim a própria estrutura lógica de toda a teoria de que estamos tratando aqui, o que constitui uma necessidade racional que nos liga, nos constrange a chegar a certas conclusões, impondo-nos a aceitar ou não. O pensamento de todos não pode deixar de estar enquadrado automaticamente no pensamento universal, do qual constitui justamente um momento. Nossas liberdades de pensamento são relativas, contidas em margens assinaladas na estrada, guiando o incerto caminho de nossa

ignorância em direção à ordem da Lei, dentro da qual são permitidas apenas oscilações no relativo.

Estudando, portanto, essas leis e a teoria que as explica, ao mesmo tempo em que a discutimos, demonstramos a existência de um organismo e percebemos que fazemos parte dele, chegando a ver em que ponto estamos situados. Assim, a construção teológica e filosófica aqui exposta, não é um edifício de conceitos, criado pela mente de um pensador que projeta a sua personalidade, elevando a sistema uma forma mental particular sua; não é somente uma construção teórica, mas é o funcionamento vivo do todo, observado enquanto está funcionando, enquanto nós mesmos funcionamos dentro dele. Para compreender o assunto, tivemos de colocar-nos em dado ponto da escala evolutiva da subida, que reequilibra a descida involutiva. A própria visão não pôde dizer-nos nada, além do que podíamos compreender, de acordo com o amadurecimento de nosso espírito. A própria visão foi apenas um novo passo para aproximar-nos um pouco mais da compreensão do pensamento de Deus. Aproximação devida à conquista atual de um novo degrau de evolução por parte da humanidade, no início do Terceiro Milênio. É a teoria contida na visão que nos explica o seu significado, a razão pela qual chegou a nós neste momento e o que estamos fazendo agora.

Em outras palavras, o pensamento torna-se cada vez mais caótico, desordenado e ilógico, quanto mais involui, aprofundando-se no Anti-Sistema; e se torna cada vez mais ordenado e lógico, quanto mais evolui, subindo para o Sistema, ou seja, para Deus, o seu centro. É lógico, pois, que a evolução traga uma ordenação sempre maior do pensamento no ser que evolui. É natural que, quanto mais o pensamento se aproxima da fonte, Deus, tanto mais esse pensamento adquire suas qualidades de ordem e de logicidade. Esse conhecimento, chegando neste momento de amadurecimento evolutivo, representa a reorganização do pensamento, correspondente a esse grau de evolução. Esta nova visão do cosmos representa uma reconstrução pequena em nosso espírito, daquele conhecimento que o ser possuía outrora, antes da queda. Desse modo, com a evolução, aperfeiçoar-se-á cada vez mais o nosso modo de conceber e de raciocinar, e a humanidade, tal como já caminhou tantos passos no passado, tantos outros caminhará ainda no porvir.

É verdade que estamos situados no Anti-Sistema, no qual ruiu a ordem do pensamento perfeito. Mas o pensamento ali permaneceu latente, desorganizado, mas não destruído, e está à espera do ser reconstruído com o nosso esforço, à medida que o nosso amadurecimento evolutivo puder permiti-lo. Devemos reconhecer no todo, não faltar o conhecimento. Só a nós ele falta, faltando menos aos mais evoluídos e mais aos menos evoluídos. A ignorância é fruto da queda, que se anula com a subida, estamos, justamente, realizando esse trabalho de anulação da ignorância. Parece nos movermos ao acaso e por tentativas, devido à nossa ignorância e, relativamente a nós, é verdade. Mas na ordem de Deus já estão assinalados os planos da subida e a posição do ser, mesmo no que respeita ao conhecimento, ao longo desses planos. Em nossa agitação confusa, não podemos seguir outro caminho senão o que já foi traçado. Dessa forma, de fase em fase, a nossa mente se abre, como uma flor na primavera, ou uma criança que cresce. Estes nada sabem da Lei de Deus, e no entanto a estão vivendo e aplicando. Todos, sábios e ignorantes, obedecem, embora mais ou menos conscientemente, ao irresistível impulso determinado por Deus, e, queiramos ou não, vivemos a Sua lei. Mas, a maravilha da evolução consiste em que, quanto mais o ser se eleva e, portanto, conhece e se orienta, tanto mais compreende a bondade da Lei de Deus e a utilidade de obedecer-lhe. Então, a obediência forçada, como deve ocorrer para um inconsciente, a uma lei determinística, transforma-se em obediência livre e convicta, como deve ser para quem sabe; obediência a uma lei que vence não por constrangimento, mas por convicção. É natural que, subindo para o sistema, reapareçam todas as suas qualidades, e desapareçam as qualidades opostas, próprias do Anti-Sistema.

Concluindo: se no próprio momento em que estamos discutindo a teoria, a estamos aplicando, isto quer dizer que ela satisfaz a este primeiro controle, em contato com os fatos. Esta é sua primeira confirmação. Esta teoria indica-nos o ponto de chegada e a direção de nosso caminho, o nosso estado futuro, cujas causas, que nós mesmos estamos vivendo, estão em ação em nosso presente. As abstrações da

visão permanecem, assim, coligadas com nossa realidade cotidiana, na qual, desse modo, a teoria encontra nova confirmação. Mas a nossa análise e crítica não pode esgotar-se com tão pouco. Outras dúvidas e objeções ainda teremos de resolver. E tudo servirá para esclarecer melhor, com minúcias cada vez maiores, o conteúdo da visão.

Entretanto ela não pretende esgotar até o fundo o conhecimento, mas apenas levar-nos a um grau mais elevado do mesmo, proporcionado ao nosso grau de desenvolvimento. Indica-nos a meta final, a reconstrução do Sistema do qual decaímos, pondo-nos diante dos olhos o modelo do edifício a ser reconstruído. Dessa forma, o nosso trabalho não permanece mais abandonado às tentativas da incerteza, filha da ignorância, nem constitui uma criação deixada ao acaso ou às nossas pobres diretrizes, uma criação no novo. Ao contrário, seguimos um plano que vemos, pois se trata da fiel reconstrução do que já existia no Sistema antes da queda e com ela demoliu-se. O trabalho do homem é traçado, por isso, com lógica e enquadrado no funcionamento do todo, porque o ponto de partida indica qual é o ponto de chegada e a coincidência de ambos.

Se estas são as vantagens práticas da visão, devemos também delinear os seus limites. Sem dúvida ela abriu a nossa mente a horizontes mais vastos. Mas tudo permanece em relação com o nosso atual grau de evolução, que, se permitiu uma superação dos limites do passado, por sua vez nos coloca outros, para além dos quais, em nosso estado atual, a visão não dá resposta. Assim, não podemos saber o que poderá ter ocorrido ou o que poderá ocorrer, além da criação dos puros espíritos. Sabemos apenas não poder negar a Deus a possibilidade de transformar-se mesmo segundo outros sistemas e tipos de criação. E ainda mais difícil seria responder a quesitos mais afastados, como por exemplo: Por que Deus existe? Por que Deus é trino? Por que quis assumir três formas, e não duas ou quatro? Podemos apenas saber que é assim, porque é assim. Chegados às causas, queremos saber as causas das causas, mas temos de deter-nos num ponto em que devemos aceitar os fatos, axiomáticamente, como são, sem precedentes casuais. De tudo isso, a visão não nos diz as razões. Achemo-nos assim, também aqui, diante de limites que não podemos ultrapassar. A visão explica como foi feita a obra de Deus, mas não quais os desígnios de Deus. Neste terreno não explorável, não podemos aventurar-nos, pelo menos hoje, no grau atual de nossa evolução. Na análise e crítica da teoria, não poderemos colocar estas indagações porque, uma vez que dizem respeito a um terreno situado além do limite de nossa compreensão, a visão não dá a elas, logicamente, nenhuma resposta.

Capítulo VI

DEUS CRIADOR

Na primeira parte deste volume, expusemos a visão em síntese, tal como nos apareceu por intuição, em seu conjunto. Retomemos, agora, a observação adotando uma atitude psicológica diferente, que justamente chamamos de Análise e Crítica. Embora tenhamos de repetir, voltemos ao início, olhando agora com os olhos da razão, mais do que com os da fé, mudando os pontos de referência e nossa perspectiva, de modo que tudo se torne claro, dando resposta a todas as objeções e resolvendo todas as dificuldades. Observamos o fenômeno da criação no volume *Deus e Universo* e capítulo II deste livro. Muita coisa dissemos, mas, diante da imensidade do assunto parece-nos nada haver dito ainda. Os leitores, a quem apresentamos estas teorias, devem considerar que estamos observando a obra de Deus, quase como se Ele nos tivesse de prestar contas. Se alguns podem parecer ainda não satisfeitos, porque os frutos que têm nas mãos nem sempre são bons, a estes vamos demonstrar, agora, que Deus fez tudo otimamente e não podia fazer melhor, e, se o ser navega na imperfeição e na dor, a culpa não pode de maneira nenhuma ser atribuída a Deus. Tudo, qualquer que seja o estado atual e por mais difícil aceitá-lo, se desenvolveu em perfeita lógica, bondade e justiça.

Mas, procedamos com ordem. Aqui fala-se de Deus. É mister, pois, começar pesquisando o que entendemos pela palavra Deus. Dissemos que tudo deriva Dele, centro do Sistema, causa primeira de tudo, situado no vértice da pirâmide da hierarquia dos seres. Dissemos, também, que Deus não pode ser definido. Definir significa limitar, delinear, em relação a certos pontos de referência. Ora, o infinito não pode estar limitado e não existem pontos de referência para o absoluto que abarca tudo. Mas dissemos também que as definições, tentadas a respeito de Deus, foram obtidas elevando à potência infinita as mínimas quantidades de perfeição reconquistadas pelo homem com a evolução, ou percebidas, intuitivamente, como futura realização a ser conquistada. Poderemos, assim, atribuir a Deus algumas qualidades.

Foram surgindo à medida que fomos descobrindo o seu modo de agir, sendo lógico e evidente possuir Deus os atributos que cada um de nós, por instinto e portanto axiomáticamente, gosta de ver num chefe ou patrão. Satisfeita esta exigência, ficarão todos mais facilmente persuadidos. Parece existirem alguns axiomas fundamentais do ser, não demonstrados nem discutidos, em relação aos quais se ergue um consenso universal, axiomas que são aceitos porque neles a mente repousa satisfeita, sem mesmo saber racionalmente o porquê.

A nossa mente, para satisfazer-se, exige, pois, que Deus seja perfeito, quer dizer, possua em grau de perfeição as melhores qualidades conhecidas pelo homem na escala de seus valores. Por isso, o homem procura fazer de Deus um conceito, multiplicando ao infinito tudo o que de melhor possui e pode fazer, de seu ponto de vista situado no relativo. E neste caso o instinto não vai de encontro à lógica. Sem saber como isso ocorra, o homem sente instintivamente estar Deus no cimo de todas as coisas, e é a meta final para a qual tudo caminha. Assim, multiplicando ao infinito os pequenos graus de perfeição conquistados com a evolução, o homem procura imaginar o que possa ser a perfeição completa do Ser Supremo.

Então, tal como exige a nossa mente, Deus deve possuir todas as qualidades no grau da mais absoluta perfeição, e ser absolutamente perfeito em tudo, onipotente, onisciente, absolutamente livre, bom, justo, lógico, uno.

Colocadas em Deus estas qualidades, estas devem ser também atributos da Sua criação, pois esta saiu de Seu seio e, portanto, constituída por Sua própria substância. Isto porque não é possível dar à criação outra causa fora de Deus, que só pode ser o Todo, fora do qual nada pode existir.

Vemos, então, que a criação de Deus só pode ser uma obra perfeita. Das mãos de um Deus perfeito não pode sair uma obra imperfeita, cheia de erros, males e dores, como é a nossa atual criação. A verdadeira criação operada por Deus deve pois ter sido outra, e não a que conhecemos. Esta em que vivemos deve ter sido derivada de outra causa, sobrevinda mais tarde. Não é possível sair desta lógica. Tanto mais que, sendo Deus onipotente, não poderia haver obstáculos à consecução da perfeição; e sendo onisciente, não podia cometer erros.

De uma tal criação só podiam nascer seres absolutamente livres. Ora, se a perfeição implica na existência dos seres de forma disciplinada, de acordo com uma ordem e uma lei que estabeleça tal ordem, isto não podia de forma alguma acontecer num sistema escravagista, mas apenas no regime de absoluta liberdade.

Mas Deus deve ser, também, sumamente bom. Então, a criação não pode ser fruto de seu egoísmo, mas apenas um ato de amor pela Sua criatura. E Deus não pode deixar de continuar a amá-la sempre, procurando a sua felicidade. Ora, vemos quão longe estamos disso em nosso mundo. Então, se isto ocorre porque Ele não tem o modo de no-lo dar, Deus não é onipotente; e se Ele não no-la quer dar, Ele não é bom. E se é onipotente e bom, porque não no-la dá? Por ser bom, Deus representa o bem. Por que permite Ele, então, a existência de tanto mal em nosso mundo?

Aqui não estão de acordo causa e efeito. Ambas devem ser da mesma natureza e ter os mesmos caracteres. Se entre causa e efeito há essa discordância, isto demonstra ter sobrevivido outro fato, alterando a ação da causa pela introdução de novos impulsos estranhos. De outra forma não se pode explicar essa injustiça num Deus que deve ser absolutamente justo, esta ilogicidade num Deus que deve ser absolutamente lógico.

Deus deve ser justo, isto é, imparcial, sem favoritismos e dádivas não razoáveis e injustas, porque não merecidas. Surge, assim, a idéia de uma ordem e de uma lei que a dirija. Um Chefe, com o direito de comandar e para com o qual se tenha o dever de obediência, não podendo ser um déspota caprichoso que abuse do poder em suas mãos. Compete, em primeiro lugar, a quem personifica a lei, representar a sua perfeita atuação na ordem e na disciplina. Só quem jamais transgredir pode ter o direito de exigir a obediência. E se esta Lei representa apenas o próprio pensamento e vontade de Deus, com isto Ele obedece apenas a Si mesmo em perfeita liberdade. E se a criatura tem de reconhecer em Deus o direito de comando, isto implica, de seu lado, o dever de obediência; e se esta não for respeitada, por causa da revolta, implica a merecida reação da justiça de Deus. É assim que, só pela simples observação das qualidades que devemos atribuir à Divindade, vemos, já presentes, todos os elementos dos quais poderá, mais tarde, desenvolver-se lógica e fatalmente, o drama da queda.

Mas Deus deve ser também uno. Ou seja, não apenas ser único, possuindo tudo dentro de si, mas deve também ser unitário, e não cindido em formas contrastantes. Não pode haver em Deus aquele contraste entre qualidades opostas, pertencente ao nosso mundo, contraste, pois, que deve ter outra origem, sobrevinda mais tarde. Deus só pode ser todo positivo, afirmação. O aspecto negativo do ser não pode ter tido origem direta de Deus. Ora, se uma das qualidades fundamentais de nosso mundo é justamente o dualismo, e se este não pode de maneira nenhuma existir em Deus, nem na criação, que saiu do Seu seio, então este dualismo só pode ser o resultado de uma ruptura, posteriormente ocorrida na obra de Deus.

□ □ □

Tendo assim feito da Divindade o máximo conceito que nos é possível, seres situados no relativo, vejamos agora como Ela operou na criação. Neste Seu operar, devem reaparecer as Suas qualidades, pois Deus operou de acordo com elas, que constituíam a Sua própria natureza. Dessa forma, podemos imaginar como foi executada a criação, ou seja, aplicando-lhe as características próprias de Deus.

Eis então como, mediante simples imagens, podemos fazer uma representação mental de como ocorreu a criação.

Em ilimitada planície deserta, onde nada havia, nem uma casa, nem um fio de erva, nem ser algum, uma planície tão igual que impossível fosse ali estabelecer qualquer ponto de referência ou de distância, nesse espaço incomensurável havia um bloco imenso, sendo ele a única coisa que podia existir.

Só ele existia ali. Além dele, nada mais havia, sendo tudo o que podia existir ali. Dizemos “só”, porque vivemos em relação com outros seres, mas não estava só, pois compreendia dentro de si todos os seres. Uma parte pode permanecer isolada se lhe falta qualquer outra parte, mas não o pode quem abarca tudo dentro de si, porque dessa forma, faltam-lhe, do lado de fora, pontos de referência para poder estabelecer a própria solidão em relação a eles.

Assim sendo, ele não podia olhar para fora de si, pois fora de si nada mais havia. Olhava então para dentro de si. Sendo este bloco, uma unidade, feito não de matéria, mas de pensamento, esta sua auto-contemplação, representava a consciência que possuía de sua existência, consistindo num pensamento único, sintético, homogêneo, indiferenciado, imóvel, concentrado em si mesmo.

Mas eis que, em dado momento, nesse estado de autoconsciência imóvel, se inicia um movimento de descentralização, pelo qual esse pensamento se torna múltiplo, analítico, diferenciado, imóvel, resultante de muitos pensamentos diferentes. Esses pensamentos diversos são as criaturas nascidas da primeira criação, feitas de puros espíritos.

Isto não significa, porém, ter sido perdida a unidade do pensamento de origem. Ao contrário, a necessidade dessa unidade permanecer íntegra – sem o que teria desaparecido o supremo “eu” da Divindade – impôs também a necessidade dessa multiplicação ocorrer em sentido orgânico. Em outros termos, nesta primeira criação não podia nascer uma multidão de elementos iguais, simplesmente se somando no todo,

mas apenas um sistema, um verdadeiro organismo do qual fossem parte integrante, como hierarquia de posições e distribuição de funções, como é necessário em todo organismo ou sistema. Satisfaz a nossa mente e nos convém pensar que o processo dessa criação tenha sido regido por uma concatenação lógica, sendo esta uma das qualidades da Divindade. Eis como aparece logo, necessariamente, em virtude dessa lógica, a idéia do Sistema, ou seja, que a criação não produziu apenas uma simples multiplicidade, mas um verdadeiro organismo. Daí nasce a necessidade de admitir-se a presença de uma ordem, e portanto de uma lei que discipline os movimentos de todos os elementos constitutivos do Sistema, lei que representa a continuação da autoconsciência da Divindade que, como pensamento central, situado no topo da hierarquia, a dirige e, dessa forma, dirige todo o Sistema.

Só assim o Tudo-Uno-Deus podia, apesar de tão grande transformação, permanecer idêntico a si mesmo. Se Deus era Tudo, é lógico que a criação não podia ocorrer fora de Deus, mas só dentro Dele. Mas era necessário, também, que isso tudo não alterasse, de nenhum modo, a unidade de Deus. Podemos imaginar o estado antes da criação como um incêndio, com luz e calor, igual em todos os seus pontos; e, após a criação, como o mesmo incêndio organicamente dividido em muitas centelhas. Cada criatura é uma centelha, da mesma substância do fogo de origem, todas juntas continuando a constituir elementos de um todo que permanece, após as transformações, idêntico a si mesmo, tal como era antes.

Eis então que, ocorrida a criação, Deus se nos apresenta como uma unidade orgânica constituída por muitos elementos diferentes, mas mantidos ligados pelo estado orgânico, no qual se transformou o Todo, assim como todas as células de nosso organismo físico são mantidas ligadas por seu estado orgânico, sem o qual elas, também consideradas como seres separados, não podem viver. Daí a absoluta necessidade dessa concórdia e dessa unidade que rege o sistema, sem as quais tudo desmorona. Dessa forma, é fácil compreender o que pode ocorrer à mínima desordem. O fato de cada elemento possuir agora a sua individualidade separada, qualquer menor egocentrismo seu, à semelhança daquele egocentrismo máximo de Deus, torna possível ocorrer uma desordem tão logo falhe a obediência à disciplina imposta pela lei. Por isso há necessidade absoluta de todos os elementos permanecerem ligados, conjuntamente, no mesmo estado orgânico do Sistema, sem o que desmorona a unidade do bloco, no qual permaneceu o Tudo-Uno-Deus, tal como era antes.

Podemos imaginar o estado de origem como o de uma estátua de mármore igual em todos os seus pontos. Um dia esse mármore se transforma em uma porção de células vivas, hierarquicamente disciplinadas, governadas por uma lei à qual é desastroso desobedecer. Elas se reagrupam em tecidos e órgãos e desempenham determinadas funções, das quais depende a vida do organismo, tanto quanto as suas.

Assim ocorreu a criação e nisso consistiu. Só nesta segunda parte, de análise e de crítica, podíamos observá-la mais detalhadamente. E para nos tornarmos mais compreensíveis tivemos de nos apoiar em representações concretas. Trata-se de imagens torcidas e opacas, porém só estas pode o nosso mundo oferecer-nos.

Temos de admitir essa criação, porque representa o terceiro momento da Trindade, que sem isto permaneceria incompleta. Trindade composta, como vimos, de três pessoas ou momentos, ou seja: Espírito (a concepção), Pai (o Verbo ou ação), Filho (o ser criado)¹. Isto quer dizer que a Divindade, esgotado o processo da criação, se achou constituída no estado do Filho, ou unidade coletiva ou sistema orgânico, em que permaneciam íntegros os dois estados precedentes. Permanecia o Espírito ou concepção, porque subsistira na obra o plano geral e a lei que lhe disciplinava o

¹ O capítulo primeiro do Evangelho de São João confirma em cheio essa teoria: “No princípio era o Verbo (O Pai, o Logos criador), e o Verbo estava em Deus (o Espírito, o pensamento), e o Verbo era Deus (porque ambos eram um só). E o Verbo (Pai) se fez carne (se exteriorizou, ou seja, tornou-se Filho) e habitou entre nós cheio de graça e verdade, e vimos sua glória como no unigênito (filho, gerado) do Pai (do Verbo que o produziu)”. João, 1:1 e 14; Mateus, 12:31-32; Marcos, 3:28-29 e Lucas, 12:8-10: (N. do T.)

funcionamento. Permanecia o Pai ou a ação, porque aquela lei era também vontade de realização, não apenas norma, mas também poder de atuação. E no estado orgânico do Sistema, a multiplicidade dos elementos fundidos na ordem da Lei, constituía uma unidade coletiva, em que Deus permanecia o Tudo-Uno-Deus.

Era necessário esclarecer até o fundo, agora que podemos analisar o fenômeno, estes conceitos que representam o seu ponto de partida, porque se não os tivermos compreendido, não poderemos tampouco compreender depois o fenômeno da revolta e da queda, nem os fatores já presentes que o possibilitaram e nem o modo como o processo, dadas as suas premissas, se desenvolveu com logicidade férrea.

Capítulo VII

A REVOLTA

Inicialmente, procuramos entender quais eram os atributos de Deus, depois como operou a criação e em que consistiu. Procuremos agora compreender como ocorreu a revolta e como se deu. Começamos aqui com as dúvidas, as dificuldades, as críticas. Aqui principia a revolta contra a teoria da revolta.

Resumamos. Os conceitos desenvolvem-se presos numa concatenação estritamente lógica. Deus deve ser tudo. Se algo existir além Dele, que não esteja em função Dele e que não dependa Dele, então Deus não é mais Deus. Esse algo poderia ser Seu inimigo. E isto destruiria a Sua Onipotência. Nasceria daí um dualismo que destruiria a Sua unidade.

Se, pois, nada pode existir fora de Deus, Ele teve de criar dentro de Si mesmo. Isto significa ser a criação derivada da própria substância de Deus. Nós podemos criar coisas novas tomando uma substância fora de nós, porque somos uma parte no todo. Mas se fôssemos tudo, teríamos de retirar a substância de dentro de nós mesmos.

Não podemos admitir ser esta substância divina de natureza material, mas apenas espiritual. Ora, a não ser que admitíssemos ser Deus de natureza material, o que não poderíamos compreender e não saberíamos como o nosso universo, constituído em grande parte de matéria, possa ter sido o resultado direto desta primeira criação – a espiritual. Assim, uma parte de nosso universo, o espírito, pode representar uma derivação direta da substância divina, mas não, de certo, a outra que é matéria. Entre Deus e a matéria há um abismo. Como preenchê-lo? Dá-se aqui uma mudança de natureza, só explicável com a intervenção de um fato novo, ocorrido depois, e tão grave que chegou a mudar as características da primeira criação originária-espiritual, nas de uma segunda, que tem qualidades opostas. Espírito e matéria, com efeito, sempre foram contrapostos um ao outro como dois extremos irreconciliáveis. E eis aqui despontar novamente, como acima notamos, a necessidade lógica de um fato novo, sem o qual não poderemos jamais justificar, diante de Deus, a constituição de nosso universo, se o considerarmos um produto da primeira criação espiritual. De fato, como poderia um universo, cindido em tal dualismo, ser a emanação direta de um Deus, cuja primeira qualidade é justamente – e não pode deixar de ser – a sua oposta, ou seja, a unidade?

Eis que a lógica impõe esse fato novo. Qual teria sido ele? Não pode ter sido o acaso, excluído pela perfeição do Criador e de Sua obra. Não pode ter sido o capricho de Deus, outro absurdo inaceitável. O fato novo devia representar a continuação da concatenação lógica, sempre respeitada até agora. A teoria da revolta e da queda representa a continuação desta lógica. O problema é compreender todos os elementos que constituem o fenômeno. É o que procuraremos fazer agora, nesta segunda parte, da análise e crítica.

Começemos estabelecendo o valor desses elementos. Essa teoria da revolta e da queda torna-se, muitas vezes, inaceitável porque não se conhecem aqueles elementos e nasce uma confusão acerca do estado real das coisas. O

problema, pois, para responder a todas as objeções, consiste em explicar e esclarecer todos os pontos de vista, as causas e o desenvolvimento do fenômeno. Mas tarde voltaremos à argumentação e então responderemos mais extensamente a cada uma das dificuldades que nos foram lançadas por outros ou por nós mesmos procuradas. As objeções giram em torno dos temas da perfeição de Deus e de Sua obra, que seriam motivo bastante para que fosse impossível ao sistema desmoronar; dos temas da onisciência de Deus, mediante a qual Ele podia ter impedido a ruína a qualquer momento. Surge, então, o problema da liberdade do ser, de sua desobediência e o problema de seu conhecimento, acrescentando-se que, sendo esta criatura perfeita, porque constituída de substância divina, ela não podia errar, mesmo porque, conhecendo o futuro, devia conhecer as conseqüências do seu erro. Esta segunda parte é dedicada à solução destes problemas e de outros semelhantes.

Começemos pois observando as características do sistema, a fim de descobrir os precedentes que podiam constituir o terreno sobre o qual teria podido desenrolar-se a revolta. Da primeira criação espiritual nasceram muitos elementos distintos. Assim, no seio do sistema eles adquiriram individualização própria, de tipo egocêntrico, à semelhança do próprio modelo, Deus. Não foi criada a substância espiritual que os constituía, porque esta era a substância incriada de Deus. O que foi criado, como coisa nova, que dantes não existia, foi a distribuição diferente dessa substância, ou seja, as suas individualizações particulares, isto é, as criaturas como seres distintos. Devemos a este fato, como todos os seres criados, podermos dizer “eu”, e como tal existir.

Ora, vimos que se essa tão grande pulverização do todo podia ameaçar a sua unidade, o perigo foi vencido com o equilíbrio do processo divisionista com o processo oposto, em virtude do que a primeira criação resultou num sistema orgânico, onde todos os elementos do sistema foram imediatamente enquadrados numa ordem e disciplinados por uma lei. Deus tornou-se centro do sistema e permaneceu situado no topo da hierarquia. Esse lugar lhe cabia de pleno direito. As criaturas, que lhe deviam a vida, não podiam existir senão em função Dele, devendo-lhe perfeita obediência. Estas eram, logicamente, as bases nas quais devia apoiar-se a vida de todo o sistema, tanto quanto de cada elemento componente. Estas eram as condições indispensáveis para que a criação não se desfizesse em desordem, despedaçando-se no caos.

Então, impunham-se dois imperativos categóricos: primeiro, a presença de uma lei emanada de Deus, reguladora da ordem; segundo, absoluta obediência a essa lei por parte da criatura. Estas são as regras fundamentais indispensáveis para dirigir qualquer unidade coletiva, seja molecular ou astronômica, seja fisiológica ou social, unidade constituída em forma orgânica. Encontramo-nos logo diante da necessidade lógica de uma obediência absoluta. A necessidade da colaboração numa ordem perfeita era tanto maior, quanto o sistema era perfeito e devia funcionar na perfeição. Que desastre, pois, resultaria à mínima desobediência e desordem!

Mas seria possível uma desobediência? Começam aqui as objeções. Num sistema perfeito, composto de elementos perfeitos, não é concebível uma possibilidade de erro. O grau de perfeição que a ordem possui, devia torná-lo invulnerável, pois estava isento de qualquer defeito. Como tal, o sistema devia permanecer inviolável, acima de qualquer risco.

Mas, observemos com maior atenção. Se as criaturas, sobre as quais pesava o perigo de uma desobediência, eram perfeitas porque constituídas de substância divina, elas possuíam uma perfeição relativa. Eram perfeitas em relação à sua posição na hierarquia, e a função que deviam executar no organismo. Em si mesmas, em relação às suas posições, eram totalmente perfeitas, mas não o eram diante da perfeição de Deus, a única absoluta. Esta é a conseqüência lógica da estrutura hierárquica do sistema, o que dava lugar a uma subordinação de posições no todo, tanto como função a executar, quanto como perfeição ou como conhecimento. Com relação à sua posição e função a executar, as criaturas possuíam em grau perfeito as qualidades necessárias e o completo conhecimento. Mas não possuíam as qualidades do Ser Supremo, e diante de Deus não sabiam tudo. Daí a necessidade da aceitação de algumas partes da Lei apenas por obediência, nos pontos que seu conhecimento não atingia, como acontece com as

células dos tecidos musculares que obedecem às células nervosas, embora todas juntas obedecem ao “eu” central do ser.

Era nessa relatividade da perfeição como do conhecimento, – consequência direta da estrutura hierárquica do sistema – que se aninhava a possibilidade de erro. As criaturas podiam errar todas as vezes que, fora do campo que lhes fora preestabelecido, se aventurassem nesse espaço desconhecido; todas as vezes que houvessem procurado ultrapassar os limites impostos pela obediência à ordem da Lei; todas as vezes que elas tivessem querido exagerar o próprio egocentrismo, indo além dos limites de suas funções e de seu conhecimento relativo.

Dada a estrutura orgânica do sistema, não podia ser concedido a cada elemento componente o conhecimento absoluto, que só podia caber a Deus. O mesmo ocorre em nosso organismo, no qual cada célula sabe e executa o seu trabalho e não pode entrar no campo de trabalho e de conhecimento das outras células, de outra natureza, adaptadas a funções diferentes. Cada uma, em perfeita obediência, permanece no seu posto diante do “eu” central, que dirige todo o organismo. Em cada sistema orgânico há necessidade absoluta de todos trabalharem de comum acordo. Todos os elementos sabiam disso, conheciam o dever e a utilidade imediata da obediência. Mas sabiam também que acima de cada um, acima de si, na hierarquia, havia alguém que sabia mais, até chegar a Deus que sabia tudo. E o egocentrismo em que se baseava a sua individualidade, é, por natureza sua, expansionista e depois centralizador. Cada um teria podido permanecer no posto a si designado, em sua perfeição e conhecimento relativos, limitados, mas completos em relação à posição ocupada e ao trabalho a executar. As posições mais altas eram mais ricas de poder, mas também de deveres, e todas igualmente dignas e honrosas. Só assim, todos coordenados, pode existir um belo edifício, onde os menores tiram proveito do poder e sabedoria dos maiores.

A hierarquia não constituía uma injustiça. Representava apenas uma distribuição de funções e de trabalho. Com relação à própria posição todos eram igualmente perfeitos, sábios e poderosos. Obedecendo a essa ordem, todos aproveitavam essa distribuição de trabalho, ajudando-se reciprocamente. Tudo podia assim funcionar com perfeição, se fossem respeitadas as regras estabelecidas. Podemos constatar quanto sejam verdadeiros estes princípios, porque ecoam em nosso mundo, onde tudo caminharia na perfeição se fossem aplicados. Mas a verdade é haver necessidade absoluta de respeitar a ordem estabelecida, pois ela é indispensável ao funcionamento de qualquer coletividade organizada. Por isso, havia uma lei do Sistema e como primeira condição, o dever de obedecer-lhe com perfeita disciplina.

Mas, se de um lado, existiam elementos que impeliam à manutenção da ordem, de outro lado havia elementos que impeliam em direção contrária. Se havia de um lado, para o ser, uma zona de conhecimento completo com relação à própria posição na hierarquia e à função a executar, além dessa zona, havia para cada um, também uma zona que em relação a eles era de ignorância, onde a criatura não podia penetrar, por incompetência, falta de conhecimento e aí era possível o erro. A obediência do ser fazia parte da disciplina compreendida no Sistema de ordem, na qual estava construído todo o organismo do Tudo-Uno-Deus. O ser possuía a sua zona de domínio próprio. Estava assinalado o limite além do qual não podia passar. Além dele estava a zona tabu, proibida, que, por obediência, devia ser respeitada. Isso tudo não constituía uma imposição caprichosa ou irracional do Chefe, mas era uma consequência lógica e necessária da estrutura do Sistema; não era uma prisão ou escravidão do ser, pois este permaneceu tão livre, até lhe ser possível desobedecer: era apenas uma medida de defesa para sua própria vantagem.

Entretanto, permanecia sempre diante dos olhos das criaturas essa zona inexplorada, na qual, em verdade, não se deveria entrar, mas que, de fato, escapava ao seu domínio não se sabendo o seu conteúdo. Podia representar uma zona de domínio ainda maior e uma vantagem a conquistar. Esse impulso de autocrescimento, que impelia a explorar o desconhecido para ampliar o próprio domínio, derivava da própria natureza do ser, criado à imagem e semelhança de Deus, como individuação egocêntrica, e portanto tendente ao expansionismo. E era esse o impulso fundamental do ser.

Entre esses impulsos contrários, a criatura estava perfeitamente livre apenas cabendo-lhe a escolha. Tendo-a criado de sua própria substância, Deus lhe havia transmitido as mesmas qualidades que lhe eram próprias, e em primeiro lugar a liberdade. Essa também foi uma condição lógica e necessária na construção do Sistema. Baseava-se esta na ordem e na disciplina, mas numa disciplina espontânea de seres livres e convictos, e não naquela escravidão forçada ou inconsciente de autômatos. Sendo livre a criatura, a obediência devia ser o resultado de uma escolha livre, que concluísse numa adesão espontânea à ordem da Lei, expressão da vontade de Deus. Sendo livre o ser, ele devia obedecer espontaneamente, mas podia também não obedecer. Ninguém o podia impedir. Permanecia tudo em poder da livre aceitação da criatura.

Tratava-se de uma verdadeira prova de verificação, de modo a só poderem vir a participar definitivamente do Sistema os seres que a tivessem superado. Os elementos que não tivessem sabido superar o exame, deveriam aprender a lição de forma mais dura e forçada, para atingir o estado perfeito em que tinham sido criados e em que teriam podido permanecer, se tivessem obedecido. Tratava-se como de um segundo curso, mais lento e cansativo, para os mais duros e rebeldes, a fim de os trazer ao porto de salvação. Condições necessárias, dados os elementos em jogo, como vimos. Doutra forma, como teria podido a bondade de Deus obrigar todos a salvar-se, sem violar a liberdade individual? Este segundo curso ou queda, não foi portanto, um erro, por defeito, mas uma possibilidade prevista, deixando à liberdade da criatura o pleno direito de escolha. Esse respeito à liberdade da criatura, Deus a tem, porque a vê em Sua própria natureza, e foi elevada a um grau tão alto, que Deus respeita essa liberdade até mesmo no rebelde que quisesse permanecer para sempre rebelde. Só por último destruindo-lhe a individualidade com a perda da substância que a constitui. Somente voltando a substância a Deus, é possível a eliminação definitiva do eterno rebelde, sem violar o princípio de liberdade.



Estamos no momento decisivo. Vimos os impulsos que estavam em ação. O ser estava no meio, a fim de realizar sua livre escolha. Qual das duas forças contrárias teria vencido, tomando a supremacia? O conflito está no seu auge e o ser envolve-se num turbilhão.

Os seres foram criados do tipo “eu sou”, menores mas do mesmo modelo de Deus. No centro de cada um domina o egocentrismo. No espírito de disciplina, na consciência da Lei, na obediência a Deus, o ser devia achar a força para resistir ao impulso expansionista do próprio eu. Na livre aceitação do limite, o ser devia achar o freio que o mantivesse em seu lugar. Ele devia reconhecer, espontaneamente, que era menor diante do Chefe, colocar-se na sua posição devida à escala hierárquica, subordinando-se como menor ao maior, pois isto é indispensável a uma coletividade orgânica. Eles conheciam esse seu dever, viam que a disciplina era necessária para o bom funcionamento do todo, conheciam a lei que ordenava obediência e sabiam que essa Lei exprimia o pensamento e a vontade de Deus.

Mas havia mais. Os seres sabiam que esse mesmo “eu” que ansiava expandir-se, como existência individual autônoma, fora um dom de Deus. Esse dom, de existir como “eu” distinto independente, fora-lhes dado gratuitamente por Deus, por um ato de Amor. Antes da criação existiam como substância, mas desta ainda não havia nascido a sua individualidade, que agora os constituía, tornando-as criaturas existentes como tais. Para gerá-los, Deus os havia tirado de um estado em que eles, como indivíduos, não existiam, constituindo-os com a própria substância. Para poder fazer isto, fora necessário subdividir-se em tantos “eu” menores, por ato de Amor; a Divindade quisera como que despedaçar-se em tantos infinitos fragmentos, aos quais, por um ato de altruísmo, comunicava a sua existência, o próprio existir. Amor infinito. Nascidos do Amor e do sacrifício, primeiros elementos da criação, e por isso também primeiros elementos da redenção (Cristo), o qual reconstrói o que estava destruído, esses infinitos seres em que a

Divindade se havia pulverizado, tinham o dever sagrado de obedecer, como dívida de gratidão.

Mas, se num primeiro momento, o Tudo-Uno-Deus se havia como que dividido em tantos elementos, num segundo tempo, para não se dispersar, os havia retomado em unidade, reconstituindo-se em forma orgânica, na ordem de um Sistema do qual aqueles elementos constituíam o que, em nosso organismo, são as células. Feito isto, era necessário que eles se mantivessem aderentes à ordem estabelecida, em perfeita obediência à Lei. Da criação nascera u'a máquina perfeita. Mas tudo precisava ficar em seu lugar.

Tudo isso pode justificar a agravar a culpabilidade, mas não suprime a possibilidade da desordem, não eliminava os impulsos que constituíam as tentações, instigando-os ao abuso. Sem dúvida, além do limite imposto pela lei, havia um conhecimento e um poder maior. A criatura não os possuía. Por que não conquistar, também, tudo isso? Não eram livres os seres? Por que não experimentar? O eu, de acordo com sua natureza, fazia pressão internamente, na direção expansionista. Eis a tentação, o impulso que devia traí-los: uma exageração do eu. Isto foi chamado de orgulho. Era a natureza do seu "eu" que os havia de trair.

Mas os seres não sabiam o que havia além do limite. Aqui residia o perigo. E era justamente esse desconhecido que mais os tentava. Ele estava além de seu conhecimento. Podia ser também uma grande conquista, e por que perdê-la? É verdade ter Deus, com Sua Lei, traçado o caminho da obediência. Mas Deus teria podido fazê-lo para impedir-lhes esta conquista, reservando-o só para Si. O homem continua hoje também a fazer raciocínios semelhantes, e ninguém se pergunta de qual modelo tenha nascido essa sua forma mental. Assim, não sabendo os seres o que havia além daquele limite, fizeram uma suposição que não foi verdadeira. Foram punidos pela desilusão e pela ruína que se lhes seguiu. Dessa forma, colocaram-se fora da ordem, fora do Sistema, do qual se acharam automaticamente expulsos. A ruína não foi o Sistema, pois como obra perfeita de Deus, este não podia arruinar-se, mas foram eles que se precipitaram no Anti-Sistema, no qual tudo se emborcou. Assim caíram os elementos rebeldes, mas não a obra de Deus, que permaneceu inviolável. Não será este o significado profundo, oculto na simbólica narração da Bíblia, de Adão e Eva tentados pela serpente, que já era anjo rebelde e decaído, a fim de comerem o fruto proibido, e depois expulsos por sua desobediência do paraíso terrestre?

Os seres rebeldes enganaram-se quanto ao resultado de sua revolta, mas sabiam que era uma revolta contra a ordem. Seu erro e culpa foi de querer substituir a ordem, chefiada por Deus, por outra ordem chefiada ao invés, pela criatura. O movimento assume exatamente a forma de inversão. Explica-se dessa maneira o emborcamento de todos os valores que ocorreu no Anti-Sistema. Trata-se, portanto, de erro culposo, cometido, abusando da liberdade concedida por Deus. A reação que se seguiu, não foi apenas o último elo de uma concatenação lógica, de um exato desenvolvimento de forças, como efeito proporcionado à causa, mas também um fato merecido, segundo a justiça de Deus.

A culpa dos seres desobedientes foi querer possuir uma utilidade ainda maior do que derivava do manter-se disciplinados na ordem. Por isso, foram lançados fora. Como vemos, tratou-se de verdadeira expulsão do paraíso. O Anti-Sistema foi o produto de uma expulsão do Sistema, e por isso continuará desenvolvendo-se até agora a concatenação lógica, acompanhando o processo da queda e do reerguer-se, até ao fim, até à recuperação de tudo, restituído ao estado de perfeição originária.

Pela Divindade onisciente e providente, o Sistema era munido de impulsos inibitórios ou freios contra o erro. Mas tudo isso, para não atentar contra a liberdade do ser, foi deixado em seu poder, à sua livre escolha; conforme o resultado, alcançado em perfeita liberdade, ficaria decidido, como após um exame, quem poderia ou não continuar pertencendo ao Sistema. Também isso era lógico. Era necessário ter aceito livremente uma ordem, à qual ninguém poderia obedecer à força. Com a sua obediência o ser devia dar provas de que aderira plenamente, de que quisera empenhar-se na manutenção da ordem. Doutra forma o sistema teria sido um amontoado de escravos, com a revolta ocultada em seu íntimo. A aceitação, demonstrada com a obediência, era a

resposta lógica e necessária por parte do ser, expressando também o pensamento deste, resposta que Deus tinha o direito de exigir de um ser livre de aceitar ou não aceitar.

Ora, a resposta não foi igual para todos os seres. Uma parte ficou do lado da ordem, no Sistema, e outra parte lançou-se à desordem e, com isto, para fora do Sistema, rompendo as filas da disciplina. Esta parte, acreditando conquistar sabedoria e poderes, ao ultrapassar os limites da Lei, acabou achando-se perdida fora da Lei. Os primeiros escolheram o impulso centrípeto, unitário, dirigindo-se para Deus; os segundos escolheram o impulso contrário, centrífugo, tendo como centro o seu egocentrismo, para expansão deste contra Deus. Então partiu-se em dois o Sistema: em Sistema e Anti-Sistema, dando origem ao dualismo. Mas veremos agora que, ao invés de dizer: o Sistema se dividiu – implicando a idéia de um estrago – é mais exato dizer: o Sistema permaneceu perfeitamente íntegro como era, de estrutura inviolável; enquanto o Anti-Sistema foi produto da expansão feita dos seus elementos rebeldes.

Uma vez iniciado este movimento, de afastamento, a desintegração da parte corrompida, expulsa do Sistema, continuou rápida e automaticamente, à maneira de uma desintegração atômica ou em cadeia. E tudo, como vimos, precipitou-se do estado de puro pensamento no estado de energia e, finalmente, no de matéria. Nas galáxias, na qual da energia nasce a matéria, está o mais profundo inferno do ser, tendo atingido o máximo da descida involutiva, e daí começa o estafante caminho da subida para Deus.



Com estes esclarecimentos, não terminaram as dúvidas e objeções. Oferecendo uma visão mais pormenorizada, respondemos a muitas delas. Para responder a outras continuemos a observar.

Objetam: mas Deus, sendo onipotente, não podia impedir a queda e, com isso, todas as dolorosas conseqüências resultantes? Em geral, fazemos da onipotência uma idéia de arbítrio, de capricho que pode tudo, mesmo contra a lógica e a ordem da Lei. Nós mesmos, quando invocamos a liberdade, procuramos “obedecer” à lei escrita em nossos instintos. A onipotência de Deus não pode ir contra a lógica e a ordem da Sua Lei, porque se fosse contra ela, iria contra Si mesmo. Então a nós, filhos da revolta, pode parecer que Deus não seja onipotente.

Deus não podia impedir a queda sem violar o princípio da liberdade. Tinha construído um Sistema de ordem, em que cada impulso tinha uma função. A perfeição não pode ser senão determinística. Sendo perfeito o Sistema criado por Deus, ele se nos apresenta com as características de fatalidade. Num sistema perfeito, não se admitem oscilações de incerteza que derivam do livre arbítrio e da possibilidade de escolha. Chegamos, assim, a um conceito de Deus que se avizinha da abstração a que está chegando a ciência moderna: ou seja, um Deus inteligência e pensamento, um Deus Lei, que dirige, de dentro, todos os fenômenos. Então, para não contradizer a Si mesmo, o próprio Deus não podia sair da fatalidade, da concatenação lógica, representada pelo desenvolvimento das forças depositadas no Sistema, nem podia romper os liames que fatalmente prendem e fazem o efeito proporcional à causa.

Cada elemento ocupava no Sistema o seu devido lugar quanto a conhecimento e poder. A onisciência e a onipotência só podiam pertencer ao Chefe, elemento máximo e centro do Sistema. Cada ser havia recebido todo o necessário, de acordo com a sua posição e função. Além do mais, se não quisermos cair no absurdo, temos de admitir Deus como justo. Ora, não se pode negar o fato concreto, por todos conhecido, da presença do mal e da dor em nosso mundo e o fato do quanto custa emergir deles com a evolução. Se Deus é justo, tudo isso deve ser merecido. Termos sido criados, sem permissão nossa, para sermos condenados a achar a felicidade através de um caminho tão duro, sem termos merecido essa condenação, não é obra de justiça que possa ser atribuída a Deus.

Com a criação, estabeleceu-se um pacto, como um contrato de consentimento bilateral, entre a criatura e Deus. A esta Deus dera uma

existência individual própria. Antes da criação, aquela criatura não era criatura, mas apenas uma substância não individuada como criatura. A lógica do organismo nascido pela criação impunha a criatura se coordenar no seio daquele organismo, com todos os elementos componentes, sem o que o Sistema não podia existir nem o organismo funcionar. Era indispensável cada um permanecer no lugar do seu dever. Como Deus aí executava a sua função suprema de direção, assim deviam estar todos os elementos componentes do Sistema, em suas posições subordinadas. Era lógico e fatal, diante de tudo isso, que a parte que rompera o pacto fosse expulsa do Sistema, pelo fato de numa ordem perfeita, não poder subsistir a mínima desordem.

Isto ocorreu de parte da criatura e o remédio foi possível, isolando a parte doente da parte sã, para esta não adoecer e tudo arruinar. Permaneceu de pé a parte sã, intacta; e a isto se deve que a parte enferma poderá curar-se, reentrando, após a cura, no Sistema. Mas imagine-se o que ocorreria se a desordem, ao invés, tivesse partido de Deus. Dir-se-á ser isto impossível. E no entanto é o que se pretende, quando se diz que Deus não deveria ter permitido a queda. Ora, na ordem da Lei, dados os princípios nos quais se baseava, isso teria sido uma revolução e uma tirania. Então Deus mesmo teria forçado o Sistema a uma revolução não periférica, centrífuga (revolta do povo), mas centrípeta (abuso do tirano) – uma revolução ainda pior do que a realizada pelas criaturas. Isto porque, partindo de Deus, teria feito desmoronar-se não apenas uma parte do Sistema, que se teria podido expelir dele, mas teria feito desmoronar todo o Sistema. Enquanto no primeiro caso tudo é remediável através de Deus e pelo Sistema, permanecendo íntegros, no segundo caso a queda teria sido irremediável, porque, tendo a rebelião atingido o vértice, teria arrasado o próprio Deus e tudo teria desmoronado irremediavelmente com Ele, sem outra possibilidade de recuperação.

Aí está, pois, o que ocorreu na revolta e na queda. Dessa forma, indiretamente respondemos a muitas dificuldades que apareciam contra a teoria da queda. Então, as posições hierárquicas se emborcaram, e quem estava mais no alto caiu mais em baixo, ou seja, quem estava mais próximo de Deus foi projetado mais longe até o maior de todos os rebeldes, que devia estar mais próximo de Deus e se tornou o chefe do Anti-Sistema. Este último, porquanto entre os maiores, era sempre menor que Deus, e necessariamente maior deve ter ficado também na queda. Isto significa existir entre os dois chefes, Deus – do Sistema, e Lúcifer – do Anti-Sistema, uma diferença de grau em tudo, significando ser o bem mais forte do que o mal, e, na luta entre os dois, a vitória final só pode ser do primeiro.

Assim, o Sistema permaneceu de pé, representando a possibilidade de recuperação e o ponto de apoio da redenção, que de outra forma seria uma palavra sem explicação e um esforço sem meta. E o Sistema ficou em pé, como o mais forte, como era indispensável para poder reabsorver, em seu seio, o Anti-Sistema. Um desmoronamento absoluto, ao invés de desmoronamento parcial, não teria oferecido nenhuma possibilidade de recuperação.

Pudermos ver, desta maneira, neste capítulo – vencendo todas as objeções que pudemos encontrar a respeito deste assunto – que Deus fez tudo otimamente e não teria podido fazer melhor. Quanto mais observamos, mais devemos convencer-nos de ser perfeita a obra de Deus.

Nesta verificação, executada nesta segunda parte de análise e de crítica, ao invés de conseguirmos demolir a teoria da queda, fomos achando dela sempre novas confirmações.

Capítulo VIII

SISTEMA E ANTI-SISTEMA

Nos últimos capítulos procuramos em primeiro lugar conhecer os atributos de Deus; depois, compreender como operou e como consistiu a criação. A seguir examinamos as condições que tornaram possível a revolta, e como tenha

ela ocorrido de fato, para afinal ver como tudo isso se tenha desenrolado de acordo com a lógica perfeita do sistema. Vimos assim que Deus agiu segundo os seus atributos, que a criatura respondeu conforme a sua liberdade e que o Sistema funcionou com as suas qualidades e forças; e observamos como a ação se desenvolveu de forma lógica e coordenada até a revolta e a queda.

Reexaminemos, agora, esta última parte do fenômeno, a fim de compreender melhor como se verificou, aprofundando cada vez mais a análise e a crítica. Em que consistiu a queda? O que ocorreu exatamente, no Sistema, no momento da revolta? Antes de tudo, a palavra “queda” não exprime um conceito exato do fenômeno e talvez tivesse sido melhor não havê-la aceitado das religiões. Nós a usamos nas primeiras fases das nossas pesquisas, quando nos aproximávamos do conceito, achando-nos em fase de amadurecimento, não tendo sido então ainda possível precisar tudo com exatidão. E para não criar palavras novas, aceitamos as já em uso. Mas, tendo vindo a amadurecer até aqui, verificamos ser a forma mental que as religiões revelam, neste campo, não mais suficiente, pois a argumentação assumiu características de uma teologia científica, confrontada com a psicologia racional positiva, própria da ciência.

Começamos, então, a precisar não se tratar de queda no sentido espacial, mas, como já explicamos, de uma queda de dimensões, de um desmoronamento de valores. Entretanto, isto ainda não é totalmente exato, porque nos torna a levar ao conceito de queda, embora se trate de uma queda no sentido espiritual e moral. Se houve um desmoronamento nesse sentido, foi o efeito de um processo de afastamento do centro. Eis o que realmente ocorreu. A revolta inverteu, pelo menos para os elementos rebeldes, a direção dos impulsos que os moviam no Sistema. Começaram, então, a funcionar não mais na direção centrípeta, com a cabeça voltada para Deus, centro do Sistema, mas se inverteram movimentando-se na direção centrífuga, para afastar-se do centro, Deus. Assim, ao impulso centralizador que regia compactamente o Sistema em torno do único egocentrismo de Deus, substituiu-se um impulso descentralizador para a periferia, constituído por uma miríade de egocentrismos separados. Em vista da direção tomada pelos elementos rebeldes, automaticamente, como efeito da causa movida por sua livre vontade, o movimento para a periferia acabou determinando a sua exclusão da esfera do Sistema. Os elementos rebeldes achando-se desta forma expulsos por si mesmos do Sistema, em posição de excluídos, constituíram em seu redor, mas do lado de fora, um agrupamento próprio, que foi o Anti-Sistema.

Foi como a expulsão de um pus venenoso, mas isso salvou o Sistema. Também isso fora previsto pela sabedoria de Deus. A revolta foi imediatamente isolada e lançada fora, daí resultando a impossibilidade de contaminar os elementos que permaneceram sadios. Foi importantíssimo esse fato de salvaguardar a integridade do Sistema, pois da permanência desta parte sã dependia agora todo o trabalho de dirigir a salvação dos loucos excluídos, que sozinhos só podiam perder-se. Por aí se vê com quanta sabedoria foi tudo previsto.

Então que configuração assumiu o Todo depois desse processo de separação? O Sistema permaneceu intacto, um organismo perfeito tal como era antes, ou seja, uma esfera em redor do seu centro, Deus. O Anti-Sistema, ao projetar-se fora do Sistema, permaneceu de fora, na periferia daquela esfera, como uma emanação da mesma, uma segunda esfera em redor da primeira. Assim, a esfera da desordem permaneceu por fora da esfera da ordem. Podemos, desse modo, formar uma imagem espacial do estado do Todo, após sua queda, imagem que, em outro plano, exprime bastante bem as suas condições de existência. Temos, então, duas esferas, tendo ambas o mesmo centro, Deus, em redor do qual tudo gravita, tanto o Sistema, como também o Anti-Sistema, não obstante este procure afastar-se. Isto significa Deus continuar como Chefe a dirigir tudo, não só a ordem do Sistema, como também a desordem do Anti-Sistema. Por isso, há salvação para este; doutra forma, seria impossível. E assim, o período involutivo da descida pode inverter-se no período evolutivo da ascensão; ora, entre as ruínas do desmoronamento, pode subsistir um impulso de reconstrução e de progresso; o caminho da evolução encontra a sua meta em Deus e é possível estabelecer o seu telefinalismo. A maravilha do atual estado da criação, é a desordem ter sido imediatamente contida, pela previdente sabedoria de Deus, dentro dos limites devidos e enquadrada em outra ordem

maior, que circunscreve, dirige e saneia a desordem. Por aí se vê quanto são infundadas as objeções que acusam Deus de falta de conhecimento, por não haver previsto e evitado o desmoronamento. Ao contrário, vemos aqui como este, permitido pelas razões já vistas, voltou a ser retomado e reorganizado sob a invencível direção de Deus.

Temos, então, ao centro, uma esfera de substância, de sinal positivo, e, na periferia desta, uma outra esfera de substância, que, a partir da revolta, se inverteu num sinal negativo. Já explicamos as características do Sistema e do Anti-Sistema, e dissemos que positivo significa felicidade, ordem, inteligência, bem, amor etc., e negativo exprime os valores opostos. Dessa forma, podemos imaginar a primeira esfera feita de luz, paz e harmonia; e a segunda feita de trevas, de dissídios, de ódios. A primeira representa o paraíso, a segunda o inferno. Enquanto nesta as qualidades paradisíacas crescem com a aproximação do centro – Deus –, na outra esfera aumentam as qualidades infernais pela aproximação com a periferia, ou seja, pelo afastamento do centro – Deus.

Considerando esta atual estrutura do Todo, verificamos que se chama queda a representação do percurso que vai da superfície da primeira esfera à periferia da segunda. A inversão dos valores se torna cada vez mais profunda, à proporção que se percorre esse trajeto, caminho de descida ou involução. É nesse percurso que todos os elementos, saídos da esfera do sistema de sinal positivo adquirem de forma plena o sinal negativo. É esse o processo do desmoronamento. Chegados à periferia do Anti-Sistema, o desmoronamento está completo, a ordem do Sistema naufragou totalmente no caos do Anti-Sistema. Neste ponto os efeitos da revolta estão terminados e esgotou-se o impulso centrífugo do emborcamento. Anulou-se, então, o impulso e não funciona mais. Nesse momento pode tornar a fazer-se sentir o impulso de atração centrípeta, emanado de Deus, que continua sempre no centro de tudo. Começa assim o processo de reabsorção de todos os valores negativos, saneando-os até se tornarem positivos por meio da evolução. Assim se realiza o que se chama redenção. Dessa maneira, volta tudo ao estado de perfeição originária e desaparece o tumor do Anti-Sistema.

No Capítulo IV dissemos que o fenômeno da queda compreende um circuito completo de ida e volta, denominado “ciclo”. Divide-se este ciclo em dois períodos: involução e evolução. Cada período se divide em três fases: espírito, energia e matéria, nesta ordem, no período da descida e, na ordem inversa, no da subida. Ora, de acordo com esta nova concepção esférica do fenômeno, o ponto de partida da queda – ou projeção fora do Sistema – é o espírito, e nem podia deixar de sê-lo. No primeiro momento de sua expulsão do Sistema, a criatura ainda conserva as suas qualidades, ainda de espírito. Mas, quanto mais dele se afasta, tanto mais se acentua a transformação em direção involutiva, e a substância assume outra forma: a energia. Continuando ainda, nasce dela a matéria. Por isso, o fenômeno astronômico da formação da matéria surgindo da energia, na formação das galáxias, pertence à última fase do processo involutivo, se concluído se inicia o caminho inverso, não mais involutivo mas evolutivo e isto ocorre na periferia do Anti-Sistema. Na matéria, temos o ponto mais afastado de Deus, o ponto mais periférico do Todo, constituído pelas duas esferas concêntricas. Assim se explica a instintiva e nítida contraposição em nosso mundo, como de dois opostos inconciliáveis: espírito e matéria.

A concepção esférica dá-nos a imagem, também, de outro fato. Em sua fuga da esfera central do sistema, os elementos rebeldes que vão constituir a esfera maior, externa, do Anti-Sistema, vão encontrar-se disseminados num espaço cada vez maior. Há realmente um processo de afastamento entre os elementos, ao aumentar a inimizade e a luta. Ao invés de se estreitarem, compactos, em torno de Deus, como no Sistema, numa unidade orgânica, cada um deles pretende tornar-se, o centro, que para fazer-se obedecer emprega a força, causando dano. Efetivamente, tudo tende a afastar-se da unidade, a quebrar-se, a pulverizar o egocentrismo central e a unidade do Sistema, numa infinita multiplicidade de egocentrismos, repelindo-se para formar um caos, invés de atrair-se para formar um organismo. Assim como no Sistema domina a subordinação, aqui domina a insubordinação.

Mas, em dado ponto o movimento se inverte e a expansão gangrenosa é pouco a pouco sancada; e à proporção que é saneada, o Sistema vai absorvendo-a, de tal forma a abarcar em seu seio, de volta, todos os seus elementos

componentes, tal como no estado de criação original. Tudo o que se achava no estado de matéria, cisão, inferno, volta ao estado de espírito, harmonia, paraíso. No fim de todo o processo, desaparece o Anti-Sistema. Os egocentrismos que se repeliam tornam a fundir-se para colaborar organicamente e recompõe-se a unidade do Todo. Como involução havia significado expulsão, evolução significa reabsorção: os dois movimentos compensados, inversos e complementares, se equilibram. Dessa forma, a energia é prisão do espírito, como a matéria é energia condensada. Se o primeiro movimento vai na direção do aprisionamento, o segundo segue a direção da libertação. Por isso a matéria deve ser reabsorvida pela energia e esta pelo espírito. No fim, tudo termina em Deus, ponto de partida. Deus é sempre o centro de tudo. E tudo se reduz a um movimento que, partindo de Deus, volta a Deus. O ponto “alfa” coincide com o ponto “omega”.



O Anti-Sistema é essencialmente centrífugo, periférico, anti-central, negativo. Primeiramente foi expelido, depois é atraído novamente e reabsorvido no Sistema. A iniciativa compete apenas ao Sistema, partindo de seu centro, Deus. Ao Anti-Sistema compete apenas obedecer a essa iniciativa. Assim à obediência livre de origem se substituiu esta outra obediência forçada, pela qual o ser é constrangido a enfrentar a fadiga da evolução.

O Anti-Sistema é apenas um Sistema às avessas, onde as criaturas decaídas procuram reconstruir, arremedando o Sistema. Mas, pela posição que assumiram, só podem construir de forma inversa, isto é, destruir. Anti-Sistema quer dizer Não-Sistema, negação do Sistema; quer dizer a potência desagregadora do caos, a lógica do absurdo; uma esfera cujo centro de atração é a periferia, onde atinge o máximo da plenitude, feita de cisão e destruição; quer dizer um organismo desorganizado que, para recuperar a sua existência, precisa ser rebocado em sentido contrário ao organismo que permaneceu íntegro. Para salvar-se e reconquistar a vida, o Anti-Sistema precisa negar-se a si mesmo, corrigir à própria custa o mal que fez e deve tornar a subir com o próprio esforço o caminho por onde quis descer.

Como Deus está situado no centro do Sistema, assim Satanás está situado na periferia do Anti-Sistema. Como Deus representa o vértice da espiritualidade, assim Satanás representa o fundo do abismo da matéria. Deus é uno, Satanás está dividido na infinita multiplicidade dos elementos atômicos da matéria. O Anti-Sistema é um pseudo-Sistema, que só pode possuir pseudo-valores. A força do mal é uma pseudo-força, que se baseia toda em nossa fraqueza, resultante da posição de involuídos. As forças do mal não têm poder algum sobre o evoluído espiritualizado; o poder é qualidade do espírito e se conquista subindo, mediante a evolução para o Sistema.

Satanás é a antítese da centralidade de Deus e, representa a máxima excentricidade, está no limite extremo da periferia, no estado de máxima dispersão da centralidade. No Anti-Sistema triunfam os egocentrismos, egoisticamente separados em infinitas individualidades inimigas; no Sistema triunfa o egocentrismo orgânico unitário, onde os egocentrismos menores se fundem, ao invés de se eliminarem.

A tentativa dos rebeldes de substituir-se a Deus faliu completamente, ao ponto de, se quiserem salvar-se, precisarem ser ajudados pelas forças do Sistema, contra o qual se haviam rebelado. Querendo emborcar o sistema, só conseguiram emborcar-se a si mesmos. De sua obra nasceu apenas o mundo do mal e da matéria, mundo do engano e da ilusão. Tudo corresponde a uma logicidade tremenda e fatal. Um Anti-Sistema constituído por excluídos do Sistema, só podia ser um pseudo-organismo, onde tudo é contrafação, tudo é tão absolutamente negativo que tende sempre à destruição, ao invés de tender à construção, até chegar à própria autodestruição.

Assim, as construções executadas pelas forças do mal são pseudo-construções; as obras com as quais quereria imitar os modelos do Sistema, são abortos; suas unificações, que desejariam reproduzir o modelo do Tudo-Uno-Deus, são pseudo-unificações, que não conseguem manter-se em pé senão pela prepotente imposição da força de um chefe. Vimos que, no Sistema, os seres estavam vinculados

apenas por uma disciplina espontânea de indivíduos livres e convictos, e não por uma disciplina forçada, pesando com força sobre escravos. No Anti-Sistema, a unidade que se procura atingir baseia-se no princípio oposto. Podemos ter uma idéia disso, observando o método usado pelo homem para constituí-la. E é lógico assim ocorrer, pois grande parte de nosso mundo, a ainda não emersa pela evolução, pertence ao Anti-Sistema.

Em nosso mundo, as unificações não são feitas por livre convicção, mas pela força, material ou moral. Os impérios são forjados com a guerra. A disciplina interna das nações é imposta pela polícia ou pelo exército. Não é o povo que escolhe, elegendo um chefe (os sistemas eletivos não o são em absoluto), mas é o chefe que, por ser o mais poderoso, conseguiu vencer todos os outros pretendentes, fazendo-se livremente escolher pelo povo, em grande parte sugestionado e inconsciente. O governo não serve o país, mas em muitos casos se serve do país para manter-se no poder. Eis aparecer, plenamente, no exercício do poder o egocentrismo separatista do Anti-Sistema. Na prática, não se tem concebido o poder como função social, em benefício da coletividade, como deveria ocorrer de acordo com os princípios do Sistema; ao contrário, tem sido concebido antes de tudo como utilidade própria, pessoal, no sentido separatista e não colaboracionista. Assim, seguindo os princípios do Anti-Sistema, o homem tende, em todas as funções sociais, a fazer prevalecer o próprio interesse egoísta sobre o do próximo. As religiões tendem ao sectarismo, a formar o próprio grupo para coordenar os que estiverem de fora. Na Terra, tudo toma a forma de “partido”. Domina a psicologia do Anti-Sistema, pela qual só lutando, excluindo e dominando se atinge a unidade. Como no Anti-Sistema, existe na Terra o motivo da unificação, mas às avessas. Encontramos, então, uma unificação, para agredir, para dividir, e não para unir. É um irmanar-se, para fazer guerra; um abraçar-se, para lutar contra os outros. Com o proselitismo, procura construir-se uma unidade cada vez mais forte, para que, quanto mais forte, tanto mais inimigos podem ser destruídos e tanto mais indivíduos podem ser dominados. Quanto mais bela e grande for esta unidade, mais prosélitos tiver feito, mais gente se conquistou, mais inimigos foram vencidos, tanto mais se consegue dominar sobre todos e tudo. Esse é o método de construção às avessas, do Anti-Sistema.

E o resultado é da mesma natureza. Uma unificação que se baseia no constrangimento e no esmagamento, permanece sempre ameaçada pela revolta de outros egoísmos, que tentam conquistar a primazia, usando o mesmo método e seguindo os mesmos princípios. O fato de permanecermos ainda no terreno do Anti-Sistema, implica em estar pronto a voltar a cada momento, o motivo da revolta, do egoísmo separatista, próprios da criatura decaída ainda não regenerada. Assim se explica como, não obstante tantas tentativas de unificação e tanta força e astúcia para mantê-las de pé, elas se encontram sempre prontas a cair, porque nas organizações desse tipo, a revolta está sempre latente, e deve ser contida constantemente por uma força maior. Logo que esta cesse, tudo desmorona. Por isso, diz o Evangelho que “quem usa da espada, perecerá pela espada”, e que a violência só pode ser vencida pela não-resistência. A violência atrai violência. Tão logo surge na Terra uma unidade nascida desses princípios, contra ela nasce outra unidade inimiga. Este fato só se explica com estas considerações, explicando também como todas as construções humanas se desmoronam, sendo superadas por outras. Caem assim impérios, as revoluções substituem uma ordem social por outra, ruindo um após outro, todos os governos; os partidos são feitos e refeitos, e os próprios homens se colocam em um e outro, numa contínua reorganização. Tudo se baseia na força, seja de armas, seja econômica, seja de número, mas na força. E todos se apegam a esta, porque é a única defesa no Anti-Sistema, sabem que, se falharem, estão perdidos.

Quem está assim, imerso no Anti-Sistema, não compreende que o verdadeiro inimigo não é o outro grupo ou partido ou quem dele faça parte, mas é o método tão invertido, com que se pretende construir; não percebe que assim só podem fazer-se construções fictícias e temporárias, sempre prontas a desmoronar. A tendência lógica e sadia, inerente à evolução, é a de reconstruir a unidade do Sistema, agora desmoronada, qual existia na origem. O erro consiste em querer atingi-la com a força e o espírito de domínio próprios do Anti-Sistema. Se o Evangelho aconselha o método oposto, há de haver uma razão profunda, exatamente a que estamos explicando. Não há dúvida de, nos planos inferiores, só poder ser usados os métodos do Anti-Sistema que aí

domina. Mas, é também certo de não poder esperar-se, desses métodos, nenhum fruto melhor, do que os contínuos desastres que ocorrem nas coisas humanas. Sendo corrompido pelo separatismo, tudo o que provém do Anti-Sistema só pode produzir destruição. Isso tudo constitui o verdadeiro perigo e o inimigo, a ser vencido e dominado. Só quando nos libertarmos dele poderemos chegar a construir. Replicam: mas se eu não me defender, e se para isso não me filiar a um desses grupos, usando tais métodos, serei subjugado pelo mais poderoso. E assim, arrastados pelo mesmo egoísmo, permanecemos todos mergulhados no pântano. O triste fruto por nós colhido, sabemos agora de que planta nasce; sabemos ser os males que sobre nós pesam, a consequência lógica de nossas premissas; sendo justificados e bem merecidos. Só há um caminho de saída: conseguir o homem superar, com seu esforço, o seu atual grau de evolução, isto é, sofrer tanto as duras consequências de seu atual sistema de vida, até aprender a lição e se pôr em outro rumo, agindo com mais inteligência. O útil não consiste em vencer um inimigo, pois logo surgem outros, num inferno permanente e sim em vencer o sistema da força, fugindo do Anti-Sistema.

A psicologia corrente do homem atual só pode ser compreendida se considerarmos o Anti-Sistema. As objeções mesmas que estamos resolvendo, explicam-se como seu produto. O homem acha-se ainda imerso nele, até o pescoço. O resto pertence mais aos ideais, considerados utopia pelos homens práticos, à vida vivida; pertence às intuições antecipadas das realizações futuras. Entre estas se encontra o Evangelho. Os dois extremos do ser, Sistema e Anti-Sistema, continuam frente a frente mesmo em nosso mundo. Mas o segundo é forte, dono de seu terreno – a matéria – ao passo que o primeiro é ainda uma luz fraca que desce do céu, e que só os mártires e santos transformam em vida. Os dois sistemas se opõem, cada um com suas características. Em baixo, no nível humano, perdeu-se o sentido orgânico do Sistema. Neste, cada um existe em função do todo; no Anti-Sistema todos existem em função do vencedor mais forte. O princípio da revolta obrigou, como consequência lógica, a hierarquia do Sistema a inverter-se na anarquia do Anti-Sistema. O homem que está situado ao longo da estrada, acha-se no meio do choque entre os dois impulsos opostos: a matéria quer sufocar o espírito e o espírito quer libertar-se da matéria. Esses dois elementos são verdadeiramente opostos e inimigos, dois extremos irreconciliáveis. Não podem coexistir em absoluto plenamente. Vida de um significa a morte do outro. E o homem deve realizar em si mesmo, através da evolução, o esforço de transformar a matéria, para levá-la novamente ao espírito. Dessa forma, o próprio trabalho que agora estamos realizando nestes livros, enquadra-se na concepção cósmica que vamos aos poucos neles explicando, enquanto procura ajudar esse processo de espiritualização. Uma coisa nos conforta: ver o que está acontecendo é uma novidade, ou seja, no mundo, hoje, se torna cada vez maior o número dos que conseguem perceber fazer parte de uma humanidade nada civilizada, antes, substancialmente feroz e bem primitiva. Deste fato, a humanidade dos séculos precedentes se apercebia muito menos, tal como o animal e o selvagem não percebem ser. Perceber significa começar a afastar-se, notando uma diferença antes não notada; significa chegar a compreender, como concebível, o que antes escapava irremediavelmente no inconcebível. Isto significa estar o homem começando a pressentir uma vida sua diferente, a sua vida mais evoluída de amanhã.

Dessa forma, o conhecimento libertará o homem, pois o que sabe, conhece a lei e não é mais constrangido à obediência pelo castigo das sanções de dor, efeito do erro. O que sabe, obedece por adesão espontânea, porque compreendeu toda a vantagem individual da obediência, a utilidade própria em não violar a Lei. A verdadeira liberdade, a que conduz à felicidade, consiste em conformar-se com a Lei, e não em colocar-se como prisioneiro dos baixos instintos, fazendo-nos recair no inferno do Anti-Sistema.

Capítulo IX

OBJEÇÕES E ESCLARECIMENTOS

Nos três capítulos precedentes desta segunda parte de análise e crítica, repetimos a visão já descrita, num quadro cada vez mais completo e evidente nos termos da lógica humana, com a finalidade de controlar racionalmente o que a inspiração já produziu. Agora, depois da visão de conjunto já ter passado toda diante de nossos olhos e termos idéias mais claras a seu respeito, podemos passar a responder às várias objeções que nos fizeram e nós mesmos levantamos. Não só pedimos aos outros que no-las fizessem, como de propósito as procuramos, pois as dificuldades eram de grande utilidade a fim de verificarmos se algo nos havia escapado, ou não tivesse sido bem focalizado, ou se alguns pontos não estavam bem esclarecidos, para explicá-los melhor, até à evidência, e assim confirmar, mais uma vez, a convicção da verdade de tudo quanto foi exposto. Esse novo trabalho será útil também para completar ainda mais o quadro geral da visão, para sobre ela realizar um controle cada vez mais exato, confrontando-a com as suas conseqüências, que vemos reaparecer na estrutura de nosso mundo; servirá para encontrar novos pontos de vista e para ver o nosso tema sob novos aspectos; servirá para entrar em pormenores esquecidos; para iluminar ângulos que haviam passado despercebidos; servirá, enfim, para continuar a levar a bom termo o trabalho de análise e crítica, que estamos realizando.

As dificuldades nascem, em geral, do fato de não se conhecer bem o argumento ou de se querer, por força, fechá-lo dentro de premissas dogmáticas de uma religião ou filosofia, ou dentro de conceitos limitados, fruto de um passado em que o homem não podia penetrar nos problemas, como hoje permitem os novos princípios sobre os quais se baseiam a ciência e todo o pensamento moderno. Para compreender profundamente este quadro do universo é mister possuir a cultura que o homem hoje já atingiu e a maturidade espiritual das gerações do ano 2.000. Só então estes livros serão compreendidos. Neste século estamos em fase de debate, e não de compreensão. Somente agora, vinte anos depois de ser escrita, é que se começa a compreender *A Grande Síntese*; mas ainda será necessário para se compreender o volume *Deus e Universo*, e o presente livro, *O Sistema*, que completa e confirma o segundo. A nós basta confiar estas obras à imprensa, a fim de poderem resistir à destruição humana e superar a barreira do tempo. O resto pertence a Deus. Ele, de Quem aqui tanto se fala, sabe porque nasceram estes livros e o uso que deles fará.

Uma acusação que parece grave, foi feita às teorias aqui apresentadas, com o seguinte dilema, que parece sem saída. Eis o dilema:

“É um fato inquestionável a existência do mal, da dor etc. Ou seja, existe no seio da obra de Deus uma força contrária, Sua inimiga. Se tão grande mal derivou de Deus, seu é o defeito e, portanto, não é perfeito, é injusto e culpado de tantos males. E se não derivou de Deus, mas teve uma origem própria, um Deus que não previu o dano do próprio Sistema não é onisciente, e um Deus incapaz de livrar-se do mal não é onipotente”.

A objeção feita sob forma de dilema, aprisionando o pensamento entre duas paredes sem meio de escapar. Mas o pensamento só ficará preso ali se, ou, até quando as paredes forem fortes e reais. No caso deste dilema elas parecem fortes, mas caem logo que se compreenda a realidade das coisas. E, derrubados os pontos de apoio, o dilema perde todo o valor.

A objeção procura demolir a divindade em seus primeiros atributos: a perfeição, a onisciência e a onipotência. Partindo do fato positivo de o mal e a dor existirem em nosso mundo, procura-se jogar a culpa de tudo isso sobre a Divindade, que poderia ter feito melhor as coisas. E o “melhor” para o homem que julga é apenas o seu egoístico bem-estar. Este foi lesado, e então, aplicando ainda hoje o princípio do

egocentrismo revoltado e os métodos de divisionismo do Anti-Sistema onde caiu, o homem vai imediatamente lançar a culpa dos outros, em todos, mas nunca em si mesmo, sem pensar que Deus deve ser também justo. Embora sendo uma criatura situada no relativo, o homem pretende julgar Deus e o absoluto.

O primeiro ponto do dilema ataca a perfeição de Deus. É certo não ter o nosso mundo as qualidades do Sistema, mas as do Anti-Sistema. Isto é claro. Ora, se o próprio fato é uma prova da queda, porque é absolutamente inadmissível que uma obra tão imperfeita como é o Anti-Sistema, possa ter saído diretamente do seio da perfeição de Deus. Ao invés, tudo se explica logicamente se admitirmos que o Anti-Sistema não deriva diretamente de Deus, que criou apenas o Sistema perfeito, continuando perfeito. Ele mesmo. O Sistema só mais tarde se corrompeu por obra da criatura livre, fato do qual nasceu, como só podia nascer, a obra imperfeita. É lógico, não agradar ao homem essa teoria, pois implica na sua culpabilidade e no dever de aceitar-lhe as conseqüências. E aceitar com obediência é justamente a qualidade mais deficiente do ser rebelde, e continua ainda a fazer falta em nosso mundo, conseqüência direta da revolta e da queda. Não há portanto contradição entre a perfeição de Deus e a imperfeição de nosso universo. E nem se pode falar de injustiça em Deus. O estado atual é precisamente o efeito de Sua justiça. Quem compreendeu, como está acima escrito, o desenvolvimento de todo o fenômeno, vê de imediato quanto sejam ingênuas e inaceitáveis essas objeções.

Então, a primeira parte do dilema está errada. Vejamos a acusação contra a onisciência de Deus. Afirmar que Deus não havia previsto a ruína, significa nada haver compreendido do que ocorreu. Com efeito, uma criatura constituída pela própria essência divina não podia deixar de ser livre. Ora, liberdade implica na possibilidade também de uma desobediência, liberdade de qualquer coisa, ou então não é liberdade. Ora, o fato de tudo ter sido previsto, mesmo uma possibilidade de revolta, e as conseqüências que vemos serem automaticamente tomadas para o processo de saneamento, é uma prova em favor, e não contra, a onisciência de Deus. Quem compreendeu o exposto, viu que o sistema tinha sido provido de todas as qualidades que lhe pudessem depois permitir a recuperação da saúde perdida, como de fato está ocorrendo com a evolução, que leva todas as coisas ao estado íntegro da origem.

Errada então está também a outra parte do dilema. Vejamos a última parte, atacando a onipotência de Deus. Não poderemos afirmar não ser Deus capaz de libertar-se do mal, efeito da queda. Ele está se libertando do mal porque o Anti-Sistema está em processo de cura, tudo voltando fatal e automaticamente ao estado de Sistema perfeito. O erro do dilema consiste em acreditar ter as forças do Anti-Sistema o mesmo poder que as forças do Sistema. Não é assim. Ao contrário, Deus permaneceu senhor de tudo, do Sistema e do Anti-Sistema, da mesma forma que o nosso “eu” é senhor de todas as células, tecidos e órgãos de seu corpo, não só da parte sadia, mas também da parte doente. É à parte sadia que a natureza se encarrega de trabalhar para levar a saúde à parte doente. Lembremo-nos que Deus é o centro único de tudo, tanto do Sistema como do Anti-Sistema. Segue-se daí continuar este último a depender e ser dirigido pelo mesmo centro único que, através do Sistema, penetra totalmente o Anti-Sistema, onde Deus transcendente reaparece em Sua forma de imanente. Acontece, então, não podermos atribuir às forças do mal um poder próprio absoluto, uma existência autônoma independente, mas apenas um poder e uma existência em função das forças do bem, as mais fortes, forças de Deus que regem o Sistema e o Anti-Sistema; portanto, também o mal lhes deve obedecer. As potências rebeldes da desordem estão, pois, subordinados às obedientes da ordem e, como tais, não podem deixar de dar sua contribuição, embora em forma invertida, no negativo, como resistência, como banca de exame e experiência, para a vitória do bem. Satanás, é mister compreendê-lo, só é inimigo de Deus aparente e superficialmente. Em sua substância, em profundidade, é o escravo de Deus. O próprio Satanás dá assim, embora numa forma especial, como também deu Judas, a sua contribuição para a realização da redenção. Todas as vezes que as forças do bem se encontram com as forças do mal, nos achamos diante de um choque tremendo entre as potências cósmicas do Sistema e do Anti-Sistema, que lutam para vencer sempre as primeiras, que regem e dirigem e são a alma do progresso.

Como se vê, a solução das dificuldades nos conduz por

fim, a esclarecimentos relativos ao estado real das coisas, sem conhecimento por quem faz a objeção, por não possuir uma orientação somente conseguida através de uma visão completa de todo o fenômeno. E, infelizmente, a humanidade de hoje ainda não possui essa visão completa, nem nas religiões, nem na filosofia, nem na ciência.



Outro dilema foi colocado em oposição à teoria da queda:
“Ou Deus criou os espíritos já sábios e, então, eles não podiam cair; ou criou-os ignorantes e não podiam ser considerados culpados portanto, não podiam ser punidos”.

Também este dilema é derrubado, por não possuir pontos de apoio, pois os seus pontos de referência são outros, e resultam de um estado diferente. A resposta a esta objeção permitir-nos-á focalizar melhor o problema do conhecimento. O fato é não ter as coisas se passado como afirma o dilema. Deus não criara os espíritos nem totalmente sábios, nem completamente ignorantes, mas, como acima explicamos, a cada espírito fora dado um conhecimento proporcional à sua posição na hierarquia, de acordo com a necessidade em executar sua função. Façamos uma comparação com o corpo humano, como unidade coletiva. Os espíritos do sistema se acham diante de Deus, em conhecimento, tal como a inteligência e o conhecimento que dirigem o funcionamento dos elementos do corpo humano se acham diante da inteligência e do conhecimento do eu central, que dirige o funcionamento de todo o nosso organismo. Cada elemento tem seu devido lugar na hierarquia, constituída por natureza e funções diversas, mas todas coordenadas e necessárias, numa estrutura orgânica. Isto desde o átomo até à combinação de átomos e moléculas, destas às células, destas até aos tecidos, até aos órgãos, e destes até ao organismo todo. Não importa ser o elemento consciente ou não de seu trabalho. O fato dele o executar demonstra, de qualquer modo, que o conhece. Para cada elemento, tudo está proporcionado à sua posição. O conhecimento, nos elementos do Sistema, está subordinado ao conhecimento do elemento superior, segundo a escala hierárquica, até o limite superior, Deus, o único verdadeiramente onisciente. Então, o conhecimento tem um sentido muito diferente do que o dilema afirma. A posição dos espíritos a este respeito não era absoluto, como se imagina.

Tratava-se de um conhecimento que precisava completar-se com o conhecimento dos outros elementos, os quais, em conjunto, se completavam na onisciência do eu central. Havia, portanto, uma hierarquia no conhecimento, como havia uma hierarquia nas funções regidas por esse conhecimento. Pode-se compreender, desta maneira, como deve ter ocorrido a queda e o desastre que ela produziu, quando as células do organismo, ao invés de continuarem a viver disciplinadamente, em função da ordem geral, quiseram tornar-se independentes dela, e se puseram a funcionar anarquicamente, como ocorre com as células do câncer numa sociedade de células disciplinadas, num organismo sadio.

O desastre da revolta foi devido a uma exagerada super-estimação do próprio eu, por parte dos espíritos rebeldes que quiseram, dessa maneira, sair da ordem da lei como lhes fora designada. E ainda agora, o homem tende a recair, a cada momento, nesse mesmo erro, desobedecendo a Lei de Deus, mais fiel, neste caso, aos princípios do Anti-Sistema no qual caiu, do que aos do Sistema do qual proveio. E assim voltam sempre a soberba e o egoísmo, como efeito e eco daquela primeira vontade de querer tornar o seu próprio pequeno “eu”, o centro de tudo. Esse erro foi previsto pela onisciência de Deus, como se prova pelo fato de o Sistema já ter sido antes provido dos meios automáticos necessários à recuperação e ao restabelecimento. Todavia, esse erro não fora previsto pelo conhecimento menor, próprio dos elementos componentes, os quais, justamente porque menores, ou seja, menores também no conhecimento, não possuíam a onisciência própria do centro, Deus. Daí a possibilidade da queda. Mas é fácil imaginar o que acontece – como no caso do câncer ou em qualquer organismo composto de elementos que tenham funcionamento coordenado – quando as células ao invés de

aceitar a disciplina imposta pela lei de todo o organismo, pretendem assumir, cada uma delas, funções de direção. Um elemento componente se perde ao sair do funcionamento orgânico de um corpo, como um todo. Por isso, tanto no Anti-Sistema como no câncer, tudo desmorona na dor, no mal e na morte. Acontece isto porque os seres menores, construídos para viver em função de outros, e todos em função do todo orgânico, ao colocarem-se na posição de primeiros, em lugar de últimos, e ao assumirem funções de direção que não conhecem, emborcam o Sistema, que assim aparece invertido, ao negativo, com as qualidades opostas. Acontece o que fatalmente aconteceria se um soldado se fizesse general ou um simples cidadão, chefe de Estado.



Já que estas objeções perdem o sentido, após os esclarecimentos prestados acima, continuemos a focalizar cada vez com maior exatidão outros pormenores da teoria da queda. Estudamos o problema da perfeição, onisciência e onipotência de Deus, depois o do conhecimento da criatura. Observemos, agora, qual a sua posição em relação à liberdade.

Para resolver estes problemas é necessário lembrar-se de que o Sistema não era constituído por Deus de um lado e uma multidão de seres do outro, todos iguais, dependentes de Seu comando caprichoso. Num Sistema perfeito não pode haver arbítrio. O Sistema era constituído de forma totalmente diversa. Os seres estavam hierarquicamente coordenados um em função do outro, constituindo, assim, todos em conjunto, uma unidade orgânica, da qual o próprio Deus fazia parte, pois Ele era constituído por aquela unidade da qual todos os seres faziam parte. Por isso, tudo existia num estado de fusão, o Criador nas criaturas e as criaturas no Criador. Podemos ter uma idéia disso ao observar o corpo humano, que temos motivos para presumir seja uma reprodução, embora mínima, daquele modelo. Os espíritos representavam, em relação a Deus, o que são as inteligências das células, dos tecidos, dos órgãos etc., em nosso organismo, em relação ao eu central que o rege, todo na sua unidade. Existe, assim, uma hierarquia de inteligências e de funções, subordinadas ao centro, que domina e unifica tudo, e constituindo com ele um só ser, uma unidade orgânica, num todo coletivo.

Num Sistema assim, um conceito de liberdade-capricho, feita de arbítrio que possa mover-se loucamente, não pode existir. Tal como as células em nosso corpo também no sistema, cada criatura era livre, mas dentro das margens de disciplina que rege o todo. Livre, mas sempre em função do todo. Essa disciplina representa a primeira condição da vida de qualquer elemento que faça parte de um organismo. Só nesse sentido pode entender-se a liberdade dentro do Sistema. Como no organismo humano, havia aí uma lei superior que regulava tudo e ai de quem dela se afastasse.

O Anti-Sistema representa precisamente o afastamento dessa lei. Se nosso ser físico-espiritual em estado de saúde pode dar-nos uma idéia do Sistema, nosso ser em estado de doença nos dará uma idéia do Anti-Sistema. O Sistema decai no Anti-Sistema tal como um corpo sadio quando adoece. Mas não é por isso que o doente se torna outro homem, nem seu corpo passa a depender de outro centro, ou de outro eu. Ele continua sendo o mesmo ser de antes, mas apenas, ao invés de estar são, se acha num estado diferente, chamado patológico. O seu “eu” central permanece o mesmo, com as mesmas funções de direção suprema, como Deus permaneceu também, em seu aspecto imanente, em nosso universo desmoronado, ou Anti-Sistema. Em ambos os casos o eu central permanece dentro do organismo e quando adoece aí permanece, justamente para curá-lo, como faz qualquer organismo que luta para curar-se de sua doença. O estado de perfeição (Sistema) representa um estado de saúde, enquanto o estado de imperfeição (Anti-Sistema) representa um estado de doença.

Dessa forma, a criatura só podia existir com funções bem definidas em relação ao funcionamento geral. Pode, para o homem, não ser facilmente compreensível este conceito de liberdade determinística, pelo fato de, estando ele situado

no Anti-Sistema, ser levado a conceber tudo às avessas, e portanto a compreender a liberdade como um direito à revolta e ao abuso, como um arbítrio do “eu” que sobrepõe à Lei. Para o ser perfeito, a liberdade só pode ser uma: a de existir de acordo com a ordem dessa perfeição, porque sem esta ordem não pode existir perfeição. A cisão entre livre-arbítrio e determinismo é um produto de nosso estado dualístico de decaídos da unidade. Só no Anti-Sistema podem reinar a imperfeição, a ignorância, a incerteza. E por isso, só aqui pode existir o livre-arbítrio, pois a escolha só é possível onde ainda não se conhece o caminho melhor, o qual só pode ser um, o único perfeito.

Em última análise, no Sistema, como no Anti-Sistema, sendo tudo regido por Deus, a Sua perfeição exige tudo ser determinístico. Ao desmoronar na matéria, o ser perde a consciência e todas as demais faculdades diretivas. A Lei o substitui completamente em tudo e ele fica totalmente sujeito ao determinismo escravo a que também está sujeita a matéria. Evolvendo, o ser desperta sua consciência, significando reencontrar a Lei, compreendê-la e perceber cada vez mais o prejuízo e o absurdo de revoltar-se contra ela. Isto também significa começar a colaborar, reentrando assim, pouco a pouco na ordem, o que quer dizer assumir cada vez mais funções diretivas de operário da Lei e de instrumento de Deus.

Então, com a experiência da queda, acontece que, quanto mais se evolui, tanto mais a liberdade se torna liberdade de obedecer à Lei e sempre menos vontade de desobedecer-lhe. De modo que, a liberdade suprema das criaturas, no sistema perfeito, nós só a podemos entender com liberdade de obedecer a Deus, espontaneamente, por livre adesão, vivendo perfeitamente harmonizados em Sua ordem.

Capítulo X

A VISÃO DIANTE DA FILOSOFIA

Suspendamos, por um momento o nosso trabalho de análise e crítica da teoria da queda, a fim de observar alguns pontos de vista diferentes, oferecidos por certas posições de pensamento humano, colocando a nossa visão diante da filosofia. Estudaremos, depois, essa visão em relação ao pensamento de Cristo e de alguns profetas, para ver se – e como – eles concordam com ela.

O pensamento humano pode considerar o universo de três modos diferentes:

1º) Como desordenado, ou seja, constituído de elementos separados que se ignoram mutuamente, desconexados e incoerentes, que não constituem uma unidade, nem funcionem nela organicamente. Essa é a concepção do involuído, e exprime o seu tipo, desconhecedor das profundas realidades da vida, instintivamente separatista, isolado de tudo, na concha de seu egoísmo.

2º) Como ordenado. Os fenômenos são concebidos como ligados por leis naturais que os regulam, vendo-se então no universo princípios diretivos e, portanto, em ordem. O universo é pois concebido como uma rede de relações, na qual cada elemento está concatenado aos outros em seu funcionamento. Os fenômenos são coligados por derivação causal, unindo-os a um transformismo lógico, que completa a causa no efeito. Essa concepção corresponde a um estado mais evoluído do indivíduo, exprimindo o seu tipo biológico, alcançado pela observação e raciocínio.

3ª) Como unitário. O universo é concebido como redutível a uma causa única, central, absoluta, realidade fundamental, causa de tudo. Aparece, assim, o conceito de uma realidade espiritual interior que dirige a forma exterior, constituindo apenas a sua expressão ou manifestação. Não se trata só de um ordem, mas da centralidade dessa ordem. Revela-se, então, o conceito da organicidade do universo, o conceito da coligação de todos os elementos componentes numa mesma funcionalidade orgânica. O universo é concebido, neste caso, como uma unidade coletiva, onde todas as individuações ocupam cada uma a devida posição, executando funções adequadas, todas

coordenadas por uma lei, constituída pelo pensamento e pela vontade de Deus, que a dirige com um poder central, como senhor de tudo. O universo aparece, então, como um Sistema. Essa concepção corresponde a um estado ainda mais evoluído do indivíduo, exprimindo o seu tipo, que chegou, por intuição, à visão de Deus e do Seu Sistema. Aqui não é só o conceito da ordem que se compreende, como no caso precedente, mas é o conceito da centralidade dessa ordem, pela qual tudo existe em função da causa primeira, sempre central de tudo, Deus. Esta é a concepção do evoluído maduro, cujo olhar espiritualizado chegou a ver além das aparências da forma. É um estado de vidência cósmica, atingido pelo espírito maduro, ao qual se revela a íntima e recôndita realidade das coisas em toda a sua magnificência.

Este terceiro aspecto mostra-nos um universo que, embora atualmente ainda desorganizado em parte, se está reorganizando; que, embora em alguns pontos e momentos ainda hoje é caótico, vive um processo de reordenação (evolução). No campo humano, esse trabalho é executado pelo homem, pelo espírito do homem, como centelha divina saída do primeiro motor, do único motor, podendo ser a única encarregada de dar vida, movimento e desenvolvimento à matéria, por si mesma inerte e incapaz de tudo.

Deste estado do universo, Platão, seguido mais tarde por Santo Agostinho, viu a centralidade e a sua unicidade, da qual tudo deriva. Assim, o universo foi concebido como um foco central único, não criado, absoluto, do qual tudo derivou e deriva, constituindo o relativo, lançado no mundo dos efeitos pela causa primeira, absoluta.

Aristóteles viu, ao invés, o movimento dessa irradiação, o desenvolvimento dos percursos causa-efeito, como uma infinidade de linhas paralelas, esquecendo a centralidade e a unicidade, a convergência e irradiação comuns a todas as linhas daquele desenvolvimento.

Assim, o mesmo fenômeno aparece sob diversos aspectos e diferentes pontos de vista. O primeiro é dado pela visão do intuitivo, sintético. O segundo pela visão do racional, analítico. Com olhos diferentes, formas mentais diversas, perceberam aspectos diversos da mesma realidade.

O cristianismo assimilou o primeiro método com Santo Agostinho e o segundo com São Tomás de Aquino (escolástica). Dessa forma, o mesmo pensamento fundamental foi-se desenvolvendo, em forma de luzes parciais, por lampejos de intuição, iluminando de acordo com perspectivas diferentes o mesmo fenômeno do universo. Os elementos que constituem a visão completa do Sistema já haviam aparecido nas filosofias e religiões, mas isolados, em visões parciais, e não fundidos todos num só organismo. Platão já vira a necessidade de um primeiro motor imóvel, causa originária do vir-a-ser fenomênico universal, causa sem precedentes causais, início determinante da concatenação que mantém o transformismo, na linha de seu telefinalismo. Já fora vista a contraposição entre o relativo e o absoluto, entre o contingente e o eterno. Partindo de nosso mundo já se chegara a conceber o outro, de qualidades opostas.

Apareceu então o Maniqueísmo (de Manes, terceiro século depois de Cristo), a conceber o universo como o teatro de uma luta entre duas potências opostas. Também esse dualismo é verdadeiro. Mas não é toda a verdade. Para compreendê-la era mister explicar como esse dualismo nasceu da unidade e como volta a ela.

Dessa forma, foram percebidos aspectos separados e parciais da verdade, insuficientes por si sós a esgotá-la; aspectos que, ao invés de constituir escolas filosóficas separadas e em luta, deveriam ser coordenados e fundidos num só sistema orgânico. Descobriu-se, assim, em Deus a “causa em si”, o que equivale a “primeiro motor”, ou seja, a causa primeira, início de todo o nosso universo relativo, uma causa que não é, tal como ocorre em nosso mundo, ao mesmo tempo, efeito de outra precedente. A causa absoluta independe do conceito de início, próprio da Terra, mas conceito que não pode existir no infinito. Em seguida, compreendeu-se o vir-a-ser das coisas, e então apareceu o conceito de um Deus em processo de realização, um Deus em elaboração. Mas, para explicar isso, é preciso compreender, primeiramente, como e porque Deus se está elaborando, o que deve Ele realizar nesse processo, qual é o ponto de partida

e o ponto de chegada do fenômeno da evolução.

Assim, outros viram no universo uma tendência à emersão dos valores superiores. Mas isto não pode compreender-se se não forem explicadas as razões profundas. Esta emersão é o fruto da evolução. Esses valores superiores são o Deus Imanente, que permanece no universo desmoronado e, com a evolução, cada vez mais se vai revelando. Observando o nosso mundo, vemos existir uma luta entre as suas baixezas e suas grandezas, também existindo aí uma tendência à vitória das últimas; há um impulso ascensional, uma vontade de superação contínua, uma potência “melhorística”. Esse é o “melhorismo” de W. James, segundo o qual o universo, na luta entre os elementos divinos e as forças adversas, é regido por uma tendência automática ao melhor. Observações exatas, mas concepções parciais, insuficientes para dar-nos uma visão completa e cabal do quadro do universo. Visões parciais, de alguns momentos apenas de todo o fenômeno. É evidente o fato de a obra divina estar se realizando com esforço no mundo. E indispensável se compreenda, porém a razão pela qual isso assim acontece, as origens, as causas do processo e as suas metas finais.

Kant, quando dirige o olhar para Deus e procura uma prova de sua existência, escolhe uma prova moral, a noção do “dever”. Sendo fundamental na ética, ela só pode provir de um Ser superior, que dirige segundo uma lei, de acordo com a qual Ele julga, recompensando ou condenando.

Bergson acha que não se pode chegar a compreender a existência de Deus senão através da experiência dos místicos, fenômeno este que não se poderia explicar de outra forma se efetivamente não existisse o objeto de seu amor. Trata-se, porém, de uma experiência, embora autêntica, pessoal, não-demonstrável racionalmente e, portanto, não logicamente necessária para todos os seres racionais; uma experiência não determinante para todos e que, para alguns, pode não ter nenhum valor.

O Panteísmo concebe o universo como uma manifestação da Divindade que nele se exprime sob mil aspectos, ficando de pé o princípio interno dirigente de todo o existir que, por sua vez, não é senão efeito dessa causa primeira. Assim, Spinoza admite uma única realidade, a Substância-Deus, incriada, causa de si e a causa de tudo. A Sua liberdade é determinística, ou seja, é obediência à própria lei, antes livremente desejada. O ser é um elemento desta substância única e eterna, expressão transitória em sua forma. A finalidade do existir é o absorver-se nessa Substância, desindividualizando nela a própria individualização separada.

No panteísmo de Hegel, Deus é a idéia que se tornou totalmente consciente de Si, correspondendo ao nosso conceito de ser, a evolução é reconquista de consciência. Deste processo da re-ascensão, Hegel tirou o conceito de um Deus em evolução.

As citações poderiam continuar. Mas o nosso objetivo não é passar em revista os vários sistemas filosóficos, mas apenas trazer alguns exemplos para esclarecer o nosso pensamento. O que se disse acima é verdadeiro, mas apenas representa alguns trechos da verdade e só pode ser compreendido como parte de uma visão maior, que não encontramos nos filósofos. Para ser completa, a filosofia deveria ser, também, teologia e ciência.



Surge aqui, espontaneamente, uma pergunta: por que motivo, ao invés de uma visão única, a filosofia nos oferece tantos sistemas diferentes? Na prática ocorre o seguinte: no estudo da filosofia não é ensinado um sistema que apresente explicação cabal dos fatos e que dê uma orientação de como dirigir nossas ações; ao contrário, é ensinado o desenvolvimento do pensamento filosófico através de numerosos sistemas diferentes. Por isso, quando se chega ao fim, aprendeu-se, apenas, a história da filosofia, a arte dialética, a mecânica da lógica, mas, entre tantos sistemas, invade-nos o ceticismo diante de todos, porque nenhum resolve tudo, nenhum deles esgota o problema do conhecimento. O resultado final é um estado de ignorância diante dos fins últimos da vida e um estado de desorientação nas ações. Chega-se, assim, ao pólo oposto ao que se

devia chegar e a filosofia falha completamente no seu objetivo, que deveria se explicar para orientar.

Não devemos admirar-nos. Tudo isso é explicável. Os vários sistemas filosóficos foram dados pela forma mental dos diversos filósofos, elevando a sistema uma premissa axiomática, indiscutível para todos os homens, que é o próprio tipo ou temperamento. Qualquer destilação lógica, por mais requintada, ressentem-se dessas premissas, pelas quais é influenciada continuamente. Cada um exprime a única visão que pode ver, a que pode conseguir com os seus próprios olhos, de acordo com a estrutura destes. Então, para compreender a realidade do fenômeno filosófico, devemos ver, nos diversos sistemas filosóficos não antagonismos que se excluem, destruindo-se uns aos outros, mas visões relativas que, ao apoiarem-se umas nas outras, se completam e, com isso, se confirmam.

Não devemos, pois, escandalizar-nos com essa pluralidade de sistemas. Quando compreendemos que a filosofia se move no relativo, não podemos considerar tudo isso como defeito. Um relativo em movimento não pode produzir outra coisa diferente. E é justamente esse fato que nos faz compreender a nossa verdadeira posição de seres situados no relativo, capazes apenas de visões parciais. Entretanto, se tudo isto nos surpreende, é porque o nosso espírito tende à verdade do absoluto imóvel, do qual é filho, desejando uma verdade de natureza a satisfazê-lo. Por não conseguir saciar-se com as verdades relativas em evolução, é induzido a repeli-las como inferiores. Pelo menos, assim, satisfaz a ânsia de ter atingido a verdade completa, última e absoluta que o homem manifesta o desejo de dogmatizar – qualidade sua e não de uma religião. Em virtude desse desejo de todos, inclusive os homens de ciência, cada religião, cada escola e cada partido, combate o outro, tudo pela ânsia de atingir o absoluto, tornando-se, desse modo, absolutistas. Sentimos, por instinto, que a verdade deve ser uma só e sempre a mesma, mas esta é a verdade última, que está além de nosso mundo. Esta é a que queríamos possuir e nos rebelamos, repelimos, insatisfeitos, considerando como inaceitáveis, as verdades parciais, relativas e em evolução. É difícil adaptar-se a esse conceito da mutabilidade da verdade e apenas as mentes evoluídas conseguem sentir-se à vontade neste terreno escorregadio de verdades em contínua transformação. No fundo de nossa alma permanece, como num sonho, a lembrança do absoluto, e desejaríamos ser esta a verdade em nosso poder, repugnando-nos de não ser a que possuímos. A verdade que desejaríamos, só poderá ser o fruto da completa reconquista do mundo perdido, porque ela está situada no ponto final da evolução, realizada através do progresso de tantas verdades relativas.

A pluralidade da filosofia não é, portanto, um erro, nem uma dispersão, ou um fato desalentador, mas o sinal de um enriquecimento progressivo. Pode ser uma desilusão presente e um esforço de subida, mas é possibilidade de progresso sempre maior em direção da verdade absoluta, ansiada pela nossa alma. O filósofo pensador é, ele mesmo, um elemento do fenômeno universo por ele estudado, procurando orientar-se dentro do edifício do qual se faz parte. Cada filósofo possui poderes conceptuais e capacidade de visão diferentes, construindo um edifício de conceitos com os materiais que possui. A lógica arquitetônica escolhida o leva a preferir uns em vez de outros. As qualidades do seu temperamento e das experiências assimiladas, do conhecimento conquistado e à sua disposição, e as suas simpatias, estabelecem as preferências que o induzem a pôr em evidência certos aspectos da verdade, ao invés de outros. Nisso também influem seus gostos, a educação, o ambiente, os choques recebidos e as reações que cada um tem, de forma diferente, segundo sua natureza. Entra em jogo, também, a própria personalidade individual, que estabelece o tipo biológico, a sua forma mental e, com isso, a nota fundamental de suas construções conceptuais.

Eis aí então, porque, sendo apenas três, como vimos acima, as possíveis escolhas “metafísicas”, ou seja, as perspectivas conceptuais do universo, existam apesar disso tantas filosofias que parecem irreconciliáveis, quantos são os filósofos. Por isso nos cursos de filosofia não se estuda um sistema filosófico único, último e definitivo que contenha a verdade completa e indiscutível, cientificamente provada, mas se estudam tantos sistemas filosóficos relativos, incompletos, discutíveis, teóricos, com visões parciais e progressivas de muitos pensadores diferentes, para fazer

de tudo isso um quadro único, com outras visões parciais que são aproximações gradativas de outra verdade ainda inatingível. Ao invés de se estudar como nasceu e como funciona o universo em si mesmo, estuda-se as conclusões alcançadas por tantos filósofos diferentes a respeito do seu funcionamento, e cada um à sua maneira. Dessa forma, o estudioso de filosofia, no meio de tanta multiplicidade de visões, torna-se um erudito que perdeu a visão do funcionamento do universo; torna-se um sábio enumerador de filosofias, mas não possui nenhuma própria para dirigir verdadeiramente a sua vida. Viu terem sido dadas as respostas demais a muitos quesitos, para poder ainda acreditar se chegue a dar uma resposta definitiva.

A convicção da verdade é outra coisa e não pode ser obtida através do estudo da filosofia. A convicção resulta do temperamento, da experiência e das reações do filósofo; é um estado pessoal ao qual se procura reduzir tudo, adaptando-lhe até as verdades julgadas absolutas e as das religiões. E quando o próprio tipo biológico está situado no plano animal, a sua verdade continua sendo animal, e não há erudição filosófica que a possa mudar. Nem mesmo as religiões conseguem transformá-la, senão em pequena dose. O involuído continuará assim, mesmo que seja o mais erudito do mundo. Poderá dissertar a respeito de tudo, mas o único sistema filosófico em que continuará acreditando com convicção será o do ventre e o do sexo, o de sua vantagem imediata. A verdade só pode ser atingida por amadurecimento biológico, o único a nos levar à compreensão, pois nos abre os olhos da alma.



Observemos, agora, a teoria da queda colocando-a diante do Evangelho, das palavras de alguns profetas, e enfim, diante do pensamento espírita brasileiro.

Quaisquer sejam as dúvidas levantadas contra esta teoria, não pode ser repelida pelos seguidores da doutrina de Cristo. Este, no Evangelho de Lucas, (capítulo 10:18), diz: “Vi Satanás, como um raio, cair do céu”. De fato, a queda foi fulminante, rapidíssima, como ocorre quando rui um edifício. Tornar a subir é cansativo e lento, como acontece na sua construção. E isto porque se deve aprender outra vez, reconstruindo o que foi destruído. O Apocalipse de São João (capítulo 12:7-9) diz assim: “E houve no céu uma grande batalha: Miguel com seus anjos combateram contra o dragão e batalhavam o dragão e seus anjos, mas não prevaleceram, nem houve mais para ele lugar no céu. Foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente que se chama Diabo e Satanás, que engana todo o mundo: sim, foi precipitado na Terra e com ele foram precipitados os seus anjos”. O Profeta Isaías (14:12) confirma: “Como caíste do céu, ó Lúcifer, como foste cindido e abatido até a Terra? E no entanto dizias em teu coração: tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo.” É possível a qualquer religião ou seita de origem cristã não levar em conta tão graves afirmações?

No entanto, alguns elementos do Espiritismo Brasileiro não aceitam a teoria da queda, pelo fato de a teoria Kardecista afirmar que os espíritos foram criados simples e ignorantes. Mas raciocinemos um pouco. Deus era finito ou infinito? Deus não pode ser senão infinito. Mas, para criar espíritos simples e ignorantes Ele devia tirá-los, não de Si, mas tirá-los de fora de Si. Isto porque, sendo Ele perfeito, só podiam sair de seu seio seres perfeitos, portanto, nunca simples e muito menos ignorantes. Da imensa sabedoria de Deus não podia derivar diretamente uma tal ignorância. Se os espíritos são constituídos da mesma substância divina, tinham de ter, ao menos no momento da criação, as Suas qualidades. Ora, não sendo qualidade de Deus o ser simples e ignorante, os espíritos nascidos Dele, feitos de sua própria substância, não podiam ser simples e ignorantes. Só podiam ter sido assim em duas hipóteses, ambas inaceitáveis porque contrárias ao conceito de Deus, ou seja: primeiro, Deus os tirava de sua própria substância, sendo também Ele simples e ignorante; segundo, Deus os criou não de dentro de Si mesmo, mas de fora, e em tal caso ele não seria infinito, mas finito. Trata-se de dois absurdos. Para poder criar fora de Si seres de natureza diferente da própria, Deus deveria ser um ente limitado, e, ao criar, devia transpor esses limites. Em outros termos: ou Deus

tirava os seres de sua própria substância, e Ele era simples e ignorante, ou os tirava de fora de Sua própria substância, e então Ele era finito e limitado.

Ora, é evidente não poder o seio divino, como ocorre entre mãe e filho, ter produzido senão anjos da própria natureza, ou seja, perfeitos, bem diferentes dos espíritos que vemos animando os corpos humanos da Terra. O homem é um ser bem diferente. Aceita-se ser ele o resultado da evolução a qual tem as suas raízes bem distantes, nas profundezas da matéria, da qual o espírito vem vindo, reconstituindo-se lentamente através de formas de vida cada vez mais complexas, permitindo-lhe a manifestação, até chegar ao plano biológico humano que ocupamos. Aceita-se ser o ponto de partida da evolução a matéria, enquanto o ponto de chegada é o espírito, no estado de pureza e perfeição.

Então, no princípio não havia os espíritos simples e ignorantes, mas a matéria. E matéria quer dizer o caos das nebulosas onde ocorre a sua primeira formação, quer dizer desordem, trevas, um mundo desagregado, que começa a reconstruir-se. Ora, aqui surge o ponto que nos obriga a admitir a teoria da queda. Como admitir que a suprema imperfeição representada pelo caos, seja a primeira, a originária criação, a que teria saído diretamente do seio de Deus? Então a substância Dele seria a matéria e a desordem do caos? Um anjo não pode gerar um demônio, nem um demônio pode gerar um anjo. Se Deus, na criação, deu de Si mesmo, então Ele era caos, constituído pela matéria que forma as nebulosas, como todos os atributos e conseqüências relativas. E voltamos a recordar que a criação não podia ser exterior a Deus, porque esse conceito implica a idéia de um limite a ser superado, absurdo, porque Deus só pode ser infinito.

Eis, então, o ponto. Temos diante de nós dois fatos indiscutíveis: primeiro, Deus, só pode ser espírito, ordem, perfeição, causa primeira; segundo, o nosso universo físico, em seu ponto de partida ou criação na qual se inicia a evolução, se acha no estado de matéria, desordem, imperfeição. Estes dois termos opostos precisam ser ligados com a mais estreita das ligações, a da filiação, relação que implica a mesma natureza para ambos. É evidente não poderem se unir da forma como estão, porque entre os dois corre um abismo, verdadeiramente uma completa inversão de termos.

Ora, como preencheremos esse abismo? A lógica impele-nos à única saída, que é a de admitir haja ocorrido um fato novo, ao qual, justamente, temos de atribuir a causa principal de todo esse emborcamento. O emborcamento existe. Seria absurdo procurar as causas dele em Deus. Então, quem o terá produzido? Certamente não foi Deus que é ordem, e não caos. Deus então teria caído no caos? Absurdo ainda maior: um Deus que falha e desmorona. Deus perfeito não pode ter caído, porquanto, se existe evolução, isto prova existir um princípio dirigente que a guia e sustenta, não podendo de maneira nenhuma ter desmoronado. Mas, se Deus não caiu, o que caiu? Eis-nos constrangidos, por uma concatenação lógica da qual não se pode escapar, a admitir a teoria da queda. Essa teoria explica tudo e preenche o abismo entre os dois termos irreconciliáveis. O caos da matéria não é o produto da primeira criação originária, saída do seio de Deus, mas o resultado de outro processo sobrevivendo depois. A matéria não é o estado originário da criação, mas o estado de máxima curvatura do espírito, o ponto final do processo da involução e o ponto de partida da qual se inicia a evolução. Só assim se descobre a concatenação lógica entre causa e efeito, doutra forma inexistente e os dois termos permaneciam distantes sem poderem conjugar-se. Só assim aparece o anel unindo-os. Entre ambos existe a revolta e a queda, as únicas que podem explicar o emborcamento. Assim tudo fica claro, cada coisa vai para seu lugar, e não nos vamos chocar de encontro aos escolhos de tantos absurdos inaceitáveis, como vimos.

Foi útil responder a essa objeção de alguns elementos espíritas brasileiros, para esclarecer cada vez mais a visão que estamos examinando. Com se vê, trata-se de coisa bem diferente da criação de espíritos simples e ignorantes. Kardec não entrou no problema porque não seria aceito nem compreendido. Mas, tendo de apresentar de qualquer forma um ponto de partida, escolheu um, no percurso de todo o processo, mais próximo a nós, tal com fez a Bíblia, que parte da segunda criação-material, efeito da queda. Não podia fazer de outra maneira, pois estava falando a criaturas que ignoravam muitos conceitos, só admitidos hoje. Assim também Kardec e os espíritos não podiam falar uma linguagem que teria sido incompreensível para aquela época, porque

para as mentes de então era absolutamente inconcebível uma equivalência entre matéria e energia e uma evolução físico-dinâmico-espiritual.

Capítulo XI

A VISÃO DIANTE DA BIOLOGIA

“Estou convencido de que a interpretação leal das últimas conquistas da ciência e do pensamento conduz legitimamente não a um evolucionismo materialista, mas a um Evolucionismo espiritualista. O mundo que conhecemos não se desenvolve ao acaso, mas é estruturalmente dominado por um Centro Pessoal de convergência universal”.

Pierre Teilhard de Chardin

Coloquemos agora, a visão diante da biologia, veremos que também ela nos oferece provas da teoria da queda. Partamos da verificação do fato positivo de que a vida, chegada a certo grau de evolução, sentiu a necessidade da cerebralização do sistema nervoso. Em dado momento de sua ascensão, a vida achou útil e necessário construir para si um órgão específico do pensamento, demonstrando dessa forma ter percebido a importância da presença de um centro específico inteligente, capaz de dirigir o seu funcionamento. Com isto a vida enveredou por um caminho novo, para o psiquismo, o primeiro grau da espiritualização. Esta afirmação está demonstrada pelo fato positivo (cujo móvel e as íntimas razões só assim podem ser compreendidas) de que, na evolução, o sistema nervoso sofreu um verdadeiro processo de cefalização, e isto por etapas sucessivas, partindo dos primeiros rudimentos nervosos até ao desenvolvimento dos hemisférios cerebrais. Foi com esses meios que se pôde manifestar e funcionar, de forma concreta específica no plano biológico, a inteligência, para afinal revelar-se como primeira potência da vida, potência que permitiu ao homem vencer todos os outros animais.

Trata-se não de uma transformação em bloco, não de uma progressão casual, mas de um complicar-se sistemático, ocorrido seletivamente, segundo algumas linhas determinadas, que revelam a presença de um princípio preexistente, dirigido para um telefinalismo preciso, representado justamente pelo espírito. A cerebralização no seio da evolução representa, verdadeiramente, o que se poderia chamar o traço biológico de todo o processo de espiritualização constituindo a meta final dessa evolução. Podemos considerar isso demonstrado pelo fato de a evolução, no plano humano, tender a desenvolver as funções psíquicas, o que significa espiritualizar a vida. Assim, pois, dentro do telefinalismo da vida, avançar para a espiritualização é um fato fundamental, porque representa uma força maior, uma conquista adequada a assegurar maiores poderes defensivos. De modo que, já agora, a este nível, a inteligência representa para a vida a qualidade e a função mais importante, porque melhor garante o futuro.

De fato, a cerebralização fez aparecer o tipo homem, permitindo-lhe vencer todos os demais seres na Terra. Com ela, de agora em diante, o pensamento se tornará a função biológica mais importante, porque o saber pensar e compreender representará a atividade biológica mais útil.

Este fato, demonstrando-nos estar a evolução orientada para a espiritualização, revela-nos ser este o terreno das futuras conquistas do homem. Eis então a biologia a nos oferecer uma nova confirmação de nossa teoria, que sustenta o regresso de tudo a Deus, ou seja, ao estado de puro pensamento. Não se pode negar estar, com o homem, a evolução caminhando nessa direção. Com efeito, o que é a civilização? Vista em seu significado biológico, ou seja, compreendida como certo grau de desenvolvimento da vida, a civilização em última análise é apenas uma especialização

zoológica atingida pela evolução no plano humano, sob a direção de uma atividade biológica nova e especial: o psiquismo. Esta qualidade aparece apenas nesta fase de amadurecimento evolutivo, ao passo que antes era imperceptível, quase invisível no processo ascensional da vida. Estava apenas latente, embrionária e de fato não aparecia como valor importante. Eis que, com o homem, o psiquismo assume um poder preponderante na evolução, um poder tão decisivo que tornou o homem consciente do fenômeno da evolução, ao ponto não só de compreendê-lo, como de assumir a sua direção. Aqui assistimos a uma emersão decisiva do psiquismo no consciente, psiquismo que até agora dirigira a fisiologia e a morfologia, mas escondido no inconsciente, fora do domínio direto do homem, só agora aparecendo em plena evidência.

No animal, o psiquismo – nele ainda inconsciente – para enfrentar o ambiente, produz, plasmando a matéria celular do organismo físico, alguns órgãos determinados, que funcionam como instrumentos. Eles permanecem ligados ao corpo, só dispendo de determinada quantidade de espaço útil. Não é fácil modificar e renovar esses instrumentos, que representam órgãos especializados, e além disso não podem ser multiplicados além das possibilidades do organismo físico. Uma vez tenha um órgão se desenvolvido para executar determinada função, terminado o longuíssimo processo de formação pelos caminhos de adaptação e da evolução biológica, ele permanece tal qual foi construído, e não é fácil mudá-lo, mesmo que não corresponda mais às necessidades e utilidades do indivíduo. Este permanece preso aos meios por ele mesmo criado, não podendo libertar-se deles, nem facilmente construir outros melhores. Com essa sua técnica na formação dos órgãos, o animal permanece um ser especializado, sendo difícil sair de sua especialização.

No homem, a coisa se passa diversamente, porque ocorreu um fato novo: apareceu o psiquismo que pode conscientemente dirigir a construção de novos instrumentos ou órgãos externos e independentes do corpo, para serviço próprio. Esse novo meio permitiu ao homem superar os limites evolutivos que dificultam a transformação do animal, fechado em sua especialização. Chegados a certo ponto da evolução, a sabedoria que a guia para o telefinalismo preestabelecido, ao invés de trabalhar escondida no subconsciente do animal, aparece visível em novo órgão ou instrumento, o sistema nervoso que se cerebraliza em funções psíquicas. Entra assim a vida em novo caminho, iniciando novo método para realizar-se: abandona o sistema da construção e elaboração de órgãos especializados, muito lento e limitado, rompe os diques e cria um organismo não especializado, mas adquiriu o poder de construir fora de si quantos órgãos especializados ou instrumentos lhe possam ser necessários e úteis para os objetivos de sua vida.

Então, esse trabalho de construção passa do subconsciente ao consciente, ou do consciente cósmico, que dirige a evolução para seus fins, ao consciente do ser humano, dessa forma chamado a colaborar, tornando-se ele mesmo operário e instrumento na realização dos planos da criação. Nasce, assim, no homem um órgão não mais limitado às funções determinadas para as quais foi construído, mas um órgão capaz de construir para si todos os órgãos ou instrumentos que lhe possam servir para a vida; mais ainda: habilitados a construir para si instrumentos capazes de construir esses novos órgãos. Entramos no mundo da técnica e das máquinas. Essa capacidade de construir para si meios separados do próprio corpo é que distingue o homem do animal.

Não há quem não veja as extraordinárias possibilidades de desenvolvimento contidas no atual método. Com as mãos, órgão não-especializado, o homem construiu para si as primeiras máquinas. Depois construiu outras máquinas para construir outras máquinas e assim por diante, aperfeiçoando cada vez mais a sua técnica. Dessa forma está até construindo órgãos artificiais para aperfeiçoar os que ele já possui em seu próprio corpo, ou para supri-los quando defeituosos ou faltantes. Não se exclui a possibilidade de que um dia o homem se apodere a tal ponto dos segredos da técnica da vida, que consiga construir artificialmente um organismo físico ou, se lhe convier mais, os meios para poder realizar a sua vida de entidade espiritual no plano físico, em formas diferentes das utilizadas pela vida até aqui, com essa finalidade. Não podemos imaginar que ilimitadas realizações possa atingir a biologia do futuro, transportada ao plano

psíquico e espiritual. Outrora, no plano animal, os aperfeiçoamentos eram obtidos mediante lentíssimas transformações de adaptação dos velhos órgãos a novas condições de vida e exigências do ambiente. Agora, no homem, as mudanças para satisfazer às novas necessidades podem realizar-se rapidamente, por meio dessa nova técnica do psiquismo que dirige a formação de novos órgãos ou instrumentos. Isto porque o órgão principal das construções biológicas não é mais um recôndito e instintivo impulso celular, mas é a inteligência do homem que se tornou consciente da construção biológica a qual deve realizar: um órgão mais ágil, mais sensível, senhor do fenômeno. Com a ciência e a técnica, o homem construiu e possui o instrumento que lhe permite construir outros instrumentos, trabalho que, embora de forma muito diversa, constitui a evolução; no íntimo dela, esse trabalho representa uma criação biológica, embora seja uma biologia não mais do mundo animal. Eis a nova biologia do psiquismo, eis os primeiros passos da vida para a espiritualização. Este não é um fenômeno destacado da biologia, mas é uma sua continuação. O espírito não é inimigo, oposto à matéria: é a continuação da matéria. Eis aí uma ordem de conceitos que se enquadra perfeitamente em nossa visão. Quando vemos o homem só aprender a construir para si os órgãos de que necessita, mas também a construir órgãos com os quais pode construir esses novos órgãos – e isto pelo fato de haver começado a caminhar pela estrada do psiquismo – então podemos dizer que a biologia confirma o conceito fundamental da visão, ou seja, a vida está evoluindo para a espiritualização.

Assim, o homem pode também progredir por outros caminhos, que não são apenas os da evolução orgânica, sem ficar na dependência da lentíssima plasmabilidade da matéria celular. Com o novo elemento introduzido no campo da vida, ou seja, a inteligência, o homem conseguiu freqüentemente superar até mesmo os modelos que aquela vida atingira e lhe apresentava. Com a colaboração, a especialização e a organização, o homem conseguiu dar, na estrutura social, um rendimento ainda maior. Eis a que resultados maravilhosos pode levar a evolução a qual começara com os esforços inconscientes das primeiras plantas trepadeiras, que buscavam a luz, ou dos peixes para formar um organismo que respirasse e vivesse fora da água, ou da vida para criar os sentidos, a vista, o ouvido etc., a fim de perceber o mundo exterior.

Provam-nos estes fatos que a evolução se move em direção a objetivos exatos, justamente os da espiritualidade, objetivos que, por sua natureza, demonstram corresponder a um telefinalismo preestabelecido. Prova-o também o fato de o progresso da evolução não ser um movimento que aconteça ao acaso, mas um desenvolvimento lógico, numa direção constante. Então, pode-se compreender melhor de que modo esteja preestabelecido o objetivo, quando se admitir tratar-se da reconstrução dum organismo preexistente, que foi destruído, e agora se procura apenas reconstruir da mesma forma como já existiu. Ei-nos pois na teoria da queda e no conceito de involução e evolução. Temos, desse modo, de admitir, ao lado do telefinalismo que estabelece a meta, a presença de um impulso interior que a conhece por antecedência e se esforça por atingi-la. Doutra forma não se explicaria como pudesse realizar-se a tendência para esse telefinalismo. Tudo isso se harmoniza perfeitamente com a nossa visão.



Novas confirmações, porém, apresenta-nos um pormenor do fenômeno da evolução. Discute quem nasceu primeiro, o órgão ou a função. Em princípio não existia nem um nem outro. Na primeira origem existia apenas um impulso interior para subir, em forma de desejo instintivo, no qual se revela a lei do regresso às origens. Aquele telefinalismo de que falamos é uma força ativa de atração. Surge assim o desejo, exprimindo esse impulso interior, individualiza-o no caso particular, na forma a ser atingida naquele dado momento e posição da vida. A matéria orgânica é forma regida por esse impulso interior, por isso lhe obedece, deixando-se plasmar por ele. Então o desejo começa a plasmar uma primeira tentativa, ou esboço do órgão, com os materiais que toma do ambiente, material passivo, que obedece por lei da vida, àquele impulso animador. Com esses materiais, aquele desejo se reveste de uma primeira forma rudimentar, que constitui

a sua primeira expressão. Nasce, desse modo, um primeiro esboço provisório, à espera de reforçar a tentativa, consolidando o tipo, se ele corresponde às condições do ambiente e às exigências da vida. Ele é a expressão do íntimo pensamento que a dirige; é o resultado de uma luta do pensamento criador contra a matéria inerte, para plasmá-la a seu modo. A luta é feita por ensaios, resistências, adaptações, tentativas. Esta é a forma pela qual se realiza a criação no plano material, por obra do espírito. O pensamento, desde a primeira criação feita por Deus, demonstrou sempre possuir poder criador.

Depois de formado, do primeiro esboço é feito um primeiro funcionamento experimental. Com isto, comprova-se o ambiente, adapta-se, fixa os resultados adequados, aperfeiçoa-se. Esse aperfeiçoamento do esboço leva a um aperfeiçoamento maior no funcionamento, permitindo também que o órgão se desenvolva e aperfeiçoe cada vez mais. Dessa forma, o órgão e o funcionamento, escorando-se mutuamente, guiados e sustentados pelo impulso interior da vida em direção ao telefinalismo, vão construindo e aperfeiçoando-se, até nascer o órgão novo e completo. Desse modo, a manifestação do impulso interior da vida consegue achar aos poucos a sua expressão. O processo se desenvolve, por isso, por tentativas, por experiências contínuas, por adaptações ao ambiente, agindo e reagindo às reações do mesmo; é no entanto, todo constituído de vida que de igual forma tenta, paralelamente, e se adapta e reage, a fim de realizar as suas formas e funções. A vida não se desenvolve em um único ser isolado, mas numa orquestração de seres que se estão experimentando reciprocamente, constituindo dessa forma uma marcha ascensional de toda a vida, cujo telefinalismo deve conter também a tendência de cada um dos seres a unir-se para conseguir reorganizar-se, finalmente, num sistema único. Esta tendência pode constituir outra prova da teoria aqui sustentada, dizendo-nos que o ser evolui do caos para o Sistema, um estado eminentemente orgânico.

Observemos outro fato, que também nos prova o poder criador do pensamento e o movimento da evolução no sentido da espiritualidade. Por um fenômeno paralelo ao agora examinado, segundo o qual a matéria orgânica é dirigida e plasmado pelo impulso interior, animador das formas da vida, acontece que as idéias dominantes na existência de um homem permanecem impressas em seu rosto, os seus traços físicos exprimem, dessa maneira, em síntese, a sua história vivida: dores, alegrias, lutas, vitórias, as notas fundamentais da personalidade, reforçadas ou corrigidas pelas novas experiências. Dessa maneira, um rosto pode representar uma biografia. Para aprender a lê-la, observemos o significado das várias partes do corpo humano.

Pode dividir-se em três planos: 1) Parte inferior: dos pés ao ventre, que constitui a animalidade. 2) Parte média: peito e coração, que representa o sentimento. 3) Parte superior: cabeça e cérebro, que representa a alma e a personalidade.

O rosto humano pode-se igualmente dividir-se em três planos correspondentes àqueles, começando de baixo. 1) O maxilar e a boca exprimem, quando muito desenvolvidos, a animalidade voraz e egoísta, a avidez e a sensualidade bestial. 2) Os olhos exprimem o sentimento do coração, emotividade passional, podendo tomar parte da vida inferior quanto na superior, revelada pelo rosto. No primeiro caso, os olhos exprimem astúcia, egoísmo, avidez, sensualidade. No segundo caso, a inteligência, generosidade, bondade, assim como sexualidade sublimada ao plano de amor espiritual. 3) A fronte manifesta o poder e o domínio atingidos no campo do pensamento, da bondade, do espírito.

Ora, com a evolução, a vida desloca o seu centro do plano inferior ao superior, tanto no corpo como na expressão de seu rosto. Há uma tendência da vida em subir também espacialmente para o alto, da Terra para o céu, tendência em ser cada vez menos réptil que rasteja ou quadrúpede, e cada vez mais homem que caminha levantando a cabeça para o alto. Este fenômeno traduz, em sentido espacial, o fenômeno da subida espiritual. Com tais critérios, qualquer pessoa poderá, ao olhar a sua imagem, ler nela a própria história, destino e valor. A evolução consiste em deslocar o centro da própria vida do plano em que funciona o ventre, para aquele em que trabalha a cabeça, do plano do maxilar para o do cérebro. Este deslocamento traduz nos órgãos materiais que o exprimem, o processo evolutivo da espiritualização. Foge-se da animalidade pelo telhado. Esta é a maturação biológica que leva do Anti-Sistema ao Sistema. Quer se queira, ou não, este é o

verdadeiro drama da vida, o seu conteúdo e objetivo. Com a evolução, a vida se torna também fisicamente cada vez mais ereta. Este erguimento da vida, também em sua forma material, representa a transformação (endireitamento) da existência, partindo de sua forma material no Anti-Sistema, para sua forma espiritual no Sistema. O primeiro impulso da vida, nascida no seio das águas, foi de emergir para a terra. Verificamos um contínuo esforço da vida para emergir, erguer-se, libertar-se, esforço para voltar ao Sistema, encontrando somente desta maneira sua explicação lógica. Essa tendência é tão profunda e fundamental que transparece, até nas formas concretas do plano físico. Aí mesmo, vemos escrita a teoria da queda, nas primeiras formas de vida aprisionadas no interior da matéria, das quais apenas a evolução, reerguendo essa vida para o Sistema, poderá libertá-la.

Chegamos assim a ver a teoria da queda e da reascensão também em sua expressão concreta no plano físico. Continuando o desenvolvimento dos conceitos agora expostos, poderemos imaginar o homem do futuro tão adiantado que o cérebro, agora constituindo a sua parte mais evoluída, venha a constituir para ele a parte mais atrasada, por ter transferido o centro de sua vida a planos ainda mais altos. No passado, as artes locomotoras foram a primeira conquista do ser, situada na vanguarda da evolução – e são agora o ponto mais atrasado de nosso nível humano, – assim, o nosso cérebro e o sistema nervoso que hoje representam no homem a conquista mais avançada no seu processo evolutivo, representarão para o homem de amanhã o ponto mais atrasado em relação ao nível que ele houver atingido. Para nós, é tão difícil imaginar qual será o novo tipo biológico em ascensão, situado à frente no caminho evolutivo, quanto podia ter sido para os primeiros répteis, que rastejam na terra, imaginar os fenômenos psíquicos e espirituais, que agora fazem parte normalmente da personalidade humana.



O processo evolutivo, contudo, não é apenas conquista de psiquismo, mas também de organicidade. Essas conquistas são coordenadas e valorizadas em novos estados orgânicos coletivos. Quando os elementos componentes do sistema perfeito saído das mãos de Deus, desmoronaram instantaneamente no caos, não mudou o número infinito das individuações. Outra coisa mudou, ou seja, ao invés de permanecerem fundidas no estado orgânico de sistema, confundiram-se na desordem do caos. Então os elementos se amontoaram ao acaso, como simples soma de individuações que não se conhecem reciprocamente, e não cooperam por meio de fusões coordenadas no seio do mesmo organismo.

Ora, o processo da evolução consiste na reunificação; a vontade íntima que o dirige, impõe como telefinalismo o estado orgânico próprio do sistema, sendo isto justamente o que se deve constituir. Em outros termos, o que desmoronou com a involução não foi o número das individuações ou criaturas: esse permaneceu o mesmo, igual; o que desmoronou no caos foi a sua ordem; o que se desfez foi seu estado orgânico, transformado no estado desorgânico. Dessa forma, ao invés de os elementos componentes do Sistema permanecerem coordenados, para funcionar irmanados no mesmo organismo, unidos pela única Lei, todos em função de Deus, caíram na anarquia, passando a viver indisciplinados sem se conhecerem, repelindo-se ao invés de se fundirem, porque cada um seguia apenas o seu próprio princípio individual rebelde à Lei, somente em função do próprio eu que se havia substituído ao centro único, Deus.

Consiste o processo evolutivo justamente numa gradual reconstrução do que foi destruído, na reordenação do caos, na disciplina da Lei de Deus. Os elementos componentes permanecem os mesmos, mas modifica-se a sua posição recíproca. O processo consiste em coordená-los, induzindo-os a existir em unidades orgânicas cada vez mais vastas, complexas e perfeitas. Quando estes elementos chegarem a reconstituir-se num Sistema único que os abarque a todos e no qual todos se fundam harmonicamente, tal como era o Sistema em sua origem, então o processo evolutivo estará terminado, porque tudo terá voltado a Deus; e com isso, o Sistema originário, que fora destruído, terá sido reconstruído em sua integridade. O que falta ao estado involuído é a ordem. O progresso tem de reconstruir o estado orgânico. Eis o futuro da evolução.

Como já ocorreu para os elementos do átomo, reorganizados nesta primeira unidade; depois com a sua combinação em moléculas, como aconteceu para as construções da vida desde a primeira cristalização dos minerais, e daí em diante, assim é lógico que a evolução deva continuar a operar. Da mesma forma, a química inorgânica evolui para a química orgânica. A evolução representa um esforço contínuo para organizar em unidades coletivas uma quantidade cada vez maior de elementos, em formas cada vez mais orgânicas e complexas, transformando a simples agregação amorfa – soma apenas dos elementos – num organismo hierarquicamente constituído. Assim, o processo evolutivo mostra-nos de fato a passagem do estado de Anti-Sistema ao estado de Sistema, do estado desorgânico ao estado orgânico, dando-nos ainda mais uma prova em favor da teoria. Isto confirma que o estado orgânico do Sistema é verdadeiramente o ponto de chegada, a meta conclusiva do telefinalismo; demonstra também esta ser a direção que a Lei de Deus impõe à evolução.

A tarefa da evolução é justamente a de executar a reorganização do caos. Dessa forma, o princípio da individuação muda no sentido em que mudam as dimensões da unidade elementar, ou seja, do eu. Este fato, pelo qual cada um dos momentos do todo tendem a fundir-se, organizando-se em grupos cada vez maiores, não é um fato estéril de simples soma de unidade. Neste caso não temos: $2 + 2 = 4$, e sim: $2 \times 2 = 4$. Isto no sentido em que se alcança não somente uma quantidade maior, mas ainda mais: uma qualidade superior, de valor maior. A própria física nos ensina que o valor dos fenômenos e do espaço muda em relação às suas dimensões. O que vale para uma, não vale para outra, os princípios aplicados ao infinitamente pequeno não valem para os do infinitamente grande, nem para os do meio, que estão entre os dois.

Ao unificar-se em grupo, os elementos componentes adquirem uma posição diferente, que representa um valor muito superior ao de sua soma, por sua vez representado pelo estado orgânico. Representa um nível evolutivo mais alto, na qual a vida adquire novas qualidades e potencialidades, inacessíveis ao indivíduo isolado e mesmo a uma multiplicidade de indivíduos confusamente amontoados. O estado orgânico representa, sem dúvida, uma das tendências criativas da evolução. E isto pelo fato de se formar uma nova individuação do ser com a reunião dos elementos individuais num grupo. É um organismo diferente, onde aparece um princípio diretivo diverso, uma nova lei que o rege e não é mais a mesma que dirigia cada um dos componentes. Passa-se, assim, a um plano mais alto de evolução, a um novo parágrafo da Lei, significando a reaproximação do Sistema.

Encontramos uma aplicação desse princípio no fenômeno da evolução do egoísmo, dilatando-se um altruísmo. Quando os elementos separados por seu egoísmo fundem-se em unidades, transforma-se a lei do dar e do haver, numa mais alta, dirigida por princípios diversos. Enquanto no plano material, quem dá empobrece e quem toma enriquece, no plano espiritual quem toma empobrece e quem dá enriquece. Explica-se essa transformação porque no nível inferior, os seres vivendo separados um do outro por se fecharem em seu egoísmo, não se conhecem e, portanto, não existem entre eles trocas espontâneas, nem compensações. Todavia, quando se coordenam em unidades orgânicas, caem essas barreiras isolantes e tudo se comunica espontaneamente. Tornam-se fáceis, dessa forma, as trocas, que permitem satisfazer todas as necessidades sem a luta árdua necessária para tal, no mundo inferior da matéria e do egoísmo. O fato de, ao evoluir, subir-se para formas de vida mais livres, nas quais cada vez menos se precisa de luta para viver, constitui uma diminuição do atrito entre as criaturas e da dor resultante, ou seja, uma conquista de felicidade. Então, quanto mais se sai das opressões da matéria, tanto mais completamente pode realizar-se a divina lei do amor, pela qual, quanto mais se sobe, tanto mais se abrem as portas de cima em baixo, permitindo descer o bem e a alegria aos planos inferiores. Acontece, então, que quanto mais nos sacrificamos no dar, tanto mais sobre nós choverão do Alto ajuda e consolação. Tudo isso é natural e lógica lei de vida. E quanto mais tentarmos acumular egoisticamente, fechando-nos com isso cada vez mais em nós mesmos, tanto menos poderemos receber do Alto. Isto porque o receber e, portanto, o enriquecer-se, depende da própria receptividade, relacionada ao grau em que se destruiu, com a evolução, o isolamento egoístico da nossa natureza inferior. A irradiação lançada por Deus de Seu centro, sobre tudo o que existe, pode ser recebida pelo ser de

acordo com o grau de abertura e receptividade, próprio a cada um, conforme o nível de evolução atingido. O evoluído, por exemplo, que dá aos seus semelhantes, não espera recompensa nem gratidão, que nos planos inferiores representam um legítimo direito de pagamento aos involuídos. O Evoluído conhece a Lei e sabe que esta lhe provê tudo. É, como se costuma dizer com razão: Deus é quem paga. Dessa forma se reorganiza o caos, eliminando cada vez mais a dor e ganhando em felicidade, pelo fato de a vida começar a funcionar segundo leis cada vez mais próximas daquela perfeita Lei do Sistema.



Na própria física vemos transformar-se a lei dos fenômenos à proporção que subimos na escala das unidades coletivas. Vemos que os fenômenos se nos apresentam com características diferentes, de acordo com as dimensões microscópicas que a nossa observação assume. É fato que, quanto partimos da grosseira visão de conjunto e penetramos com a observação na estrutura analítica, verificamos achar-nos diante de unidades-síntese, ou seja, unidades coletivas compostas de elementos que, se observados isoladamente, vemos obedecerem a outros princípios. Acontece isto em todos os campos: no campo físico (a matéria, sociedade de átomos); no plano biológico (organismos de células); no plano social (coletividades humanas); no plano psicológico (psicologia coletiva). Descobrimos, então, aparecer uma nova lei, isto é, a lei do grupo, que não é mais a lei do indivíduo, mas uma lei coletiva superior, dada pela maioria dos casos concordantes, vencendo a minoria dos casos discordantes, os quais, desaparecem reabsorvidos pelos primeiros. Na nova lei, a do grupo, os indivíduos se fundem por homogeneidade de características. Eles sobrevivem não como elementos separados, mas como uma síntese resultante de sua fusão, o que transforma o tipo de sua individuação. Trata-se de existências diferentes, situadas em dois planos diversos do edifício da evolução. O segundo é mais vasto, complexo e aperfeiçoado; é portanto mais poderoso e resistente. Uma coisa é o átomo, outra coisa é a matéria; uma coisa é a célula, outra um organismo; uma coisa é o homem, outra um povo ou humanidade; uma coisa é a mentalidade de um indivíduo, outra uma corrente de pensamento e de psicologia coletiva.

Por isso está nascendo agora em nosso planeta o corpo humano social. Nele sobreviverá o indivíduo de hoje, mas com forma de vida diferente. Não será mais um elemento isolado, que estabelece apenas relações com seus semelhantes, mas constituirá com eles as células e os órgãos – ou seja a anatomia e a fisiologia – deste novo organismo social e humano, como parte integrante, já não podendo mais viver senão em função de todo o organismo.

Com isso mudamos os princípios que regem a vida do homem. Nasce assim uma nova ética para guiar atividades humanas, porque os objetivos utilitários que a vida tem de alcançar são agora muito mais vastos. O homem atual debate-se na “jungle” darwiniana da “luta pela vida”, onde ainda está imerso até o pescoço, sendo tão árduo sair dali que a maior tentativa feita para libertá-lo, que é o Cristianismo, conseguiu modificá-lo muito pouco. Ao invés de vencer a animalidade humana, parece que esta foi mais forte do que ele adaptando-o a si, procurando engoli-lo ao invés de ser engolida. E no entanto, não há derrota que possa sufocar o impulso evolutivo da vida; a cada falência, aparece uma tentativa nova, por mais que isso possa parecer logicamente absurdo. Parece um trabalho desesperado, no entanto, é a fé que nos arrasta que no-lo faz realizar aqui, nestes livros, neste momento mesmo. É inevitável que o homem atinja o plano do Cristo, ou seja, que o homem reconheça em seu semelhante, a si mesmo, e o ame como a si mesmo, desistindo finalmente de agredi-lo, ao invés de amá-lo, sempre o agredindo, até mesmo em nome de Deus. No pensamento que dirige a vida para o telefinalismo de sua espiritualização, o que corresponde fatalmente a seus planos preestabelecidos, está determinado que a seleção evolua, oferecendo enfim o triunfo ao mais inteligente e ao melhor, e não ao mais forte ou ao mais astuto.

O homem atual é feroz e ignorante. Começa hoje a realizar os primeiros esforços para sair dessa barbárie. Na hora atual, a temperatura psíquica está esquentando; já se pensa mais do que outrora; os problemas se equacionam e o homem

quer resolvê-los. O progresso técnico encurta o espaço, tornando menor o nosso mundo, e conseguindo dessa forma uma humanidade mais compacta e mais unida, aproximação que é necessária para alcançar-se o estado orgânico. Paralelamente há uma intensificação de funções cerebrais e conscientes, e uma entrada em funcionamento das qualidades psíquicas.

Nos métodos evolutivos, isso tudo representa uma inovação que pode levar a conseqüências imensas. A vida lança-se com o homem, em seu novo caminho da evolução psíquica e espiritual. O grande trabalho criador que é hoje confiado é o desenvolvimento da consciência, em todos os sentidos, quer racional na pesquisa científica, inspirativo na arte, espiritual na fé e nas religiões, sentimental nas relações de amor ao próximo e moral numa nova ética melhor e mais inteligente; não mais filha do terror e da luta pela vida, mas de uma compreensão iluminada das exigências materiais e espirituais da vida.

Podemos imaginar o futuro da humanidade na forma de uma mente cada vez mais iluminada. O próprio órgão cerebral terá de aperfeiçoar-se anatomicamente. A estrutura química, mecânica e biológica do encéfalo terá de atingir um grau de complexidade e requinte que permita o funcionamento de novas zonas de consciência, hoje, ainda adormecidas, ativando neurônios ainda não utilizados. Mas isto será apenas um efeito, um aperfeiçoamento do órgão, para exprimir uma função que será pré-determinada, antes de qualquer transformação orgânica, na causa primeira, causa que reside no espírito. Este está se agitando, no homem, irrequieto e febril, para despertar. Hoje existe apenas inquietude e febre, mas amanhã ocorrerá o despertar.

Chegando a este ponto, o homem, que se tornou organismo coletivo da humanidade, tendo-se tornado consciente da Lei que o guia, poderá colocar conscientemente as suas mãos sobre as profundas alavancas biológicas que dirigem o seu desenvolvimento. Poderá assim modificar-se e construir-se como ele mesmo o queira. Dirigirá então com inteligência – cuja falta hoje não lhe dá o direito de guiar – o nascimento físico, o desenvolvimento do corpo e a sua morte, fazendo evoluir sobretudo o espírito, guiando todas as funções humanas, impulsionando tudo para as metas últimas da existência. De tudo isso, nascerá uma nova realidade, desconhecida hoje, uma consciência e uma forma de individuação humana coletiva na qual se realizará uma lei nova, com princípios diferentes tal como deve existir num plano evolutivo mais alto.

O homem, então, não será mais um selvagem rebelde e ignorante, que a muito custo consegue arrancar a sua vida no assalto contínuo dos elementos ou, ainda pior, de seus semelhantes, mas será um operário de Deus, que trabalha, em harmonia com a Lei, apenas para realizá-la. Este será um passo decisivo para a inversão do Anti-Sistema, isto é, para endireitá-lo na forma do Sistema.

O princípio novo que se desenvolverá nesta forma orgânica de humanidade será a consciência da ordem e da Lei de Deus. A isto seguir-se-á um estado de harmonização, que constituirá a descida do reino de Deus na Terra, já que, eliminados todos os atritos da luta, desaparecerão as dores que são a sua conseqüência; pois, eliminando o espírito da revolta, segundo o qual vence e domina o mais prepotente, Deus poderá finalmente mostrar-se ao homem, não mais na forma necessária para que um selvagem obedeça – ou seja, de justiceiro tirânico – mas de Pai amoroso, como só se pode fazer com filho inteligente, que compreendeu ser de sua vantagem viver em obediência à ordem, em vez de fazê-lo na revolta e na desordem.

Eis os princípios novos que surgirão quando aparecer a nova unificação; o psiquismo humano, hoje rudimentar, desenvolver-se-á até o plano espiritual e Cristo nascerá no coração dos homens. A ciência, com a técnica éolocará as forças naturais a serviço do homem, melhorará a raça com o conhecimento das leis biológicas; assegurará com a economia o bem estar, garantindo, a todos, os meios de vida. Nestas bases, que estão sendo colocadas hoje, poderá realizar-se, livre das fadigas da luta material, o trabalho de elevar o novo edifício espiritual, que será a grande construção biológica do futuro. Isto significa que a vida se espiritualizará. Verificamos então que a evolução biológica terá de desenvolver-se, conforme quanto foi dito na visão.

Nós mesmos estamos trabalhando nestes livros, no sentido de determinar a formação e o desenvolvimento de uma corrente de pensamento

coletivo nessa direção. Deus verá, do Alto, o nosso esforço desesperado, nesta hora apocalíptica para o mundo e nos ajudará. Pode parecer desesperado o esforço, mas Deus estará sempre presente e ajuda os homens de boa vontade. Aliás, a não ser que queiramos viver como animais ignorantes, não se pode dar à vida mais nobre e sério conteúdo.

XII

TEORIA CINÉTICA DA QUEDA

Para compreender melhor a visão, procuremos agora considerar a queda como fenômeno cinético, esboçando uma teoria cinética da mesma, embora não nos seja possível desenvolvê-la toda aqui, porque isso nos levaria muito longe.

Podem perguntar-nos: o Sistema perfeito representa um estado de imobilidade? Esse estado constitui, então, uma condição de perfeição, e a mobilidade resultaria da necessidade de transformar-se, saindo do estado de imperfeição e movendo-se em busca de um estado de perfeição? O movimento seria, portanto, um estado cinético vindo depois, tendo nascido com a queda e inexistente no Sistema perfeito? Seria, pois, o resultado de um novo impulso determinado pela revolta?

Dissemos em *A Grande Síntese* que o nosso universo é constituído por várias formas de um estado cinético da substância. O movimento é, portanto, um denominador comum de todos os fenômenos. Os próprios fenômenos, como tais, são um movimento, são constituídos por um transformismo. Este teve início com a revolta, já que nesse momento teve início o movimento da involução, para depois continuar com o de evolução. Explica-se dessa maneira, como tenha nascido – o impulso do qual deu origem o transformismo fenomênico, que é o modo de existir em nosso universo; modo instável, só possível enquanto é um “tornar-se”, constituído da concatenação “...causa-efeito-causa-efeito-causa...” Foi este o novo estado em que veio a encontrar-se o Sistema após a revolta, estado em que não se encontrava antes.

A posição de perfeição, em absoluta obediência à disciplina da Lei de Deus, pode representar um estado de imobilidade na ordem, constituído pelo determinismo da perfeita obediência. A revolta, neste caso, pode ser concebida como um deslocamento para fora dessa ordem, não mais fixo em sua perfeição, mas começou a agitar-se, desviando-se para fora do binário preestabelecido pela Lei. Começou, dessa forma, a corromper-se, passando de um estado de perfeição imóvel a um estado de imperfeição móvel. Disto resultaria o estado cinético da substância, mais tarde constituindo o “vir a ser” involutivo-evolutivo, que representa o modo de existir de nosso universo. Esse novo dinamismo representou a desordem na ordem, a anarquia no seio da disciplina, o novo modo de ser próprio do Anti-Sistema, o esfacelamento do estado orgânico, próprio do Sistema.

Procuremos focalizar com exatidão cada vez maior a nossa observação, para compreender melhor o fenômeno da revolta e da queda. Para isso, teremos de recorrer a representações mentais. Devemos aceitá-las, porque elas facilitam a compreensão e nos fornecem um meio de expressão. Usa-las-emos, assim, mas recordando não dever dar-lhes um valor maior que de simples abstrações diante de uma realidade que, em sua substância, reconhecemos escapar a todas as nossas concepções e medidas. Ela não depende de nossos pontos de referência e existe em dimensões situadas, para nós, no inconcebível.

Que significado devemos dar ao conceito de imobilidade do sistema? Explicamos ser o Tudo-Uno-Deus, depois de ocorrer a criação, um organismo em funcionamento. Ora, um organismo em funcionamento não pode ser imóvel. Devemos então precisar, com maior exatidão, o significado do conceito de imobilidade neste caso. Pode, portanto, a imobilidade significar apenas uma mobilidade ordenada em perfeita

obediência à disciplina da Lei. O que chamamos movimento foi, então, um estado ou tipo diferente de mobilidade, isto é, não mais um movimento regular de ordem, mas um movimento irregular de desordem, em revolta à ordem precedente, fora da disciplina da Lei e independente dela. Foi um movimento anárquico e desarmônico de rebelião, nascido do seio do movimento regular e harmônico do Sistema. Em consequência, por isso mesmo, houve uma expulsão do sistema pela própria natureza, para a periferia daquele movimento ordenado; e nessa periferia, esse novo movimento tentou reorganizar em posição invertida, na forma de Anti-Sistema.

Temos, então, dois movimentos. O primeiro, o do Sistema, unitário, orgânico, completo de si mesmo, imóvel em relação ao segundo. Trata-se de um movimento concêntrico, centrípeto, girando em torno do centro imóvel, Deus, fechado e compacto em torno Dele, na perfeita unidade do Sistema.

O segundo movimento, o do Anti-Sistema, é separatista, caótico, uma corrupção do primeiro, só podendo existir em função deste, como um emborcamento, móvel em relação a ele. Trata-se de um movimento descentralizador, centrífugo, que continua a girar em torno do mesmo centro imóvel, Deus, que tudo rege, tanto o Sistema quanto o Anti-Sistema; mas gira em torno Dele em direção contrária, em posição invertida, de revolta, divergindo da perfeita unidade do Sistema; um movimento fora da ordem, posição na qual a unidade se fragmentou na infinita multiplicidade do relativo do Anti-Sistema.

Que ocorreu, então, com a queda? Antes dela o movimento era representado por um funcionamento regular, sem desvios da ordem; era uma mobilidade interior à Lei, compreendida em seu âmbito. A revolta representou um novo impulso, que lançou uma mobilidade diferente, exterior à Lei, fora de seu âmbito. O ponto de partida não foi, desta vez, o centro Deus, mas o que diante do Sistema era um pseudo-centro, ou seja, o egocentrismo individual da criatura. Foi um impulso diferente, oposto ao primeiro de Deus, um impulso de rebeldia contra o dirigente do Sistema. O segundo impulso rebelou-se contra o primeiro, procurando dominá-lo e vencê-lo, para substituir-se-lhe. Mas, constituindo apenas uma excessão, sendo só um momento do todo e portanto menor, invertido em direção oposta à corrente universal, portanto negativo e mais fraco, não pôde firmar-se definitivamente no Sistema: conseguindo apenas gerar atrito, fazer-se expulsar e chegar ao próprio emborcamento ou seja, produzir o Anti-Sistema. Expulsar, não quer dizer expulsar do todo que o Sistema abarca, o que seria absurdo, pois nada pode existir além do Todo. Expulsar, quer dizer colocar para fora da ordem, fora da parte que, no todo do Sistema, permaneceu ordenada na Lei.

Quando dizemos movimento, no sentido daquele estado de “vir-a-ser” de instabilidade, próprio do Anti-Sistema, devemos entender uma nova posição, efeito deste segundo impulso, que levou uma parte do todo de seu estado de funcionamento regular, a um estado de funcionamento irregular ou disfunção, dado por um movimento desviado para fora da ordem, e portanto automaticamente lançado fora do Sistema. Por conseguinte o resultado do impulso, causado pela revolta, foi automaticamente esse deslocamento lateral que lançou o dinamismo antes contido na ordem do sistema, numa desordem, que não podia achar lugar no sistema, mas fora dele, ou seja, em sua periferia.

Podemos imaginar o ocorrido como se algumas rodas de um relógio, antes funcionando regularmente com todo o seu maquinismo, se pusessem a funcionar com diretrizes próprias, independentes das que regem toda a máquina, e isto com a finalidade de formarem sozinhas um novo relógio. Então, a máquina, para salvar-se da desordem que teria destruído tudo, teria expulsado as rodas rebeldes para fora de seu maquinismo, da mesma forma como faz o organismo humano que, para defender-se melhor, circunda e isola o estado patológico, procurando separar-se dele, a fim de poder melhor combatê-lo e vencê-lo. No caso do relógio, as rodas expulsas, incapazes sozinhas de reconstituir-se na forma de um novo relógio, ter-se-iam reagrupado em redor do primitivo que permaneceu perfeito. Dada a sua qualidade negativa de desordem, e portanto a sua incapacidade para dirigir-se de forma autônoma, os elementos rebeldes só conseguiram ficar agarrados à periferia do sistema, único sustentáculo positivo, na dependência do mesmo centro, Deus. Ele é o único centro do todo, e haja o que houver, ninguém poderá ocupá-lo. Não existem outros centros positivos em redor dos quais seja

possível gravitar. A revolta só pôde criar centros negativos, ou seja, pseudo-centros, capazes apenas de criar um pseudo-sistema, uma pseudo-organização, impotente de manter-se autônoma e ligada inexoravelmente à necessidade do “vir-a-ser” para regressar à perfeição perdida. Foi por isso que, apesar de seu desejo de criar um sistema próprio – mesmo em posição invertida, seguindo seu impulso de afastamento – os elementos rebeldes tiveram de continuar a gravitar para Deus, pois só em função Dele é possível a existência tanto dos obedientes como dos rebeldes.

Não se pode existir sem depender de Deus, nem de tê-Lo como chefe, a Quem nenhuma revolta pode impedir que Ele seja a fonte primeira de tudo. O sistema estava construído de tal forma perfeito, que qualquer fosse a ocorrência, Deus permaneceria sempre o centro e senhor de tudo. Sobre este ponto a liberdade do ser não tinha nenhum poder. A liberdade concedida, estava limitada ao terreno das responsabilidades diante da aceitação do pacto de amor, que Deus oferecera à criatura.

Disso resulta que se pode existir de dois modos, ou seja, a vida pode assumir duas formas. A primeira é a do Sistema. Podemos representá-la como a de um organismo são, com funcionamento sempre perfeito, sem mutações. A segunda é a do Anti-Sistema. Podemos imaginá-la como a de um organismo doente de transformismo, para o qual o existir só é possível à custa de um “vir-a-ser” contínuo, que o modifica sem tréguas, pelo qual tudo deve sempre nascer, desenvolver-se, envelhecer e morrer. A desordem levou, como conseqüência lógica, a este penoso estado de instabilidade, pelo qual só lhe é possível existir como numa corrida, anelando à perfeição perdida, ou seja, presa à roda das reencarnações, para subir todos os degraus da escala da evolução. Neste segundo caso a revolta introduziu no existir a fase negativa, desconhecida no sistema, ou seja, o fadigar-se com o fenômeno vida até à morte. Por isso não se pode continuar a existir senão através de uma contínua corrida para a renovação, isto é, na direção do princípio positivo, não-emborcado, do Sistema, onde a existência é eterna e incorruptível por sua natureza.

Mas por que essa necessidade de renovação contínua, a fim de as criaturas do Anti-Sistema poderem continuar a existir? Pela revolta, que foi a negação de Deus, ou seja, da vida, só podia nascer a morte. Ora, para a vida continuar possível no seio de um Anti-Sistema feito apenas das forças negativas da destruição e da morte, é necessário lutar a cada passo contra o impulso rebelde, negador da vida, e atingir o manancial positivo e criador existente no Sistema de Deus, constituído pelas forças que dão a vida. Daí a necessidade de reabastecer-se sempre na fonte, renascendo, mas permanecendo ao mesmo tempo sujeitas à ação dos impulsos deletérios do Anti-Sistema. Enquanto todos estes agridem tudo (velhice, morte, decadência de todas as coisas), as forças de Deus estão sempre ajudando, reconstruindo tudo com uma criação contínua (nascimento, vida, sobrevivência de todas as coisas).

Compreende-se, desse modo, com a teoria da queda, a razão profunda pela qual só é possível existir à custa de contínua renovação e como, embora tudo de afadigue e morra, tudo sempre nasce e vive. Vida e morte são os dois impulsos do Sistema e do Anti-Sistema, em ação em nosso universo. Vemo-los funcionar sob nossos olhos, vivemo-los a cada momento. Vemo-los em luta contínua. Pela revolta, o nosso mundo deveria ser feito só de morte, se não tivesse permanecido nele a presença de Deus, para salvá-lo a cada momento. Da revolta resultou o impulso da destruição e ainda nos persegue sob a forma da caducidade de todas as coisas. E cada coisa seria destruída pelos impulsos negativos da rebelião, se Deus, que permaneceu todo em sua posição inviolável de centro universal, não continuasse a irradiar até mesmo no Anti-Sistema, criando tudo continuamente, ou seja, reconstruindo-o da constante destruição, para mantê-lo em vida. Chama-se criação contínua, justamente esse trabalho de reconstrução, indispensável para que seja possível continuar ainda a existir o seio das forças negativas do Anti-Sistema. O fenômeno da criação contínua é precisamente uma prova de estarmos situados no Anti-Sistema.²

² No Evangelho de São João (5:17) Jesus diz: “Meu pai trabalha até agora e eu trabalho também”. O verbo no original grego é *ergázetai*, que significa: trabalhar, no sentido de *produzir*. (N. do T.)



Do quanto foi exposto, resulta esclarecido que a revolta foi determinada por um novo impulso, derivado do egocentrismo de criatura, que colocou em movimento contrário ao egocentrismo de Deus, dirigente do Sistema. Assim, quando falamos de movimento como uma propriedade do Anti-Sistema, devemos compreendê-lo como um desvio, no sentido da desordem, no meio do movimento de ordem, próprio do Sistema. Tudo isso nos leva a uma compreensão mais exata do fenômeno da revolta. Ele foi, portanto, uma mudança no estado cinético da substância. Procuremos, agora, focalizar este conceito.

No estudo do fenômeno da queda, achamo-nos diante de dois estados cinéticos: o do Sistema e o do Anti-Sistema. O segundo representa um tipo fora da Lei, contrário ao primeiro, e expulso dele. Foi o impulso irregular da revolta que determinou, no estado cinético do Sistema a mudança que produziu a expulsão. Em outras palavras, com a revolta, uma parte do movimento do sistema tomou nova direção, levando-o para fora da sua estrutura orgânica.

À medida da desintegração atômica, em cadeia, ocorreu uma degradação do estado cinético, isto é, do dinamismo do Sistema. Mais precisamente, isto significa o seguinte: o potencial cinético da substância, em seu conjunto não podia mudar, ou seja, não podia deixar de permanecer tal qual havia derivado do único manancial possível, que era o impulso de Deus. Então a única coisa que podia mudar, com a revolta, era a forma do movimento, ou seja, uma direção diferente que a criatura livre quis dar àquele impulso originário, ao menos até onde lhe foi possível no âmbito de seu poder. Eis então que o ordenado movimento geral do Sistema, que antes da revolta só se dava na dimensão infinito, congelou-se na parte doente da desordem, aprisionando-se em dimensões cada vez mais fechadas sobre si mesmas pela involução, contraindo-se cada vez mais até às nossas dimensões espaciais.

Mas o fenômeno não ficou constituído apenas por essa contração de dimensões. Podemos imaginar o movimento do Sistema como do tipo que, no sentido espacial, vemos reproduzido em nosso universo, ou seja, do tipo espaço curvo. Esse movimento devia ser constituído por uma reta e uma curva ao mesmo tempo, ou seja, ser retilíneo no particular e curvo em seu conjunto. Os elementos existentes no Sistema em tal estado cinético giravam em torno do centro Deus, que era imóvel. Seu movimento era função da imobilidade do centro. As individualizações de cada elemento, antes da revolta, não apareciam separadas, pela razão de cada um não possuir movimento próprio em direção independente, que o individuasse, distinguindo-o no meio da ordem desse movimento coletivo, constitutivo da unidade do Sistema.

Eis então o ocorrido com a revolta, do ponto de vista cinético. Recordemos mais uma vez: para fazer-se compreender melhor, revestimos o fenômeno com representações mentais que, se o tornam mais facilmente compreensível, afastam-nos, contudo, de sua verdadeira natureza, totalmente abstrata. Eis então que, com a revolta, ao longo da linha desse movimento homogêneo e constante que arrastava igualmente todas as criaturas, formaram-se núcleos de resistências e com atritos. Isto pelo fato de elementos obedientes ao movimento geral desaparecerem na qualidade de individualizações separadas e tentarem assumir um movimento próprio, individual, em outra direção, como “eu” independentes, fora das trajetórias fixas pela ordem da Lei. Nasceu daí um estado cinético novo, diferente, oposto; por conseguinte, com resistências e atritos.

Esse novo estado cinético irregular inseriu-se no originário, regular, retilíneo no particular de cada elemento e inseriu-se precisamente como um seu desvio lateral. Daí nasceu o que chamamos “vibração”. Desse modo, ocorreu a primeira gênese do estado vibratório, constituindo o fundamento íntimo do mundo fenomênico, o dinamismo que gerou e rege a forma, ilusão do mundo exterior, ou seja, tudo o que nossos sentidos captam. Apareceram, assim, os vários modos de existir dos elementos de nosso universo, no relativo. Dessa maneira, a revolta fez diferenciar um novo estado cinético que, ricocheteando ao infinito no Anti-Sistema, permitiu se modelasse uma

ilimitada série de aparências, as quais para nós, como para todos os que estão situados no Anti-Sistema, constituem a realidade objetiva.

Estamos no momento da gênese desse estado vibratório. O movimento retilíneo do Sistema começou por uma oscilação sobre si mesmo. É a oscilação lateral característica do estado vibratório, o primeiro momento da gênese da ilusão, conseqüência lógica da desordem. Da revolta só podia nascer um estado doentio de irrealidade; do erro só podia derivar um estado ilusório e de aparências. Assim, o estado verdadeiro do Sistema irá aprofundando-se cada vez mais na mentira. Iniciada a descida involutiva, o ser irá ficando cada vez mais aprisionado na forma, ou seja, a liberdade retilínea do movimento do Sistema irá cada vez mais perdendo-se no determinismo da matéria, até ao ponto de curvar completamente o movimento retilíneo nas trajetórias fechadas do átomo. Neste ponto, a involução, efeito da revolta, levou o ser do estado espiritual ao material e o impulso que gerou a queda alcançou os seus efeitos.

Com a vibração, nasceu a onda com suas características de freqüência e de comprimento. No princípio, o tipo de vibração, é mais próximo da linha reta, isto é, freqüência máxima e comprimento de onda ou amplitude de oscilação mínima. Esta se poderá chamar de onda espiritual do pensamento. Mas, uma vez iniciado o processo de degradação, esta continua impelindo o ser a existir em formas de vida cada vez mais involuídas, menos psíquico-espirituais e mais materiais. Descemos, assim, até a vida animal e vegetal. A este ponto, a degradação do espírito desce abaixo das mais elementares formas de vida e entra, mudando ainda mais, no mundo dinâmico, como energia, na forma de eletricidade, da qual, depois, no processo evolutivo inverso sabemos que renasceu a vida. Neste ponto da descida, a onda, tendo se tornado mais longa e de freqüência menor, começa a contrair-se, diminuindo a sua amplitude de oscilação progressivamente, num processo de enrodilhamento sobre si mesma, até fechar-se nas trajetórias obrigatórias do átomo, fenômeno para o qual se passa, como por um congelamento cinético, da fase energia, para a fase matéria.

O fenômeno da queda, estudado em seu aspecto dinâmico, apresenta-se-nos, agora, como uma curvatura cinética, ou envolvimento gradual do movimento sobre si mesmo, equivalente a um contrair-se da liberdade do espírito (Sistema) no determinismo da matéria (Anti-Sistema). Com a queda, assistimos a uma curvatura progressiva do estado cinético da substância, livre e aberto na origem, até ao ponto em que se aprisiona no Sistema cinético fechado do átomo. Neste ponto, chegamos ao fundo da queda, no reino da matéria e do máximo divisionismo, onde dominam no caos as individuações atômicas isoladas, no triunfo pleno do princípio separatista da revolta.

Neste ponto do processo, no fundo da involução, nos antípodas do estado unitário do Sistema, triunfa o núcleo do “eu”, tornado elemento rebelde. No pólo oposto ao estado originário da primeira criação, o princípio separatista vence o princípio unitário. Isto porque, uma vez tendo percorrido o trajeto involução ou queda, a criatura acabou de realizar completamente o novo estado cinético, por ela produzido e desejado com a revolta. Com esta o ser fez, de si mesmo o centro Deus, mas em torno do centro de um novo Sistema, aliás, do Anti-Sistema. Isto levou a uma infinita multiplicação de centros. Esta teoria cinética da queda explica-nos o significado íntimo daquele fenômeno de divisionismo ou pulverização da unidade no caos, de que falamos. A desordem do caos substitui-se à ordem originária porque, ao invés de cada elemento existir em função do centro Deus, estando todos os elementos de acordo na disciplina da Lei, cada elemento, com a revolta, passou a existir apenas em função de si mesmo. Dessa forma a Lei não está mais presente neste ponto, sobrevivendo apenas ao estado latente, como íntimo impulso de evolução, isto é, como impulso oculto que impele ao retorno à ordem de origem.

Enquanto no organismo perfeito original, temos em Deus o único centro que rege tudo em unidade, ao chegarmos ao fundo da queda no Anti-Sistema, temos uma infinita multiplicidade de centros, tantos quantos são os núcleos e os elementos centrais destes, nos átomos existentes. Eis a pulverização extrema no caos, a vitória do separatismo buscado com a revolta. Vejamos agora o desenvolvimento total do fenômeno, até ao fundo, não só em sua íntima estrutura íntima, mas também como desenvolvimento fatal de um processo lógico. Do Sistema permaneceu apenas, com um

eco, esta última reprodução invertida do modelo original. É uma imitação às avessas, onde, no entanto, permaneceu um centro, mas não mais significa unidade e sim multiplicidade; não mais centralidade e centralização em torno dele, mas descentralização e separação; não mais obediência a um governo central, mas anarquia. O conceito de centro permaneceu, como verificamos no átomo, não porém para significar a unidade, mas antes para mostrar o fragmentar-se da unidade. Resta o modelo original, porém, não é mais uno, como deve ser o centro para assim permanecer, mas é uma infinidade de centros que não se conhecem, e do fundo do caos apenas começam a reorganizar-se, estamos muito longe daquele estado de fusão orgânica à qual a evolução os conduzirá. Neste ponto do processo eles estão apenas desordenadamente amontoados, muito longe de um estado de funcionamento coletivamente coordenado. Os elementos existem não mais em relação direta com o centro Deus, mas apenas cada um em relação com o seu pequeno centro. O centro não é mais Deus que rege todo o Sistema, mas um núcleo que dirige alguns elétrons. É o último resultado em que se encontra o “eu” da criatura por ter desejado substituir-se ao “eu” central de Deus, dirigente de todo o Sistema. Traduzindo em termos de dinâmica atômica e ondulatória, assim se explica o processo da revolta e da queda.



No período evolutivo, verifica-se o processo inverso, de reunificação e reorganização pelo princípio das unidades coletivas (Cap. XXVII de *A Grande Síntese*). No átomo chegou ao máximo a curvatura do estado cinético, próprio da substância em sua posição original de Sistema não decaído. Devemos a essa curvatura do movimento, à sua contração para fechar-se sobre si mesmo, o fato do emborcamento ou inversão de valores do Sistema, para o Anti-Sistema: a vida que se corrompe na morte, o bem no mal, a luz nas trevas, a liberdade do determinismo, a felicidade na dor, assim por diante. A teoria cinética da queda mostra-nos o equivalente dinâmico destas transformações. As trajetórias fechadas dos íntimos movimentos do átomo representam o equivalente cinético da contração ou curvatura da liberdade do espírito no determinismo da matéria. Corresponde também a lógica que a vitória do egocentrismo dos elementos menores, na tentativa de egoisticamente substituir-se ao egocentrismo de Deus que dirigia o Sistema, tenha produzido uma contração cinética, pelo fato de o campo dinâmico ter-se subdividido em numerosos campos menores, em virtude de ilimitada multiplicação de centros, no lugar do único que comandava todo o Sistema. A subdivisão separatista não podia deixar de causar uma diminuição do campo de domínio do “eu”, o que significa perda de liberdade. Se a revolta levou a uma extraordinária multiplicação de individualidades dominantes e independentes, o resultado final foi estas terem de dividir entre si o campo de domínio, e cada uma teve de limitar o próprio para deixar lugar ao das outras. Isto pelo fato de, com a revolta, as individuações no Anti-Sistema serem elementos de tipo isolado, antagonistas, e não de tipo orgânico, com funções coordenadas, como no Sistema; ficaram separadas em numerosos Sistemas mínimos de força, divididas e não fundidas num único, em compacta estrutura orgânica. Dessa maneira, a teoria cinética da queda mostrando-nos a curvatura das trajetórias e a construção do Sistema de forças do organismo original, revela-nos a íntima razão causadora do desvio para fora da Lei e inversão dos valores que estabeleceram o conteúdo do Anti-Sistema.

No átomo, pois, a substância acha-se na posição de máxima descida involutiva. O átomo, com o seu sistema apertado em torno do núcleo, reduzido a dimensões submicroscópicas, tão puntiforme que nele está quase destruída a dimensão espacial, representa o triunfo máximo do egocentrismo separatista do “eu” rebelde, que chegou a colocar o seu “eu” como substituto de Deus, transformando-se em sistema próprio, fora do sistema Dele. O modelo original permaneceu, porque a criatura não pode criar, mas apenas imitar. O modelo ficou, mas repetido às avessas, como uma paródia, pois o centro Deus foi substituído por um centro tão infinitesimal que só sabe dirigir, ao invés do sistema do todo, apenas alguns satélites que cegamente lhe giram em torno, sem liberdade e sem conhecimento.

É este o estado da matéria na formação das nebulosas: interminável número de elementos desordenadamente agrupados nos aglomerados estelares. Encontramo-nos, aqui, no fundo do período involutivo, na plenitude do Anti-Sistema. É deste ponto, do átomo, que se inicia o período inverso, evolutivo, da subida para o Sistema. Aí, a potência coesiva representada pelo Amor, que mantém livremente unidos os espíritos no Sistema, sobrevive, funcionando ainda, mas em termos rigidamente determinísticos, como força de atração ou gravitação. Como tal, nesta sua forma, começa o Amor a dirigir o constituir-se e o desenvolver-se das nebulosas, com a formação da primeira manifestação da matéria nos corpos estelares. Assim, o poder de Deus chegando até ao Anti-Sistema, guia e impele, desde os primeiros passos, o gigantesco fenômeno da evolução que deverá trazer de novo tudo a Ele. Dessa maneira, nascem e abrem-se as galáxias, primeira manifestação, no plano físico, da tendência do Anti-Sistema a uma distensão cinética, ou seja, ao reabrir da curvatura do movimento que se verificou com a involução na queda.

A astronomia moderna viu esta tendência do universo na sua expansão. Calcula a ciência que esta expansão deve ter tido início há cerca de dois ou três bilhões de anos. E calcula, outrossim, que no estado embrionário do universo, toda a matéria que se pode ver agora disseminada através do espaço até os limites de visão do telescópio do Monte Wilson, isto é, num raio de quinhentos milhões de anos-luz³ estava comprida numa esfera com um raio somente oito vezes o raio solar. Atingido este estado de extrema densidade, foi iniciado um movimento contrário de descentralização e de rápida expansão, que reduziu milhões de vezes a densidade do universo. A matéria, qual tremendo explosivo, foi lançada longe do centro com velocidades espantosas, repetindo no extremo oposto do processo da queda – invertido na sua forma material – o mesmo motivo que constituiu a revolta e conseqüente afastamento do centro. Para alcançar esta expansão, o nosso universo teve de romper os liames que o haviam mantido unido nos primeiros estágios de sua evolução, formados pelas forças da gravidade. Parece que atualmente o impulso cinético das galáxias, em direção ao afastamento, seja várias vezes maior do que sua recíproca energia potencial de gravidade; isto implica logicamente em que o nosso universo continue a expandir-se ao infinito, simplesmente obedecendo à lei da inércia, sem nenhuma probabilidade de seus elementos se reaproximarem entre si, levados pela força da gravidade.

Perguntamo-nos agora: por que acontece tudo isso? E o que significa? Por obra de quais forças foi determinada essa expansão do universo? A ciência admite que esteja agora expandindo-se porque, em precedente período de sua história se contraiu ao infinito para um estado de enorme densidade, e portanto ricocheteou, impulsionado pelas poderosas forças elásticas inerentes à matéria comprimida. O fundo da descida involutiva, então, segundo a ciência, seria representado por um estado de máxima compressão do universo, pela qual toda a matéria se restringiu, reduzida ao estado de um fluido nuclear uniforme. A cinética expansionista prevalece sobre a cinética contracionista, invertendo a direção do movimento: não mais em descida involutiva, mas em subida evolutiva. Neste ponto, esgota-se o impulso da revolta e recomeça a agir o impulso oposto da atração que o centro Deus continua a exercer sobre tudo o que existe, e neste caso impelir e guiar a evolução para a construção de tudo o que a involução destruíra.

Como se vê, a teoria cinética da queda acha-se de acordo com os últimos dados da ciência e explica-nos seu significado profundo. O conceito de condensação e compressão da matéria corresponde ao de contração ou curvatura cinética, que o explica. E o conceito de expansão de nosso universo corresponde ao da abertura cinética, isto é, libertação do movimento das trajetórias fechadas do Anti-Sistema nas abertas, do Sistema. Aqui também o segundo conceito explica o primeiro. A fase de contração cinética é dominada e determinada pelos impulsos gravitacionais, que exprimem não o Amor divino salvador, mas o amor egoísta dos egocentrismos separatistas, ou seja, não mais impulso centrípeto em direção a Deus, mas centralizador em direção ao pólo

³ Anos-Luz – distancia percorrida pela luz durante um ano com a sua velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo. (N. da E.)

oposto da criatura rebelde. Já a fase de abertura ou libertação cinética é dominada e determinada pelos impulsos expansionistas, nascidos de ricochete como reação ao movimento precedente de concentração e compressão. E o ponto em que o processo involutivo chega ao fundo do desmoraamento, no qual se inicia o processo oposto evolutivo, é dominado pelo contraste das duas forças opostas: a gravitação e a expansão, ou seja, a contração e expansão cinética. A vitória do primeiro impulso, exprime o Anti-Sistema que chega à plenitude da sua realização; o segundo, ao entrar em ação, exprime o esgotar-se dos impulsos daquele e o início de um novo período, no qual começam a funcionar as forças do Sistema, salvadoras do Anti-Sistema.

Entretanto, paralelamente a tudo isso, ocorre um fenômeno igualmente importante: o do amadurecimento estequiogenético. Já o estudamos em *A Grande Síntese*. Não somente as galáxias, como também o dinamismo representado pela estrutura cinética fechada no átomo, tendem a abrir-se em certo ponto, permitindo a evasão de elétrons. Podemos agora compreender a razão profunda desse fenômeno. A tentativa de substituir Deus pelo eu separado da criatura, na direção central que domina o Sistema, não podia ir além da forma de tentativa, pois a criatura não é onipotente e só domina forças limitadas; não representa um manancial inesgotável e infinito, sendo apenas parte de um todo; sua ação, pois, está sujeita a esgotar-se. Em seu impulso egocêntrico, o núcleo, centro do sistema atômico, tenta reagrupar em torno de si e dominar com o seu poder o maior número possível de elétrons. Tenta com isso repetir o motivo centrípeto do Sistema de Deus. Mas é um elemento e não o centro do sistema e, além disso, o seu impulso é contrário ao do Sistema onipotente de Deus. Por isso, por mais que o elemento lute para impor-se, deve chegar o momento em que as suas forças limitadas devem esgotar-se, o poder de domínio de seu egocentrismo tem de declarar-se vencido. É inevitável chegar o momento quando seu impulso de Anti-Sistema contra a corrente é superado por outra corrente do Sistema. E tanto mais isso acontece, porque revolta significa resistência e, portanto atrito, o que desgasta o elemento rebelde, esgotando-lhe o impulso individual.

Chega-se assim a um ponto no qual o núcleo não tem mais força para dominar o seu sistema planetário, por ter-se tornado rico demais de satélites. A tendência de seu egocentrismo é de atrair e dominar um número cada vez maior. Mas são limitados seus recursos de elemento separado, sendo o seu potencial dinâmico apenas o de um fragmento ou centelha. O limite de sustentação, no crescimento do sistema atômico, é atingido no 92º elemento satélite. Além desse limite, a atração centrípeta do egocentrismo do elemento não funciona mais porque se esgota. Nesse momento, inicia-se um movimento oposto, centrífugo, pelo qual se quebra a unidade que o átomo conseguiu construir pelo poder egocêntrico do núcleo. E chegamos aos fenômenos de rádio-atividade, pela qual o urânio, que representa o peso atômico mais alto (238,2) constitui o último termo da evolução estequiogenética da matéria. Aí se inicia a desintegração atômica. O pequeno “eu”, que se separou do Sistema de Deus, desejaria igualmente continuar a atrair a si todo o universo. Mas sua construção é feita no negativo, obra de revolta e, como tal, não pode crescer nem durar. Além disso, o elemento se acha aí no ponto de maior fragmentação da unidade, o que divide em frações infinitesimais o poder centralizador de sua posição. Então a Lei de Deus, que se fez inexoravelmente determinística nesse nível, retoma esses elementos chegados ao fundo da descida, sob seu domínio inviolável. O próprio potencial das forças em poder dos rebeldes já havia fixado implicitamente os limites da revolta e, chegados em determinado ponto, um novo impulso reconstrutor destrói as suas pseudo-construções.

Então o átomo se fragmenta e a evolução, caminho de regresso, torna a levar à distensão cinética o movimento que se curvara sobre si mesmo. Assim, as trajetórias fechadas no átomo, abrem-se para a saída dos elétrons, que se lançam livres no espaço gerando um novo modo de ser da substância; a energia. Podemos, dessa forma, compreender o significado profundo do fenômeno da radioatividade: representa o primeiro passo no caminho do regresso, com a passagem da fase matéria à fase energia. Representa o primeiro salto da distensão cinética para libertar o movimento das formas fechadas das trajetórias do átomo. Representa o primeiro golpe da destruição e das construções do Anti-Sistema (átomo, matéria), para a reconstrução do Sistema

destruído com a revolta. Entramos na fase energia, da qual, mais tarde, se passará à do espírito.

Da mesma forma como na fase involução o impulso da revolta representava uma tendência a uma curvatura cinética cada vez maior, ou aprisionamento do movimento, assim, nesta outra fase, que é evolutiva, a atração centrípeta do sistema, em direção a Deus, prevalece sobre o impulso da revolta, representando uma tendência a uma abertura cinética cada vez maior, ou libertação do movimento. Chegados, com o urânio, a 92 elementos satélites, estes não continuam mais girando em redor do núcleo, mas se rebelam, libertando-se do seu domínio, quebram as trajetórias ou seja, o estado cinético fechado, e se lançam no espaço com trajetórias independentes, num estado cinético livre. É neste ponto que começa a demolição do Anti-Sistema e a reconstrução do Sistema, porque, contra a atração do egocentrismo do eu separado, vence e torna a funcionar a atração do egocentrismo do Sistema – Deus.

Continua, assim, a reconstrução do edifício. Com a focalização do aspecto cinético da destruição e da reconstrução do Sistema. Procuramos obter, de novo ponto de vista, outra visão do fenômeno. Revela-nos representar o período de involução, um fenômeno de curvatura, enquanto o período de evolução representa um fenômeno de distensão cinética. O trajeto de ida ou descida, gerando a queda, significa um processo de curvatura do estado cinético que constitui o espírito, no estado cinético que constitui a matéria. O trajeto de regresso ou subida, produzindo a reconstrução, significa um processo de distensão ou endireitamento do estado cinético que constitui a matéria, no estado cinético que constitui o espírito. Tanto no trajeto de ida para a plenitude do Anti-Sistema (involução), como no trajeto de regresso para a plenitude do Sistema (evolução), com a destruição do Anti-Sistema, encontramos-nos no âmago de um processo que, seja no sentido da curvatura como no do endireitamento cinético, o movimento se dá sempre em função do conceito de curva. Representando a formação do Anti-Sistema um processo de curvatura, tudo nele só pode ser curvo e tanto mais curvo quanto mais nos aproximamos de seu estado de plenitude, que é representado pela matéria. Esta é mais uma razão, além daquelas já expostas no volume *Problemas do Futuro*, para comprovar que o espaço, dimensão da matéria, só possa ser curvo em seu conjunto.

A revolta representa a vontade dos elementos rebeldes de fechar-se sobre si mesmos, separando-se do movimento dos outros elementos do Sistema que funcionam em relação ao centro Deus. Esta vontade contrária constitui o primeiro impulso da separação e, portanto, da expulsão do Sistema, daí ocorrendo o desmoronamento. O Anti-Sistema, forte pelo impulso que tomou, procura reconstituir-se na posição invertida (emborcada) de Sistema desmoronado, ou seja, de Anti-Sistema. As forças do mal resistem. A matéria, seu reino, desejaria ser eterna como o espírito. Mas, em determinado ponto aparece a fraqueza congênita do Anti-Sistema, o impulso separatista se esgota, e a nova construção dos rebeldes desmorona por sua vez. A ruína do destrucionismo porém, só pode ser reconstrução; a ruína do divisionismo só pode ser unificação; o contrário da contração só pode ser expansão e libertação. O caminho da descida só pode ser invertido tornando-se o caminho da subida. Na sucessão desses momentos há uma conseqüência lógica da qual se pode escapar.

Dessa maneira, no próprio seio do Anti-Sistema é implantado um princípio oposto a ele: o princípio construtivo do Sistema. É introduzido no âmago do princípio destrutivo do Anti-Sistema um novo impulso, proveniente de Deus, o qual retoma tudo para regenerar, salvar e reconstruir o que estava destruído. Entramos, assim, no período evolutivo, e é este o seu significado profundo. A matéria se desintegra, nasce a energia que depois se transforma em vida e esta, através do sistema nervoso e cerebral, em psiquismo e espírito. Assistimos ao fato evidente de uma reconstrução de valores, de potencial dinâmico, a uma abertura da contração do mal e da dor, a uma libertação da prisão da forma, à distensão da curvatura do eu rebelde sobre si mesmo, cujo egocentrismo é adorado em lugar de Deus, para tornar a adorar a Deus e a viver apenas em função Dele.

Desse modo, é gradativamente corrigida a curvatura cinética reabsorvida a oscilação lateral da onda e, com ela, a vibração genética da forma que, por sua vez, tende cada vez mais a desaparecer, desaparecendo o nosso mundo de

aparências e ilusões. Assim, a fraqueza causada pela pulverização no separatismo é reabsorvida pelo poder da unificação. Quando dissemos que a ordem é reconstituída, quisemos significar com isso que o desvio lateral no movimento do Sistema é reconduzido ao seu *binário*, onde se encontra a Lei. Vimos que a revolta, em termos de cinética, significa, na ordem do movimento do Sistema, os elementos rebeldes formadores de uma espécie de núcleos, centros de turbilhões autônomos, visando crescer sempre mais em direção egocêntrica, contrária ao divino egocentrismo do Sistema, também este tendendo à própria autonomia. Daí a luta entre as duas autonomias, os dois egocentrismos; esta a razão da existência do dualismo, qualidade fundamental de nosso universo, filho do Anti-Sistema e constituído ao mesmo tempo do desmoronamento e da sua salvação. Vivemos do choque dessas duas forças opostas e nos amadurecemos, desgastando nossa materialidade no atrito doloroso entre os dois impulsos, o impulso da revolta e o da Lei de Deus. Cada um disputa com o outro a criatura, para apossar-se dela. A nossa fase atual é de transição de um plano a outro da evolução. O fenômeno não pode permanecer existindo sempre nesta forma. O próprio fato de ele ser constituído por um “tornar-se”, impele-o, fatalmente, para a sua solução. Um dos dois impulsos tem de vencer, finalmente. Do estudo da estrutura cinética do processo, deduz-se como a lógica e necessária conclusão que só o impulso de Deus, por ser o mais forte, pode vencer. Da fatalidade desse fato é impossível escapar. A positividade do Sistema não pode deixar de acabar demolindo e reabsorvendo toda a negatividade do Anti-Sistema.

Vimos que a curvatura cinética no Anti-Sistema é devida à tendência dos núcleos rebeldes de centralizar tudo, tudo envolvendo em redor do próprio egocentrismo, rivalizando desse modo com Deus, a fim de superá-lo. Absurdo empreendimento. Por isso, ao invés de vencer o Sistema, a revolta só conseguiu formar nele vórtices sinistrogíros, resistentes à oposta corrente destrógiro, tendo como resultado, o sofrimento, depois, todo o atrito, até ao ponto de serem demolidos, diante de um antagonismo mais forte. É verdade que o Anti-Sistema consegue alcançar a sua plenitude na matéria. Mas essa plenitude é transitória e as construções atômicas não resistem e se desintegram. A revolta não tem o poder de criar um centro cinético estável, mas apenas uma cinética de transformismo. O novo tipo de existência, criada pelo Anti-Sistema, é apenas um “tornar-se”, ou seja, modificar-se, a instabilidade de dever correr, porque, dentro do processo involutivo ou evolutivo, só é possível existir como movimento. A revolta não produziu nada de fixo nem estável, mas apenas a necessidade de perseguir u'a meta, sem nenhuma possibilidade de poder escapar à fatalidade de atingi-la. Por sua própria natureza íntima, o fenômeno nascido da revolta é um processo fadado a terminar, qual fera voraz que, em última análise, se vê forçada a devorar a si mesma.

Assim, a tentativa dos rebeldes para constituir-se em sistema independente, tornando-se centros, resultou em vão. Tudo se reduz, por fim, a uma excessão transitória no estado normal do Sistema, e a uma necessidade de terem de realizar o esforço da nova subida. O seu esforço para realizar pseudo-construções, reduz-se à necessidade contrária, de ter, com a evolução, de realizar verdadeiras construções de acordo com a Lei violada. Com a revolta o ser se colocara diante da encruzilhada: caminhar para trás, reconstruindo com a evolução tudo o que destruíra e salvar-se, voltando a existir de acordo com a Lei no Sistema, tal como quisera Deus, ou então insistir na descida. Mas, o que pode haver no fundo de um processo negativo de destruição, senão a negação de tudo, até à destruição de si mesmo? Como pode sobreviver quem quer mergulhar num sistema que é de morte, pois é contra Deus, que é vida? A revolta só foi possível na forma como ocorreu, de modo a não poder produzir outro resultado senão resistência, luta, atrito, perda, pois estava condenada desde o princípio. O sistema nada tinha a temer e nem sequer, por fim, a própria criatura rebelde, pois se ela não queria permanecer aniquilada, teria de realizar o esforço da subida. Depois de haver aprendido a dura e salutar lição, poderia usufruir seus resultados, regressando ao seu estado anterior de perfeição. Dessa maneira é endireitada e corrigida a tremenda curvatura cinética, pela qual se aprisionara a liberdade do espírito no determinismo da matéria. Se, no ponto mais fundo da involução, a vida, qualidade de Deus – “Eu sou” – está extinta, e no seu aniquilamento se atinge a vitória da rebelião, justamente nesse instante se inicia o processo inverso, a evolução, a obra de salvação que trará de volta tudo novamente sanado, aos braços de Deus.

Esse rápido olhar permitiu-nos esclarecer e compreender ainda melhor o tão discutido fenômeno da queda. Permitiu-nos, além disso, ver as razões profundas que regem os processos nucleares, demonstrando-nos como seja possível uma filosofia da física atômica e uma teologia que compreenda e explique as últimas descobertas da ciência moderna.

XIII

O PROBLEMA DA PERFEIÇÃO, ONISCIÊNCIA E ONIPOTÊNCIA

No capítulo IX começamos a responder a algumas objeções feitas por outros e por nós mesmos. Logo depois, ao resolver as primeiras dificuldades examinadas, a crítica à teoria se ampliou levando-nos, para melhor esclarecer e responder, a reexaminá-la, colocando-a diante da filosofia e de seus sistemas, diante das modernas orientações da biologia e das últimas conclusões da ciência astronômica e nuclear. Isto nos permitiu focalizar e esclarecer outros pontos, trabalho próprio desta segunda parte de análise e de crítica.

Agora, poderemos continuar a responder, de forma mais pormenorizada e específica, às várias perguntas e dificuldades que nos foram apresentadas pelos próprios ouvintes dos dois cursos realizados sobre o tema deste volume, nas capitais brasileiras de São Paulo e Rio de Janeiro, nos meses de inverno deste ano de 1956. Este estudo, tirado diretamente do contato com os ouvintes dos cursos, representado pela discussão dos vários temas tratados, será aqui reproduzido na forma em que ocorreu, de perguntas e respostas, para concluir o presente volume.

Podemos, assim, observar o choque entre duas psicologias: a humana comum, com os seus pontos de referência em nosso mundo, e a inspirada que vê do alto os mesmos problemas. Temos de levar em conta também a primeira, tanto mais que poderá levar-nos a fazer uma observação sob novo ângulo, vendo as coisas e equacionando os problemas diversamente. Isto poderá conduzir-nos a novos esclarecimentos, novas perspectivas ainda não vistas ou não focalizadas perfeitamente. Sem dúvida, nos expõe ao risco de incorrer em algumas repetições, pois são trazidos a exame sempre os mesmos motivos. Outrossim, não será possível, nestes capítulos, manter uma ordem lógica e orgânica, pois devemos seguir o pensamento nascido na exposição dos vários temas, neles se inserindo com as discussões. Todavia, esforçamo-nos em reagrupar o material recolhido segundo os assuntos, em torno de cada tema. Este estudo tem a vantagem de mostrar-nos a psicologia e as reações do ouvinte comum, quais são e como podem ser resolvidas as dúvidas, geralmente surgidas do modo comum de conceber as coisas e que costumam manifestar-se em todas as mentes. As reações assemelham-se, demonstrando existir um fundo psicológico comum, originado pelos mesmos pontos de referência terrenos e humanos. Por isso são proveitosos estes capítulos, por permitir-nos apresentar ao leitor respostas diretas às perguntas que ele mesmo estará formulando ao ler os capítulos precedentes. Sem dúvida seriam as mesmas que faria se tivesse assistido aos cursos, feitas pelos outros ouvintes no lugar dele. Dessa maneira, mesmo se tivermos que voltar a tratar temas já desenvolvidos, podemos melhor alcançar o objetivo principal de toda a nossa obra, fazendo tudo ser bem compreendido; tanto mais é difícil repetir um conceito de modo idêntico duas vezes, pois quanto se pensa repeti-lo, de fato se está acrescentando sempre algum pormenor ou aspecto diferente. Diante destas vantagens, não importa se agora os problemas não são enquadrados numa visão geral, nem se são tratados sem ordem, pois, o leitor aí se encontrará um pouco, vendo resolvidas as próprias dúvidas, da maneira como costumam surgir na mente humana. Não devemos recusar nada do que possa levar a esclarecimento e compreensão cada vez maiores.

Dito isto, passemos ao exame das objeções e às respectivas respostas.



OBJEÇÃO

Deus criou os espíritos tirando-os de Sua própria substância. Então tinham de ser de Sua natureza mesma e possuir Suas mesmas qualidades. Ora, dado que entre os atributos de Deus devemos admitir, em primeiro lugar, a *liberdade*, temos de admitir necessariamente que os espíritos eram livres, de uma liberdade completa, como era a de Deus. Segue-se daí a possibilidade de erro, pois uma liberdade à qual não seja permitido tudo, até errar, uma liberdade à qual seja proibida qualquer mínima coisa, não é mais liberdade completa. Existia, pois, no Sistema a possibilidade de queda, como conseqüência do erro. Até aqui, de acordo. Mas aqui começam as dificuldades.

Entre as qualidades da Divindade devemos admitir não somente a liberdade, mas também a *perfeição*, e pelas razões acima expostas, os espíritos deviam possuir também esta outra qualidade, a perfeição. E se eram perfeitos, deviam ser também impecáveis, não sujeitos a erros e, portanto, não devia haver possibilidade de queda.

Todavia, deviam possuir também outra qualidade da Divindade: como Deus, deviam ser oniscientes, e conhecer os prejuízos decorrentes de uma desobediência; logicamente, deveriam ter escolhido o melhor caminho, ou seja, o da ordem e disciplina. É inadmissível que um ser inteligente, como os espíritos deveriam ser, venha a executar um ato cujas terríveis conseqüências já conhecia.

No entanto, há mais. A revolta não era um ato particular, de interesse somente dos espíritos rebeldes: interessava a todo o Sistema, pois atentava sobre a sua integridade; interessava, sobretudo a Deus que era o cabeça e o centro de tudo. Ora, Deus era consciente e sabia as conseqüências da revolta, sabendo-as não devia permiti-la. Um Pai amoroso impede até com risco de vida que seu filho caia no abismo.

Além disso, Deus também era *onipotente*. Se assim era, como pode ter construído um Sistema capaz de ruir, uma lei suscetível de ser violada, uma obra capaz de falir? Tudo isso contradiz o próprio conceito de Deus. A obra de Deus devia ser perfeita como Ele, e um Sistema perfeito não pode desmoronar. Se um edifício desmorona é porque está mal construído, e neste caso a imperfeição está no engenheiro, ou seja, em Deus. Se o Sistema ruiu mais tarde, isto significa ser a obra imperfeita e portanto imperfeito seu autor. Sendo isto absurdo, é também absurda a teoria da queda.



RESPOSTA

Diante de uma afirmação pode-se tomar duas atitudes: a de não discuti-la, demonstrando apenas os absurdos provenientes de sua aceitação; ou então discuti-la, demonstrando seu absurdo diante dos fatos e da lógica. Seguiremos estes dois caminhos. Começemos pelo primeiro.

a) Poderemos excluir a teoria da queda, mas não poderemos eliminar os fatos existentes. Compete, então, a quem nega a teoria, dar uma explicação desses fatos, os quais permanecem, problema insolúvel. Partamos de um dado positivo indiscutível, conhecido por todos: a existência do mal e da dor. De que causa são eles efeito e como se derivaram? É indispensável um ponto de partida e a causa primeira só pode estar em Deus. Os fatos existem e não podem ser destruídos. Temos, ao menos, de explicá-los.

Se Deus é *perfeito*, como podem ter saído de Suas mãos coisas tão monstruosamente imperfeitas? Admitir uma filiação direta significa negar Seu principal atributo, isto é, a perfeição. Como pode dela ter nascido tudo de horrível existente em nosso mundo? Como pode haver numa obra, que deveria ser perfeita, tal mancha

indelével? Temos, de um lado, um Deus perfeito gerador de tudo. Temos do outro, criaturas que não podem ter nascido senão Dele, sendo muito imperfeitas. Como é possível tão estreita relação de filiação entre dois elementos tão diversos? Então, se não quisermos cair no absurdo de dizer que as criaturas não foram geradas pelo Criador, devemos admitir, entre os dois, a ocorrência de algum acontecimento, ao qual se deve a transformação. Se Deus não pode ter criado, sendo Ele o Todo, senão tirando tudo de Sua substância e se esta só podia ser perfeita, então nada de imperfeito podia ter saído de Suas mãos e muito menos criaturas imperfeitas. É, pois, absurda uma criação imperfeita para depois se aperfeiçoar, ou uma criação de espíritos imperfeitos aos quais depois fosse imposta, contra a possibilidade de qualquer livre escolha, a angustiante fadiga de conquistar a perfeição com a evolução. Há, além disso, inconciliabilidade entre espírito e imperfeição, e é uma contradição falar de espíritos imperfeitos. As criaturas saídas da mão de Deus só podiam ser espíritos e perfeitos, porque saíram das mãos de Deus e porque eram espíritos. O estado de perfeição só pode existir no estado espiritual.

Mas, em nosso universo não existe apenas o mal e a dor. Existe também a matéria. Se Deus não é senão puro espírito, donde e como se derivou a matéria? Se só podemos conceber Deus como um estado espiritual perfeito, como pode ter nascido Dele, em direta relação de filiação, este tão diferente estado material imperfeito? Há um fato positivo, indiscutível: o nosso universo é dualista. Há nele o lado material e o espiritual. Cada elemento se constrói na contradição entre dois princípios opostos. Ora, o conceito de Deus só pode corresponder a um princípio único, estritamente monista. O dualismo, então, só pode ser aceito como uma corrupção ocorrida depois. Não é admissível, em Deus, contraste, nem contradição, nem essa dissensão interna entre dois princípios contrários. Não se pode aceitar o conceito de um Deus dividido contra si mesmo, conceito de um centro que não seja unidade absoluta.

Diante de todos esses fatos positivos, ou seja, o mal, a dor, a imperfeição de nosso mundo, a matéria, o dualismo etc., devemos concluir que: ou Deus não criou tudo isso e então há outro criador e Deus não é a cabeça e não abarca tudo; ou, se não existe um anti-Deus criador de todas essas coisas, e foi Deus que as criou, então Ele errou e agora procura salvar Sua obra, remediando o mal feito. Mas, se achamos esta conclusão absurda, por fazer parte do próprio conceito de Deus que não pode errar, então perguntamos: quem errou? Se devemos excluir como absurda também a outra hipótese de um segundo Deus criador diferente, não nos resta outra causa possível senão Deus ou as Suas criaturas, pois fora disso não existe outra coisa. Então se esses efeitos como vimos, não podem ser atribuídos ao Criador, só nos resta atribuí-los à criatura. Neste caso, somente com a teoria da revolta e da queda podemos encontrar uma explicação lógica de tudo, porque dessa forma Deus não é o motor imediato e a causa direta do atual estado de coisas, mas entre Seu trabalho perfeito e as conseqüências imperfeitas, se haveria interposto o fato novo da revolta, a qual teria sido a causa dessa imperfeição, que não pode de maneira nenhuma ser atribuída a Deus.

Não. O mal não pode ter sido criado por Deus, porque se assim tivesse acontecido deveria ser como a Sua substância, isto é, eterno e indestrutível. O mal estaria definitivamente instalado na obra de Deus, como mancha indelével e então seria dada a essa força inimiga o poder de arruinar para sempre a obra Divina. Não. Se não quisermos contradizer o único conceito que devemos fazer Dele, não podemos conceber o mal, a dor etc., senão como exceção temporária; não como parte do Sistema, mas apenas como um incidente, uma doença curável, um desvio na obra de Deus. Ele é positivo, afirmativo, construtivo em tudo, e todo o negativo não pode de forma alguma fazer parte Dele, nem de Sua criação direta. O branco não pode gerar o negro, nem o bem produzir o mal, nem o amor engendrar o ódio, nem a felicidade criar a dor. Aqui vemos uma inversão de valores: trata-se precisamente de um emborcamento e só uma revolta pode explicar-nos isso. Não se trata de um a criação diferente, estranha, mas de um emborcamento da criação perfeita de Deus. O efeito que temos sob os olhos apresenta-se-nos exatamente na posição que, invertendo-se, teria alcançado a causa que conhecemos em Deus. Então, dado não ser possível encontrar outras causas, a única possível, nós a vemos aparecer invertida neste efeito, só há uma saída para resolver o problema: é ligar aquela causa a este efeito por meio do fenômeno que chamamos revolta e queda. Assim tudo fica perfeitamente

explicado: ao contrário se negarmos esta teoria, tudo permanece mistério e contradição. Diante dos fatos reais, não basta negar, é indispensável resolver, demonstrando. Podemos, pois, repudiar esta teoria só quando nos for oferecida outra explicação melhor dos fatos existentes, os quais não podem ser destruídos pela simples negação.

Enquanto verificamos existir exatamente uma relação de inversão entre a causa em Deus e os efeitos que vemos em nosso mundo, a teoria da revolta nos revela precisamente um impulso dessa natureza. Temos, assim, sob os olhos as peças de u'a máquina desmontada ou os fragmentos destacados de um único desenho. Experimentamos juntá-los e achamos que, em determinada posição, eles coincidem perfeitamente, dando-nos a reconstrução da máquina ou desenho. Temos esses resultados sob os olhos e não são fruto da fantasia. Eles resolvem de fato o problema. Por que não aceitá-los, se assim tudo se explica, enquanto de outra maneira nada fica explicado?

Concluamos a primeira parte desta resposta. Se não quisermos contradizer o conceito que devemos fazer de Deus, devemos dizer que, se Ele não é tudo, não é Deus. Então, não pode haver nenhuma causa além Dele. Mas, se Nele não podemos achar as causas direta do mal, da dor, da imperfeição, da matéria etc., porque estas contradizem Sua natureza, Nele devemos encontrar as causas indiretas. Isto significa ter a causa primeira, que deve permanecer sempre em Deus, sofrido um processo de inversão, antes de atingir o seu efeito. Permanece íntegra a relação causa-efeito e a sua derivação, explicando-se, dessa forma, a mudança. A chave da solução do problema está justamente na teoria da revolta. Só assim se explica porque vemos reaparecer em nosso mundo, sob a forma de qualidades opostas, as qualidades que devem ser de Deus. Esses efeitos só podiam derivar de uma causa que, embora provindo de Deus, pôde em seguida erigir-se em vontade diversa porque era, por sua natureza, livre, e desse modo era capaz de desviar-se do caminho traçado, capaz, por um impulso próprio, de imprimir uma direção diferente ao impulso da causa original. Dessa forma, vemos chegar a seus lugares todas as peças do desenho, ficando totalmente refeito.

Esta opinião nos é confirmada, quando observamos a evolução representar um processo de reconstrução, muito mais do que um processo de criação. Mais do que uma formação do nada, a evolução representa um trabalho de reconstituição, de reintegração do destruído. Não é criação mas um despertar. Só assim se explica o telefinalismo da evolução e a razão pela qual o ponto de chegada já possa ter sido dado, antes de ter sido realizado o caminho para alcançá-lo. A felicidade estava na ordem e é alcançada com a reordenação. O erro foi de desobediência e é corrigido pela obediência à Lei de Deus. Nosso universo é uma clínica onde se curam os enfermos da doença de rebelião. O trajeto é lógico e completo: na ordem, um impulso errado gera a desordem; impõe-se então a evolução com processo de reordenação de elementos caídos na desordem. A revolta não tem o poder nem de criar nem de destruir. No Anti-Sistema permaneceu tudo, apenas estando tudo fora do lugar. Trata-se apenas de tornar a arrumar como estava antes. Em nosso mundo há matéria prima para qualquer construção; em nosso espírito jazem latentes as idéias para fazer qualquer descoberta e para civilizar as relações sociais até a felicidade, segundo a Lei de Deus. No Anti-Sistema, desvio do Sistema, existem todos os elementos para a reconstrução do Sistema. Basta levá-los à sua devida disciplina. Uma vez constituída a ordem antes destruída, desaparecerá o mal, a dor, a imperfeição, a matéria, o dualismo e todas as qualidades deste mundo decaído, filho da revolta. Basta retornar à Lei e reaparecerão todas as qualidades destruídas do Sistema. A criatura foi criada feliz, com a condição de obedecer à Lei. Saindo da Lei, ela saiu da felicidade para entrar na infelicidade. Reentrando na Lei, a criatura sairá da infelicidade para reentrar na felicidade. Assim, a vida, que começa reorganizando os elementos em formas simétricas (cristais), depois em vegetais e animais (organismos), em unidades coletivas segundo planos construtivos cada vez mais complexos, realiza, ao evoluir, o grande trabalho de reorganização da ordem, desfeita no caos pela revolta.

Com isto terminamos a primeira parte da resposta à objeção, não a discutindo para demonstrar-lhe o absurdo, mas demonstrando em quais absurdos cairíamos se a aceitássemos.



b) Prossigamos, agora, na segunda parte da resposta, discutindo as afirmativas da objeção, opostas à teoria da queda, para ver se correspondem à verdade.

Sustenta a objeção que, sendo os espíritos perfeitos e oniscientes, não podiam pecar nem errar. Entretanto, quando tivermos compreendido o valor a ser dado ao conceito de perfeição e onisciência, isto é, que essas duas qualidades não devem ser compreendidas no sentido simplista e absoluto, como apareceu na objeção, então poderemos perceber que essa afirmativa não corresponde à verdade.

Já dissemos, no capítulo VI, sobre Deus criador, que a primeira criação dos espíritos puros produziu não uma simples multiplicidade, mas um verdadeiro organismo, um Sistema, com hierarquia de posições e distribuição de funções, como é indispensável em qualquer organismo ou sistema. A estrutura orgânica não foi apenas uma necessidade para contrabalançar o processo divisionista, de onde derivara a criação e que podia ameaçar a coesão da unidade do todo. O Sistema assumiu a estrutura orgânica sobretudo porque a criação de tantos seres diferentes se baseava no princípio do Amor, o qual foi a força que continuou a cimentá-los, o impulso que devia mantê-los unidos em sistema, o único possível num regime de absoluta liberdade. Por isso não podia ser eliminada, a priori, no Sistema, uma possibilidade de revolta, justamente porque a vida do organismo não podia basear-se senão sobre uma livre aceitação. Não podia ser impedida a revolta violando a liberdade dos espíritos com o reduzi-los à escravidão, mas apenas pela força do princípio do Amor, que devia funcionar neles em direção a Deus com a mesma plenitude com o qual aquele princípio havia funcionado, de Deus para eles. Ao princípio de Amor, era confiada, de modo livre, a tarefa de frear e disciplinar o impulso oposto separatista do egocentrismo individual, a cujo predomínio foi devida a revolta. Por ter sido uma rebelião contra o princípio fundamental da criação, grande foi essa culpa e conduziu a conseqüências tão duras.

Da revolta já falamos no capítulo VII. Quisemos aqui apenas lembrar como o Amor representa o princípio de coesão e fusão, ao qual estava confiada a manutenção da organicidade do sistema, princípio cuja função foi a de organizar os egocentrismos individuais numa ordem hierárquica. Dessa maneira, contrabalançando o Amor que une com o egocentrismo que divide, chegou-se à estrutura hierárquica do Sistema. É necessário compreender bem esse conceito, que, em geral, não se dá importância e, no entanto, produz mal-entendidos e incompreensões; deste conceito derivam importantes conseqüências.

O princípio hierárquico vigente no Sistema, satisfaz também a outra exigência e cumpre outra função. Se a criação dos espíritos tivesse produzido uma simples multiplicidade de seres, todos iguais, não só seria impossível a distribuição e organização de atividades, como ainda, dentro da igualdade universal, Deus não seria mais centro nem seria possível distingui-lo da criatura. A organicidade do Sistema é também uma conseqüência da necessidade de manter em Deus a centralidade dirigente do todo.

Eis que o princípio hierárquico nos leva à idéia de distribuição, de distinção, de diferença entre os vários elementos. Ocupar na organização do Sistema, posições diferentes, significa possuir qualidades diferentes, para executar tarefas diferentes. Chegamos, agora ao âmago da questão, em condições de poder avaliar mais exatamente o valor do conceito de perfeição e onisciência nos espíritos. Podemos dizer que estas não podem ser entendidas no sentido absoluto, mas no relativo; não como um fato em si, como se supõe na objeção, mas como uma posição proporcional, em relação à função que devia ser realizada na hierarquia do organismo. Fica salvo, assim, o conceito de centralidade de Deus no Sistema, princípio do qual deriva o de ordem, de lei e de obediência. Na homogeneidade geral, também o princípio da individualidade tenderia a naufragar, pois é difícil distinguir uma série de elementos iguais.

Trata-se, portanto, de um organismo com posições subordinadas à uma outra, tendo Deus no vértice da pirâmide, com distribuição das partes,

das funções e qualidades diferentes. Isto significa perfeições e conhecimentos relativos. Deus não havia, pois, criado espíritos perfeitos em sentido absoluto, pois nesse sentido só Ele era perfeito. Havia-os criado perfeito em relação às suas funções. Isto não quer dizer que a obra de Deus não fosse perfeita. O organismo do Sistema, resultante da criação em seu conjunto, era perfeito, na perfeição orgânica de todo o organismo. Isto, porém, não implica, nem se pode admitir que, como ocorre em todo o organismo, a extensão e a potência da perfeição e do conhecimento de cada elemento individual componente possam ser iguais à do todo. Uma máquina pode ser perfeita em seu conjunto, formada de partes perfeitas; mas estas, só perfeitas como partes, e não como todo, isto é, não além dos limites de suas próprias funções. Assim, um empregado de uma organização comercial pode ser perfeito conhecedor de seu ramo, ignorando os outros e também todo o conjunto da organização. No entanto, dentro dos limites das próprias funções, as partes de u'a máquina, como de uma organização, podem ser consideradas perfeitas e oniscientes. A imperfeição, para elas, começa logo se sai dos limites da própria competência.

Então, um elemento fazendo parte de um Sistema perfeito, pode ser perfeito como elemento componente, ou seja, no âmbito a ele designado no plano geral. Mas eis também que, quando esse elemento quer sair desse âmbito, usurpando posições e invadindo funções além do limite preestabelecido, funções que lhe não competem e portanto não sabe de maneira alguma executar, esse elemento sai do terreno da perfeição e da competência, para entrar no da imperfeição e da ignorância. Por exemplo, o coração no organismo humano é um órgão relativamente perfeito enquanto permanece no âmbito das funções para as quais foi construído. Mas se ele quisesse tornar-se cérebro e suas células quisessem transformar-se em células nervosas, imediatamente se tornaria imperfeito e inadequado. Ora, essa imperfeição não seria obra do construtor desse órgão, mas dele mesmo, pelo fato de ter querido sair da tarefa a ele designada.

Não basta ouvir o instinto expansionista do egocentrismo para poder ocupar outras posições. É necessário, também, levar em conta os correspondentes deveres e capacidades diferentes das possuídas. Neste caso, a imperfeição seria criada pelo coração, pelo fato dele querer funcionar como cérebro. Da mesma forma ocorreu com as criaturas relativamente perfeitas do sistema. Algumas quiseram sair dos limites de sua competência e conhecimento. Eis o significado da revolta: rebelião à ordem, desobediência à Lei.

Nesse momento aparece a imperfeição na criatura, mas a imperfeição não foi criada por Deus: é apenas obra da criatura ao querer ultrapassar os limites preestabelecidos. Assim, no seio do Sistema se formaram posições desviadas, fora das funções, erradas. Ao lado da perfeição, formaram-se então, zonas de imperfeição, as quais foram expulsas e formaram o Anti-Sistema. Explica-se, desse modo, como, através desse desvio do plano original, tenha-se podido chegar, daquela perfeição, a um estado de imperfeição, onde atualmente se encontra o nosso universo.

Está assim resolvido o primeiro ponto da objeção, que sustentava serem os espíritos impecáveis, por serem perfeitos, não susceptíveis de erro e, portanto, inaceitável a teoria da queda. O segundo ponto de objeção, referente à onisciência, fica igualmente resolvido com os mesmos conceitos. Como já explicamos no capítulo VII, sobre a Revolta, o conhecimento da criatura não ultrapassa os limites de suas funções e não dominava a zona maior, inexplorada, conhecida na sua totalidade só por Deus. Quando a criatura quis tentar o desconhecido, ultrapassando os limites de seu conhecimento, que era onisciente, relativo à sua posição e função, transformou-se em ignorante. Essa ignorância e o querer entrar na zona proibida, cujo conhecimento só Deus possuía, reservada à obediência, ocasionou a revolta, o erro, a queda.

c) Na parte precedente, respondemos a primeira metade da objeção, referente ao espíritos ou criaturas. Vejamos agora a segunda metade, referente à Divindade, ao Criador. A acusação feita é a seguinte: como onisciente, Deus sabia as conseqüências da revolta e podia impedi-la; como onipotente, Ele havia falhado, e a obra de sua perfeição desmoronara. Sua onisciência, onipotência e perfeição não podem conciliar-se com a teoria da queda. Não podendo negar esses atributos a Deus, é preciso negar a queda.

O homem é como uma criança que tinha um belo vaso e o quebrou. E ali fica, cheio de raiva e triste, com os cacos na mão, olhando-os e diz: não fui eu. Mas os vasos estão lá e falam claro. Não tem outro remédio senão confessar e, no entanto, procura não aceitar o fato consumado. Procura assim fugir da própria culpa, pensando poder libertar-se das conseqüências, se provar que o culpado foi outro. No caso em estudo, o fato consumado aí está, e não é explicado nem eliminado se jogarmos a culpa em Deus. Não seria bastante este fato para provar que o homem ainda está se movendo em plena psicologia da revolta, tão vivo está ainda nele o princípio determinante da queda?

As três acusações são conexas e uma implica a outra. Respondemos à primeira no capítulo IX, dizendo que o erro fora previsto pela onisciência de Deus, sendo provado pelo fato de o Sistema já ter sido provido com antecedência, dos meios automáticos necessários para sua recuperação e cura. Contrariamente ao que afirma a objeção, a onipotência de Deus e a perfeição do Sistema ficam provadas pelo fato de, no final, tudo ficar sanado e voltar ao estado original de perfeição.

Poder-se-ia responder também com uma pergunta: Que necessidade tinha a perfeição de Deus de criar um mundo de seres imperfeitos? Dois fatos indiscutíveis se enfrentam: de um lado a perfeição de Deus, do outra a imperfeição das criaturas. Não se pode permitir que, de tanta perfeição tenha podido nascer tanta imperfeição. Então esta só poderá ter nascido da queda. Portanto, o motivo da perfeição de Deus não nega a queda, ao contrário, é mais uma prova.

Respondemos à acusação contra a perfeição de Deus e de Sua obra com outra pergunta: qual das duas obras, é a mais perfeita? A que não pode errar porque os elementos componentes, que são prisioneiros de uma disciplina corretiva que, eliminando toda a liberdade, torna impossível todo o erro, ou a obra onde os elementos componentes são mantidos juntos apenas por livre e convicta aceitação da Lei, por espontâneo coordenar-se na ordem, cuja liberdade é tal etanta que admite até a possibilidade de uma transgressão à ordem? Qual das duas obras é mais perfeita, a primeira ou a segunda que, podendo desmoronar, foi construída de tal maneira que se poderia reconstruir por si mesma, pois Deus sendo sábio, colocou nela até os meios para sua auto-cura, no caso, como Ele previra, se a obra viesse a desmoronar? E como poderia Deus ter feito diferentemente, sem violar o princípio fundamental da liberdade, que Ele não poderia renegar em sua obra sem renegar a Si mesmo?

E podemos continuar a perguntar-nos: qual é o mais perfeito, o organismo que só conhece as leis da saúde, não podendo sair desse estado fixo, ou o organismo que também conhece as leis da doença, sendo livre de ceder a ela, mas tão sabiamente construído que, através da experiência do mal e da dor, enriquecendo com novas experiências, consegue reconstruir-se em perfeita saúde? Qual sistema é mais perfeito: o que só conhece a perfeição, ou o que abraça também a imperfeição e sabe reconduzi-la, até a perfeição? Quem é mais forte: quem permanece soberano porque não encontra batalhas, ou o que se embrenha nelas e as sabe vencer? Qual dos dois construtores é mais sábio: o que fez um edifício tão perfeito, que não necessita ser estudado a possibilidade de um desmoronamento; ou aquele que fez um edifício onde essa possibilidade é tão bem prevista e estudada que, se ocorresse o desmoronamento, tudo se reconstruiria automaticamente até ao estado perfeito do edifício não desmoronado? Então, como se pode condenar Deus por não ter impedido o desmoronamento, mas respeitado a liberdade do ser e a necessidade de, por si, convencer-se, do erro; por isso, previu e providenciou tudo tão bem, que anulou todo o prejuízo? Quanto mais o homem tenda a fazer de Deus uma idéia antropomórfica, degradando-O ao nível de um ser egoísta, que cria para fazer-se adorar, a fim de mostrar seu poderio e punir os rebeldes, como poderemos culpar Deus dos males do Anti-Sistema, se estes são um meio para reconstruir o Sistema, com o qual ficarão anulados?

Quanto mais de perto observamos o fenômeno, procurando a imperfeição, tanto mais acharemos a perfeição. O maravilhoso é que o Sistema permaneceu com as suas divinas perfeições no mais profundo do Anti-Sistema, em última análise, representando apenas uma corrupção exterior do Sistema de Deus. A queda reduz-se a uma doença em convalescença, a um estado transitório e excepcional de uma parte do Sistema. A desordem não é geral, não mata a ordem, mas permanece

circunscrita e enquadrada. O Anti-Sistema continua a ser dirigido pelo Sistema, isto é, por Deus. A ordem permanece sempre a mais forte e domina a desordem, a dor, o mal, deixando-os subsistir só enquanto e até quando estiverem realizando o trabalho da cura. Assim, a punição reduz-se ao esforço de reconquistar a felicidade e a imperfeição serve para achar a perfeição.

Desta forma, quanto mais se sobe, quanto mais se esforça e merece, tanto mais o ser se aproxima daquela felicidade. Em sua posição invertida, em última análise, o Anti-Sistema apenas nos indica a posição correta do Sistema. Dessa maneira, a perfeição de Deus transparece no fundo, através de tantas imperfeições de nosso mundo. Da profundidade onde se encontra o Sistema, tudo volta à superfície e tanto mais quanto mais se evolui. Deus permaneceu no centro de tudo e a sua obra foi feita de tal modo, que o Anti-Sistema só pode trabalhar pela sua própria destruição.

Por isso nós, seres decaídos, continuamos apesar de tudo a viver no sistema. Com a revolta procuramos afastar-nos de Deus e só conseguimos arrancar-nos os olhos para não O ver e, sem sabê-lo, permanecemos Nele. Quanto mais subimos, mais nos apercebemos disso. Em Sua sabedoria e bondade, Deus previu tudo e de modo que a revolta não pudesse produzir uma ruína definitiva do Sistema. A certo ponto, a queda pára e inverte-se na direção oposta, na subida. Que maior providência e providência que esta intrínseca capacidade de salvação, inserida no próprio fenômeno? E a ferida é não só curável, como há uma vontade precisa de cura, que impõe à evolução o seu telefinalismo, pelo qual, o ser tem de evoluir na direção desejada por Deus; acossado pela dor, atraído pela ânsia de felicidade, é constrangido a subir para voltar a Deus.

Concluindo este assunto, a nossa resposta à objeção confirma cada vez mais a teoria da queda. Vista mais de perto, reduz-se apenas a um parêntese de imperfeição na perfeição, de dor na felicidade; parêntese que no fim desaparece sem deixar resíduos de prejuízo. Assim foi deixada aos espíritos a liberdade de possuir a perfeição e felicidade, de dois modos: 1) obedecendo a Deus, funcionando harmonicamente segundo a Lei em seu organismo; 2) desobedecendo a Deus, errando, mas para depois corrigir-se; caindo, mas para levantar-se; destruindo a perfeição, mas para depois ter de reconstruí-la fatalmente em sua integridade.

O maravilhoso é que, em ambos os casos, qualquer opção na escolha, pela criatura, o resultado é sempre o mesmo: a perfeição própria do sistema é inatacável e permanece íntegra. Pode imaginar-se obra mais perfeita? Que resta da acusação de imperfeição, feita à obra de Deus?

Qual o resultado final de todo o processo? A queda terá conseguido vários resultados importantes:

1) A parte caída terá tido tão dura experiência que não mais repetirá. Voltou à felicidade e aí permanece. O mal foi curado sem resíduos, sem traço de prejuízo. Não significa não ter deixado recordação, pois é necessária para guardar o fruto da lição, tão rudemente aprendida. É a lembrança da dor, a qual desapareceu totalmente. Mas a lembrança de haver sofrido não é para nós dolorosa, ao contrário, tanto mais se sente a alegria da libertação quanto maior foi a dor e quanto maior é a felicidade atual. A recordação ensina e aumenta a felicidade novamente encontrada.

2) A parte não derrocada terá assistido à queda, vendo-lhe as conseqüências. Aprendeu, pois, o seu significado; conhece agora o perigo e, com todas as forças, evitará cair. Assim, cada elemento sabe o que acontece quando se sai dos limites da própria posição e conhecimento, para invadir zonas desconhecidas, além da própria competência.

3) Nos dois casos a posição final é igualmente a da perfeição e felicidade, tanto para quem ficou, como para quem saiu e voltou. Não somente tudo volta a seu lugar, mas a queda é como um sangue que, ao coagular-se, impede por si mesmo a saída de novo sangue da ferida. Então, como último resultado, a queda encerra para sempre a possibilidade de novas quedas.

XIV

A PSICOLOGIA DA REVOLTA, SATANÁS E O ANTI-SISTEMA

Passamos a outro ponto discutido no curso. Entretanto mais do que uma objeção, trata-se de um pedido de esclarecimento. Aceita mais ou menos como conclusão da discussão precedente sobre a teoria da queda, foram pedidas daados mais precisos a respeito do que parece ser o ponto nevrálgico do fenômeno da queda, ou seja, a psicologia da revolta. O problema gira, essencialmente, em torno deste ponto central: saber como e por que os espíritos quiseram rebelar-se. Esse problema envolve o do egocentrismo, que lhe foi a causa. Como é que este, sendo um princípio basilar e sadio do Sistema – tanto que sobre ele se baseia a possibilidade de individuação nas criaturas e da unidade de Deus e era uma qualidade fundamental Sua – como esse princípio do egocentrismo pôde ser a causa de tanto mal? E se esse egocentrismo implica que tudo que existe, se individualize, à semelhança do modelo máximo central, Deus, então também as forças do mal se terão individualizado? E teremos que admitir a existência pessoal de Satanás? Os problemas são conexos e concatenados um com o outro. Vamos responder a tudo.

Não é verdade que Deus possa tudo caprichosamente. Há coisas que ele não pode fazer. Assim, por exemplo, Ele deve manter-se com as suas qualidades, coerentes com a Sua posição; não pode violar Sua Lei, porque renegaria a Si mesmo, nem contradizer-se. Deus criara a criatura de Sua substância, à sua imagem e semelhança, isto é, segundo Seu próprio modelo de “Eu Sou”, baseado no egocentrismo. A organização mesma do sistema fundamentava-se, com sua hierarquia e distribuição de funções, sobre a individuação dos seres, consequência do princípio egocêntrico. Ora, se Deus não houvesse respeitado na criatura esse princípio, fundamental em Si, em primeiro lugar, não teria respeitado a Si mesmo. Portanto, Deus não podia violar este princípio, nem mesmo na criatura.

Tendo Deus criado os seres da sua própria substância, devia respeitar neles as Suas mesmas qualidades. Se Deus houvesse limitado a liberdade da criatura, teria caído em contradição consigo mesmo.

Mas, havia outro fato ainda mais importante. Deus era Amor, havia criado por Amor, estando todo o Sistema permeado de Amor. Sobre isso se baseava sua estrutura hierárquica e sem Amor não podia funcionar aquele organismo. Num Sistema desse tipo, o conceito de coação forçada fica totalmente excluído, não havendo lugar para ele, pois constituiria aí uma violação, representando a maior das contradições em Deus. Num organismo construído com os princípios da liberdade e do Amor, a obediência só podia ser obtida por adesão espontânea e jamais pelo caminho das limitações e das coações. Se Deus houvesse introduzido em Seu sistema esses princípios opostos, teria traído a Si mesmo e destruído Sua obra. O princípio da disciplina mantida com a força representa justamente a inversão do método do Amor, sendo precisamente este o método vigente no Anti-Sistema. Se Deus tivesse usado esse método invertido, teria sido Ele mesmo o primeiro a promover a revolta e, então, uma queda promovida não pela criatura, mas pelo próprio Criador teria levado não a uma ruína temporária e curável, mas a um desmoronamento definitivo de tudo. A disciplina reinante no Sistema só pode ser uma disciplina absolutamente espontânea e livre. A obediência conseguida com a violência e com o terror é apenas uma repetição contrafeita e às avessas do método de disciplina vigente no Sistema. Não é a disciplina livre dos espíritos puros, mas a disciplina forçada dos rebeldes. No Sistema tudo é liberdade e Amor, no Anti-Sistema tudo é escravidão e terror. Como teria podido Deus, para evitar a queda, recorrer aos métodos próprios do Anti-Sistema, ou seja, impor a Lei por constrangimento forçado? Por sua própria natureza, as ordens de Deus estão situadas nos antípodas das de Satanás; jamais obrigam, apenas

convidam; não violentam, apenas persuadem; não pedem com prepotência a escravidão, mas oferecem, com bondade, a amizade.

A própria estrutura do todo e os princípios segundo os quais fora realizada a criação impediam uma intervenção de força da Divindade contra a criatura com o fito de constrangê-la a obedecer à Lei. O princípio de Amor, segundo o qual tudo fora criado, era a única força a que foi confiada a tarefa de manter unido o organismo do Sistema. Este só podia existir em virtude desse impulso de Amor que o mantivesse unido. Se houvesse penetrado no Sistema o menor traço de forças opostas, não seria mais um Sistema, mas um Anti-Sistema, e seria suficiente essa infiltração para operar a queda ocorrida com a revolta. O Sistema era um organismo, e, para mantê-lo em seu estado orgânico, era indispensável essa força íntima, profunda, fruto de plena convicção e aceitação, poder de coesão que só o Amor pode dar e jamais poderia ser uma imposição coagida. Este outro método é somente uma falsificação daquele, realizado no Anti-Sistema, onde vemos não representar nenhum poder de coesão real e duradoura. Como acontece em nosso mundo: a força produz apenas luta em cadeia, de ação e reação, num estado de guerra contínua. Esse estado de incerteza e instabilidade é admissível de forma transitória em nosso universo em evolução e processo de cura. Mas não era possível haver tão grande imperfeição no seio de um Sistema perfeito em sua forma estável e definitiva.



Com estas observações, vimos nada poder opor-se à conduta de Deus, que não podia forçar o Sistema, a fim de evitar a queda, permanecendo esta completamente compreensível e logicamente justificada, mesmo diante da razão humana. Procuraremos agora compreender a conduta da criatura. Poderemos explicar, dessa forma, como nos foi pedido, o ponto nevrálgico do fenômeno da queda, ou seja, a psicologia da revolta. Poderemos assim ver por que e como os espíritos quiseram rebelar-se.

Em Deus estavam perfeitamente harmonizados o princípio do egocentrismo e o do Amor, porque o egocentrismo de Deus abarcava todos os seres, não era egoísmo separatista, mas um altruísmo unificador. Não podia, portanto, nascer em Deus contraste entre o princípio centralizador do “eu sou” e o princípio oposto do Amor. Na criatura encontramos os mesmos dois princípios, pois ela é feita da mesma substância de Deus e à Sua imagem. Mas na criatura os dois princípios tinham de harmonizar-se por um ato livre dela. Sem esse ato, a criatura não podia fazer parte do sistema, dada sua a constituição, como vimos. A criatura estava livre entre dois impulsos contrários, senhora da situação. De um lado o impulso egocêntrico do “eu sou”, base de sua individuação, impelido à expansão pela afirmação de si mesmo. De outro lado o impulso altruísta do Amor, base do funcionamento e da estrutura orgânica do Sistema, impulso levado ao sacrifício em obediência à ordem, para o bem coletivo. O ato de obediência da criatura era o único passaporte que lhe dava direito de entrar como participante do Sistema. Para ser digno, era mister ter sabido, e em regime de liberdade absoluta, dar prova de saber viver na ordem, aceitando-a desde o princípio, sem ser constrangido por nenhuma coação. Um constrangimento não teria constituído a confirmação indispensável. Foi deixado, à liberdade do ser, o superar ou não o exame, devendo dar prova de aceitar as condições indispensáveis à sua existência como membro do Sistema. Tratava-se da livre aceitação de um pacto, como também o exigia a dignidade da criatura livre, formada da substância divina.

Competia, agora, à criatura, equilibrar o impulso egocêntrico do “eu sou” com o impulso altruísta do Amor. Havia o fato indiscutível de que, sem a aceitação do princípio de coesão do Amor, o princípio oposto do egocentrismo, separatista por natureza própria, jamais teria podido entrar, com as individuações que o representavam, na organização disciplinada do Sistema. Esse ingresso da criatura só podia ocorrer na forma de uma livre aceitação de um pacto, não só para respeitar o princípio da liberdade, mas também para dar prova de saber ocupar a posição e executar a própria função no Sistema; e ainda, finalmente, para constituir um penhor, fruto da livre vontade. O

ser devia retribuir a Deus o Amor, pelo qual havia sido criado, reconhecendo-O espontaneamente com Chefe e declarando-Lhe obediência, empenhando-se, com a aceitação do pacto, a viver na Lei. Com a criação, Deus já situara a criatura no Sistema. Mas, em respeito ao Seu próprio princípio de liberdade esperou a confirmação da criatura, que iria corroborar e fixar com um ato próprio de livre vontade, a sua posição, a fim que esta se tornasse definitiva. Deus deu à criatura, de imediato, o exemplo do respeito que exigia para com Ele. Nem mesmo quis impor o supremo dom de entrar em Sua ordem e a felicidade que daí derivava. Ofereceu um pacto de consentimento bi-lateral, livre, porque somente assim podia agir um Deus de Amor, que havia criado por Amor.

Vimos no capítulo VII, sobre a Revolta, como venceu numa parte dos seres o impulso do Amor, enquanto na outra parte, rebelde, venceu o impulso oposto do egocentrismo. Consequentemente a parte fiel ao princípio orgânico, permaneceu na ordem e a parte aderiu ao princípio oposto precipitou-se na desordem. Nesses seres, o egocentrismo crescera até superar o limite preestabelecido, precipitando-os, assim, na imperfeição e na ignorância, nas quais foi possível o erro e a queda. A causa de tão grande mal não foi o egocentrismo, porque quanto este resulta equilibrado com o Amor, como é em Deus e nos espíritos não rebeldes, não gera prejuízo. A causa de tanto mal foi o desequilíbrio e o exagero do egocentrismo, o fato de sua prevalência sobre o Amor e assim o destruiu; e, com esta destruição, privou o Sistema de toda a sua força coesiva e unificadora. É natural, portanto, este se ter automaticamente desagregado, porque o egocentrismo egoísta só pode separar e destruir qualquer organização. E o Sistema era antes de tudo um organismo sustentado todo em função do princípio do Amor, seu impulso fundamental diretor. É lógico que, com a revolta, se tenha desfeito todo o estado orgânico do Sistema e desta tenha permanecido apenas um estado pseudo-orgânico, tal como existe no Anti-Sistema. Pseudo-orgânico porque, em nosso mundo, a ordem é apenas temporária, sustentada somente pela imposição da força, sempre contrastada pela desordem logo cessada sua imposição. Disso decorre serem todas caducas as construções de nosso mundo, não resistindo ao tempo, coisa inadmissível no Sistema. O Anti-Sistema está condenado automaticamente a esboroar-se, justamente porque falta-lhe o poder coesivo do Amor. Negá-lo significa negar a Deus, a vida, a coesão, a própria unidade. O Anti-Sistema, como negação do Amor, não pode ter a força de construir coisa alguma. Se algo nele se reconstrói, isto não é obra do Anti-Sistema, mas do Sistema que nele ainda sobrevive para salvá-lo; não é obra da força, mas do Amor; não do mal, mas do bem.

Dissemos, no capítulo IX, ter sido a revolta uma exagerada superestimação do próprio eu, por parte dos espíritos rebeldes, erro onde o homem ainda tende a recair, aplicando precisamente os princípios do Anti-Sistema. O pecado da revolta foi, com efeito, um pecado de orgoldo, de exagero e superestimação do eu, um pecado de egoísmo. Nisto consiste a revolta. Estamos no pólo oposto do egocentrismo de Deus, feito de Amor, exatamente no pólo feito do egocentrismo egoísta do homem dividido contra seu próximo. É a vontade de ser tudo, não freada pela disciplina do Sistema; é o desejo expansionista e imperialista de domínio individual, no qual triunfa o oposto impulso secessionista centrífugo, ao invés do impulso centrípeto de Deus.

Parece ser este o ponto mais difícil de compreender no fenômeno da queda e, no entanto, esta psicologia da revolta é a coisa mais comum em cada dia de nossa vida. Parece difícil compreender esse exagero do egocentrismo; nós mesmos, ainda agora, fazemo-nos centro de tudo, pretendemos julgar Deus e condenar Sua maneira de agir. Mas, a verdadeira razão pela qual não é difícil compreender esta psicologia da revolta é porque não queremos reconhecer os nossos defeitos e as nossas culpas. Estamos mergulhados até ao pescoço no Anti-Sistema e na sua psicologia da revolta, não contando com a justiça de Deus, mas apenas com as nossas forças e nelas procurando defesa; para salvar-nos, tentamos jogar a culpa até em Deus. O próprio fato de ainda estarmos nos revoltando, até mesmo contra a teoria da queda, está repetindo a primeira revolta e no-la prova. Como negá-la, se ainda estamos saturados dela?

Talvez uma das maiores provas da verdade da teoria da queda seja dada justamente pelas objeções feitas à teoria e pela atitude da psicologia humana ao discuti-la. A maior parte das dificuldades consiste em procurar os defeitos da obra de Deus, para acusá-lo como culpado dos danos atuais; ou seja, consiste em fazer de

si o centro do universo, para dele julgar, tudo em função de si mesmo para própria vantagem ou prejuízo. Para quem não sabe compreender a psicologia da revolta, só podemos indicar esse modo de pensar evidente sob os olhos. A tendência instintiva é justamente a da revolta, ou seja, de tornar-se a si mesmo centro de tudo; derrubando a Lei, tornar-se lei e verdade, e com isto adquirir o direito de julgar e condenar. As objeções tendem, em geral, a querer provar o erro de Deus e da Sua obra, porque a culpa não é do homem. Esta tenacidade em não querer considerar-se culpado prova não somente a revolta, como o gosto no hábito da revolta e sua insistência. A memória do instinto reproduz o passado e assim se explica porque o homem procura a culpabilidade em Deus e a inocência própria. Donde provêm os instintos, senão de um intervalado automatismo? De onde nasceram eles, neste caso? Isso tudo não é fruto do Sistema, mas do Anti-Sistema. Estamos desta maneira duvidando e procurando demonstrar como não sendo verdadeira uma teoria que estamos vivendo. Como o Fariseu do Evangelho, fazemos diante de Deus a enumeração de nossas virtudes, depois de termos feito o rol dos defeitos do próximo. Explica-se assim como, em seu conceito mais comum, a liberdade seja compreendida não como enquadramento na ordem (Sistema), mas como revolta individual à disciplina coletiva, para substituir o próprio eu à ordem existente, tornando-se, quando possível, chefe de outra ordem. É o motivo da revolta que renasce de todos os lados.



Procuraremos agora responder à última parte da pergunta, em relação às individuações das forças do mal e ao problema da existência pessoal de Satanás.

Indubitavelmente, se o Sistema tem um centro em Deus, o Anti-Sistema deve ter seu próprio anti-centro. E se o primeiro corresponde ao princípio do “eu sou”, o segundo deve corresponder ao princípio do “eu não sou”. Enquanto o primeiro representa a plenitude do espírito e da unificação, o segundo representa a destruição do espírito na matéria e a vitória do separatismo. Tudo quanto até agora dissemos, e também a lógica, não só nos impõem que admitamos, diante do centro do Sistema, o anti-centro do Anti-Sistema, mas nos indicam também as qualidades destes dois centros opostos, devendo ser as mesmas do Sistema e do Anti-Sistema levadas ao máximo de concentração. Cada um dos dois centros trabalha em sentido inverso ao outro, em posição de completo antagonismo e rivalidade, disputando-se o domínio dos seres. Os espíritos não-decaídos estão fora dessa luta. Mas os que, com a revolta, se deixaram levar pelos impulsos do Anti-Sistema, vivem à mercê destes, procurando mantê-los sob seu domínio. Este fato, todavia, não pode impedir as forças do Sistema de permanecerem vivas e ativas também no Anti-Sistema e de exercerem pressão sobre as criaturas. É a luta entre a luz e as trevas, entre os impulsos ascensionais da evolução e os descendentes da involução. Cada um dos dois centros quereria tudo para si: o do Anti-Sistema para vencer o Sistema, fixando definitivamente a sua revolta; e o do Sistema para vencer o Anti-Sistema, salvando-o, ao levá-lo definitivamente ao estado de Sistema.

Como se desenrola esta luta? Essas forças são constituídas por impulsos estritamente individuados, e isto pelo princípio do egocentrismo, segundo o qual tudo o que existe só pode seguir o primeiro modelo do “eu sou” máximo, constituído pela Divindade. São forças decorrentes de impulsos anônimos, mas de núcleos dinâmicos bem distintos através das individuações precisas. Não se pode negar isto por ser uma consequência lógica do princípio do egocentrismo. Então devemos admitir que as forças do bem como as do mal são personificadas. Individuação significa personalidade distinta. Com efeito, na realidade do nosso mundo não encontramos forças anônimas não-individuadas, mas seres bons e seres maus, ou seja, os que emanam e produzem o bem e a vida, e os que só espalham o mal e a morte em torno de si. Isto tanto para os homens como para os animais, as plantas e até para as forças da natureza. Toda essa falange, de impulsos individuados na forma de seres, gravita em redor do centro do próprio Sistema, sintetizando no grau máximo as respectivas qualidades e colocado no vértice da pirâmide da hierarquia do seres, onde todos esses impulsos são personificados.

Por isso, a lógica continua a indicar-nos a presença de um centro em Deus e de um anti-centro em Satanás. Assim como o Primeiro é estritamente individuado, em forma pessoal, com suas qualidades próprias, o segundo, também, deve ser estritamente individuado, com suas qualidades próprias, em forma pessoal. Esta é a estrutura da construção lógica, perfeitamente equilibrada do Sistema e do Anti-Sistema, e não se pode evitar de chegar às conclusões impostas pelas premissas, situadas na visão e em toda a teoria. Se houve a queda, da mesma forma que houve um ponto de partida em Deus, no Sistema, deve haver um ponto de chegada, em Satanás, no Anti-Sistema. Se existe um vértice no positivo, deve haver também um vértice oposto no negativo. O Anti-Sistema é apenas uma reprodução invertida do Sistema, porque não pode ser outra coisa, em vista de não haver outros modelos no todo, e de poder a criatura, como ente livre, derivar, mas não criar, se o Sistema é construído como um edifício em pirâmide, com seu ápice em Deus, é necessidade lógica admitir-se que o Anti-Sistema seja construído como uma pirâmide invertida, com seu vértice em Satanás.

Estudemos, agora, as características que individualizam estas personificações das forças do mal, até seu expoente máximo em Satanás, contrapondo-as às qualidades opostas das personificações das forças do bem, até seu expoente máximo, Deus. Satanás está situado no vértice negativo, onde se abismou com a revolta. Era a criatura mais alta entre os rebeldes, e se tornou a criatura mais baixa. Seu poderio está invertido ao negativo. Abismou-se com a evolução ao ponto mais profundo do Anti-Sistema, ou seja, mais descentralizado em seu movimento centrífugo de afastamento de Deus. O reino de Satanás é o universo no estado de caos, que foi verdadeiramente obra sua. É o estado de triunfo máximo do separatismo, levado até o estado de pulverização atômica nuclear. Seu reino é o universo físico, no estado de formação da matéria nas condensações estelares; é o estado de máxima involução, de mais profunda descida, onde começa, com a gênese das galáxias, o caminho inverso do regresso. Seu reino é o estado de máxima contração do Sistema, de máxima densidade da matéria, do qual estourou, por reação, o impulso ascensional evolutivo, estado de imensa compressão, do qual ricocheteou o impulso cinético expansionista, que anima nosso universo físico.

Quanto mais baixa é a posição do ser na evolução, mais fatigante é o subir, porque tanto mais próximo está do centro negativo do Sistema. Quanto mais alto se encontra na evolução, menos fatigante é o subir, porque se está mais próximo do centro positivo do Sistema. Entre as massas e centros de atração verifica-se uma lei parecida à de Newton, da gravitação universal. Com a mesma unidade de esforço se sobe um trecho tanto maior quanto mais alto na escala evolutiva o esforço é realizado. O conhecimento, a liberdade, o organicidade conquistados com o evoluir, constituem, para vantagem própria, meios sempre mais poderosos para subir. Mas, se desta maneira, quanto mais se desce no Anti-Sistema, tanto mais parece crescer a dificuldade para sair dele, por outro lado, os golpes destinados a sacudir e impelir para a subida são proporcionados à dureza e insensibilidade do ser. Se, em baixo, estes golpes devem ser tremendos, à medida que se sobe, tornando-se o ser cada vez mais inteligente e sensibilizado, bastam choques sempre menos violentos e dolorosos para atingir os mesmos resultados. Vemos de fato o progresso tornar menos dura a luta, facilitar a vida, suavizar os costumes.

De Satanás começa o endireitamento de todo o emborcado, ou seja, começa a evolução. Ele é o último a mover-se e o último a chegar à salvação, a não ser que sua vontade, inviolavelmente livre, escolha a permanência definitiva na revolta. Neste caso a substância divina que o constitui seria reabsorvida no Sistema, e ele seria anulado como personalidade própria, como forma assumida ao constituir uma individuação separada. Mas já vimos, esta é uma possibilidade apenas teórica, por máximo respeito ao princípio da liberdade; na realidade, porém, tais e tantas são as forças em ação impelindo à subida, que, no final, como requer também a lógica de todo o processo, nenhuma mancha deve permanecer e a salvação deve ser geral.

Para o homem que já percorreu uma parte do caminho evolutivo, tudo isso pertence ao passado. Entretanto, esses conceitos dão-nos a justificação lógica das nossas representações mentais do mundo infernal. Imagina ser ele feito de matéria incandescente, vulcânica, entre chamas e tempestades, onde a compressão e a densidade da matéria é máxima, dentro da terra. Isto em oposição ao

paraíso, aberto no espaço livre dos céus. As criaturas, habitantes desse inferno tenebroso, são seres malvados, horríveis e ferozes, enquanto as do paraíso são boas, belas e doces. Essas imaginações têm um fundo de verdade, não só porque a vida humana nos apresenta continuamente exemplares desses seres demoníacos ou angélicos, como também porque a evolução nos diz ter sido o passado do homem, nas formas inferiores da vida, exatamente o da besta. Esse passado ficou escrito em nosso subconsciente e ressurge, representando algo de terrificante em relação ao estado atual mais evoluído (os demônios são representados peludos e com grandes dentes, cauda e chifres, em quase todas as religiões). Os seres que chamamos demônios são os involuídos, com instintos bestiais, não é preciso ir buscá-los muito longe, porque o nosso mundo está cheio deles. Os que negam a existência do inferno, basta olhar em redor para tocá-lo com as mãos. Os demônios – não importa o lugar onde se encontrem – são os seres inferiores; e os anjos são os superiores. A evolução leva-nos do inferno ao paraíso. Posições relativas. Para um involuído a terra pode ser um paraíso, mas para o evoluído é um inferno, um mundo povoado de demônios, onde só se pode encontrar luta e dor.

O homem comum está no meio, oscilando entre o impulso divino e o satânico. O primeiro o impulsiona para o alto, o segundo o atrai e retém em baixo. O homem está suspenso entre dois centros de atração, o do Sistema e o do Anti-Sistema, um ajudando-o a subir em direção evolutiva e o outro tentando-o para descer em direção involutiva. Dividindo no meio desse dualismo, o homem escolhe o seu caminho, obedecendo a este ou aquele impulso, segundo as suas preferências.

Esse contraste entre os dois impulsos contrários nos dá as razões profundas daquele fenômeno que havíamos verificado ao estudar, em *A Grande Síntese*, o desenvolvimento da trajetória típica dos motos fenomênicos na evolução do cosmos. Observando lá, na espiral que os exprime, um retorno de impulsos ascensionais, continuamente se invertem, abrem-se para fechar-se sobre si mesmos, desenvolvem-se para reenvolver-se, como se fossem freados por um impulso contrário. Pode-se notar nisso o contraste entre o ímpeto da subida evolutiva e o impulso de uma força contrária que o detém. Por isso, o caminho da evolução não é representado por um desenvolvimento constante da espiral, mas esta avança continuamente recomeçando atrás, em direção retrógrada. Parece ver-se um homem a subir uma montanha. Dirige-se para o alto, onde está Deus esperando-o, atraindo-o ao Sistema. Mas, a cada três passos para a frente, esse homem escorrega dois passos para trás, para depois retornar o ímpeto por três passos avante e assim por diante. Quais as causas desse escorregar? Agora, podemos explicar o que não podíamos fazer naquele livro, quanto a atual visão ainda não havia surgido e muitos problemas ainda não tinham sido resolvidos. O escorregamento é devido à atração exercida em direção oposta, pelo anti-centro, para trazer tudo a ele e manter em sua zona de influência.

Observe-se um fato importante, que pode agora ser explicado. Apesar do freio imposto pela atração satânica à evolução; esta, mesmo retrocedendo, periodicamente, avança em seu conjunto. Se a cada três passos à frente se dão dois para trás, isto significa ser o centro do Anti-Sistema, Satanás, por ser invertido no negativo, menos poderoso que o centro do sistema, Deus, todo positivo. Esta é a razão profunda do fenômeno, provando ser o bem mais forte que o mal e assegurando-nos, no fim, a vitória do primeiro em tudo, não prevalecendo verdadeiramente, as forças do mal. Também assim se explica por que a vida não progride em movimento uniforme, o seu ímpeto na subida se cansa e termina logo, esgotando-se na velhice e na morte. E explica-nos como, para poder continuar a evoluir, a vida deve sempre ser recomeçada no início, com os renascimentos. Isto acontece também no desenvolvimento das aristocracias, das classes dominantes e das civilizações.

Podemos agora compreender como não é possível acontecer diferentemente. Isto, porque a evolução não é um fenômeno simples e pacífico. Existimos em regime de dualismo e a coexistência de duas forças contrárias conduz forçosamente a contrastes e atritos. O progresso ascensional do ser é o resultado de uma luta entre o impulso do Sistema que quer reconstruir-se o impulso do Anti-Sistema que não quer morrer. Os dois disputam o campo, e a vida de um significa a morte de outro. Enquanto o impulso de Deus consiste em fazer tudo subir para salvar, o de Satanás

consiste em deter a evolução e fazer tudo retroceder, involuindo. Deus quer reconstruir e Satanás quer destruir. Este se defende, porque sabe que a evolução o destrói e, na reconstrução do Sistema, ficará desfeito o Anti-Sistema, seu reino. Isto explica porque a subida é tão penosa e ser pertinaz a resistência encontrada por toda tentativa de progresso, em nosso mundo. Cada passo para o alto deve ser conquistado e é o resultado de uma luta. Temos exemplo disto nestes livros. Eles deslocam antigas posições, lançando luz sobre muitos mistérios e resolvendo problemas ainda não resolvidos, mas perturba-o resolvê-los. Por isso, foram condenados igualmente pelo catolicismo de Roma e por algumas correntes espíritistas brasileiras. E isto pela mesma razão acima citada, com a qual todas as religiões estão de acordo. Nas reações a estas teorias achamos uma prova das próprias teorias, pois explicam justamente como funcionou o fenômeno de sua condenação. A prova maior dessa verdade é dada pela reação que provocam. Contra elas rebelou-se o passado que não quer morrer e condena as verdades mais evoluídas, porque sabe que elas o matam.



Perguntam-nos alguns porque existem guerras na terra. Ora, com a revolta, todo o universo entrou em estado de guerra e viverá de luta até ser destruído o Anti-Sistema e reconstruído o Sistema. A salvação está no evoluir. Entretanto, os dois grupos, chefiados por seus centros, estão frente a frente disputando o terreno e as criaturas. Há, portanto, um fundo de verdade na imagem representando Satanás a roubar almas a Deus.

Não é verdade que o ódio divida. Ele liga tanto quanto o amor, porém, em posição invertida. O abraço é igualmente apertado, mas não para se fazer o bem, e sim para se fazer o mal. Por isso também Satanás une as criaturas no Anti-Sistema. Mas a sua união é das criaturas que se odeiam, apertadas, unidas para atormentarem-se, ao passo que a união operada por Deus no Sistema é a união das criaturas que se amam, abraçadas juntas para tornarem-se felizes. Também não é verdade não existir no Anti-Sistema uma ordem e disciplina. Mas já vimos qual é a sua natureza. Também Satanás organiza o mal, como Deus organiza o bem. Sobe-se de Satanás para Deus, transformando a disciplina escravagista, feita de ódio, com a disciplina livre, feita de Amor.

Assim existe também no Anti-Sistema algo que quer reproduzir a ordem do Sistema. Mas reproduz às avessas, gerando apenas uma pseudo-ordem. Não se trata de uma fusão permanente e espontânea, porque formada por convicção, mas de uma união forçada só sustentada enquanto a força a mantiver unida. Pertencem a esse tipo as unificações políticas terrenas, baseadas na força dos exércitos; acabada esta, tudo desmorona. Apenas se afaste o mais forte dominador de todos, explodem imediatamente as rivalidades dos egoísmos separatistas e o princípio da desorganização prevalece. E ele está sempre pronto a aparecer, como não podia deixar de ser, num regime substancialmente negativo. Construir seriamente, de forma estável, representa para o Anti-Sistema uma contradição consigo mesmo. Seria como querer confiar a defesa da ordem pública a uma sociedade de criminosos.

Querer construir uma unidade com seres feitos de egocentrismo separatista, levados apenas a combater-se, é querer construir uma lógica à força de contradições. O rei da revolta e da anarquia não poderá jamais construir nenhuma ordem. A rebeldia só podia produzir esse estranho, macabro e ridículo mundo negativo. Como se pode criar num regime de destruição? Só poderão fazer-se tentativas separadas, isoladas, prontas a ruir. E se algo se consegue construir, então podemos estar certos de que tudo se deve apenas a intervenção das forças do Sistema. Mas, com o material dado pelos elementos do Anti-Sistema, anti-orgânicos e desorganizadores por sua natureza, nada se pode construir de estável. Assim, em substância, as organizações do mal são desorganizações. Por isso, todas as guerras desejariam estabelecer uma ordem definitiva e não acabam nunca porque nunca a constroem. Por isso, jamais se alcança a solução. A

razão profunda é que tudo isso é obra do Anti-Sistema, cujo verdadeiro fim não é organizar nem criar, mas desorganizar e destruir.

Com a evolução, porém, no próprio seio do Anti-Sistema, está renascendo o Sistema, tal como as células sadias se vão reconstruindo no seio dos tecidos doentes. Saúde e doença estão lutando e nesta luta, a humanidade vai se curando de seus males. Está convalescente dos males superados, mas continua doente dos outros ainda não curados. Com a evolução é mister reconstruir todo o Sistema. A cada passo adiante, os métodos do Sistema substituem os do Anti-Sistema. Avança-se, lutando e sofrendo, por um caminho áspero e cheio de pedras e espinhos. Mergulhados até o pescoço no pântano do Anti-Sistema, tentam-se esboços sucessivos cada vez mais vastos. Construir, construir, cada vez mais alto. Construir lutando contra todas as forças do mal coligadas, ciumentas da subida, e escapando de seu aperto feroz. Construir a qualquer custo, lutando contra todas as condenações, elas desejariam ver congelado e destruído o ímpeto sublime da subida. Lutar, incompreendidos, sangrando, para salvar os irmãos que condenam, porque não compreenderam.

Escrevo estas palavras com o coração amargurado, cômico do tremendo drama. Drama do mundo, vivido profundamente, feito meu e que vou sofrendo a cada dia, nestes livros, fruto de uma tensão de conceitos que me leva, certos momentos, à beira da morte. Mas não basta dizer que se tem uma missão. Quem o afirma sem realizá-la, engana a Deus e a si mesmo. E realizar uma missão é coisa tremenda, tanto mais ser preciso lutar contra os que queremos salvar, contra os irmãos cegos que não querem ver, para esta voz não ser destruída pelas forças do mal que saturam hoje o mundo, mas lutar a fim dela poder sobreviver para alcançar gerações futuras as quais poderão compreender e agir. Neste trabalho tremendo, fica-se só, certas horas, e a alma, abandonada pelos homens, volta-se desesperadamente para Deus, único a ver e a saber, rogando ajuda para o esforço extremo do ser despedaçado pela tensão sobre-humana de um abraço grande demais, pois desejaria num abraço supremo envolver toda a humanidade.

XV

OUTRAS PROVAS E ESCLARECIMENTOS – O FUTURO DA PERSONALIDADE HUMANA

Chegados a este ponto do curso, os assistentes pediram outras provas e explicações da teoria da queda. Embora repetindo os mesmos conceitos já desenvolvidos, fá-lo-emos com palavras e aspectos diferentes, para elucidar os problemas sob outros prismas, a fim de ficar bem esclarecidos o pormenores, podendo-se chegar a reconhecer o fenômeno cada vez mais exatamente. Demonstraram, com esse pedido, que haviam compreendido o quadro geral e manifestaram a vontade de aproximar-se um pouco mais, a fim de observá-lo e compreendê-lo melhor em seus vários aspectos. Supondo que o leitor se ache provavelmente, no mesmo estado de espírito e que poderão interessar-lhe novos esclarecimentos, continuaremos a expor as perguntas feitas no curso e as nossas respostas.

PERGUNTA:

Para nós, situados em nosso mundo, ou seja, na posição de Anti-Sistema, é possível fazer uma idéia do sistema só com os meios comuns das vias racionais, sem ter de recorrer à inspiração?

RESPOSTA:

Sem ter que recorrer à visão, o observador normal pode encontrar em nosso universo os elementos para reconstruir por via racional, a estrutura do Sistema, chegando a poder obter por si provas e confirmações da visão. Neste caso, o estudioso poderá tomá-la, de início, apenas como hipótese de trabalho, para depois, num segundo tempo, verificar que conseguindo explicar a razão pela qual o nosso universo está construído assim, pode ser aceita como teoria. Essa teoria é justamente a da visão.

Isto é possível por não estarmos fora do Sistema, mas apenas numa sua posição invertida. O nosso universo decaído continua a existir em função do Sistema não-decaído do mesmo centro de tudo, Deus. O nosso Anti-Sistema não representa um modo independente, separado. No todo só é possível a existência de um modelo único: o Sistema de Deus. Não pode haver outros modelos e sistemas, porque não há outros criadores. Se existem outras formas, estas só podem ser derivadas do primeiro modelo, Deus. Isto significa ser o Sistema o único ponto de referência e ponto final da evolução, sendo o caminho desta preestabelecido e não pode ser outro. Se então o Anti-Sistema é uma reprodução invertida do Sistema, não será difícil reconstruir-nos a sua imagem, endireitando essa reprodução invertida. A relação de filiação permite ver através dos traços do filho, os do pai. Se a derivação foi em descida, em sentido destrucionista, pode-se regressar à fonte subindo em sentido construcionista. Representamos um estado patológico. A doença pode permitir-nos estabelecer o estado de saúde, porque a doença existe em função desta. O negativo indica-nos o positivo, o mal revela-nos o bem, a dor mostra-nos a alegria, o erro prova a verdade. Luz e sombra são conexos e a sombra serve para compreender e procurar a luz. Onde tudo é luz sem sombra, num todo homogêneo, não é possível nenhuma distinção.

Então, para conseguir ver a posição correta do Sistema, basta endireitar a posição invertida do Anti-Sistema, existente sob nossos olhos, contrapondo, ao processo de decomposição ocorrido na queda, o processo de recomposição que agora ocorre na evolução, unindo o ponto de partida da descida com o ponto de chegada da subida. Um pólo fala-nos do pólo oposto, inverso e complementar. Assim, o Anti-Sistema nos mostra o Sistema. Podemos ver o segundo espelhado no primeiro, que é o nosso mundo, às avessas, da mesma forma como se vê um edifício espelhado num lago. Na imagem refletida, os primeiros planos aparecem como últimos e vice-versa. Em nosso mundo os valores mais apreciados são os menos valiosos, os fictícios da matéria, e não os reais e eternos do espírito; quem é premiado na luta pela vida é o mais forte, que vence submetendo o próximo, e não o mais honesto, que trabalha a favor do próximo. Assim, os valores do Sistema aparecem na Terra, mas freqüentemente invertidos, na forma de ficção, para enganar melhor; exalta-se a bondade, mas de fato os bons são considerados como simplórios a serem explorados; faz-se muita questão de todas as virtudes, mas para os outros; defende-se o amor ao bem reparando os efeitos e o mal, mas no próximo, porque custa muito menos corrigir os outros do que a si mesmo. Louva-se a honestidade, mas, na verdade, a sociedade castiga severamente os honestos. O móvel de toda essa humanidade é o egoísmo separatista, principal qualidade do Anti-Sistema, que nos indica a oposta, o altruísmo unificador, qualidade principal do Sistema. A primeira coisa que fazem os involuídos, como todos os seres inferiores do Anti-Sistema, é agredir, para impedir a expansão vital e a própria vida. Para estes, como para todos, a vida é o máximo dom e, por sua posição de egoísmo separatista, procuram agredi-la para infligir o máximo prejuízo. Para os que vivem só no plano físico, esse é o maior prejuízo, mas para o evoluído que vive no plano espiritual, a perda da vida física pode ser, ao invés, uma libertação, para entrar numa forma de vida muito maior.

Assim, não só nosso mundo revela a natureza de outro mundo perfeito, oposto a ele, como este mesmo nosso mundo humano, não é compreensível senão em função de outro mundo mais perfeito. Então, Sistema e Anti-Sistema, pelo fato de se condicionarem, justificam-se e se explicam reciprocamente. Se bem observarmos, veremos que, apesar da queda, eles permanecem indissolúvelmente ligados. Coloquemos no positivo tudo o que há de negativo em nosso mundo, e teremos o Sistema. Como poderia além do mal, ter o homem consciência do bem e compreender o conceito de perfeição, se não existissem essas qualidades no estado puro e completo em outro lugar? O nosso Anti-Sistema demonstrando o Sistema, constitui uma prova de sua

existência, mostrando as qualidades que deve ter. Os dois permaneceram tão ligados que a maior estrada da vida, representada pela evolução, os liga, desembocando no Sistema, sua meta final que orienta e justifica, pois se destina a transportar todo o Anti-Sistema, depois de verticalizá-lo na posição do Sistema, para o seio deste, ou seja, para Deus. Aí se torna realidade o que em nosso mundo aparece apenas sob a forma de ideal, e os homens “práticos” julgam ser sonho. Aí tem existência real o que em nosso mundo é apenas aspiração, por pertencer ao futuro da evolução. Aí se acham realizados os valores do Sistema, opostos ao do Anti-Sistema. Aí se realiza a reinversão do invertido, ou seja, o seu endireitamento; são revalorizados os verdadeiros valores, agora desvalorizados. Aí, finalmente, o altruísmo, motor de tudo, funde todos num estado orgânico unitário.

Continuemos a desenvolver este assunto, embora ele exorbite dos limites da pergunta. Em nosso Anti-Sistema, o Sistema não foi absolutamente destruído; aí existe em estado de germe. Outrossim em vista de, com a evolução, um pouco do caminho da subida já ter sido realizado, alguns elementos do Sistema já apareceram por aqui. Com isto, pois, o Sistema dá provas de sua existência, tanto os dois, como pai e filho, estão conexos e interpenetrados. Portanto, há o fato positivo de o Sistema existir em nosso mundo, embora em estado de ideal. Algumas características do sistema já se vislumbram aqui em baixo, embora como exceção. Se é difícil conseguir concretizar-se na realidade, não há dúvida de que existem como anseio instintivo de nossa alma, porque a todos agradaria ser bons e perfeitos, se a evolução não requeresse tanto esforço. Donde vem esse anseio? Como é possível desejar algo que não se conhece? E como é possível conhecê-lo sem havê-lo possuído? Nada disso pode explicar-se senão como lembrança de um paraíso perdido, para o qual torna a impelir-nos uma infinita nostalgia, que vive a cada momento, em nosso insaciável anseio de felicidade.

Em última análise, o que impulsiona para a frente no caminho da evolução, é justamente esse anseio. Subir é árduo e o ser gostaria de furtar-se a esse esforço. Seu primeiro instinto é esse, que lhe vem do Anti-Sistema. Mas o ser é dominado, também, por outro instinto, que é o de subir, custe o custar. O nosso mundo vive da luta entre esses dois instintos. São muitas as resistências contra o progresso, embora não consigam detê-lo. Não resta dúvida de que a evolução é realizada por obra deste impulso interior, sendo tão forte que chega à realização progressiva do Sistema até mesmo no seio do Anti-Sistema rebelde.

Podemos encontrar nisso, nova prova em favor da teoria da queda. A evolução surge de dentro e não de fora. Trata-se de um impulso espiritual, ignorado pelo ambiente externo, material. Esse impulso funciona como uma semente depositada no ser ainda involuído, nele permanecendo latente com vontade de nascer e desenvolver-se, como um íntimo impulso contido, com tendência a explodir para expandir-se. Essa causa é interna e dela produz efeitos externos. A existência consiste num caminhar do interior para o exterior, da substância para a forma. Donde provém então esta causa imponderável, de cuja latência derivam tantos efeitos atuais? Como se acha no seio do Anti-Sistema? A esta pergunta só pode dar-se uma resposta: essa causa é dada pela presença do Sistema que, com a queda, não foi destruído, mas sobreviveu no estado latente dentro do Anti-Sistema. Há necessidade, então, de antepor-se a toda fenomenologia de nosso universo, a existência causal de outro universo espiritual, sem o qual não é possível de maneira nenhuma explicar a imensa floração realizada pela evolução, não podendo esta ter provindo do nada. A evolução não é criação do nada, mas é um progresso; é o desenvolvimento de um germe, que é o Sistema e conduz tudo – como é lógico – à causa primeira de tudo, Sistema e Anti-Sistema, a Deus. Se hoje com a evolução vemos da matéria desenvolver-se o espírito, isto é, a consciência provir da vida, isto significa ter caído o mesmo nas profundidades da matéria, aí permanecendo envolto, o princípio que agora, com a evolução, se está desenvolvendo. As raízes e a explicação da evolução só podem ser achadas na involução e na queda, não apenas para satisfazer à exigência lógica de dois períodos opostos que se equilibram, mas sobretudo para encontrar-se a causa de efeitos inexplicáveis de outro modo.

Neste ponto foi pedido um outro esclarecimento.

PERGUNTA:

Na passagem, por evolução, do Sistema ao Anti-Sistema e, por evolução do Anti-Sistema ao Sistema, quais, mais exatamente, as transformações que ocorrem com respeito a cada individuação do ser e às relações existentes entre elas? Deseja-se colocar mais exatamente em foco as mudanças que acontecem no processo da queda e da subida, quanto ao estado orgânico e à unidade do todo. Qual foi a posição e o valor de cada individuação dentro desse estado orgânico e sua relação com ele? Diante de tudo isso, que é a personalidade humana e quais serão seus futuros destinos?

RESPOSTA:

O primeiro dos dez mandamentos que Moisés recebeu de Deus no Monte Sinai, o mandamento fundamental que estabelece a posição de Deus, diz: “EU SOU o Senhor teu Deus. Não terás outros deuses diante de mim”.

A primeira palavra é “EU”. A primeira coisa a afirmar-se é o egocentrismo.

A segunda palavra é “SOU”. Logo após afirmar-se a vida, porque “ser” é a qualidade de Deus e de tudo o que Dele derivou.

A existência, pois, antes de tudo de Deus, e depois de todos os seres, fica estabelecida, pelo primeiro modelo do “EU SOU”. A primeira criação dos puros espíritos gerou, então, as criaturas estritamente individualizadas por suas características pessoais, como Deus. Só assim torna-se possível admitir terem tantas qualidades que temos de reconhecer como necessidade lógica, a obrigação de admitir também a da individuação. Essas qualidades eram: liberdade, conhecimento, posição hierárquica bem definida, função individual no estado orgânico do Sistema etc.

Desse modo, todos os elementos, tanto no Sistema quanto depois, já decaídos no Anti-Sistema, permaneceram sempre individuados. Que diferença se verificou, então, entre seu estado de origem e o estado após a queda? Esta não representou uma destruição de cada uma das individuações, mas a destruição de seu estado orgânico de Sistema em seu estado desorganizado de Anti-Sistema. Já explicamos ter sido o resultado da primeira criação, o estado orgânico do Sistema, e foi esse estado orgânico e a ordem por ele representada que se desfizeram com a queda. (Veja capítulo XI, “A Visão Diante da Biologia”). Portanto, as individuações permaneceram, mas mudaram as relações entre elas; estas, ao invés de colaborar com funções coordenadas no mesmo organismo, isolaram os seus egocentrismos, antes fundidos numa só ordem, em tantos egoísmos separados e rivais, buscando destruir-se mutuamente ao invés de ajudar-se, e desfazendo assim em caos toda a organicidade do Sistema. A queda produziu essa posição das individuações em estado de antagonismos contrastantes, que é o estado de animalidade e da humanidade atual, explicando-nos, dessa forma, porque em nosso mundo ainda esteja em vigor a lei da luta pela vida e da seleção do mais forte. A biologia comprova a presença dessa lei, mas só a teoria da queda nos explica a sua causa primeira e as razões profundas.

O resultado da revolta foi desagregar e pulverizar a compacta estrutura orgânica do Sistema, ao menos na parte que dele se quis destacar, permanecendo íntegro o resto, não rebelde. Então, o novo estado caótico destacou-se do estado orgânico; o estado de separatismo afastou-se do estado de fusão. A partir desse momento, a atividade de cada elemento não se somou à de outro, tendendo ao mesmo fim, mas procurou anular a atividade do outro, subtraindo ao invés de somar. Podemos compreender, dessa forma, porque o conceito da individuação assumiu, no Anti-Sistema, um valor completamente diferente. Ao invés de dizer: todos unidos, cada um por todos; foi dito: todos divididos, cada um por si. Eis o nosso mundo. Então, Sistema e Anti-Sistema, colocados diante do problema da individuação, significam: o primeiro, a fusão dos egocentrismos numa mesma unidade orgânica e o segundo, o fragmentar-se através da queda, dessa união, até um estado de inimidade dos egocentrismos, na mesma desordem caótica. Conclui-se daí que, em sua essência, o verdadeiro significado da queda consistiu no desmoronamento das qualidades orgânicas e unitárias do Sistema.

O nosso eu, em sua forma atual, como egoísta e dividido do próximo, é apenas um fragmento isolado daquela unidade orgânica, pulverizada com a queda. Como altruísta e colaborador de seu próximo, faz parte das primeiras reunificações coletivas que, por meio da evolução, conduzem à reconstrução do Sistema. Por isso, se a involução foi um processo de destruição da organicidade, a evolução apresenta-se nos em novo e mais profundo significado, que é o de construir um processo de reconstrução da organicidade. O primeiro movimento, na descida, representa uma demolição da unidade no separatismo, da organicidade no caos; o segundo movimento, na subida, representa o contrário. Não foi a queda, pois, que criou os egocentrismos: criou apenas o egoísmo, que os afastou, uns dos outros, como inimigos. A queda substituiu o egocentrismo unitário de Deus, em torno do qual se haviam coordenado todos os outros egocentrismos em Sistema, em uma pulverização de egocentrismos separados, cada um tornando-se centro de si mesmo. Assim, a direção passa do único centro, Deus, a uma multidão anônima e desorganizada. Só o primeiro método pode ser apto a dirigir um organismo. O segundo só pode gerar a própria desordem. Mostra-nos isto qual seria o método perfeito de governo, ou seja, o de Deus no Sistema. Mas na Terra não existem chefes políticos que possam ter as qualidades de Deus, nem súditos com as qualidades dos espíritos perfeitos. O valor de um governo depende, antes da forma e do Sistema de escolha, do valor pessoal dos chefes tanto quanto dos súditos.

Dessa maneira, podemos agora conceber a queda como um processo de desorganização, e a evolução como um processo de organização. Trata-se verdadeiramente do desmoronamento de um edifício, do qual só resta um montão de destroços: os elementos componentes. Trata-se, mais exatamente, do desmoronamento de uma parte do edifício, tendo permanecido intato o resto. A parte que permaneceu inata representa o modelo, de acordo com o qual deve ser reconstruída a parte desmoronada; representa o projeto feito por Deus na Sua primeira construção, ao qual agora os operários da reconstrução devem obedecer. Esse projeto se vai aos poucos, lentamente, realizando com a evolução, do qual representa o quadro final. Ela é um tornar-se, porque deve caminhar para atingir esse ponto. Os dois edifícios estão lado a lado, e o novo deve reunir-se ao velho, para no fim ser um edifício apenas. Dos dois, um está de pé, o outro está desmoronado, mas unidos pelo mesmo plano construtivo, repousam sobre os mesmos alicerces, sendo regidos pela mesma lei. Na parte remanescente, íntegra, há a mesma febre de trabalho de reconstrução que na parte dos escombros e dos operários afadigados. Estes, pobres ignorantes decaídos, são guiados e ajudados no duro caminho da evolução. Os irmãos que permaneceram puros e sábios ajudam os irmãos sujos e cegos: irmãos porque todos são filhos do mesmo Pai, nascidos juntos no terceiro momento da Trindade, na primeira criação.

O que mais interessa a nós, humanos, habitantes do Anti-Sistema, empenhados no trabalho de reconstrução do Sistema, é examinar esse processo evolutivo dentro do qual estamos. Observamos o desmoronamento em relação ao estado orgânico original, para ver o que ocorreu a cada uma das individuações. Ainda em relação a tudo isso, observamos agora o processo inverso da reconstrução. Poderemos responder, assim, à última parte da pergunta, que diz respeito ao *futuro da personalidade humana*.

Como o universo vai sendo reconstruído? A queda produziu uma separação entre os elementos componentes. Os tijolos que compunham o edifício estão todos espalhados pelo chão. A reconstrução é feita recolocando-os juntos e em seus lugares. É este precisamente o fato que está ocorrendo. Pela lei das unidades coletivas, o nosso universo se está recompondo em agregações cada vez mais vastas e complexas, cada vez mais próximas ao modelo do Sistema. A evolução manifesta uma tendência à unificação. Da sua posição na evolução, o homem pode ver, ao olhar para trás, um trecho do caminho já percorrido.

Dos elementos ainda não descobertos que compõem o núcleo do átomo, o ser já reconstruiu esta primeira unidade. Unindo o núcleo com outros elementos, construiu o átomo, o qual já é um pequeno sistema. A evolução chegou assim ao estado de matéria como a conhecemos. Depois, com os átomos, construiu as moléculas, com as moléculas as células, com estas os tecidos e órgãos, e, aperfeiçoando-os, chegou a produzir as células nervosas e cerebrais, já próximas ao espírito, aptas a

dirigir os mais complexos organismos da vida. Com isto, foi passando do estado inorgânico à vida, do monocelular, a organismos cada vez mais complexos, do vegetal ao animal, subindo sempre até o homem, enriquecendo-se sempre com funções mais complicadas, até chegar às espirituais. E o caminho não terminou. Os vários indivíduos humanos, constituídos de organismos tão complexos não vivem sós. Unem-se em grupos cada vez mais vastos: primeiro a família, depois as castas, as cidades, os partidos políticos, as religiões, depois as nações ou povos, a sociedade, a humanidade, e enfim a humanidade de humanidades.

Dessa forma a reconstrução se opera por graus, através da unificação. E tanto mais adiantada será a evolução, quanto mais tiver conseguido unificar princípios elementares, coordenando-os organicamente. O homem chegou hoje, socialmente, até certo grau de reunificação e não mais, mas, prosseguindo na estrada, podemos ver os futuros aspectos da personalidade humana. Estão todos contidos neste processo de contínua reunificação. Os povos reunir-se-ão política e economicamente, as religiões espiritualmente, pouco a pouco desaparecendo tudo o que divide, para ceder lugar a tudo o que unifica. Quando todo o universo estiver reunificado num só organismo, e todos os seres colaborarem, por livre adesão, em função de um centro único, Deus; então o Sistema estará todo reconstruído e estará definitivamente concluída a grande aventura da queda.

Que transformações sofrerá então, no futuro, com a evolução, a personalidade humana? Como já dissemos, no capítulo XI. “A Visão Diante da Biologia”, esse processo de reunificação não é estéril. A cada unificação se acrescenta um valor, maior do que a soma de todos os componentes. Mas há mais. O estado orgânico, como tal, não só valoriza, por sua organicidade, a unificação além do seu peso real, como também valoriza cada um dos elementos componentes além de seu peso natural. Outrossim, cada um deles se acha potencializado pelo fato de fazer parte de um grupo muito mais poderoso, do que quando estava só. Um homem é mais forte e seguro quando em seu grupo ou exército, ou nação. Explica-se dessa maneira o espírito gregário, comum também nos animais.

Agora podemos compreender que o tipo de personalidade humana, qual existe em nosso plano atual de evolução, deve considerar-se não só em relação ao grau de desenvolvimento alcançado, mas também em relação ao grau de organicidade da unidade coletiva da qual faz parte. Conclui-se daí que, nos estados de unificações maiores, nos quais se fundirão as personalidades humanas no futuro, estas aí não chegarão em sua forma atual, mas serão completamente diferentes do que são hoje; serão algo inimagináveis, sobretudo, quando nossa personalidade finalmente chegar à conclusão de sua longa viagem de volta a Deus. Entretanto, podemos bem compreender como o tipo atual, tão imerso ainda no Anti-Sistema por seu egoísmo, não possa em absoluto reentrar a fazer parte do Sistema, enquanto ficar como está.

Mas, quando todas as criaturas do universo se houverem irmanado novamente num todo orgânico, como eram no Sistema, cada vez mais irá emergindo das profundidades da matéria o “eu” espiritual, que representa a criatura da primeira criação. Ao subir, a personalidade se transforma, porque a evolução vai da matéria ao espírito. Este é um organismo constituído de forças individualizadas por vibração, comprimento de onda e freqüência; organismo atualmente revestido de matéria, mais tarde apenas de energia, até abandonar também esta sua forma e permanecer em sua nudez de pensamento puro.

Trata-se de transformações profundas que mudarão totalmente o nosso atual modo de conceber. No estado atual, por exemplo, a proximidade de dois seres, quando revestidos de um corpo na matéria, é dada pela dimensão desta, ou seja, pela dimensão espacial. Mas, para os espíritos revestidos apenas de energia, não é a proximidade espacial que os aproxima, mas a afinidade de vibrações, tipo de forças, comprimento de onda e freqüência. Então, pode acontecer que, no plano da matéria, se achem aproximadíssimos, no sentido espacial, seres que, por sua natureza, estão afastadíssimos uns dos outros, e vice-versa. E pode acontecer que, dois ou mais espíritos situados fora da matéria, ao atingirem uma identidade de vibração e de tipos, consigam

também a fusão numa única personalidade. Diga-se o mesmo, e mais ainda, quando se trata de personalidades individualizadas apenas pelo pensamento.

Ora, a evolução leva à harmonização entre os vários elementos, em vista de sua tendência à fusão em unidades coletivas cada vez mais vastas e orgânicas. Por isso, quanto mais se sobe, tanto mais os espíritos tendem a fundir-se numa vibração em uníssono, na qual passam a existir como se fossem uma só coisa. E isto até ao ponto máximo, no qual todos os espíritos criados por Deus se hajam reunificado num só modo de existir, feito de pensamento puro, que é o pensamento de Deus. Podemos assim imaginar o Sistema. Nele, todos os seres sentem, pensam e existem perfeitamente em uníssono, formando uma união como se fora somente um ser. É assim o Sistema. Essa unidade constitui o terceiro aspecto ou momento do Tudo-Uno-Deus, que chamamos de Filho, e que, após a Sua multiplicação interior num ilimitado número de seres, continuou dessa forma perfeitamente uno. Podemos, por isso, compreender o que significa a expressão, Deus reabsorverá em Si todas as criaturas, e como seja isso possível, quando todas as criaturas tenham regressado sintonizando-se com Ele.

No plano espiritual a unificação é alcançada por esse estado de sintonia ou harmonização completa. Exprime a identificação da própria vontade com a Lei e a vontade de Deus, significando viver a vida de Deus, pensar com o pensamento de Deus. Este é o estado originário de perfeição do Sistema e será o estado final de regresso a ele. Nesse estado, o separatismo é totalmente destruído e se finaliza a unificação, pois o ser atingiu a perfeita identidade com o pensamento e a vontade de Deus. Nisso consiste a primeira unidade do todo e sua última reunificação, bem como consistia o estado orgânico do Sistema, de suprema sintonia, no qual todos os seres viviam abraçados, harmonizados na mesma vibração e orientados para Deus pelo mesmo amor. Esta é a suprema orquestração musical do Sistema.

Eis os futuros destinos da personalidade humana. Grande destino, que se realizará através de profundas transformações, devidas a um processo duplo: o da reunificação (lei das unidades coletivas) e o da espiritualização (evolução da matéria ao espírito).

Mas podemos observar os destinos da personalidade também em relação a um futuro mais próximo e imediato. Deduzir do estudo destas páginas, a respeito dos problemas máximos, conseqüências práticas, morais e sociais, aplicáveis ao nosso mundo. Para tanto também se refere a Lei das Unidades coletivas. Neste caso mais próximo e particular, aplica-se, também, o princípio de a evolução se realizar através da fusão orgânica. Por isso, o Evangelho, ao nos querer irmanar com sua máxima fundamental “ama a teu próximo como a ti mesmo”, demonstra ter um significado muito mais profundo e vital, não apenas religioso, filosófico ou sentimental. O Evangelho tem um sentido biológico, representando o caminho que a evolução deve seguir na humanidade; tem um valor universal, porque dá uma direção ao desenvolvimento da vida. O Evangelho é uma norma prática guiando o homem em sua ascensão para a reconstrução do sistema. Este fato o torna atual para nós, humanos, como uma norma de evolução em todos os campos, em todo o planeta; explica-nos racionalmente as razões profundas daquela sua linguagem de amor, que não exprime apenas sentimentalismo, mas se justifica com a lógica férrea, imposta por um plano exato, segundo o qual a reconstrução deve ser realizada.

As conseqüências de tudo isso são importantes. Renunciar ao próprio egoísmo para colaborar com o seu semelhante, não é, apenas, uma regra evangélica, mas também de progresso social: é uma lei de evolução da vida para todos, sejam de qualquer religião ou filosofia. Outra conseqüência é a seguinte: o homem que não colabora fraternalmente, mas agride para explorar, é um involuído, um atraso na evolução, mais próximo do animal. As leis biológicas dão a vitória, tanto em nosso mundo social como no mundo animal, ao mais forte. Esses métodos de seleção, ainda em vigor também em nosso ambiente humano, demonstram o estado ainda involuído, animalesco, do homem. Quem esmaga e explora o próximo acreditando com isso vencer e ter valor, é um selvagem a ser expulso de uma sociedade civilizada. No futuro o será, porque representará o que representa, na atual, o criminoso. Serão assim consideradas todas as

organizações baseadas na força, pois este é o método do Anti-Sistema e não do Sistema, para o qual devemos caminhar.

O futuro da evolução reside na compreensão recíproca, na reconstrução da unidade quebrada, na reabsorção e anulação do separatismo, primeiras qualidades do Anti-Sistema, substituindo-as pela compreensão e a colaboração, primeiras qualidades do Sistema. É preciso substituir o caos pela ordem, a revolta pela disciplina, a prepotência pela bondade e justiça, a guerra pela colaboração. O progresso consiste em suprimir tudo o que divide, em harmonizar-se até a unificação. A maior parte das dores que afligem a humanidade depende desse estado de inimizade de todos contra todos, e as dores não poderão cessar enquanto não terminar essa inimizade. Não se pode reconstruir o edifício desmoronado senão reunificando o separatismo no qual ruiu. É indispensável corrigir todas as qualidades do Anti-Sistema, adquiridas com a queda, mediante as qualidades do Sistema, estado perdido, que precisa ser reconquistado. É necessário subir do inferno, onde a discórdia cria a infelicidade, ao paraíso, onde a concórdia cria a felicidade.

Essa concordância dos princípios expostos neste volume, com a realidade dos fatos de nossa vida, oferece-nos mais uma prova, confirmando a teoria da queda. A cada momento o homem está repetindo os motivos da revolta. Por causa da sua vontade de continuar a errar, continua semeando dores, tanto mais quanto mais quisermos viver embaixo, próximos do Anti-Sistema. A evolução é, substancialmente, um problema de felicidade. Esta só poderá chegar se nos aproximarmos cada vez mais da ordem do Sistema. Harmonizar-se, como aconselha o Evangelho, não é apenas problema de bondade ou de renúncia, mas também problema de inteligência e de utilidade. O homem não quer viver o evangelho, porque ainda é um selvagem, tremendamente ignorante das leis da vida e do modo de atingir a felicidade. Nossa sociedade humana é um corpo onde cada célula é inimiga da outra, com prejuízo para todas. Essa sociedade não se mantém com o princípio da colaboração celular que vigora no corpo humano em estado de saúde, mas com o princípio anárquico que vigora no câncer. Por isso, os nossos males são até poucos, em relação ao que merecemos, e teremos de sofrer tanto até aprendermos. Para que serviria a dor, se não fosse útil para ensinar?

Trata-se de leis férreas, das quais não podemos escapar. Rebelar-se ainda mais, piora a situação. Prova-nos isto a lógica de todo o processo. A estupidez humana é grande, mas é produzida pela ignorância, resultado merecido da rebelião e da queda. E nada melhor para despertar a inteligência do que o sofrimento merecido, como efeito daquela ignorância também merecida. E como se pode obrigar um ser, que deve ficar livre, a compreender em seu próprio benefício; como se pode obrigá-lo a recompor-se, livremente, no caminho certo, senão fazendo-o reencontrar-se pelo caminho errado, atravancado de dores, fazendo-lhe compreender seu erro e as suas tristes conseqüências? Para o homem atual, pois, só existe um remédio que possa curá-lo: sofrer. Ele é livre de sofrer quanto queira. Mas esse mal é um remédio salutar. Tanto sofrerá que acabará aprendendo: não se pode subir descendo, não se pode melhorar piorando, nem se pode escapar à Lei forçando-lhe a porta.

O homem tem de compreender que é errado o sentido de crescimento como “eu” isolado. Este seria um crescimento invertido, o da revolta e do Anti-Sistema, que só pode trazer separação e destruição. Este crescimento não sobe, mas desce. Agindo assim o ser pensando ganhar, perde. Tudo está construído de modo que o crescimento não pode fazer-se isoladamente. O egoísmo pode conseguir, como débito, resultados imediatos à mão, e por isso os míopes creem neles. Mas depois tudo se paga e a vantagem do momento é muito cara porque não se conseguem os resultados longíquos e maiores que chegam fatalmente, porque calculados pela sabedoria da Lei. Consiste o problema em ter consciência do funcionamento inviolável da Lei e portanto em saber confiar nela, e não nas próprias forças fracas e enganosas. O egoísmo é um impulso isolado do Anti-Sistema, com raio de ação limitado, além do qual se torna anti-vital. O homem existe e só pode existir dentro da Lei, e se quiser existir, mesmo se rebelde, só tem o caminho da evolução para regressar ao Sistema. O ser pode continuar rebelando-se quanto queira. Com isso só conseguirá o próprio prejuízo. A revolta contra Deus jamais poderá ser vitoriosa, mas só produzirá erros, que depois é preciso pagar.



Antes de concluir este capítulo, respondamos a outras perguntas, corolários da precedente.

PERGUNTA:

A queda foi rápida ou lenta?

RESPOSTA:

O fenômeno da queda não pode ser medido com o nosso tempo. Foi também um desmoronamento de dimensões e o tempo foi apenas uma das dimensões atravessadas na queda, como, no oposto da evolução, esta dimensão desaparece, após ter sido atravessada a fase de energia, da qual é própria. Mas, entendendo o tempo em sentido mais vasto, ou seja, como ritmo do tornar-se ou velocidade de transformismo, poderemos dizer que, mesmo atravessando em sentido inverso os estágios a serem mais tarde percorridos na evolução, a queda foi rápida; da mesma forma como se desmorona uma casa sem alicerces. A lógica nos mostra isso. Os estágios da subida foram certamente atravessados na descida, porque se eles ligam o Sistema ao Anti-Sistema na direção de ida, devem também ligar o Anti-Sistema ao Sistema na direção de regresso. Foram atravessados, não na forma lenta em que os vivemos, mas certamente em sua substância, porque a ponte de passagem entre os dois pólos, de ida ou de volta, só pode ser uma. Não na forma lenta, em que o ser viveria mais tarde, porque se tratava de uma fulminante desintegração atômica em cadeia, onde não há como despertar, aprender, reconstruir. O processo lento atual de experimentação e assimilação não tinha razão de existir. A queda foi como uma explosão em que a unidade se pulverizou. Também em nosso mundo, tudo o que é recomposição e conquista é lento e árduo, trabalhoso como toda reconstrução confiada às forças do operário.

Concluindo, o fenômeno da involução apareceu-nos na visão como um acontecimento rápido. Mas nesta resposta quisemos justificar essa afirmação com argumentos lógicos e racionais.

PERGUNTA:

Qual foi o número de elementos rebeldes expulsos, e quais permaneceram obedientes no Sistema?

RESPOSTA:

O conceito de número, ligado ao de medida, e portanto de limite, não pode existir senão no relativo e no finito, ou seja, no Anti-Sistema. No Sistema, situado no pólo oposto, tudo deve ser exatamente o contrário. Tudo aí deve ser inumerável, além de toda e qualquer medida, de todo limite. Já explicamos que podemos imaginar o Sistema invertendo as qualidades de nosso Anti-Sistema. Portanto, não podemos procurar compreender o Sistema com os nossos conceitos, numeração e medida quantitativas, com as quais julgamos o nosso mundo. Vivemos fechados dentro dos limites de nosso concebível. Podemos procurar construir para nós uma imagem do absoluto. Mas, para quem está situado no relativo, será sempre substancialmente um inconcebível. Como superar de um golpe a nossa psicologia do finito, filho de nosso ambiente material, para entrar na psicologia oposta do infinito, onde desaparece completamente tudo o que para nós constitui o real e o mais certo ponto de referência? No Sistema não se pode introduzir o conceito de número, de medida, de limite. Qualquer conceito dessa natureza seria uma tentativa de redução do infinito ao finito, ou seja, do Sistema ao Anti-Sistema. Não há número para enumerar, não há medida para medir o infinito. No Sistema, a concepção deve

ser toda exclusivamente em termos de infinito. Poderemos imaginá-lo como algo além de todas as nossas possibilidades de pensar e compreender. Mas podemos compreender o absurdo de querer dar uma medida ao infinito, que consiste justamente na ausência de qualquer medida.

PERGUNTA:

O Sistema sofreu prejuízo com a fuga de seus elementos? E quem desempenhou a função dos que, com a queda, vieram a faltar no Sistema? Na hierarquia das funções, essa ausência de alguns elementos devia trazer desequilíbrio, perturbando a ordem geral e as funções também de outros elementos. A ordem e a perfeição de todo o Sistema ficaram alteradas?

RESPOSTA:

Se a criatura tivesse possuído o poder de alterar, não apenas a sua própria posição, mas também o próprio Sistema, teria tido em mãos o poder de um anti-Deus, capaz de prejudicar a obra divina. É absurdo admitir que Deus houvesse introduzido no Sistema perfeito, saído de Suas mãos, uma possibilidade tão desastrosa. Logicamente, pois, admitindo a impossibilidade de o Sistema ressentir qualquer prejuízo como a queda, focalizemos a observação, para ver o que ocorreu no Sistema depois da fuga dos elementos rebeldes. Sempre nos preocupamos em ver o que ocorreu a estes, sem olhar o que deixaram atrás de si.

Utilizemos as argumentações da resposta precedente. Sendo infinito o número de elementos do Sistema, por maior que fosse o número dos rebeldes, sempre permaneceria no Sistema um número infinito. Nossas medidas, quantitativamente definidas, não podem esgotar uma entidade de natureza diferente, como é o infinito que permanece inesgotável, qualquer quantidade finita que se lhe tire. Por isso o Sistema permaneceu íntegro tal como era antes. O conceito de numerabilidade e de medida nasceu, ao invés, do lado dos rebeldes, que, pelo fato de sua divisão, tornaram-se uma parte, não podendo, portanto, existir no todo infinito. Tão logo aconteceu o afastamento, surgiram imediatamente na zona separada os conceitos próprios do Anti-Sistema, e neste caso, os de medida e numerabilidade. Neste sentido é concebível uma quantificação das criaturas rebeldes, ao menos enquanto permanecem no Anti-Sistema, onde unicamente é possível, porquanto, uma quantidade mensurável só é possível neste, e não no Sistema.

Mas aqui surge outra dificuldade. Que unidades queremos contar? Pela lei das unidades coletivas, as individualizações do ser são diferentes em relação ao plano de evolução por elas atravessado. Vimos pouco acima, como se realiza subida por meio de agrupamentos progressivos, cada vez maiores, dos fragmentos da unidade, pulverizados com a queda até seus últimos elementos. Para poder se chegar a uma contagem, seria preciso fazê-la sempre em relação ao grau de evolução atingido pelos elementos enumeráveis. Só podemos dizer que seu número, por causa do processo de reunificação ao qual estão sujeitos com a subida, vai sempre diminuindo, devido a evolução os levar da multiplicidade à unidade do Sistema. Mas, quem quiser ter uma idéia do número, poderia contar a quantidade de elementos constitutivos do Anti-Sistema, por exemplo, no plano representado pela matéria, experimentando contar o número dos elementos componentes dos átomos existentes em todo o universo. Com se vê, se não encontramos o infinito, por nos acharmos no Anti-Sistema, encontramos sempre quantidades incomensuráveis, praticamente, equivalente ao infinito.

Com isto melhoramos a resposta à pergunta precedente. Voltemos a observar o Sistema. Sua estrutura era hierárquica, não de um todo homogêneo, constituído de elementos equivalentes, mas de um organismo feito de funções diferentes e especializadas. Nesse caso, a falta de alguns elementos não pode perturbar o funcionamento de todo o organismo. Tudo isso é verdade. Mas é também verdade que, qualquer nível, plano ou divisão da hierarquia era organizado, e cada função era desempenhada por elementos sintonizados, portanto, equivalentes (unificados pelo fato de

possuírem o mesmo tipo de vibrações). Destes permaneceu, pois, no Sistema o quanto era suficiente para seu funcionamento, o qual continuou regular como antes. Não se corromperam classes inteiras, mas apenas alguns dos seus elementos, permanecendo íntegras as classes, o grupo ou o plano em seu conjunto. Sendo infinito o número de elementos do Sistema, a perda de alguns não pode alterar nada. A perda de uma parte pode diminuir de um número finito, mas não de um número infinito. É inútil querer subtrair do infinito. Não se podem fazer operações aritméticas entre entidades de natureza diferente. O conceito de infinito é completamente diferente do de indefinido, inumerável, incomensurável, com o qual muitas vezes se confunde. Uma quantidade finita, independente do tamanho, jamais poderá exaurir o infinito, que só poderá sentir qualquer subtração, quando dele se subtrai outro infinito. Indicando com n um número finito, poderemos dizer, em termos matemáticos:

$$\infty \pm n = \infty$$

significando que, qualquer número finito se acrescente ou subtraia ao infinito, este permanece infinito.

Assim, qualquer tivesse sido o número de elementos expulsos do Sistema, lá permaneceu um número infinito. O Sistema é de natureza diferente do Anti-Sistema; o absoluto incomensurável permanece invulnerável, porque está além das quantidades mensuráveis que constituem o relativo. O Sistema, apesar da subtração dos rebeldes, continuou completo, funcionando perfeitamente. Só houve prejuízo para os elementos que se afastaram acharam-se abandonados a si mesmos, à mercê da lei própria, tão inventada para substituir à Lei de Deus. A vulnerabilidade não é uma qualidade do Sistema, do absoluto, de Deus. Só apareceu quando os seres se afastaram de tudo isto, para entrar na posição oposta do Anti-Sistema; apareceu tão logo saíram da ordem, da hierarquia, do estado orgânico, que constituía sua saúde e sua força.

O prejuízo não foi para o Sistema, mas todo para o Anti-Sistema. Quem se achou defeituoso e fora do lugar foi este, que se inverteu em negativo e portanto, para sobreviver, foi forçado a existir apenas na forma de transformismo evolutivo. Ora, se ele quiser continuar a viver, só lhe resta subir ao estado de Sistema, tornando positivo o negativismo, ou seja, autodestraindo-se como Anti-Sistema. Só poder existir na forma de transformismo evolutivo significa só poder existir destruindo tudo o que constituiu a revolta, para reconstruir-se em tudo o que constitui a obediência. Obediência a Deus, centro permanente e chefe de tudo.

XVI

RECONSTRUÇÃO ORGÂNICA DO SISTEMA E DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA

Neste ponto da composição do presente volume, em Novembro de 1956, após o término dos dois cursos de São Paulo e do Rio, foi iniciado um terceiro curso em Santos, sobre o mesmo tema. Isto ofereceu-nos a oportunidade de fazer mais uma recapitulação em vários conceitos relativos à visão e exercer novo controle a seu respeito. Foram acrescentados, por isso, novos capítulos, onde se responde a novas perguntas, voltando a defrontar o mesmos problemas e afins, sob outros pontos de vista. Será possível duvidar da verdade da visão, depois de tão prolongado controle?

PERGUNTA:

Para o nosso mundo atual, o maior interesse se relaciona com o nosso progresso. Pedimos, pois, explicações acerca do fenômeno da evolução: a) acerca da razão de sua existência; b) de suas formas; c) como ocorre a reconstrução orgânica do Sistema desmoronado.

RESPOSTA:

a) O pensamento humano parece estar de acordo neste ponto, isto é, vivemos num processo de evolução. Ora, evolução significa desenvolvimento, aperfeiçoamento, ascensão. Para compreender, temos então de perguntar-nos, primeiramente, donde surgiu tudo isso, como nasceu esse processo, qual o impulso que o determinou e por que justamente nessa direção. Se do nada, nasce nada, o processo evolutivo não pode haver nascido do nada. Trata-se de um fato positivo, inegável: portanto, é preciso achar o precedente que o determinou. Para compreender esse efeito é mister retornar à causa.

Surge então a necessidade lógica de admitir um período involutivo precedente, isto é, para haver evolução deve ter havido uma involução. Um movimento numa só direção, sem o inverso e complementar que o justifique e compense, seria um desequilíbrio inadmissível na ordem universal. Há, também, um outro fato. O conceito de evolução implica no de expansão e crescimento, que por sua vez impõe a idéia de um ponto de partida do “menos”, isto é, no negativo, deslocando-se até atingir um ponto de chegada no “mais”, ou seja, no positivo. Assim, temos de admitir que o processo evolutivo teve início no pólo negativo (caos do Anti-Sistema) e não no pólo positivo (ordem do Sistema). Surge então esta pergunta: se a causa de tudo só pode ser Deus, como podemos atribuir-lhe a gênese direta de um processo, cujo ponto de partida tem, ao invés, as características negativas, opostas, às de Deus, cujas qualidades só podem ser afirmativas e positivas? E então, se não podemos atribuir a Deus tudo isso, e se no todo não existe outra causa primeira, falta ao processo evolutivo a respectiva causa e não se consegue explicar como tenha nascido. A impossibilidade de ter nascido diretamente de Deus, é lógica, absoluta. Deus situa-se no +□ e este processo tem o ponto de partida no – □. A conclusão que se chega é de não haver outro meio para explicar o fenômeno da evolução, senão intercalando entre a causa primeira, que é Deus, e o período da queda, fenômeno da revolta durante a qual se puderam inverter os originários valores positivos, na fase involutiva, até alcançar o estado negativo, único ponto de partida que podemos aceitar para a evolução.

Em outros termos, sendo a evolução um processo de reconstrução, presume, necessariamente, um período precedente de destruição. A reconstrução não pode partir de um estado de perfeição, ou seja, não pode partir diretamente de Deus. Só se pode subir depois de ter descido; só se pode reconstruir após haver destruído. Se admitirmos a evolução, temos de admitir também o Anti-Sistema, por não se poder dar-lhe outro ponto de partida. E se admitirmos o Anti-Sistema, é preciso admitir também a teoria da queda. Involução e evolução estão, reciprocamente, condicionadas, no circuito do mesmo ciclo que, partindo do Sistema, volta ao Sistema. A perfeição do ponto de partida em Deus coincide, dessa forma, com a perfeição do ponto de chegada em Deus. Neste ciclo o fenômeno da queda se intercala como um fato tão necessário, quanto o fato da evolução. Eis mais uma prova em favor da teoria da queda, a qual tem uma qualidade em seu favor: a grande harmonia e equilíbrio das partes, a correspondência quase musical dos conceitos que a dominam em seus vários momentos, visto serem dirigidos e coordenados por uma arquitetura onde cada elemento encontra, na ordem do quadro geral, com toda a lógica, o seu lugar devido, em concordância com todos os outros elementos.

b) Explicando assim o fenômeno da evolução e a razão de sua existência, observemos, para responder à segunda parte da pergunta, as suas formas, problema que interessa mais ao nosso mundo humano, para ver depois como ocorre a reconstrução orgânica do Sistema.

No plano evolutivo humano acontece um fato estranho. Não impera, como no plano vegetal e animal, uma só lei, bem determinada, seguida pelos seres, cegamente. Nesses planos biológicos, a vida domina o funcionamento dos seres deterministicamente e eles obedecem. Seguem seus instintos e não há aí luta de princípios sem escolha. A regra é única e fácil segui-la. No plano biológico humano ocorre um fato novo: a ética, que luta contra a animalidade, para superá-la. O homem vive no meio do contraste nascido do encontro e do choque entre os princípios de dois planos biológicos

diferentes. Estes o disputam, o inferior para mantê-lo no seio da animalidade e o superior para arrastá-lo ao seio da espiritualidade.

Porque isso? No mundo vegetal e animal vemos a vida na posição estática, representada por uma relativa perfeição atingida em relação a dado plano de evolução. Não vemos o momento da transformação, ao contrário, vemos na fase animal-homem-super-homem, que a vida está agora realizando em nosso planeta. Para passar da planta ao animal a vida teve de conquistar o movimento. Para passar do animal ao super-homem, o homem deve conquistar a inteligência.

Qual o significado desse contraste entre planos diferentes? Por que essa luta? Como pode a lei, que rege a vida, ter princípios tão diferentes disputando o domínio do ser, ao ponto de haver conflito entre eles? Observando, em sentido mais vasto, vemos em cada fenômeno um princípio de ordem que o protege, o mantém e quer melhorá-lo; e há um princípio de desordem que o agride, estraga-o, quer fazê-lo retroceder à destruição. Verificamos a presença de uma lei de bem, lutando para agir contra uma lei de mal. Por isso, o progresso em todas as coisas, é dado pelo impulso de subida, contra o impulso contrário que quer a descida, ou pelo menos a paralisação. A evolução, por fim, consegue vencer, mas emergindo dessa contínua luta. Assim, apesar de tudo, o progresso avança. Apesar de estar sempre minado pelo impulso contrário, consegue, finalmente, realizar-se.

Onde estão situadas as origens desses impulsos contrários? Só a teoria da queda pode dar-nos a explicação desse fato. Os dois impulsos provêm um do Sistema e outro do Anti-Sistema. A evolução representa a subida do segundo, que não quer morrer, para o primeiro, que deve nascer. E o Sistema só pode nascer matando o Anti-Sistema, o qual só pode sobreviver se deixando matar pelo Sistema. O seu terreno de luta é o domínio do ser. A evolução representa o regresso ao Sistema e o extermínio definitivo do Anti-Sistema. No plano humano, o Sistema é representado pelas leis da ética e o Anti-Sistema pelos instintos da animalidade. Assim se explica esse contraste.

Grande parte da humanidade ainda está dominada pelos princípios do egoísmo separatista do Anti-Sistema. Por esta razão ainda vige no plano humano a lei da luta pela vida e da seleção do mais forte. Lei tipicamente animal, que, na prática, continua a resistir aos princípios diferentes da moral e dos ideais que, mesmo pregado aos quatro ventos, permanecem apenas como teoria. Estamos ainda mais próximos do Anti-Sistema, no entanto, esta luta no plano humano é mais viva do que nos planos inferiores, porque tanto mais se sobe, tanto mais o Sistema, ao aproximarmos-nos dele, se mostra mais poderoso, enquanto nos níveis mais baixos o Anti-Sistema domina sem contrastes sensíveis. Pertence-lhe o domínio das zonas mais involuídas, enquanto nas evoluídas, quanto mais se sobe, tanto mais se tornam domínio exclusivo do Sistema.

Só assim podemos ter uma unidade de medida, a fim de poder julgar positivamente o valor dos indivíduos e das civilizações. Quanto mais um homem ou um povo se harmoniza com os princípios do Sistema, tanto mais é evoluído. Quanto mais se praticam os princípios do Anti-Sistema, tanto mais são involuídos. Em outros termos, o grau de civilização é dado pelo grau de evangelização atingido. Este é o verdadeiro critério para julgar e aqui mostramos as razões disso. Os critérios baseados sobre o domínio político ou econômico são produtos do Anti-Sistema e pertencem ao estado de involução.

c) Procuremos agora responder à última parte da pergunta, relativa à reconstrução orgânica do Sistema desmoronado. Já dissemos ter a queda representado uma dissolução da organicidade. Ora, é lógico consistir a evolução numa reconstrução da mesma organicidade. Para poder regressar ao Sistema é preciso, pois, reintegrar a unidade orgânica que se havia desagregado. Esse processo de reconstrução nós o vimos (capítulo XI e XV) realizando-se através da Lei das unidades coletivas. A evolução opera direcionada à reunificação, movimento oposto ao da involução, direcionada à pulverização.

A evolução atua, manifestando-se, como uma realização cada vez maior e com um aumento contínuo de organicidade. O caminho do regresso é

representado por um processo de reabsorção do separatismo e da desordem, através da fusão e da disciplina. Eis como acontece a reconstrução do Sistema desmoronado.

Isto implica em conseqüências importantes, com relação às transformações que terá de suportar a personalidade humana atual. De tudo quanto se explicou até agora, compreende-se como é absurdo que o nosso “eu” possa voltar a fazer parte do Sistema tal como é constituído hoje, tendo em cima de si uma bagagem de qualidades próprias do Anti-Sistema. Então, é interessante responder a esta pergunta: em que forma chegará a nossa personalidade humana, ao estado de existência própria do Sistema? Hoje, nós humanos não somos um organismo, mas diante das novas grandes unidades coletivas do futuro, representamos o mesmo que são os elementos monocelulares diante dos mais complexos organismos criados pela vida. Ora, é lógico não poderem os elementos componentes entrar na forma de semelhantes amontoados celulares desordenados, como partes componentes de superiores e complexas unidades biológicas. Não podem ser admitidas a fazer parte de um organismo, essas individuações celulares separadas e rivais, estragadas pelo atrito de uma luta intestina entre si, unidades que consomem só dessa maneira, contraproducente para a coletividade, todas as próprias energias, não sabendo viver organicamente e não conhecendo o poder daí derivado.

Da mesma forma como os elementos monocelulares devem sofrer profundas transformações para chegar a fazer parte dos organismos superiores, assim também as individuações humanas para poderem tornar-se elementos constitutivos das grandes unidades, necessitam voltar ao estado de Sistema. O homem deve superar sempre mais o seu separatismo e com isso aprender a viver coletivamente. É preciso compreender que a tarefa da evolução é destruir todas as qualidades do Anti-Sistema substituindo-as pelas do Sistema. Esta é a condição para se poder nele reentrar. É indispensável, pois, ser destruída a maior parte das qualidades que constituem hoje a personalidade humana. Que sejam não apenas afastadas, mas substituídas pelas qualidades opostas, como qualidades definitivamente conquistadas.

Nós humanos, portanto, voltaremos a Deus com uma forma de personalidade completamente diferente, ou seja, não como somos hoje, um amontoado desorganizado de elementos separados e rivais, mas na forma de tipo biológico orgânico, representando um modo de existir completamente diferente. Num futuro mais próximo, ainda como parte da humanidade, o homem não será apenas um elemento num exército de microorganismos, mas poderá erguer-se às funções mais nobres de células especializadas em atividades superiores, até às nervosas e cerebrais, como ocorre no corpo humano. Unificação, fusão, reorganização, querem dizer também especialização, aperfeiçoamento e potencialização, impossíveis de outra forma. Neste sentido a reconstrução aparece como uma verdadeira criação.

Não nos iludamos pensando poder atingir Deus assim como somos hoje feitos, sozinhos; mas apenas fundidos em conjunto, abraçados ao nosso inimigo a quem tivermos perdoado, ao ignorante a quem tivermos ensinado, ao inferior a quem tivermos levantado até ao nosso nível, ao malvado que tivermos transformado em bom. Da mesma forma como em nossa fase atual, átomos, moléculas, tecidos, órgãos, fundindo-se juntos em unidades sempre maiores, chegaram a constituir o indivíduo humano, assim no futuro, homens, famílias, grupos sociais, povos e nações, humanidades e humanidades de humanidades, fundindo-se juntos em unidades cada vez maiores, chegarão a construir unidades coletivas sempre maiores, complexas e perfeitas, constituindo no seu último estado evolutivo, o Sistema. Se, no fundo da queda, o ser atingiu o estado de máximo separatismo, no cimo da ascensão o ser só pode atingir o estado de máxima reunificação.

Resumindo a resposta à pergunta formulada, explicamos porque, como necessidade lógica, existe o fenômeno da evolução (como conseqüência do período precedente inverso de involução), e depois o porquê da forma pela qual age a evolução, especialmente no plano humano (luta entre os impulsos provenientes dos dois pólos opostos), mostrando enfim, como ocorre a reconstrução do sistema desmoronado (por fusão orgânica em unidades coletivas cada vez mais amplas).



Como conseqüência das explicações precedentes, surge entretanto uma outra pergunta.

PERGUNTA:

Foi dito na última resposta que, para passar do animal ao super-homem, o homem tem de conquistar a inteligência. Que ocorrerá, pois, à nossa personalidade humana, com conhecimento e consciência, e que repercussões terá?

RESPOSTA:

Vimos que a evolução realiza uma série de transformações na natureza do ser, substituindo-lhe as qualidades do Anti-Sistema pelas do Sistema. Focalizemos a nossa atenção sobre essa qualidade especificamente humana, que é a inteligência. Qual a razão de a evolução desenvolver inteligência? De onde nasce esse desenvolvimento? Trata-se de uma criação ou de uma restituição? Ou seja, trata-se do aparecimento de um estado novo, não contido nos precedentes, ou então de um regresso e de uma reconquista, decorrente de um estado precedentemente existente?

Respondamos com outra pergunta: que ocorreu, com a queda, à inteligência que dirigia o Sistema? Continua a dirigir o Anti-Sistema, para salvá-lo, dissemos. Mas também dissemos que, para a criatura, a queda significa destruição da luz da compreensão, nas trevas da ignorância. Então, quanto às qualidades cognoscitivas e diretivas, dominantes no Sistema, deve ter ocorrido o mesmo que acontecera, com a queda, às outras qualidades. Assim, por exemplo, tal como a queda não representou, como vimos no capítulo precedente, uma destruição das distintas individuações, mas a destruição do seu estado orgânico de Sistema, reduzindo-a ao estado desorganizado de Anti-Sistema, assim, no caso em estudo, a inteligência representada pelas qualidades cognoscitivas e diretivas não foi destruída, mas permaneceu apenas na mente que regia o Sistema e o Anti-Sistema, ou seja, em Deus e em Sua Lei, enquanto escapava das mãos da criatura, por ter caído nas profundas trevas da ignorância. O conhecimento permaneceu intato, mas só no Sistema, e não no Anti-Sistema, que o perdeu. Cabe agora a este, em conseqüência da revolta, uma obediência ainda mais dura, porque deve ser executada forçadamente por um ser cego, amarrado a uma lei determinística; obediência ainda mais dura do que a livremente executada no Sistema por um ser consciente, o qual aceita porque compreendeu e se convenceu.

Com a queda, portanto, o conhecimento passou das mãos da criatura, que antes era colaboradora consciente da Lei, às mãos da Lei. À qual a criatura, que já não mais pode possuir funções livres diretivas porque se revoltou e decaiu na ignorância, deve agora obedecer cegamente. É lógico que, quanto mais a criatura se aprofundar no Anti-Sistema, mais ela ficará submergida na ignorância, e mais virá a perder sua liberdade, que não é uma qualidade que se possa conceder aos inconscientes, que não podem saber fazer bom uso dela.

Dessa forma, a revolta produziu, como conseqüência, não a subversão da Lei, mas apenas a subversão dos rebeldes. A Lei de Deus permaneceu íntegra, mesmo no Anti-Sistema, com a função de reerguê-lo, impelindo o ser, tornado ignorante da Lei e coagido através do erro e da dor, a aprendê-la novamente. Assim, como a queda, o conhecimento se emborcou em ignorância, com a evolução se dá o afastamento da ignorância em direção ao conhecimento. Temos, então, duas inteligências antepostas com guias do ser: a da Lei substituindo tanto mais à do indivíduo quanto mais este perde consciência por descer ao Anti-Sistema; e a inteligência do indivíduo, sendo reconquistada pela evolução. A primeira inteligência pertence à consciência cósmica ou pensamento de Deus. A segunda é patrimônio individual de cada ser, que a possuía plenamente no estado perfeito do Sistema, mas perdeu-a com a queda no Anti-Sistema, mas reconquista-a, evoluindo até ao estado perfeito do Sistema. Até este momento, quanto se retoma a posse

de sua posição de elemento consciente da Lei e de seus planos, caminha como um cego; A Lei o conduz pela mão, e o dirige sem que o saiba, guia-o e o impele indiretamente, a fim de não lhe violar a liberdade, manobrando-o por meio dos instintos, barrando-lhe o caminho errado com reações dolorosas, premiando-o com melhora de vida cada esforço de progresso. Mas, com a evolução, o ser se liberta cada vez mais desse determinismo, volta a compreender a utilidade de seguir a Lei, preparando-se para obedecer-lhe espontaneamente; a Lei, então, permite-lhe apoderar-se das alavancas de comando, concedendo-lhe assumir pouco a pouco as funções diretivas, até personificar os próprios princípios da Lei, como ocorre no Sistema. Dessa forma, como seu esforço de tornar a subir o caminho da descida, com a reconquista da consciência, o ser readquire a liberdade perdida. Esta só lhe pode ser dada pelo conhecimento. O pensamento de Deus, que dirige tudo, é lógico e previdente. Não se pode deixar a livre escolha de dirigir-se, a quem caminha nas trevas, mas apenas a quem dá bastante garantia de possuir conhecimento para não cair e arruinar-se. Por isso, a liberdade chega à proporção que se desenvolvem paralelamente o conhecimento e a inteligência. Explica-se, assim, a razão do livre arbítrio, ou seja, a possibilidade de certa amplitude de escolha, só aparecer no homem em determinado ponto da evolução, e não antes. Mas, muitas vezes, este não concebe ainda a liberdade em função do conhecimento, o único que lhe pode garantir o bom uso dela, mas deseja e usa a liberdade sobretudo para libertar-se do freio da Lei, e não para segui-la. Esse modo de compreender vem do Anti-Sistema, ou seja, a liberdade de rebelar-se ainda, para retroceder à animalidade. É natural que, no homem, ainda imerso em grande parte no Anti-Sistema, ainda domine a atração deste, de forma preponderante, isto é, volte o impulso da revolta e o instinto de retroceder.

Assim o crescimento da inteligência assume função muito importante no desenvolvimento da evolução, pois representa a qualidade que torna sempre mais independente do determinismo dos planos inferiores, atribuindo cada vez mais ao indivíduo funções diretivas, até permitir-lhe como acontecerá ao homem futuro, tomar ele mesmo as rédeas do fenômeno da evolução e dirigir, assim, o desenvolvimento da vida em seu planeta. O maior prejuízo para a nossa humanidade atual é o grau de involução. O ser evoluído funciona com princípios e instintos totalmente diferentes.

Nos planos mais baixos, imersos no Anti-Sistema tudo é determinismo, tanto mais quanto mais descemos. Se a matéria não estivesse fechada no âmbito de leis determinísticas, a ciência não poderia construir as suas teorias. Se cada fenômeno não obedecesse cegamente à sua lei, esta não poderia ser descoberta pela observação e experiência. Na matéria, tudo é automático, calculável, previsível, porque nesse plano, em seu conjunto, não há liberdade. Mas tudo se passa diversamente, se subimos aos fenômenos da vida; e mais ainda se chegamos aos fenômenos da psique e do espírito, com os quais o ser se liberta cada vez mais do determinismo, tornando-se senhor autônomo de suas ações; por isso, é sempre mais difícil, nesta altura da evolução, prevê-las e estudá-las, porque assumem uma independência de escolha ignorada no mundo físico. Tendo-se tornado mais livres com a evolução é mais difícil estabelecer a regra geral diretiva do fenômeno, pois este tende a resultados sempre diferentes em cada caso pessoal, em vista da liberdade conquistada, tanto mais quanto mais alto é o grau de evolução atingido pela pessoa.

Nos planos mais baixos, não apenas tudo é determinismo, mas também, para o elemento, tudo permanece em estado de inconsciência. A sabedoria não está nele, que permanece imerso na mais profunda ignorância, mas na Lei que o guia. Não é possível negar haver no átomo muita inteligência, tão grande que a mente humana só hoje conseguiu compreender o funcionamento íntimo desse primeiro elemento da matéria. Ora, de tudo isso, o átomo nada sabe. Da própria inteligência que o faz funcionar, o átomo não tem consciência alguma, nem podemos admitir que o átomo seja um matemático capaz de calcular as trajetórias de seus movimentos e o impulso de suas forças íntimas. Representa o estado de queda no Anti-Sistema, onde a consciência do elemento desapareceu, só podendo funcionar deterministicamente. Nada sabe, não possuindo liberdade de escolha e não podendo funcionar de outro modo. Quem manda e pensa por ele é a Lei, a qual ele não conhece.

A evolução representa uma libertação desse determinismo e inconsciência. À proporção que o ser sobe para o Sistema, o indivíduo adquire uma autonomia cada vez maior de comportamento individual, uma capacidade cada vez maior de dirigir-se de maneira independente. No homem, o instinto representa a parte ainda atrasada, sob o domínio do determinismo e da inconsciência dos planos inferiores; zona ainda animal, onde só cabe ao homem obedecer à natureza, como os animais. Mas, no seu lado mais alto, o espiritual, começa a dar os primeiros passos no caminho da liberdade e do conhecimento. A luz do Sistema já começa a raiar entre as trevas profundas do Anti-Sistema.

Fechado, em grande parte, no círculo de suas necessidades materiais, o homem pouco pode comandar a própria vida, e vive deterministicamente sob o poder da Lei pela qual quase nada conhece. A sua ignorância o mantém escravo. O seu livre-arbítrio é apenas pequena oscilação de escolha, a fim de permitir-lhe o aprendizado à sua custa, experimentado. O seu conhecimento é o conhecimento invertido do Anti-Sistema, tendo nele permanecido, mas no negativo, como ciência das aparências, isto é, ciência da ilusão proporcionada pela percepção sensória do mundo exterior, percepção que a ciência começa a descobrir ter pouca correspondência com a realidade. Assim, entre a escravidão aos instintos e a miragem de um mundo relativo, o homem se debate para reconquistar, por meio de erros e dores, a liberdade e o conhecimento. Cada ato seu criador, cada descoberta, cada progresso é uma conquista de maior conhecimento da Lei, é uma libertação da escravidão dos instintos, uma reconstrução de um pedacinho do Sistema.

Por isso, o homem é um tipo biológico em contínua evolução, e não um modelo definitivamente estabelecido. E, de acordo com o caminho já percorrido, os homens diferem totalmente de si. A vida pode ter, para cada indivíduo, de acordo com a sua posição evolutiva, um sentido completamente diferente. Para os inferiores que saem de baixo, o plano humano pode ser um ponto de chegada bastante alto. Para os mais evoluídos, intencionados em subir a planos mais elevados, a Terra pode ser um baixo ponto de partida. Assim, viver em nosso mundo pode representar para os primitivos a maior e mais alegre realização da existência, enquanto para os mais adiantados, pode constituir doloroso estado de sufocação da vida. Acontece então que, para os involuídos, a juventude, quando se firma a vida do corpo (que para eles é a vida toda), é alegre, enquanto é triste a velhice, quando esse corpo cai. O contrário ocorre para os evoluídos, para os quais a juventude, quando se firma a vida física, é penosa, porque representa a obrigação de identificar-se num estado biológico inferior à sua natureza, enquanto a velhice é alegre, pois a decadência física liberta o espírito.

Para os primeiros, mais próximos da matéria, a velhice representa um desfazimento real de todo o seu ser. As suas próprias funções psíquicas, constituem mais uma atividade cerebral que espiritual, enfraquecendo-se com o enfraquecimento do órgão físico do pensamento, o cérebro. Para eles a velhice significa fim e morte de todo o seu ser, tanto o material como espiritual. Para os evoluídos, mais fortes no espírito, a velhice significa fim e morte apenas da própria forma exterior, material, fato que não mata, mas liberta a parte espiritual do seu ser, cuja vida assim se intensifica com a velhice, ao invés de decair. Sendo as funções espirituais, para estes, muito mais desenvolvidas e poderosas, e por isso mais independente do órgão físico do pensamento, o enfraquecimento deste, quase não consegue lesá-las. Sendo o órgão cerebral, para os evoluídos, apenas um meio secundário de existência, um instrumento transitório de expressão, o seu envelhecimento não consegue arrastar em sua ruína, a inteligência e o pensamento deles.

Por isso, quanto mais o ser conquistou, com a evolução, um grau mais forte de consciência, tanto menos morrerá ao atravessar a morte. Isso porque, quem evolui sobe para o Sistema, onde não existe morte. A substância da vida é expressa pela consciência de existir. A substância da morte é dada pela perda dessa consciência. E evolução significa conquista de vida, porque constitui conquista dessa consciência. Ao descer, tudo tende a morrer na inconsciência, propriedade do Anti-Sistema. Subindo, tudo tende a reviver na consciência, propriedade do Sistema. Por isso, a evolução representa não apenas conquista de liberdade e de consciência, mas também de

vida; representa não só a libertação de todas as qualidades negativas do Anti-Sistema, ou seja, escravidão no determinismo, ignorância, morte, mas também conquista de todas as qualidades positivas do Sistema, isto é, liberdade, conhecimento, vida, até o ponto quando, tendo o ser atingido o Sistema, a morte desaparece definitivamente.



Mas, procuremos responder cada vez mais exatamente à pergunta feita, para saber o que acontecerá à nossa personalidade humana como conhecimento, ou seja, quais serão os novos estados de consciência que a evolução vai desenvolver na personalidade humana.

Se, como dissemos há pouco, o conhecimento passou com a queda, das mãos da criatura, antes consciente colaboradora da Lei, às mãos da Lei, a quem teve de obedecer cegamente, verifica-se com a evolução o processo oposto, ou seja, uma restituição do conhecimento das mãos da Lei às mãos da criatura que, voltando a ser colaboradora consciente, não é mais constrangida a obedecer cegamente, mas apenas por adesão livre e convicta. Com a evolução ocorre, pois, na criatura, um processo de dilatação de consciência e conhecimento, implícito no desenvolvimento de todas as individualizações da vida, também por sua vez, implícito de forma ampla na reunificação, pela lei das unidades coletivas, dos elementos que se separam no Anti-Sistema e agora voltam ao Sistema. Com a evolução acontece, para a consciência da criatura, o que ocorre naquele processo de reunificação. Aparece, com a unificação em grupo, um princípio diretivo diferente, para o novo estado orgânico do ser, e dirigido por uma nova lei; como a cada maior unificação, se atinge um valor acima dos alcançados pelas unificações menores precedentes; com a evolução também aparece para a consciência da criatura uma nova lei, um princípio diretivo diferente, pelo novo modo orgânico de conceber (não mais analítico, mas sintético) e se atinge um poder maior de compreensão e de concepção.

Dessa maneira, o homem passará, por meio da evolução, da forma mental atual, lógico-racional, à forma mental representada pela intuição. Trata-se verdadeiramente, como disse, de uma nova lei do pensamento, de uma diferente forma mental, de uma organicidade de concepção anteriormente ignorada; trata-se de novas orientações e métodos de pesquisa, para alcançar um conhecimento antes impossível. Essa transformação da consciência humana, por evolução, é o problema agora focalizado, para responder à pergunta formulada. E é grave e importante, do ponto de vista filosófico, afirmar que o problema do conhecimento não pode ser resolvido pelos atuais caminhos lógico-rationais possuídos pelo homem, mas apenas pelas vias inspirativo-intuitivas, que possuirá no futuro, ao evoluir. Segue-se uma colocação do problema de modo diferente do comum: afirmamos que a obtenção do conhecimento é problema sobretudo de amadurecimento biológico. Em outros termos, o grau de conhecimento possuído, de uma verdade para nós relativa e em contínuo processo de conquista, depende do grau de evolução alcançado.

Da mesma forma, como vimos a evolução levar do separatismo à reunificação, fundindo os indivíduos separados em organismos cada vez mais amplos, assim, também para consciência, vemos a evolução levar do estado de distinção entre o “eu” e o “não-eu”, a um estado orgânico diferente, em que aparecem um “eu” superior diferente. Cai então o separatismo, desaparece o divisionismo próprio de nosso Anti-Sistema, e aparece a fusão própria da unidade do Sistema. No desenvolvimento de cada fenômeno passamos sempre das qualidades do Anti-Sistema às do Sistema. O atual tipo biológico de personalidade, constituída por um “eu” isolado fechado no próprio individualismo, expressão viva no separatismo do Anti-Sistema, ao evoluir, rompe as paredes de sua prisão de decaído, expandindo-se na forma de um novo “eu” universal, e dessa maneira se funde e torna encontrar-se em todos os outros “eu” do universo. Passamos, assim, de um tipo de individualização própria aos planos inferiores da vida, a um tipo de personalidade próprio aos superiores.

Compreendidos os princípios gerais que dirigem o fenômeno, será interessante conhecer agora quais reações produzirá na consciência do

indivíduo uma tal transformação biológica, bem como as sensações e diferentes modos de conceber. Como algumas leis da matéria se transformam em função do fator velocidade, assim também as leis do pensamento, com essa dilatação do “eu”. A transformação da personalidade, subindo de um plano de vida a outro mais alto, é completa e laboriosa. Essa ressurreição do “eu”, das profundezas do Anti-Sistema onde havia decaído, esse seu despertar do letargo da inconsciência em que adormecem, é um processo de transmutação como o valor de verdadeira revolução biológica. Aparece, pois, com todas as características de uma crise da vida: não crise de desfazimento, como a morte, mas crise de desenvolvimento, própria do ser, em ascensão.

O ser humano, atrasado nesse processo de transformação, acha-se como a lagarta, tendo de atravessar as fases de crisálida, para tornar-se borboleta. Para fazer isso, a lagarta fecha-se num casulo, ao passo que o ser humano deve transformar-se continuando a vida comum a todos, com seus pesos e preocupações, e de nenhum modo ajudado ou compreendido. Não deve admirar, portanto, que a excessiva tensão nervosa, devida ao esforço da transformação, provoque distúrbios nervosos e psíquicos, estados de depressão, esgotamento, irritabilidade, insônia, estados físicos e sobretudo mentais, classificados pelos médicos de patológicos. Essa medicina moderna, de orientação prevalentemente materialista, ignorando ou negando a possibilidade desses fenômenos de desenvolvimento espiritual, é totalmente incompetente para julgá-los e dirigi-los. A própria psicanálise é apenas ciência da psique, e não ainda ciência do espírito. Não podem ser resolvidos os problemas da personalidade humana, se antes não se tiver uma orientação geral, dentro da qual se coloque este fenômeno, bem como se tenham resolvido antes tantos outros problemas.

Ao médico especialista de doenças nervosas e de psicoterapia, ao estudioso desses fenômenos de despertar espiritual, às próprias vítimas dessas crises de evolução, vimos oferecer um indício seguro para reconhecer a causa e o significado desses distúrbios nervosos e mentais, tão semelhantes, senão iguais, aos que sofrem os verdadeiros doentes nervosos e mentais, induzindo o médico e o estudioso tantas vezes, ao erro. Mas, se a síndrome é tão semelhante, as suas origens são muito diferentes, senão totalmente opostas. No caso de doentes nervosos, trata-se de verdadeiras deficiências, de alterações degenerativas, com caráter regressivo ou que estacionam na inferioridade do subconsciente. No processo de transmutação por despertar e desenvolver-se da consciência, esses estados pseudo-patológicos são compensados pelas reações criadoras, por avanços na linha evolutiva, por uma potenciação manifesta de personalidade, um conjunto de sintomas indicando o crescimento ocorrido sob as aparências de uma doença. Enquanto esta, nos verdadeiros doentes, é estacionária, sem reações naturais e sem indenizações compensadoras, no caso do despertar espiritual, trata-se apenas do esforço implícito num processo normal de crescimento. Os sintomas patológicos freqüentes desaparecem espontaneamente, quando a crise de que derivam se resolve e cessa de existir a causa que os produzia. A verdadeira natureza desses distúrbios nos é revelada pelo fato de, cedo ou tarde, os vemos compensados e naturalmente corrigidos na direção evolutiva. Em última análise, eles tendem a subir, ao passo que a doença tende a descer. Isso demonstra a sua verdadeira natureza a qual não é, de maneira nenhuma, patológica.

Trata-se de fenômenos importantíssimos, que interessam particularmente à humanidade futura, no seio da qual esses fenômenos, pouco comuns em nosso mundo selvagem, verificar-se-ão por sua evolução com muito maior freqüência do que hoje. O atual esforço do homem, resumido todo na luta pela vida, ou seja, na estupidez de esmagar-se mutuamente, transformar-se-á nesse mais nobre e inteligente esforço, ou seja, a luta para libertar-se da própria animalidade, a fim de subir. Então a medicina compreenderá esses casos pseudo-patológicos, que não são, como poderia pensar, retorno de um subconsciente enfermo, mas trabalhosas explorações no superconsciente, realizadas pelos pioneiros da evolução.

Visto a síndrome negativa do fenômeno, por suas repercussões nervosas e psíquicas no plano biológico humano, observemos a sua síndrome positiva. Observemos não a parte destrutiva das qualidades inferiores pertencentes ao Anti-Sistema, mas a parte construtiva das qualidades superiores do

Sistema. Não há dúvida de serem os sintomas patológicos, que aparecem nessa transmutação biológica, produto da resistência proposta pelo Anti-Sistema, para não morrer. Com efeito, esses sintomas têm as características da decadência, que lhe são próprias. Mas, ao mesmo tempo, os sintomas de crescimento que aparecem nesse fenômeno, só podem ser produto da aproximação do Sistema revivendo na criatura. De fato, esses sintomas têm as características de amplidão e potência, próprias do Sistema.

Eis então as transformações ocorridas na consciência, por ocasião da passagem de um plano de vida a outro. O fato de a filosofia atual insistir muito na distinção entre o “eu”, e o “não-eu” demonstra ser esta a forma mental humana dominante. No fenômeno do despertar espiritual manifesta-se uma tendência no sentido precisamente contrário. Para confirmar plenamente o quanto acima foi exposto de forma geral, em relação ao processo de reunificação do separatismo do Anti-Sistema, neste caso particular desaparece a sensação de separatismo, tão fundamental do homem atual, cuja primeira impressão é a sua distinção do ambiente. Neste caso, acontece o contrário: o “eu” e o “não-eu” tendem a fundir-se. Pode daí deduzir-se de imediato uma conseqüência estranha para o nosso mundo: a sensação de personalidade, como individuação separada, tal como costuma ser compreendida, pertence apenas aos planos inferiores, e desaparece nos superiores, como a evolução. Desse modo, conceber o nosso “eu” egoisticamente separado do todo, seria apenas uma qualidade de nosso plano evolutivo e não dos planos mais altos. Isto confirma a teoria da queda, pela qual, quanto mais se desce ao Anti-Sistema, tanto mais se dá a divisão; e quanto mais se sobe para o Sistema, tanto mais ocorre a fusão em unidade.

Então, o modo atual de conceber o nosso “eu” representa apenas a corrupção ou cisão do estado unitário original, cisão ocorrida no período de descida, pois agora, no período da subida, vemos a transformação evolutiva levar de um ponto a outro superior, executando um processo oposto, o da reunificação. Com efeito, quantos estudaram ou experimentaram esse amadurecimento evolutivo, sabem ter sido constituído por uma dilatação do “eu”, transbordando de seus limites comuns para expandir-se em tudo o que, no plano comum humano, constitui o “não-eu”. Daí começa a surgir, no ser, uma consciência diferente, com novas sensações e concepções, uma psicologia sem limites, como uma consciência cósmica. Transforma-se, então, a vida, de uma luta contra tudo e todos, num amplexo universal, no qual se abraçam todas as criaturas irmãs. E tudo isso, unificado em redor do centro supremo: Deus. Nesse estado de ânimo, encontrado nos místicos que realizaram a grande catarse espiritual, não há todas as qualidades próprias do sistema? Chega-se a conceber então o próprio “eu”, em unidade como o todo e o todo em unidade com o próprio “eu”. A realização completa desse estado de consciência não vem justamente representar o estado final da evolução, com a integração do ser na unidade do sistema? Naqueles que subindo começam a aproximar-se, o universo não aparece mais separado do “eu”, exterior e intensivo, mas sim como consciência de si mesmo, como um todo permeado da presença vital de Deus, do pensamento e da inteligência de Sua Lei, como um ser vivo, dirigido por um “Eu” universal, dentro do qual existe o nosso “eu”, como um momento seu, de cuja consciência faz parte a nossa consciência.

A esse estado de iluminação espiritual se chega por graus, à proporção que se evolui. Mas, é lógico que, junto com o lado positivo do fenômeno, exista também o lado negativo. O que o ser ganha do lado espiritual, deve perdê-lo do lado material. Essa expansão do “eu”, esse reviver numa forma tão desusada, confere-lhe uma sensação de perturbação. A personalidade, habituada a sentir-se definida, sustentada e quase constituída pelas paredes de sua prisão, sente-se perdida num infinito sem pontos de referência demarcados no limite. Mudando a própria forma de consciência, perdendo o próprio tipo de “eu” como individuação separada, o ser tem a sensação de desintegrar-se nessa descentralização, que se opõe à sua precedente psicologia na qual era o centro e baseava toda a sua potência vital. Ao expandir-se, sente como evaporar-se. O ser se acha tão expandido que não se reconhece mais, parecendo-lhe não ser mais o mesmo. Isto produz nele uma desorientação, um sentido de dispersão e anulação. Para não morrer, torna a agarrar-se ao velho mundo relativo de antes. Esta é uma fase de luta e de contrastes, donde derivam os distúrbios dos quais já falamos.

O que acontece então? O “eu” não morre, de maneira nenhuma. Mesmo se o momento da passagem lhe pode dar a sensação de seu fim (os místicos chamam a noite escura da alma), superado o momento crítico do fenômeno, o “eu” torna a se achar mais vivo do que antes, mas numa forma diversa. Esta passagem recorda a superação da barreira ultrassônica, para as grandes velocidades. Momento perigoso, porque, muitas vezes, o inconsciente continua a agredir, embora também protegido pela sabedoria das leis da vida. Momento em que se passa do modo de conceber racional ao intuitivo. Então, a personalidade explode, de sua forma de ser isolado no todo, para começar a viver num estado de liberdade ilimitada, como cidadão do todo, numa sua nova casa, imensa, que é o universo. O ser se acha perturbado porque a forma de existir que lhe era própria, e acreditava fosse a única possível, agora lhe vem a faltar. Tudo isso o enche de uma angústia de morte. Mas depois desperta, achando-se mais amplo e poderoso, não mais identificado com o seu “eu” pequeno, mas com o todo, capaz de saber viver não apenas em si mesmo mas em todas as coisas, enquanto todas as coisas podem viver nele. Desperta diante do inimaginável, do inconcebível, diante de uma perspectiva nova que lhe dá vertigens.

O nosso universo nem por isso mudou. É sempre o mesmo. Mudou a percepção e concepção do ser, porque mudou a sua posição relativa. Tudo depende da perspectiva alcançada pelos nossos meios sensórios. Ninguém pode afirmar ser a nossa técnica lógico-racional de pensamento, a única apta a compreender tudo e não precisamos de outras para aprender outros valores do real, inatingíveis à nossa atual posição patológica. Ao contrário, é provável que, para resolver o problema do conhecimento, pois a forma mental vigente não sabe ainda resolver, sejam necessárias outras técnicas de pensamento, hoje ainda relegadas ao irracional, ou ao inconcebível.

Sem dúvida, o homem faz, do seu universo, um conceito derivado do ponto de vista alcançado do seu plano evolutivo. Tanto é verdade que, com o progresso humano, mudam sempre os aspectos da verdade. O fato de estarmos inexoravelmente imersos no relativo, faz-nos pensar ser possível conceber tudo em numerosas outras maneiras diferentes, e admitir a possibilidade de, além da forma mental lógica, haver a intuitiva ou outras. A evolução pode transformar tudo, inclusive as nossas capacidades de conhecimento, e não podemos imaginar a que conceitos e modos de conceber novos planos possa levar-nos o amadurecimento evolutivo. Caminhamos numa estrada em ascensão e não sabemos que perspectivas poderá ela dar-nos amanhã. E conosco caminha também todo o universo, num transformismo contínuo.

É certo ser o universo todo vibrante. Mas de quais vibrações? Que nos poderão revelar amanhã as ainda não conhecidas? Que poderá revelar-nos o nosso contínuo aumento de sensibilidade? Que veremos quando pudermos ter uma percepção diferente? Como pensaremos, quando soubermos pensar diferentemente? E o que vêm os seres que percebem de outra maneira? Podemos imaginar o universo perceptível e concebível de infinitas formas, com meios diversíssimos; podemos-lo imaginar todo sensível também de modos infinitos e com meios diversíssimos em cada ponto seu, e pensar que seja olhado em seus infinitos pontos com infinitos olhos diferentes.

Quem sabe quantos apelos chegam para os quais somos surdos; quem sabe quantos colóquios poderiam estabelecer-se, mas, não ouvindo, não sabemos responder! Não sabemos que mundo poderá ser-nos revelado, se o homem puder superar os limites atuais de suas capacidades perceptivas. O certo é sermos nós mesmos que, com a nossa natureza e nosso grau de evolução, estabelecemos os limites de nosso conhecimento. Muitos outros continentes, além dos da terra, devem ainda aguardar serem descobertos no mundo do espírito!

XVII

SIGNIFICADO DA MORTE E DA REENCARNAÇÃO

Respondamos a outras perguntas, antes de concluir o livro.

PERGUNTA:

No decurso da resposta anterior, falou-se, incidentalmente, em morte. Pedem-se explicações mais exatas, quanto às causas determinantes desse fenômeno, e esclarecimentos a respeito das razões justificadas de sua existência e verdadeiro significado; e também a respeito das causas e significado do fenômeno conexo da reencarnação, em relação às teorias apresentadas neste livro.

RESPOSTA:

O fenômeno da morte faz parte de uma série de conceitos negativos, que por esta sua natureza negativa só podem fazer parte do Anti-Sistema. Este fato implica na presença de uma série oposta de conceitos positivos, que por sua natureza positiva só podem fazer parte do Sistema. Os dois pólos contrários, afirmação e negação, constituem um equilíbrio de opostos que se presumem e se condicionam mutuamente, só podendo existir em função um do outro. A base e a origem do conceito está no pólo positivo, em forma de afirmação. A parte oposta só é concebível como sua derivação, por inversão. Assim, em todas as coisas encontramos, ligados aos pares, os dois conceitos constituindo o mesmo princípio, antes em seu aspecto positivo, depois em seu aspecto negativo.

Deste modo, no caso agora em observação, a base e a origem do conceito estão no pólo positivo, em forma de afirmação, significando vida; sua parte oposta, ou seja a morte, só é concebível em função da vida, como uma corrupção desta por inversão. Por isso, como em todas as coisas, encontramos esses dois conceitos unidos num par, como os dois pólos opostos do mesmo princípio, antes em seu aspecto positivo e depois em seu aspecto negativo. O primeiro representa a posição íntegra, situada no sistema, o segundo a posição decaída, corrompida no Anti-Sistema.

Ora, no estado de perfeição do Sistema, tudo é vida e consciência e não há lugar para o conceito de morte e inconsciência. No estado de Sistema, o espírito permanece sempre presente em si mesmo, em plena luz de consciência. Aproximamos estes dois conceitos de vida e consciência porque, como dissemos na resposta precedente, a substância da vida é constituída pela consciência do existir e a substância da morte pela perda dessa consciência. Foi dito também que, ao descer, tudo tende a morrer na inconsciência, propriedade do Anti-Sistema; e ao subir, tudo tende a reviver na consciência, propriedade do Sistema. Explica-se, dessa forma, o estado atual do homem, que tendo percorrido um trecho da subida evolutiva, acha-se a meio caminho entre o Anti-Sistema e o Sistema; por isso divide sua existência entre a forma-vida e a consciência, própria do Sistema, e a forma-morte e inconsciência, do Anti-Sistema.

Que é a morte, então? A morte é um estado de obscurecimento de consciência, atingido com a queda no Anti-Sistema, por inversão da luz da consciência que o ser possuía no estado de Sistema. Daí resulta ser a morte cada vez mais morte (isto é, perda de consciência) quanto mais o ser se encontra imerso no Anti-Sistema, ou seja, é um involuído; por outro lado, a morte é cada vez menos morte (isto é, perda de consciência) quanto mais o ser se aproxima do Sistema, ou seja, é um evoluído. Então, entre os dois pólos extremos de vida e consciência completas no Sistema, e de morte e inconsciência completas no Anti-Sistema, a fase de involução representa a passagem do primeiro estado ao segundo e a fase de evolução representa a passagem do segundo estado ao primeiro. Desse modo, como já dissemos, quanto mais se evolui, tanto menos se morre e menos o morrer é morte. Como a involução criou a morte, assim a evolução a destrói.

Nos planos intermediários nos quais se encontra o homem, temos a parte física, o corpo feito de matéria pertencente ao Anti-Sistema, e o espírito representando a parte mais próxima do Sistema; o espírito, ao repetir o motivo da queda, se encarna, recaindo assim no Anti-Sistema. Essas duas partes representam, no homem, os dois pólos já citados, Anti-Sistema e Sistema, entre os quais oscila a cada nova encarnação, para que, evoluindo, se afaste cada vez mais do primeiro e se aproxime do segundo. Que acontece então com a morte? Nessa ocasião, a parte física, pertencente ao Anti-Sistema, morre; mas não morre a parte espiritual mais próxima do Sistema. Isto acontece como efeito do princípio de que tudo o que pertence ao Anti-Sistema morre; e tudo o que pertence ao Sistema não pode jamais morrer, por ser feito da vida.

Ora, se para o corpo, que em todos os seres humanos apresenta mais ou menos o mesmo grau de evolução biológica, se verifica, na morte, mais ou menos o mesmo desfazimento físico, próprio a toda matéria orgânica que morre, e quase igual para todos, a mesma coisa não ocorre para o espírito. Se na parte humana os espíritos caem mais ou menos no mesmo cadinho de experiências oferecido pelo ambiente terreno, ainda que excepcionalmente, podem pertencer a planos de evolução mais elevados do que os da média. Eis então, que a morte, se para o corpo pode ser quase igual para todos, pode, no entanto, ser bem diferente para a parte espiritual. Essa diferença será tanto mais acentuada, quanto mais o indivíduo for espiritualmente evoluído e se distanciar dos planos comuns e mais baixos da vida. Em outros termos, a morte será tanto menos morte, e a parte espiritual permanecerá sempre mais viva e consciente na morte, quanto mais o ser for evoluído, ou seja, estiver mais próximo do Anti-Sistema, reconquistando-lhe as qualidades. Por isso, sentirá a morte muito menos que os outros, permanecendo, na morte e depois da morte, muito mais vivo e consciente que os outros, em relação ao grau de evolução que tenha atingido. Só o evoluído readquire plena consciência depois da morte, tanto mais plena, quanto mais for evoluído. Consciência quer dizer conhecimento do pensamento diretivo da Lei, do plano geral do universo e de sua posição, para realizar, como operário de Deus, a própria função e a do próprio destino de ascensão.

Os animais vivem apenas no plano físico do corpo, não podendo, por isto, gozar depois da morte, de uma vida consciente, que não possuem, pois ainda não conquistaram. Saem da vida física e a ela voltam por um fenômeno automático, determinístico, assim como caem as gotas da chuva, sem sabê-lo. A massa involuída da maioria dos seres humanos está pouco mais acima desse nível e permanece semi-consciente, ou seja, com uma consciência limitada ao da sua forma mental sensória no ambiente terrestre. Era aí o centro de vida, e aí permanece. A morte não pode mudar o tipo de personalidade. As idéias dominantes são conquistadas por longa repetição, até adquirir seu hábito; as novas qualidades, constituindo os novos instintos, formam-se com a técnica dos automatismos e não se improvisam nem sequer com a morte. Resulta daí que, comunicar-se mediunicamente como os desencarnados, não representa, na maioria dos casos, senão um transbordar do próprio material humano baixo, do qual a Terra já está saturada e já temos bastante, com pouco a nos ensinar. Não é comum os grandes espíritos descerem para comunicar-se com os homens. Isso somente se verifica por motivos especiais, que não acontecem todos os dias.

Com a evolução, o centro da vida se afasta do plano material cada vez mais no sentido do plano espiritual. Quanto mais é involuído o ser, tanto mais a vida terrena lhe é não só a verdadeira vida mas também toda a vida, tanto mais lhe é preciosa e tanto mais perdê-la significa verdadeiramente morrer. Quem não possui uma vida intelectual e espiritual em que viva liberto do corpo, teme a morte, porque nela se sente realmente morrer. Ao contrário, quanto mais evoluído for o ser, tanto menos para ele a vida corpórea é a verdadeira vida ou toda a vida. Ele conhece uma vida maior, onde sabe ser eterno e indestrutível; ninguém pode matá-lo, a não ser a sua própria vontade de involuir, praticando o mal. O seu inimigo não é mais o seu semelhante, que não lhe interessa mais vencer, porque não lhe disputa o espaço vital. Sua luta é contra a própria animalidade, única coisa que o impede de dominar, subindo. O evoluído, ao descobrir essa vida maior, não teme a morte, porque sabe que não morrerá de maneira nenhuma.

De onde deriva, então, o medo natural que o ser tem da morte? Ela é o símbolo, a lembrança e a prova da queda no Anti-Sistema. Representa a

negação da primeira qualidade do ser, isto é, existir. A morte exprime um contínuo e repetido assalto do Anti-Sistema contra o Sistema, para destruí-lo. Reproduz o suicídio tentado pelo espírito, ao lançar-se no abismo da matéria. É o chamamento terrível do Anti-Sistema para a destruição, e a volta de seu impulso demolidor de tudo. Quando ela se aproxima, o ser sente-se tornar a cair no abismo do aniquilamento, em que já desmoronara, com a queda. Sente-se aterrorizado ao ver-se novamente preso no ciclo da queda, que torna a pegá-la a fim de arrastá-lo para baixo.

Isto prova que o ser conhece o Sistema, com o seu estado de plenitude de vida pelo qual sempre anseia, e conhece o Anti-Sistema, com o seu estado de negação da vida, no qual se precipitara com a queda. O seu maior instinto é agora afastar-se deste, para voltar ao Sistema. Só com a teoria da queda pode explicar-se esse instinto de fugir à morte, onde se revela o Anti-Sistema, para reentrar naquele estado de vida perene, onde o Sistema predomina. O ser anseia a sua vida completa, que possuía no Sistema, e tem horror do Anti-Sistema que, com a morte, tenta demolir a cada instante a sua vida. A queda da integridade originária é uma cegueira dolorosa e o ser se agarra desesperadamente à vida, para não se precipitar no abismo que a queda escancarou a seus pés.

Que significa a ânsia de imortalidade, esse desejo irrefreável de sobreviver de qualquer modo à própria morte, com qualquer obra imperecível. Esse anseio exprime a vontade de escapar à prisão das areias movediças do Anti-Sistema, que procuram engolir a vida. Doutra lado existe um anseio de crescimento, paralelo ao de não querer morrer. Não apenas sobreviver, mas desenvolver-se cada vez mais. Querem crescer as plantas, os animais, as crianças; querem crescer os povos com o progresso da sua civilização. Se o primeiro anseio exprime a vontade de escapar ao Anti-Sistema, este segundo exprime a vontade de aproximar-se do Sistema. É inegável o fato, por todos verificável: o contínuo esforço do ser para não morrer, defende, desesperadamente, a sua vida a fim de vencer o princípio de destruição, representado em todas as coisas pela presença do Anti-Sistema; e é fato inegável também o esforço contínuo para ampliar e reconstruir a vida, para vencer com o princípio da reconstrução, que representa a presença do Sistema.

Mostra-nos tudo isso que somos feitos de vida perene, tal como existe no Sistema, tendo se despedaçado com o desmoronamento no Anti-Sistema. Demonstra-nos, também, a nossa substancial indestrutibilidade, ou seja, que somos feitos de vida imortal, porque não pode morrer. O ser sabe, instintivamente, que apesar da queda, é filho do Sistema, e não quer submeter-se ao Anti-Sistema, pois este é apenas efeito transitório de um erro e não pode representar um estado definitivo. Embora submerso no Anti-Sistema tenta conseguir o que representa, ali, um absurdo: a plenitude da vida. No entanto, esse instinto não erra, porque o ser decaído só pode existir em função da reconstrução do Sistema. O ser tenta a loucura de querer vencer a morte, porque o seu instinto lhe diz ser feito de vida, de uma vida mais forte que todas as mortes. O sonho de libertação que arde no fundo de todos os corações, ainda que pareça irrealizável, está escrito que se realizará um dia, e não poderá deixar de realizar-se. Esse é o significado dos instintos humanos de imortalidade e crescimento e os instintos não erram. O grande sonho de jamais morrer, há de realizar-se, e para isso espera o ser atingir o cimo da escada evolutiva, onde reencontrará o Sistema, e com ele a vida eterna. O elixir da longa vida procurado pelos alquimistas medievais para conseguir a eterna juventude, existe; não, porém, sob forma de bebida, mas de esforço para evoluir, porque com a evolução será reconstruída a vida plena e contínua, não mais interrompida pela morte.

Já dissemos, no capítulo precedente, que a evolução, ao permitir-nos o afastamento do Anti-Sistema, nos liberta da morte, porque nos leva ao Sistema onde esta não existe. Os fatos confirmam estas asserções, pois, quanto mais a vida é involuída, tanto mais rápida é a mudança vida-morte a que está sujeita. Que significa isso? No estado monocelular ou microbiano, a vida do indivíduo pode reduzir-se a poucos minutos. Ora, é lógico ser presença da morte tanto mais freqüente, e a incerteza da vida tanto maior, quanto mais retrocedermos ao Anti-Sistema. Mas, a evolução nos conduz para a vida, com isto reforça as suas posições e, subindo, mais se torna longa e resistente.

Vemos o mesmo fenômeno no progresso das civilizações. A maior sabedoria do selvagem involuído consiste toda em saber fazer guerra, produzindo em seu plano um regime onde a maior habilidade e o valor mais alto consistem em saber matar as feras e o próximo. Ao contrário, a sabedoria do civilizado evoluído não consiste em saber agredir o próximo, mas em saber organizar-se com ele para a maior vantagem de todos, significando um novo afirmar-se da vida sobre a morte. Dessa forma, com a evolução, desaparece a ferocidade para dar lugar à inteligência. E para que serve tanta luta, das plantas entre si, dos animais aos homens, senão para desenvolver a inteligência, qualidade do Sistema? A morte, qualidade do Anti-Sistema, está sempre pronta a ameaçar o instinto fundamental da vida. Esta, porém, que não quer morrer, é obrigada a defender-se e, para defender-se, é levada a desenvolver todas as qualidades necessárias a esse fim. É por isso que surgem e se aperfeiçoam os sentidos, para desempenhar a tarefa mais urgente, que é do ataque e defesa, exatamente como ocorre com as novas invenções científicas, empregadas em primeiro lugar para fins bélicos de ataque e defesa.

Dessa forma, o ser é impelido a evoluir, pelo terror da morte e pelo anseio de viver, ou seja, por sua instintiva repulsa ao Anti-Sistema e por sua atração ao Sistema. A sua primeira conquista dos poderes dos sentidos tende a completar-se, mais tarde, com a conquista dos poderes intelectuais. Para o animal, perceber é tudo, tendo, com efeito, muito mais acuidade sensorial que o homem; este, ao invés, já conquistou, em compensação, outros poderes intelectuais, sendo, com isso possível controlar o valor dos resultados obtidos através das sensações, que o animal aceita cegamente, sem discutir, incapaz de discriminar o seu valor exato. Por isso, tanto o animal como o homem primitivo são muito mais escravos da ilusão sensória em relação ao mundo exterior, do que o homem habituado ao controle de si mesmo e dos próprios meios de percepção. Sem dúvida, um macaco, com seus olhos mobilíssimos, é muito mais hábil que o homem normal e capaz de ver, concomitantemente, tudo o que lhe acontece em torno. Mas, o macaco sabe avaliar muito menos o significado das percepções recebidas.

A evolução opera, então, um desenvolvimento diferente, não na forma extrovertida, produzida pelos meios sensórios, mas na forma de introspecção que, com o controle racional antes desconhecido nos seres inferiores, incrementa o valor crítico das observações alcançadas sensorialmente. Transforma-se, dessa maneira, completamente, a própria apreciação da realidade exterior, que acaba revelando aspectos totalmente inacessíveis aos meios sensórios. Por isso, aparece não apenas uma nova consciência do mundo exterior, permitindo maior proteção da vida, mas a evolução arrasta o ser, no seu próprio caminhar, cada vez mais para o mundo interior que é o mundo de espírito, ou seja, o regresso ao reino do Sistema.



Procuremos responder, agora, à segunda parte da pergunta, relativa à reencarnação. Na teoria exposta o ponto fundamental que explica tudo, e sem o qual nada se compreende, é a reencarnação. Sempre colocamos morte e nascimento como dois pólos opostos do mesmo fenômeno vida, como dois momentos paralelos indissolúveis, um como condição indispensável do outro. Sem esta concepção de uma vida mais ampla, ligando todas as pequenas vidas no tempo, não se pode conceber o fenômeno da evolução, nem mesmo espiritual, em que se baseiam as religiões. O conceito de uma criação espiritual, que ocorra toda vez, individualmente, a cada nascimento, quebra todo o conceito de equilíbrio e de continuidade, fazendo do universo material-espiritual uma desordem absurda e caótica, em que nada mais se compreende. Essa idéia de uma criação da alma a cada novo nascimento pode ser colocada ao lado da idéia que diz ser a Terra o centro do Universo, em torno da qual o sol gira, como também a idéia do homem como único habitante objetivo da criação, e ainda a concepção antropomórfica de um Deus que pensa e age à semelhança do homem.

De fato, o ser progride através dessa contínua oscilação entre as duas posições inversas e complementares, que são vida e morte. Com a revolta, o espírito não morreu. Apenas a sua vida se inverteu no seu contrário: a morte, de onde vai

ressuscitando à proporção que percorre o caminho da evolução. E, através das inúmeras mortes, vai ressuscitando cada vez mais com a evolução. Pensando negar a Deus para afirmar a si mesmo, o ser, com a revolta, não tocou em Deus e negou apenas a si mesmo, precipitando-se da vida, na morte. Com a evolução, deve agora tornar a subir da morte para a vida, com oscilações cada vez mais lentas, nas quais a fase morte vai sendo reabsorvida com o afastar-se do Anti-Sistema, até atingir a plenitude da vida sem mais morte, no Sistema.

Muitos afirmam esta verdade da reencarnação, mas poucos se perguntam por que a evolução tenha tomado essa forma de vidas alternadas com as mortes. Poderia ela perfeitamente realizar-se numa continuação progressiva, sem estas interrupções e inversões. Se fosse verdade, como alguns sustentam, que Deus houvesse criado os espíritos simples e ignorantes, para depois se tornarem completos e sábios com a própria evolução, donde teria surgido e que significado teria esse jogo de voltar atrás, da vida para a morte, a cada novo passo? Isso não teria razão de existir e a evolução deveria ser percorrida em linha reta, caminho mais curto entre o ponto de partida e o de chegada, e que logicamente desenvolve um impulso dirigido numa direção certa e precisa. Se o desenvolvimento não corresponde à natureza do impulso, quer isso dizer que outros impulsos entraram em jogo. É preciso, então, descobri-los e estudar-lhes o desenvolvimento, como fizemos neste tratado. Não é possível resolver os problemas, deixando-os num canto, ignorando-os, e a pior das soluções é deixar as mentes insatisfeitas, sem resposta. É necessário tornar bem claro: a evolução não tende apenas a subir, como deveria ocorrer numa criação que nasceu imperfeita e destinada a aperfeiçoar-se, mas tende, também, intermitentemente a retroceder. Urge explicar essa técnica estranha de construção, mediante a qual a evolução constrói, para depois demolir reconstruindo mais alto; em seguida tornar a demolir para mais tarde reconstruir mais acima assim por diante. Que maneira estranha de avançar, retrocedendo a cada passo! O fato de uma primeira criação simples não o justifica de maneira nenhuma. Só com as teorias aqui expostas encontramos a sua plena explicação.

Todavia, o mais estranho é isto: justamente alguns dos que mais admitem a teoria da reencarnação, porque faz parte de sua doutrina religiosa, precisamente negam a teoria da queda, porque faz parte de outra religião. Quando Galileu afirmou que não era o sol que girava em torno da Terra, mas a Terra em torno do sol, queria afirmar uma verdade científica e não religiosa, e a Bíblia nada tinha a haver com esse problema. Da mesma forma, queremos aqui afirmar uma verdade científica e não religiosa, e a ciência não costuma levar em conta o modo como as religiões resolvem os seus problemas.

Além disso, os que admitem a reencarnação e negam a teoria da queda, não percebem como estão ligadas estreitamente as duas coisas, e que, negando a queda, negam o Anti-Sistema e tudo o mais que possa explicar a presença da morte e dessa alternativa vida-morte, chamada reencarnação. Sem a queda não se justifica a reencarnação, a quem nega uma, deve negar também a outra, pois não possui elementos para justificá-la. Se a maior explicação da razão primeira da reencarnação está na teoria da queda, não é possível admitir, logicamente que se possa crer na reencarnação sem aceitar a teoria da queda que a condiciona. Só com esta teoria pode compreender-se a necessidade desse contínuo voltar atrás, que se chama morte, sempre no meio daquele impulso para a frente, que representa o maior impulso da vida. Só com a teoria da queda se explicam essas contínuas contrações das conquistas da evolução, em relação a um passado incompreensível se não estiver situado no Anti-Sistema, derivado da queda. Só assim se compreende essa tendência ao reenvolvimento das trajetórias desenvolvidas pela evolução, tendência a voltar atrás para a morte, enquanto tudo está subindo para a vida. Esses escorregões contínuos em direção retrógrada seriam inexplicáveis e imperdoáveis defeitos numa obra que, por ter saído diretamente das mãos de Deus, não é admissível apresentar defeitos.

Esta é a explicação da intermitência da vida, possuída pelo ser. Sem a queda, a vida, embora imperfeita, deveria ser contínua, evoluindo por continuidade e não através do contraste entre os dois pólos opostos, vida e morte. Por isso o cansaço e a necessidade periódica do descanso na morte, que acontece no fenômeno do

desenvolvimento da vida, sem contudo esta jamais se esgotar, retomando depois o seu desenvolvimento normal. Este fenômeno não pode ser atribuído a um cansaço da vida, pois esta representa um princípio divino, qualidade fundamental do ser, não podendo jamais cansar-se. Tanto é verdade que, de forma contínua e inexaurível, tudo reconstrói e a vida renasce invencível das cinzas e da morte. Apesar de seus contínuos assaltos, a morte nunca vence definitivamente, sendo sempre vencida pela vida!

A cada existência o espírito constrói para si, de acordo com o grau de evolução alcançado, um edifício adequado, e a cada vida procura levá-lo a um grau mais alto de desenvolvimento. Mas, a cada morte, o edifício é demolido e a construção orgânica desfeita até ao estado de matéria inorgânica; e a cada nova vida o edifício é reconstruído sempre num estado de unidade orgânica um pouco mais complexa e perfeita do que a precedente. Assim realiza-se a evolução, numa reconstituição contínua, na qual a parte espiritual do ser, dirigente do seu andamento, volta atrás para arrastar consigo nessa caminhada, a parte material no pólo oposto. A vida representa o impulso do Sistema, dobrando-se sobre o Anti-Sistema, que resiste, em seu estado de destruição. O ser, preso nesse contraste, só pode existir arrastado ora por um, ora pelo outro impulso do Sistema, dobrando-se sobre o Anti-Sistema para fazê-lo ressuscitar. A morte representa o Anti-Sistema, que resiste, em seu estado de destruição. O ser, preso nesse contraste, só pode existir arrastado ora por um, ora pelo outro impulso, ou seja, sempre morrendo e sempre nascendo. Isto continua até que, após ter aprendido e subido tanto, sempre vivendo e morrendo, o ser aprenda a viver sem morrer jamais. Quanto mais progride para a frente, menos o ser escorrega para trás, na direção do Anti-Sistema, onde reina a morte, e cada vez mais se adianta para o Sistema onde reina a vida.

Dessa forma, o fenômeno da reencarnação não é estático, mas em contínua transformação, no sentido de se tornar cada vez mais vida e cada vez menos morte. A evolução tem a função de arruinar o Anti-Sistema e de reconstruir o Sistema. Por isso a reencarnação é um fenômeno transitório, que tende, por meio da evolução, a aniquilar-se; quanto mais se sobe, mais a morte deve ser reabsorvida pela vida, tanto quanto o Anti-Sistema no Sistema. Quando, à força de subir, tiver desaparecido completamente a morte, com a entrada do ser no Sistema, onde tudo é vida, então cessará também o fenômeno da reencarnação. Terminada a construção do edifício destruído, fecha-se o ciclo das reencarnações, porque já não mais terá nenhuma função a preencher, nem razão de existir. A grande aventura da queda está terminada e tudo reentra no estado originário de perfeição do Sistema.

XVIII

OUTROS FATOS E EXPLICAÇÕES

Reunimos neste capítulo várias observações rápidas, feitas durante as conversações discussões. Serão expostas na mesma desordem e vivacidade como nasceram, durante os cursos. A finalidade ao concebê-las e ao reportá-las, foi realizar maior contato entre os conceitos da visão e a realidade de nosso mundo, concluindo dessa forma, esta segunda parte de análise e crítica, com a demonstração cada vez mais evidente, de que aos princípios da teoria correspondem os fatos que vivemos, confirmando-a. Com isso, não só lhe provaremos sempre mais a veracidade, como poderemos chegar a encontrar e estabelecer uma ponte de ligação entre as remotíssimas primeiras causas, situadas no absoluto, e os seus últimos efeitos, situados no relativo de nossa realidade cotidiana.

Guiou-nos neste trabalho de análise e crítica, da segunda parte deste volume, a realidade dos fenômenos de todos os gêneros, materiais e espirituais, que estão acontecendo em nosso mundo e que oferecem o único meio em nosso poder de estabelecer um controle positivo da verdade da visão. Este trabalho de análise e de crítica procurou ser exclusivamente objetivo, racional e científico. Quisemos

deixar a palavra aos fatos, mais do que às construções filosóficas do pensamento humano ou às afirmações dogmáticas e tradicionais das religiões. A todas as doutrinas, substituímos a voz dos fatos, que não é possível negar, jamais polemizando para agredir ou destruir, mas sempre respeitando todos e afirmando para construir. O objetivo deste escrito não é, de maneira alguma, o de defender este ou aquele grupo humano, nem de sermos por eles absorvidos, para aumentar-lhes as fileiras, como todos o desejariam; mas é de oferecer a todos uma nova contribuição, inédita, na procura da verdade. Seguindo este caminho, não pode interessar-nos a defesa dos vários grupos humanos e seus interesses.

Eis-nos, portanto, aproximando-nos do fim deste nosso novo trabalho. Se em sua primeira parte mostramos a visão, percebida por inspiração, nesta segunda parte de análise e crítica, executamos o controle racional da mesma, com uma forma mental completamente diferente. Desse modo, o que podia parecer, na primeira parte, um sonho só aceitável por fé, agora tomou uma forma racional e positiva, e se nos apresenta como a conclusão de um processo lógico, cujo desenvolvimento leva a uma convicção, alcançada por meio da dúvida, da discussão livre e do controle em contato com os fatos. Podemos, então, dizer que agora temos uma certeza antes não possuída. Enquanto na primeira parte acreditávamos, agora sabemos.

Isto não significa que queiramos impor estas conclusões. Mas, para os irremediavelmente céticos, não podemos deixar de declarar que os conceitos expostos neste volume representam, pelo menos, a hipótese hoje mais aceitável, porque resolve o maior número de problemas, deixando o menor número possível de pontos em branco. Estes resultados não foram alcançados pelas filosofias nem teologias até hoje surgidas sobre a Terra, e em poder dos homens. Isto não quer dizer, contudo, que pretendemos ter atingido a última verdade e definitiva, e não possam ser conquistadas maiores aproximações no futuro, com a evolução. Ao contrário, nós a esperamos, sempre prontos a acatá-las, e até mesmo procuramos subir para prepará-las. Sempre fiéis de que o princípio de que a Verdade, em nosso mundo, é relativa e progressiva, estamos a caminho com esta verdade, ajudando a quem, também, está com ela. Aceitamos, pois, de qualquer parte que nos venham, luzes maiores, desde que sejam luzes verdadeiras, sustentadas pela realidade dos fatos e não apenas afirmações doutrinárias teóricas, não provadas por essa realidade. Continuamos sempre a procurar novas provas e confirmações, para desenvolver, aprofundar e aperfeiçoar. As velhas teologias e doutrinas, baseadas no princípio da autoridade, não convencem mais as mentes modernas, sendo-lhes desinteressadas, voltando o olhar para a ciência, a única fonte de conhecimento ainda hoje a desfrutar crédito. Chegamos ao ponto em que a ciência, e não as religiões, é hoje a dirigente do pensamento humano. Por isso, se as teologias e doutrinas quiserem sobreviver, ao menos entre as pessoas cultas, que sabem pensar, deverão tornar-se racionais e científicas, e demonstrar a sua verdade diante dos fatos.

Completado, nesta segunda parte do volume, o controle crítico da visão, exposta na primeira parte, temos diante dos olhos o quadro completo, no qual tudo aparece logicamente situado e funcionando harmonicamente, desde as causas primeiras até seus últimos efeitos neste mundo. Causas remotíssimas, situadas no absoluto, foram ligadas a seus remotíssimos efeitos, situados no relativo. No quadro geral cada fenômeno achou livremente o seu lugar, com a explicação lógica da sua existência, posição e função. Foi realizado um trabalho de reorganização ideal do caos, e de uma confusão de pormenores surgiu um Sistema que tudo concatena, não só por sua vastidão e potência reunificando num só organismo, a infinita multiplicidade do Todo, mas também pela beleza musical, fundindo o funcionamento de todas as partes para um único fim e orientando todos os seres para o centro único, Deus.

Numa visão cósmica, vimos o Sistema desmoronar-se no Anti-Sistema e depois o Anti-Sistema reconstruir-se no Sistema. Acompanhamos, dessa forma, toda a aventura cósmica do ser, desde o pólo positivo até o negativo e o retorno, até o pólo positivo. Pudemos ver, então, o que existe de real, por trás da grande ilusão representada pelo nosso mundo decaído. Isso nos ofereceu, em meio à triste realidade da dor, a mais otimista das filosofias. Rasgando a cortina das trevas que nos circunda, conseguimos compreender quanta luz existe por detrás dela. Por isso, foi-nos impossível ver a vida além da morte, ver a felicidade além da dor, e por trás do ódio, ver que existe

amor. Mostrou-nos a visão que somos eternos e temos direito de ser felizes; ensinou-nos como realizar a felicidade, o nosso maior anseio. Indicando-nos o caminho do endireitamento do Anti-Sistema, para transformá-lo em Sistema, a visão enche de esperança a nossa miséria e ensina-nos a superá-la. Guiando-nos para o bem, representa alto valor ético, cujos efeitos benéficos podem imediatamente experimentar-se neste mesmo mundo.

Apresenta-se-nos a visão como algo de completo e cabal, porque nos oferece um Sistema que é, ao mesmo tempo, filosófico, religioso, científico, ético, social. Em outras palavras, é um Sistema universal. Reunifica e reorganiza o infinito numeroso, disperso na desordem. Demonstra, com provas acessíveis a todos, e assim torna acessível apenas com a razão, o que dantes era vagamente atingível só pela fé.



Observemos, então, outros fatos explicados pela visão. Podemos compreender, assim, a razão profunda de fenômenos dos quais de outro modo, não saberíamos compreender suas causas primeiras. Poderemos responder, também de forma mais completa a certas perguntas que nos foram colocadas desde o princípio, no capítulo V: “Orientação”.

Por que, por exemplo, a parte espiritual de nossa personalidade deve viver num corpo material, que representa o pólo oposto? Que significado tem isso?

Em nossa personalidade humana, físico-espiritual, situada ao longo do caminho evolutivo, ou seja, de regresso, reencontramos as três fases: matéria, energia e espírito, que são as percorridas pelo ser decaído, primeiramente na descida involutiva, e depois na ascensão evolutiva, nos dois períodos de ida e volta do ciclo completo, exposto na visão. O espírito representa a parte mais evoluída, antecipando o futuro e cujo ponto final é o Sistema. O corpo representa a parte mais involuída, recordando o passado (animalidade, subconsciente) e cujo ponto final é o Anti-Sistema. Na composição do ser humano, encontramos os elementos que vão do mineral ao espírito, porque ele está percorrendo em subida a estrada da evolução, transformando um no outro.

Aqui a visão nos responde a outra pergunta. Onde se originou a matéria constituinte do nosso universo? As teorias expostas acima explicam não apenas a gênese da matéria, mas também resolvem o problema de sua extinção final, dando um sentido à sua existência, explicando a finalidade a que está sujeita, e justificando-lhe a presença. Sem essas teorias, não se sabe de onde proveio a matéria, como pode ter nascido, finalmente, e como poderá desaparecer. Isso porque é indispensável uma sua eliminação final, se não quisermos que o estado de imperfeição inerente a ela jamais se resolva, o que tornaria fracassada a obra de Deus. Só com a visão se resolve a necessidade lógica de tudo retornar ao estado de perfeição em Deus.

Ora, se presenciemos a passagem de matéria a energia na desintegração atômica, a de energia a espírito em nosso organismo; assim a energia elétrica, de onde se originou a vida, atingiu no homem o seu mais alto grau de evolução, na forma de energia nervosa, transformando-se através do cérebro em pensamento imaterial, que constitui o espírito. A estrutura celular cerebral representa o mais alto grau de complexidade e perfeição a que a evolução levou a matéria. Temos, assim, diante dos olhos o trajeto completo evolutivo do mundo físico ao espiritual.

Podemos, agora, dar uma resposta melhor a quem pergunta por que nosso espírito deve viver na Terra num corpo. De fato, verificamos, que a vida só chega às funções psíquicas quando conduziu a matéria a tal grau de elaboração e perfeição que transformou a substância mineral em cerebral. Veja a que estado de complexidade deve alçar-se a simples estrutura atômica da matéria inorgânica, para poder tornar-se instrumento de tão altas funções! E podemos reconstruir toda a estrada que foi percorrida para chegar a esse estado, evolutivamente, e a estrada necessária ainda a percorrer. Quantas elaborações, desde a matéria inorgânica do solo às plantas que a assimilam, aos animais que assimilam as plantas ao comê-las, ao homem que os assimila, igualmente uns aos outros, até que os átomos da primeira substância inorgânica, assumiu

posições cada vez mais complexas. Chegam por fim a dispor-se de modos particularíssimos nas evoluídas células cerebrais! Mas, a subida continua. Chegados a este ponto, o espírito de tal forma se potencializou e desvencilhou de sua forma material, que a evolução ocorre além desta, a qual não lhe é mais necessária, como suporte à sua manifestação. Então, o funcionamento do espírito se apoiará na energia, primeiro na circulante no sistema nervoso, e depois na radiante e além deste, e, enfim, também acima de tais meios, apenas como pensamento puro.

À frente de toda essa transformação, pois, está o espírito que excita a matéria que a sustém, embora dela se nutra, para reconstruir-se. Por isso, deve o espírito descer a um corpo físico, por este representar o banco de suas operações da elaboração evolutiva, como também porque, reconstituindo-se nos planos inferiores consegue sanear a substância decaída que ficou atrás, para a subida ser universal e compacta e não aparecer, na unidade do todo, separações demasiadas grandes, ameaçadoras. Não se trata, com efeito, de substâncias diferentes, mas apenas de formas diferentes da mesma substância. Matéria e espírito são contíguas e conjuntas, e portanto não se pode reconstruir o espírito senão tornando a transformar a própria substância, de seu estado de matéria no estado de espírito. Este é a locomotiva que arrasta todo o comboio dos planos mais atrasados da evolução, ao longo do caminho da subida. Foi o espírito que chefiou a revolta, pondo-se no caminho da descida. Compete-lhe agora o esforço do regresso, sendo esta a razão porque precisa reencarnar na Terra. O trabalho da evolução só pode ser feito pelo espírito, que necessita, por isso, dobrar-se voltando lá embaixo, tornar a descer na matéria, para transformar a substância que a constitui, nessa outra sua forma, que é o espírito.

Explica-se assim, paralelamente, porque o ser humano encontra na Terra todo o necessário para construir civilização e bem-estar, mas com a condição de querer e saber fazer esse trabalho. No passado involuído, teve de viver nu, num mundo hostil para o qual, se quisesse viver, deveria fazer o esforço necessário para transformá-lo num ambiente a si favorável, porque a reconstrução tem de ser realizada pelo homem através de seus esforços e dores. Em seu passado, o homem tinha em redor de si apenas a desordem buscada por si mesmo com a queda, apenas as formas decaídas da substância, a matéria, a energia e as mais elementares formas orgânicas, como plantas e animais. Devia, portanto, impor-se a essa desordem, para aí estabelecer a sua ordem, até conseguir colocar-se à frente do fenômeno da evolução terrestre, para dirigi-la, transformando o planeta em sua habitação cada vez mais confortável. Seu dever era atravessar e superar toda a fase representada pela lei da luta pela vida, o que significa reabsorver o separatismo do Anti-Sistema, para conseguir a unificação do Sistema. Para progredir nesse caminho, o homem tem de aprender a destruir todo o seu egoísmo individualista, próprio do Anti-Sistema, e começar a viver em colaboração com os seus semelhantes, irradiando-se numa só unidade orgânica: a humanidade.



Com estas teorias, acima expostas, podemos entender a razão de ser dos instintos atualmente em vigor no homem, compreender a sua posição evolutiva e a razão de aí se encontrar. Mais exatamente, podemos compreender porque o ser vive na atual fase o separatismo egoísta e não a organicidade unitária. A biologia descobriu a lei da luta pela vida, mas não o seu significado nem o porquê de sua existência. Sabemos que a meta do ser dentro do Sistema é a concórdia na unidade, ao passo que sua meta dentro do Anti-Sistema é a discórdia na luta; que o homem está situado na estrada que vai do segundo ao primeiro, ainda imerso na lei divisionista no Anti-Sistema. Percebe-se então, a necessidade fatal das guerras, inerente ao estado de involução em que ainda se acha a humanidade; desse estado, porém deverá fatalmente libertar-se e emergir com a evolução. A lei feroz da luta pela vida deve cessar um dia, e então o homem olhará o seu passado como o de uma fera, em cuja prepotência cega se desencadeiam as forças elementares da vida nas trevas da mais profunda inconsciência. Mostra-nos a visão que tudo isso vai terminar, fatalmente, e o porquê e o como, e quais

serão as novas condições de vida. Faz ver o contraste entre o involuído, que acredita ser tanto maior o seu valor quanto mais gente esmagar, e o evoluído, que acredita, ter tanto maior valor quanto mais abraçar o próximo, para colaborar.

Explica-se, assim, porque os instintos de agressão e destruição são tanto e mais fortes, quanto mais o ser é involuído. Quanto mais se aproxima do Anti-Sistema, tanto mais o indivíduo é levado a ver, em seu próximo, um rival inimigo e, portanto, ver na destruição deste uma conquista de espaço vital e, com isto, a alegria de viver. Para o primitivo, matar é uma vitória e uma festa, não um ato de ferocidade. Só concebe a si mesmo, separado em seu egoísmo e tudo o que estiver de fora, como qualquer dor alheia, não tem importância alguma. A nossa sociedade está cheia desses primitivismos que, não podendo matar com o medo da sanção penal, manifestam o instinto e o gosto da destruição, conservando nas cidades, entres as obras construídas com o esforço de seu semelhante, a mesma psicologia de inimizade contra o ambiente, posição lógica numa floresta, no meio de um mundo hostil. Não é possível deixar de compreender como cada dia se torna mais perigosa e inaceitável essa psicologia, quando o homem precisa adaptar-se a viver em sociedade, nas formas de vida civilizada.

Quanto mais próximo se acha situado o indivíduo do pólo negativo do Anti-Sistema, tanto mais negativas são as suas qualidades; quanto mais próximo do pólo positivo do Sistema, tanto mais são as suas qualidades positivas. Podemos, dessa forma, considerar como índice seguro de involução, o instinto da destruição, o espírito da agressividade e de polêmica, o egoísmo e a indiferença às dores do próximo. Contrariamente, podemos ter como seguro índice de evolução, o instinto de conservação, o espírito de compaixão e de conciliação, o altruísmo e a sensibilidade às dores do próximo.

Temos desse modo, uma unidade de medida, tomada fora de nosso mundo, com a qual é possível avaliar o indivíduo. Mesmo aqui se tentam unificações; contudo, estas não são baseadas nos princípios de fusão, próprios do Sistema, mas nos princípios desagregantes do Anti-Sistema. Trata-se apenas de coligações de interesses individuais egoísticos, aos quais não interessa o “eu” coletivo senão em função da vantagem própria. Trata-se de acordos temporários entre “eus” separados, sempre prontos a separar-se de novo, logo que lhes não convenha, a seus egoísmos individuais, permanecer unidos. Sendo uma construção do Anti-Sistema, é lógico que seja feita às avessas. Onde o egoísmo é ponto fundamental, não pode haver coesão. Com efeito, não se trata de uma verdadeira construção, mas de uma reprodução contrafeita. O que aí domina não é o sentido de unificação, mas o sentido da separação, que leva a anular a unificação. Por mais possa aparecer como meta, a tendência real é destrucionista, porque o método requer demasiado esforço, pois não é dirigido para a vantagem do grupo, mas para a de cada um de per si; de modo que todo o esforço é absorvido pelo atrito entre os egoísmos dos componentes, e nenhuma contribuição é levada ao grupo, enfraquecendo-o com isso, até desagregar-se. Num mundo assim, que só sabe funcionar por coligações de grupos, falar de universalidade e imparcialidade é falar uma linguagem incompreensível, porque formada de conceitos pertencentes a planos mais altos, ainda não atingidos. Uma idéia de universalidade se reduz aos limites do comum concebível, compreendida apenas como um novo partido: o dos universalistas. Mas é inevitável que as idéias do sistema não encontrem lugar nos planos próximos do Anti-Sistema. E isso ocorre, freqüentemente, diante das palavras que exprimem altos ideais, os quais, transportados à Terra, assumem outro sentido, justamente porque descem dos planos do Sistema aos planos invertidos, os do Anti-Sistema.

Um dos pontos em que se pode descobrir a presença do Sistema na Terra é o amor. Este, nos seus primeiros e ínfimos degraus do plano físico, representa sempre o princípio da unificação e é alegria, quando leva o ser para a sua harmonização, que será completa no Sistema. Por isso, o amor não é apenas alegre, mas é também genético e criador, em todos os planos; e tanto mais, quanto mais sobe do físico ao espiritual. O amor é tanto mais alegre e criador, quanto mais nos aproximamos de sua plenitude, só realizável no Sistema, cuja primeira qualidade é a unificação. Desde os seus mais baixos degraus, é confiada ao amor essa grande função de harmonização que quebra os egoísmos e refunde juntos os elementos separados da queda. A alegria que o ser

experimenta no amor é dada pela alegria do regresso ao Sistema, que representa o reino da felicidade. Nos amores humanos comuns, os princípios opostos do Sistema e do Anti-Sistema estão em luta: a atração é egoísta e exclusivista, a alegria é facilmente envenenada pelas rivalidades e pelo ciúme; quanto mais o amor é material, ou seja, involuído, tanto mais é fácil corromper-se pela náusea, pelo vício, pelo sofrimento.

A luta entre o Sistema e o Anti-Sistema pode ser vista dentro do próprio desenvolvimento da família humana. Na formação desta, domina, no primeiro momento, a atração unificadora do amor, a alegria de unir-se, a potência vital criadora, qualidades próprias do Sistema. Logo após sua formação, acontece na família, um período diferente com as características do Anti-Sistema. Os filhos crescidos tendem a destacar-se do tronco, para realizar a sua própria vida. A unidade tende a quebrar-se. O egoísmo sobe a primeiro plano. Surgem entre os filhos rivalidades que os afastam e cada um tende a formar um novo centro familiar. Desagrega-se então a família-mãe. Período destrutivo e negativo, em que triunfa o Anti-Sistema. É como uma queda no separatismo, uma contração no egoísmo, até cada filho ou filha encontrar seu termo complementar, pelo qual retorna ao Sistema, com os princípios de unificação, amor, alegria e criação. Isto acontece na família, onde, a cada passo para o Sistema, com qualidades positivas unificadoras, segue-se um passo atrás, para o Anti-Sistema, com qualidades negativas separadoras. Mas, entre os dois impulsos vence sempre o amor, a vida, o Sistema.

O amor é criador, porque representa o princípio positivo, construtor, vital, próprio do Sistema, ou seja, de Deus. O ódio representa o princípio negativo, destruidor, mortal, próprio do Anti-Sistema, ou seja, de Satanás. Quanto mais o amor se liberta de sua materialidade, tanto mais perde as qualidades do Anti-Sistema; quanto mais conquista espiritualidade, tanto mais adquire as qualidades do Sistema. Isso até que o amor, limitado, em princípio, apenas às funções animais da reprodução sexual, transforme-se no amor evangélico, elevando-se ao poder de cimentar não apenas duas criaturas para formar uma família, mas de fundir todo o gênero humano, dele fazendo uma unidade orgânica. Está confiada ao poder do amor, princípio do Sistema, a função de retirar a criatura, pouco a pouco, do plano biológico onde impera a dura lei da luta pela vida, para fazê-la subir ao plano da colaboração fraterna. E como o Sistema, onde está Deus, é o mais forte, destinado a vencer o Anti-Sistema, assim o amor é o mais forte, destinado a vencer o egoísmo e o separatismo dos planos inferiores.

Essa unificação é uma necessidade implícita no desenvolvimento das leis da vida. O involuído é um individualista genérico, no sentido de só saber pensar em si mesmo e saber fazer um pouco de tudo. O evoluído é um ser coletivista, orgânico e especializado, no sentido de viver em colaboração com os seus semelhantes, e cada vez mais se adapta a executar, na sociedade humana, a sua função específica. A evolução, desse modo, ao produzir esse tipo biológico, leva necessariamente à unificação, que será a forma de vida do homem evoluído do futuro, ou seja, uma organização de especialistas fundidos em cooperação. Quanto mais evoluir, mais se tornará um indivíduo social, e menos apto a viver sozinho, porque aprendeu as qualidades que o tornam apto a viver em sociedade e compreendeu a grande vantagem de fazê-lo. Assim, vemos os princípios gerais da visão acharem plena confirmação até mesmo nos seus remotos efeitos, em nosso mundo.



Com a orientação oferecida pela visão, podemos explicar também algumas posições psicológicas, em geral aceitas, sem discutir, axiomáticamente, porque muitos concordam com elas e, por serem verdadeiras, não precisam de nenhuma demonstração.

A psicologia do milagre oferece-nos uma das provas demonstrativas: o homem ainda vive, em grande parte, no Anti-Sistema. Parece estranho a quem não vive na ordem de idéias do Anti-Sistema, feito de revolta, mas na psicologia do Sistema, feito de ordem, que muitos, para crer, exijam o milagre; ou pelo menos este milagre constitui uma grande prova em favor de quem o opera. Para quem vive nas idéias

do Sistema, dá-se o contrário. O fato de exigir o milagre como prova de valor e verdade, mesmo constituindo um conjunto de leis do plano superior às dos planos inferiores de nosso mundo, é comumente entendido como uma imposição a este, provocada por uma vontade para dominá-lo, violando suas leis; isto exprime, exatamente, a psicologia da revolta do ser rebelde caído no Anti-Sistema. Desse modo, geralmente, é interpretado o milagre e não no sentido de aplicação de leis naturais pertencentes a planos mais altos, que parecem prodigiosos ao involuído ignorante. Este, para crer e respeitar precisa de uma prova de força, de algo excepcional que o maravilhe, do prodígio fora do comum, enquanto lhe passa despercebido, no plano das coisas naturais, o grande milagre do normal, que acontece todos os dias.

Desse modo reaparece, mesmo diante de um ato de fé em Deus, o espírito da revolta original; constituindo base de respeito e fé o saber impor-se à ordem preestabelecida, com uma lei diferente, opondo-se à que está em vigor, para vencê-la. Um homem que respeita a Deus, aceitando-o como seu chefe, mas somente enquanto esse Deus, de acordo com a mente dele, saiba ser tão prepotente que possa impor-Se à Sua própria lei para violá-la, – ou seja, enquanto esse Deus, com o milagre, dê provas de força contradizendo-Se a si mesmo – esse homem demonstra pertencer ao Anti-Sistema. Para ele, o valor do ser consiste justamente no poder de revolta e de desordem, e não no poder de harmonia e de ordem. Esses são os princípios do Anti-Sistema, ainda sobreviventes na forma mental da maioria dos homens. O evoluído que se aproximou do Sistema não pode aceitar, como prova, o milagre compreendido como uma imposição, pelo qual Deus dá provas de violar a própria Lei. Quem vive na psicologia do Sistema, acha o contrário; Deus, ao invés de rebelar-Se à Sua própria Lei, obedece-lhe e respeita a Si mesmo, sem contradizer-se, eis a prova que mais induz crer Nele e a respeitá-Lo.

A idéia dualista de existir um oponente a ser vencido e de que o valor consiste em saber impor-se a ele, é um princípio de cisão e contraste, particular ao Anti-Sistema. Quem possui essa psicologia, decaiu da unidade num estado em que está invertido o Sistema. Neste, qualquer separação é inconcebível, porque existe apenas uma unidade orgânica, na qual tudo está fundido. Esse conceito de divisão e antagonismo constitui, para o homem, uma verdade tão arraigada em seu instinto, que ela a aceita como axioma, sem discuti-la, ressurgindo esse conceito em toda a parte, inclusive no terreno religioso. Isto prova o quanto está ainda o homem imerso no Anti-Sistema, que nem mesmo sabe conceber a Divindade fora da luta, criando para si um Deus antropomorfo, feito à própria imagem e semelhança, ou seja, um Deus partido no dualismo, que luta consigo mesmo, o que constitui o absurdo máximo. A própria psicologia humana corrente oferece-nos uma prova do Anti-Sistema, e, portanto, da verdade da teoria da queda.

Essa teoria nos explica como a nossa vida se baseia no contraste, embora seja, também, equilíbrio de contrários. Tão logo surge uma força, aparece também o impulso antagônico para a reequilibrar. Por isso, ao nascer um desejo, primeiro movimento da alma do qual deriva tudo, traz consigo a tendência à expansão ilimitada, constituída pelo egocentrismo, que levou os espíritos a exagerar o poder do “eu” até a revolta e à queda. Os nossos desejos são ilimitados, por sua própria natureza. Sua realização é limitada pelas reações do ambiente, dos seres rivais e das forças nestes encontradas. Daí o contínuo atrito da luta. Eliminar essa dispersão de forças seria o interesse máximo de todos, mas para gozar dessa vantagem é necessário uma inteligência que o homem ainda não possui e está lutando e sofrendo para conquistar. Não possuindo cada um em si a medida de seus anseios insaciáveis, o equilíbrio é alcançado de acordo com a oposta avidez do vizinho, que a limita com a força, infligindo-lhe dano. Atinge-se, desse modo, o único equilíbrio possível no Anti-Sistema, um equilíbrio forçado, coagido, não inteligente nem espontâneo, um equilíbrio que custa desperdícios e sofrimentos.

O fato de o homem procurar a vitória por meio da violência, na desordem, demonstra ainda estar imerso no Anti-Sistema. A cada desejo se repete o motivo da revolta, da expansão ilimitada, sem freio nem disciplina, qualidades apenas do Sistema. Como na primeira revolta, agora também o instinto recorda e reproduz a tendência ao excesso, ao abuso, como um eco do primeiro impulso que levou o ser além dos limites a ele assinalados pela Lei. Ao subir para o Sistema, e quanto mais dele se aproximar, mais aparece o impulso oposto, contrário à ordem e à disciplina. Surge então o verdadeiro

princípio reequilibrador, resolvendo o conflito; ou seja, ao lado de cada defeito, abuso, vício, aparece o conceito da virtude correspondente, com a função específica de frear o abuso e de corrigir o defeito. Isto representa, ao lado do impulso destruidor próprio do Anti-Sistema, o impulso salvador, próprio do Sistema, reconstituindo os valores espirituais desfeitos com a queda. A idéia de virtude representa o impulso reequilibrador, que tende a repor nos devidos limites e a tornar a disciplinar, na ordem, o exagero rebelde do egocentrismo, que constitui a revolta. Por isso, a evolução se constitui em uma subida espiritual e moral para formas de vida nas quais o estado de virtude, próprio do Sistema, acentua-se cada vez mais quando se enfraquece o estado oposto, defeituoso e viciado, próprio do Anti-Sistema. A evolução, quanto mais sobe, mais se torna uma reconstrução de valores morais. O santo representa, em si, uma reconstrução do Sistema, muito mais adiantado do que o homem comum. Eis porque quanto mais se evolui, tanto mais aparecem ordem, obediência à lei, virtudes notáveis, em lugar da desordem, da revolta à lei, dos vícios, que ao contrário crescem tanto mais, quanto mais o homem involui para o Anti-Sistema.

Todavia, pode ocorrer um fato, que também confirma a teoria da queda. Esse impulso de reconquista da saúde, mesmo nascendo no seio do Sistema, desce para operar no Anti-Sistema. Quando o impulso penetra no ambiente do Anti-Sistema, começam a agir as forças desse ambiente, que lhe são contrárias, pondo-se imediatamente nesse sentido. Isto representa uma tendência a corromper, a torcer, a inverter a correção salutar que desceu do Sistema, Para as formas mais assumidas do Anti-Sistema. Em outras palavras, a idéia de virtude, quando vem à terra, assume em geral as características da luta e da agressividade, próprias dos involuídos; usa-se, então, o conceito de virtude, não tanto para melhorar a si mesmos, mas para impô-las ao próximo; porquanto, representando um sacrifício, é melhor seja imposta aos outros, antes de nós mesmos. Outros reagem sem demora ao assalto, agredindo o pregador de virtudes, a fim de controlar se ele age segundo prega, procurando, dessa forma, restituir o golpe, ao exigir-lhe fazer primeiro o sacrifício que não lhes é agradável. Assim, tudo se reduz a termos de agressão e luta. Mas, como impedir a descida ao Anti-Sistema e não ser arrastado se a tendência geral deste é de inverter tudo? Por isso, a virtude, princípio do Sistema, é utilizada de forma invertida, não para melhorar-se, mas para condenar os outros. Assim, um princípio do Sistema é usado na forma invertida do Anti-Sistema. A verificação do fato de uma função do Sistema ser aplicada em posição invertida, na forma de Anti-Sistema, ou seja, não para elevar, mas para lutar, condenar, dividir, constitui uma das provas mais evidentes da existência dos dois termos opostos, Sistema e Anti-Sistema, e portanto da teoria da queda.



O nosso mundo, se baseia numa contraposição de conceitos opostos, que se completam como dois pólos do ser; são contrários, mas só podem existir um em função do outro; lutam, mas justamente na luta se escoram mutuamente, e um não pode dispensar o outro. Ora, tudo isso é dado pelo primeiro modelo Sistema/Anti-Sistema, que aparece reproduzido em todas as formas do ser, dependendo desse fato, todo o nosso modo de conceber. Assim, a afirmação nasce da contradição e só podemos afirmar enquanto existe o termo oposto da negação. Por isso, a negação conduz à afirmação e a afirmação implica na possibilidade da negação.

Não sabemos conceber o infinito e o absoluto, esta é a verdade, senão como o estado inverso ao nosso estado de finito e relativo. O conceito que, em nossa posição de Anti-Sistema, conseguimos formar do Sistema é, para nós, negativo, apesar de tratar-se da coisa mais positiva que pode existir. O fato de só conseguirmos fazer do infinito e do absoluto uma idéia que representa o inverso de nosso finito relativo, e não uma idéia correta e positiva, dá-nos também uma prova de estarmos situados no Anti-Sistema, por efeito da queda.

Vejamos um caso mais particular. Poder-se-ia dizer que o ateísmo representa uma das provas da existência de Deus. O ateísmo é uma negação

presumindo afirmação, e só em função dela pode existir. A negação não só presume e prova a afirmação, como faz parte de dois conceitos condicionados reciprocamente, de modo que um não pode existir senão em relação ao outro.

Há mais ainda, porém. A negação, ao negar, enquanto é negação, alimenta e reforça o poder da afirmação apenas com a sua presença. Quando há dois conceitos juntos, dizer *não* de um lado, significa dizer *sim* do outro, e quanto mais se diz não de um lado, tanto mais se diz sim do outro. De modo que, em última análise, o *não* só pode existir para anular a si mesmo, e para reforçar, com a própria negação, a afirmação oposta. Quem nega, nega em última análise a si mesmo, ou seja, se destrói; e quem afirma, afirma a si mesmo, isto é, se fortalece e constrói. Quem nega uma afirmação, nega a si mesmo em favor dessa afirmação, que se fortalece, crescendo por um meio dessa negação. Os negadores caem nesse erro. Deduz-se daí que, quando um conceito possui um valor intrínseco como afirmação de verdade, nada terá de temer das negações que, se aparecerem, trabalharão em seu favor. O esforço para destruir a nova verdade é utilizado, pelas leis da vida, para difundí-la, tal como os ventos tempestuosos que trazem destruição são utilizados para levar para longe as sementes fecundas de uma vida mais ampla. A própria posição negativa assumida pelos negadores, servirá para destruí-los em favor da afirmação, nutrindo-a com a própria carne.

Vemos o modelo dos dois opostos, Sistema e Anti-Sistema, reproduzindo também nos dois termos contrários: espírito e matéria. E instintivamente o homem vê Deus e o paraíso, isto é o Sistema no céu; e nas profundezas da terra, afundado na matéria, o inferno. Por que isso? Porque a queda se deu do estado de espírito ao estado material, através da energia. Aqui, a idéia da queda é reproduzida em sentido espacial, do céu para a Terra. Na concepção de Dante, Lúcifer se precipita do céu ao inferno, aprofundando-se até o centro da Terra, onde, no ponto mais longe do céu, permanece a habitação do maior rebelde a Deus. E as subidas ao céu são concebidas em sentido contrário. O purgatório dantesco é o monte da ascensão, subindo por ele, de pano em pano, chega-se ao paraíso. Esse inferno e purgatório exprimem exatamente, em sua posição inversa, o primeiro escavado nas profundezas da matéria, o segundo, emergindo de seu seio, as duas metades inversas e complementares do ciclo da queda constituído pelo período involutivo (queda no inferno) e pelo período evolutivo (purgatório), da purificação que leva a Deus. Sob outra forma, achamos aí a substância da visão que expusemos. O inferno dantesco possui todas as qualidades do Anti-Sistema: trevas, dor, ódio, mal etc.. O paraíso dantesco possui todas as qualidades do Sistema: luz, felicidade, amor, bem, etc.. Também no inferno há certa ordem e disciplina. Mas a ordem é coagida e a disciplina é a do escravo algemado; enquanto no paraíso a ordem e a disciplina são livres e por convicção. Isso corresponde aos conceitos de determinismo, a que está presa a matéria, e de liberdade, primeira qualidade do espírito.

Explicam-se, dessa maneira, muitos modos de conceber, encontradas nas várias religiões, e as formas nas quais os estados de além túmulo são representados por elas. Passa-se a compreender, também, a contraposição entre espiritualismo e materialismo, sendo o primeiro concebido como elevação e o segundo como negação. Explica-se a divisão do pensamento moderno nestas duas direções opostas, num contraste que representa em nosso mundo a luta entre Sistema e Anti-Sistema. O materialismo moderno constitui um movimento de descida, mas descida na matéria, para depois chegar a compreender melhor, em relação a Deus e ao espírito, a significação do universo e de nossa vida. Nasceu como corretivo e reação ao espiritualismo abusado das religiões; como libertação e renovação, a fim de passar das velhas estradas às novas; como salvação da cristalização dogmática, a fim de que o pensamento não permanecesse morto no seu interior, mas revivesse, continuando a avançar. Só num primeiro momento a ciência apareceu como inimiga da fé, quando se manifestou como reação de cura do pensamento humano, o qual corria o perigo de permanecer fechado em alguns caminhos sem saída. Mas depois a ciência materialista não podia evitar de caminhar, de iluminar-se mais, de construir; porque, observando honestamente os fatos e os fenômenos, devia encontrar-se com o pensamento de Deus que os dirige, e a ouvir a voz que lhes fala de Deus. Pôde, assim, aparecer a verdadeira função positiva criadora da ciência, própria desse regresso à matéria, ou seja, a de poder

tomar um impulso mais forte, para ascender mais no alto, no caminho da evolução para o espírito. Só agora começa a delinear-se este fato, mas representa o verdadeiro sentido, o valor e o futuro da ciência.

Vimos que a evolução avança com regressos contínuos, compensados depois por maiores progressos, tal como ficou explicado em *A Grande Síntese*, pelo gráfico que traça o desenvolvimento da trajetória dos motos fenomênicos, na evolução do cosmos. Ora, a atual fase materialista, no desenvolvimento do pensamento humano, representa o movimento expresso naquele gráfico por um período de envolvimento, que resulta menor diante do maior desenvolvimento de toda a trajetória; e assim, não obstante os seus contínuos regressos, esta continua sempre avançando. Por isso, a ciência materialista continuará a avançar, assumindo agora a tarefa, já não mais desempenhada pelas religiões, de fazer progredir o pensamento humano. Não é destruição, é progresso. A função da ciência não é de matar a fé, mas de fecundá-la com a razão e a observação, de demonstrá-la, dando as provas de seus enunciados, que já agora se tornaram, em sua forma primitiva demasiadamente imprecisos e elementares, para poderem ser aceitos pela forma mental moderna, mais evoluída.

XIX

OUTROS FATOS E EXPLICAÇÕES

(1ª Parte)

Chegados ao fim de nosso trabalho, vamos fechá-lo oferecendo uma última representação ainda mais pormenorizada do fenômeno da queda, procurando alcançar dessa maneira uma apreciação ainda mais precisa.

No volume *Deus e Universo*, como na primeira parte desta obra, ao expor a visão, apenas pudemos traçar as linhas gerais e as características fundamentais do fenômeno da inversão do Sistema no Anti-Sistema, explicando as respectivas características. Procuraremos reforçar a nossa observação da visão, penetrando em novas minúcias, caminhando em profundidade, além dos conceitos já obtidos nas aproximações precedentes.

Com efeito, no princípio da segunda parte deste volume, chegamos a uma apreciação mais exata do fenômeno da queda, especialmente no capítulo VIII: “Sistema e Anti-Sistema”. Assim chegamos a entender o fenômeno, não mais como uma descida, que podia ser do alto para baixo, como se podia ter imaginado a princípio, mas como uma explosão, da qual resultou, por expulsão do Sistema, uma segunda esfera na periferia deste.

Aperfeiçoemos, esse conceito. Após havê-lo aprofundado, poderemos alcançar uma terceira representação do fenômeno da queda, dessa forma, melhor formulado e analisado. Temos de proceder por aproximações sucessivas, sendo impossível enfrentá-lo direta e imediatamente em sua essência, pois está além do concebível e não pode ser alcançado pelas capacidades comuns da mente humana. Trata-se de um fenômeno situado fora de nosso relativo, do qual resultou como conseqüência, e portanto, em sua substância, irreduzível ao nosso plano mental normal. Esta a razão pela qual à primeira representação se tenha acrescentado uma segunda mais aproximada, e se seguirá uma terceira, à proporção que vamos subindo e amadurecendo.

Nunca poderemos deixar de esclarecer e advertir que não podemos apresentar a realidade do fenômeno em sua substância, mas apenas imagens mentais humanas dessa realidade, que nos escapa em sua essência. É mister, pois, aceitá-las tal com são e não entendê-las como uma expressão definitiva, que esgote a realidade. É compreensível e lógico ser assim, porque um observador situado no relativo, com os pontos de referência marcados apenas em si, não possui os outros totalmente diversos, necessários para orientar-se no absoluto, nem os conceitos para compreendê-lo.

Logicamente, para poder exprimir no relativo toda a realidade infinita contida no absoluto, seria necessário ter uma série correspondente e infinita de imagens e representações mentais. Só assim seria possível reproduzir todos os aspectos infinitos do fenômeno, em nosso plano de existência. Nestas pesquisas, é preciso ter sempre presente o conceito de limite, próprio de nosso universo e contentar-se em ir superando as barreiras impostas por esse limite, que nos fecha no relativo. Por isso, vamos oferecendo aqui três imagens diferentes e sucessivas do fenômeno da queda, procurando uma aproximação cada vez maior, gradualmente, para compreendê-lo cada vez melhor. Todas são aceitas, porque cada uma delas é relativamente verdadeira e nos mostra um lado, pondo em evidência alguns aspectos verdadeiros da realidade. Trata-se de várias reduções, isoladamente incompletas, mas justamente por isso, precisam completar-se reciprocamente.

Estamos nos esforçando para traduzir nos termos da forma mental corrente e relativa, fechada num limite que estabelece as dimensões do concebível, conceitos próprios de dimensões superiores. Não temos outro meio senão imagens construídas em relação aos pontos de referência existentes em nossas dimensões espaciais, temporais e mentais. Não possuímos outro material conceptual, nem outras palavras senão a linguagem humana, para fazer-nos compreender. Com esses meios, devemos exprimir o inexprimível e tornar concebível o inconcebível. Por isso, não quisemos exprimir-nos desenhando imagens concretas, neste volume, porque tendem a induzir a erro, pois são confundidas com a realidade ou com uma representação que esgote toda a realidade e isso não pode ser. Isto não significa que o leitor não possa fazer para si esquemas gráficos, para os quais lhe são dados todos os elementos. Pode recorrer a esse auxílio representativo se sentir necessidade, utilizando-o como meio para fixar as idéias, mas atribuindo-lhe o valor relativo que têm os símbolos em matemática. Temos de contentar-nos com os meios verbais, que, por serem concretos, fixam e aprisionam menos a idéia em formas definidas, como os contornos exatos de um desenho. O desenvolvimento da palavra pode melhor dar-nos a expressão de uma imagem em movimento, ao mesmo tempo que aparece já se está desenvolvendo numa imagem sucessiva. O movimento é o único modo pelo qual o relativo pode aproximar-se do absoluto, perseguindo-lhe a imobilidade. A verdade, em nosso universo, para os decaídos, só pode ser relativa e progressiva. Por isso só podemos oferecer uma imagem relativa e progressiva da visão; não uma representação estática, mas o desenvolvimento de uma representação, que gradualmente se vai desenvolvendo e aperfeiçoando. Era necessário que o leitor, e nós mesmos, conhecêssemos o método de pensamento seguido aqui, a técnica usada ao exprimir os resultados da intuição que, como se pôde ver, permanece controlada em todos os seus momentos. Pudemos estabelecer assim o valor a ser dado a estas representações do fenômeno da queda, acrescentando, por fim, que mesmo na forma verbal progressiva, usada aqui, são apenas uma projeção plana da realidade contida na visão, só podendo resultar diminuída, ao projetar-se em nossa dimensão conceitual. A nossa mente é filha do próprio ambiente e não sabe funcionar além dos limites deste.



Antes de passar a expor a terceira representação do fenômeno da queda procuremos completar, em alguns aspectos novos, a segunda, já exposta no capítulo VIII – Sistema e Anti-Sistema. Voltemos ao princípio, retomando, para desenvolver o conceito de criação necessária para se poder compreender a forma como saíram do Sistema os elementos rebeldes, ou seja, a sua expulsão ou projeção para fora da periferia deste, a fim de constituir o Anti-Sistema. Para não fechar a representação numa afirmação absoluta, que depois lhe impeça qualquer movimento de desenvolvimento, e para torná-la mais aceitável às mentes positivas, expô-la-emos em forma de hipótese, aceitável por explicar muitos fatos, mas suscetível de aperfeiçoamentos posteriores.

Já dissemos que a primeira criação consistiu numa transformação da esfera Tudo-Uno-Deus, constituinte da Trindade em Seu terceiro momento, no qual a substância divina que a constituía passou do estado homogêneo a um estado diferenciado, orgânico, hierárquico. Ora, observando o fenômeno com maior

exatidão, podemos pensar ter essa criação ocorrido não toda concomitantemente, no mesmo instante, mas sim em fases progressivas, e portanto por graus e em planos sucessivos, segundo os quais se teria propagado na esfera do Sistema, o impulso proveniente do centro, Deus.

Observemos, logo, que a idéia de esfera é de natureza espacial, e dá apenas uma idéia aproximada, não podendo fornecer toda a realidade. Mas isto é o que de melhor podemos conseguir, no momento, para obter uma representação imaginável do fenômeno e por isto a aceitamos. Para simplificar essa representação, exprimamos a esfera em sua representação plana, ou seja, como um círculo. Eis então, como mais exatamente teria ocorrido a criação. Do centro, Deus, teria partido o primeiro impulso criativo, atingindo o primeiro nível ou círculo de seres, ou seja, o primeiro plano da vida. Depois, Deus teria feito chegar esse Seu impulso, através dos seres do primeiro círculo a um segundo. Em seguida, através dos seres do primeiro e do segundo, a um terceiro e assim sucessivamente. Dessa forma, o impulso criador de Deus teria sido transmitido através de toda a esfera do Tudo-Uno-Deus, até transformá-la toda, de seu estado homogêneo, num estado diferenciado, nisto constituindo o fato da criação. Mais exatamente, teria sido a propagação desse divino impulso criador que teria produzido a transformação da substância do todo, a qual se achava no estado homogêneo, num novo estado diferenciado, constituído por individuações separadas, isto é, as criaturas, hierarquicamente organizadas por círculos em um Sistema. Teria sido esta a técnica da criação, que agora nos aparece, após um exame mais atento do fenômeno. O que teria nascido do nada, de um estado antes não existente, não podia ser a eterna e incriada substância de Deus, mas apenas a sua forma nova e atual, que assim se individualizara agora em criaturas, hierarquicamente organizadas em centros concêntricos em torno de Deus.

Esta representação do fenômeno permite-nos ver imediatamente, com maior relevo, uma característica importante. No próprio ato da criação, as criaturas, logo após o nascimento, teriam sido chamadas a colaborar com Deus, a funcionar ativamente como Seus instrumentos no Sistema, como veículos de atuação de Sua lei. Tudo isso confirma ser o amor o princípio dominante em Deus e no Sistema; representando, desde o primeiro momento, o vínculo genético da filiação, pelo qual cada elemento derivou do outro por descida do impulso divino criador, de círculo em círculo. Amor não apenas entre as individuações do Sistema, mas entre Deus e todas elas, não só parentes entre si, mas todas filhas do mesmo Pai, unidas pela consangüinidade representada pelo ser constituído da própria substância de Deus. Amor que constitui a potência fundamental de coesão que cimenta todo o edifício do Sistema e lhe mantém compacta a unidade orgânica hierárquica. Mantém-na porque o impulso criador do amor, emanado de Deus, não só penetrou e transformou toda a esfera, mas continua a irradiá-la sempre de vida, como o sangue que circula em nossas veias.

Esses conceitos são confirmados pelo fato de vermos o mesmo método ser usado por Deus no trabalho de salvamento do Anti-Sistema, para levá-lo ao Sistema, através das Suas criaturas ou espíritos que permaneceram no estado puro, chamados desta vez a colaborar como veículos de salvação. Com efeito, em nosso mundo, jamais vemos Deus agir aparecendo diretamente, mas sempre indiretamente, através de Seus instrumentos, encarregados de cumprir missões, como no caso máximo de Cristo, espírito não decaído, a quem foi confiada por Deus a tarefa de redenção de nossa humanidade. Em casos menores, Deus pode utilizar-se de espíritos decaídos, mais evoluídos que os outros e capazes, por sua posição mais adiantada, de realizar um trabalho de auxílio e salvação em favor de seus irmãos, menos capazes porque mais atrasados. Em tudo o que provém do centro do Sistema, prevalece sempre o método do amor, da colaboração fraterna, da hierarquia e da unidade orgânica.

A transformação criadora, à qual se desvia a gênese do Sistema, foi obtida, pois, com esse método da filiação, o que estabeleceu entre todos os seres um vínculo de parentesco ainda mais estreito do que o representado pelo fato de terem sido constituídos da mesma substância. Eis a estrutura orgânica do Sistema e pode compreender-se quanto essa qualidade é fundamental e profundamente enraizada, devida ao fato de a criação ter ocorrido através de um processo de filiação, na qual os seres

tomaram parte. Esse método de filiação recíproca constituiu o primeiro modelo, mais tarde transmitido ao nosso mundo, no desenvolvimento reconstrutivo, operado pela evolução, ou seja, na continuação da vida de pai para filho, na multiplicação genética das sementes, no crescimento mediante ramificações de um único tronco. Continua também no Anti-Sistema, e constitui o modelo de unidade e organicidade, entre nós expressa pelas primeiras tentativas de reconstrução orgânica unitária do Sistema, que são a família, a nação, a humanidade.

Essa filiação funcionou, no momento da criação, como um fio unindo para sempre todas as criaturas ao Pai comum, Deus, a Quem, por isso, coube o direito de mando, enquanto a estas coube o dever da obediência, todos unidos pelo amor na mesma família, representada pelo Sistema. Nessa organicidade, cada elemento permaneceu ligado ao outro. A um observador mais atento, deve ocorrer que assim se forma a criação, devendo ter sido o resultado de uma emanção progressiva do centro, Deus, para a periferia, numa realização gradual, transformando toda a substância de seu primitivo estado homogêneo, naquele estado orgânico constitutivo da criação.



Podemos compreender agora, com maior exatidão, como ocorreu com a queda, a emigração dos elementos rebeldes do Sistema, sua expulsão ou projeção para fora da periferia deste, para constituir o Anti-Sistema. Ter também uma imagem mais exata da estrutura do Anti-Sistema, compreendendo melhor algumas das qualidades que o caracterizam.

O fenômeno da queda pode ser representado pelo mesmo modelo como ocorreu a criação, ou seja, pela mesma propagação gradual de impulsos, mas em posição invertida, porque ao invés de ser gerado e ter partido do centro, Deus, o movimento foi gerado e partiu da criatura periférica. Assim, também a queda teria sido progressiva, por sucessão de filiações, resultantes não de Deus e depois dos elementos puros do Sistema, mas dos espíritos rebeldes. A propagação desse impulso invertido, ao invés de gerar, como na criação, círculos de ordem, no seio do Sistema, gerou por filiação invertida os círculos da desordem, no seio do Anti-Sistema. Teria assim nascido a estrutura do Anti-Sistema, invertida em relação ao Sistema, ou seja, construído em círculos e níveis ou planos de existência concêntricos, segundo os quais se teriam escalonados os seres.

Percebe-se, agora, que a emigração dos elementos rebeldes do Sistema, ou projeção para fora da sua periferia, não ocorreu ao acaso, mas foi regulada por uma lei, segundo a qual tudo estava previsto. Essa estrutura do Anti-Sistema, construída em círculos, situados em posição inversa à que ocupavam no Sistema, derivou do fato de, na emigração dos elementos rebeldes, a sua projeção para fora ocorreu em proporção ao impulso recebido, determinado na revolta, pelo poder de cada elemento e estabelecido pela sua posição em seu círculo, e deste no Sistema. De modo que o Anti-Sistema ficou constituído de círculos invertidos em relação aos do Sistema, correspondendo cada um, no Anti-Sistema, ao círculo perfeito original do Sistema. Da posição ocupada nos círculos do Sistema, cada elemento foi projetado na posição oposta, representada pelo círculo correspondente invertido no Anti-Sistema. Aconteceu então, que, os primeiros se tornaram os últimos, e os mais próximos a Deus foram precipitados mais longe; o anjo mais belo, Lúcifer, se tornou o mais horroroso, Satanás, projetado no abismo mais profundo do Anti-Sistema. Atrás dele, deixaram-se arrastar num cortejo os elementos situados mais em baixo na pirâmide, ou seja, nos círculos mais afastados e periféricos.

Permaneceu desse modo, no Anti-Sistema, o modelo do Sistema, mas em posição invertida; permaneceu o princípio da organicidade, mas emborcado, isto é, a organicidade do mal, de tipo destrutivo, em lugar da organicidade do bem, de tipo criador. Com efeito, o nosso universo é constituído, verdadeiramente, de planos de existência, nos quais os seres decaídos estão escalonados por graus de evolução, mais ou menos próximos da perfeição do Sistema. Explica-se assim, essa estrutura de nosso universo físico-espiritual, construído em planos superpostos, cuja

natureza tende a afastar-se do Sistema, em direção centrífuga no período involutivo, e a reaproximar-se do Sistema, em direção centrípeta e para Deus, no período evolutivo.

Achamo-nos, assim, diante de um conceito mais exato sobre a queda, ou seja, não mais uma queda única, igual para todos os rebeldes, mas uma queda de amplitude proporcional à posição do elemento no Sistema, e portanto à sua potência e ao impulso da sua projeção. A potencialização desse impulso, dada pelo círculo em que estava situado o elemento, determinou a força do arremesso de expulsão do Sistema, de modo que o ponto de chegada no círculo do Anti-Sistema resultou proporcionalmente corresponde ao ponto de partida no círculo do Sistema. Com esse método, foi construído o Anti-Sistema, que por isso resultou um organismo no qual tudo se achou situado em posição inversa à que se achava no Sistema. Então, os elementos situados nos círculos mais afastados do centro, inverteram-se no Anti-Sistema nos mais centrais, e vice-versa; os situados no círculo do Sistema mais próximos de Deus, justamente por sua maior potência, foram lançados nos círculos mais periféricos do Anti-Sistema e afastados de Deus.

O conceito com que estamos procurando dar maior exatidão ao fenômeno da queda, mostra-nos, ter sido ela proporcional, isto é, constituída por um afastamento exato em função do conhecimento, potência e valor ou peso específico de cada elemento, qualidades que estabeleceram a natureza e a potência do impulso de projeção para fora do Sistema. Portanto, a queda foi proporcional à responsabilidade da revolta, à culpabilidade de cada um, pela qual foi projetado mais longe no Anti-Sistema e mais profundamente na involução, quem estava mais altamente situado no Sistema e mais perto de Deus. Os elementos menores, caindo de altura menor, ao serem projetados para fora por seu impulso de seres menos potentes, aprofundaram-se menos na involução, permanecendo nos círculos mais altos do Anti-Sistema. Chega-se, assim, a um efeito proporcional à causa, a uma reação proporcionada à ação, a uma queda proporcional à revolta. Então, para os maiores, sendo maior a queda, maior é o esforço da subida, porque mais longo o caminho de regresso.

Deduz-se daí, um fato importante: nem todos os seres teriam decaído até o estado de matéria, mas podem tê-lo feito até círculos ou planos de existência mais altos, menos involuídos. Enquanto esses seres não conhecem os planos inferiores, o plano em que naturalmente se acharam na queda, deve ser atingido pelos elementos caídos mais embaixo, através do esforço da própria evolução. Desse modo, o trajeto evolutivo que cada ser tem de percorrer para reentrar no Sistema não é igual para todos, mas proporcional para cada um, à profundidade alcançada com a própria queda. Portanto, existe uma correspondência perfeita de justiça nas gradações de posição de origem, culpabilidade, involução alcançada e trabalho evolutivo a realizar, para voltar à salvação. O mais onerado e o último a chegar no regresso, por causa do caminho mais longo a percorrer, será, portanto, Satanás, como é justo. Na inversão, os primeiros se tornaram os últimos. Mas, estes também deverão chegar e serão salvos.

Isto faz-nos pensar num novo modo de conceber a evolução. Se em seus princípios gerais, pode ser concebida, como foi explicado (veja-se também o capítulo XI: “A visão diante da biologia”), constituída por um caminho ascensional único, progredindo para seu telefinalismo, podemos agora pensar ter essa evolução começado para cada ser de pontos diferentes ao longo desse caminho. Esses pontos teriam sido determinados pelo ponto de queda de cada ser no Anti-Sistema, situado no círculo correspondente ao do Sistema, em que o ser fora criado e do qual, pela revolta, partiu o impulso para o Anti-Sistema. Justamente por tratar-se de uma exata inversão de posições, a criatura veio a achar-se, com a queda, no círculo do Anti-Sistema oposto, em relação ao do Sistema. Temos, então, uma série de posições distintas, das quais precisamente podia começar o caminho evolutivo do regresso: posições não causais ou arbitrárias, mas preestabelecidas para cada ser no momento da criação. Ao indivíduo era deixada a liberdade de desobedecer ou não, mas não a liberdade de cair ao acaso ou onde quisesse; por isso havia sido estabelecida precedentemente a amplitude da queda, se, por acaso, houvesse escolhido o caminho da desobediência. Podemos admitir, tenha o ser começado o caminho evolutivo, do ponto em que a inversão o havia projetado,

correspondente ao ocupado no Sistema e estabelecido por Deus, para cada um, na Sua criação.

Então conforme esta teoria, a posição, na qual o ser decaído se encontra, pode ser consequência de dois fatos: 1º) ou o ser caiu até o fundo do Anti-Sistema (matéria) e subiu evoluindo até o ponto em que agora se encontra, 2º) ou o ser não caiu até ao fundo do Anti-Sistema, mas até determinado plano, de onde evoluiu e presentemente se encontra.

O fato de, em ambos os casos, ser o mesmo o resultado exterior, o de encontrar-se situado num dado plano de evolução, só por si não nos permite descobrir as causas que o determinaram; por isso, sua posição não é suficiente para nos fornecer as provas da verdade desta teoria.

Permanece porém o fato de ser a única que pode conciliar as duas maiores afirmações existentes a este respeito, a da ciência e a da revelação, hoje inconciliáveis, ou seja, a do evolucionismo darwiniano e da Bíblia. Conforme a teoria deste capítulo permaneceriam admissíveis, ao mesmo tempo, as duas afirmações contrárias, isto é: o homem poderia ter derivado por evolução dos planos inferiores de existência, mineral, vegetal, animal, (Darwin); como também poderia ter iniciado a sua evolução do plano humano, ou seja, ponto de partida o próprio homem (Bíblia).

Poder-se ia então, lógica e cientificamente, aceitar como verdadeira a narrativa da Bíblia, isto é, depois da queda dos anjos e da desobediência de Adão, que esta queda presume e repete, admitir o aparecimento (criação) de homem como tal, não produto de uma precedente evolução. Teria iniciado a evolução no plano de vida humana, tendo o homem caído só até este nível, razão pela qual iniciou a sua evolução de regresso, entrando na forma material humana (criação descrita pela Bíblia).

Trata-se de duas importantes afirmações com grandes bases: a ciência positiva no evolucionismo darwiniano e a revelação na Bíblia. É difícil condenar qualquer das duas, declarando-a errada. Assim, ambas estariam certas. Já existem teorias evolucionistas que admitem derivarem as várias formas de vida, de pontos de partida diferentes, de estípite separados.

A própria teoria das unidades coletivas não é derogada admitindo-se ter sido a queda como relativa, pois o ser caindo até o fundo, não chegou à sua completa pulverização no separatismo do Anti-Sistema e portanto não foi destruído completamente o seu estado orgânico. O ponto onde caiu passou a ser o seu ponto de partida que assim, possuindo já um certo grau de organicidade, não precisou tê-la reconstruído (teoria das unidades coletivas) pelo processo da evolução.

Esta teoria, como se vê, abre as mais interessantes perspectivas, de uma amplitude tal que seriam necessários outros volumes mais para estudá-las e desenvolver novos pormenores.

De tudo isso se deduz que a evolução pode não ter partido para todos, do plano da matéria, mas também de planos mais altos, como por exemplo do vegetal, do animal, do homem, e planos ainda superiores, a que todos deverão chegar um dia. A meta final é a mesma para todos: o Sistema. Na fase de regresso verifica-se o mesmo fenômeno que se realizou na fase de descida ou queda. Voltar ao Sistema significa reentrar num organismo de partes diferenciadas; significa, portanto, retomar o lugar ocupado de cada ser no próprio círculo do Sistema, segundo o exato tipo precedente criado por Deus. Atende às exigências da lógica, do equilíbrio e da justiça ser dessa forma, porque a inversão da queda e o endireitamento no sentido da subida devem corresponder aos dois fenômenos. Em todo esse processo de desmoronamento aqui estudado, devemos sempre admitir, necessariamente, que o alfa e o ômega coincidem, sobrepondo-se. O ponto de chegada da evolução só pode ser o mesmo ocupado pelo ser quando da partida para a involução e não um ponto estratégico qualquer. Também o ponto de chegada de involução, em que a criatura foi arremessada com a queda, só pode ser, como posição, proporção e qualidade, o inverso do ponto de partida ocupado no Sistema.

Dessa forma pudemos chegar a esta exata apreciação do fenômeno involutivo-e-evolutivo da queda, e dizer que mesmo sendo a evolução, como princípio geral, um regresso universal de todos ao Sistema, a amplitude e o tipo de estrada é diferente para cada ser, ou seja, cada um se desenvolve ao longo de um canal próprio. A

criatura deve voltar ao grau de perfeição e conhecimento que possuía antes da revolta, como fora criada, porque só assim podiam ser anulados os efeitos da revolta. O regresso a Deus, portanto, é entendido não como um regresso a Ele como centro, ou seja, à perfeição e onisciência absolutas, mas como uma volta a Deus como Sistema, isto é, ao ponto correspondente de cada ser no organismo desse Sistema. Portanto, no processo involutivo-evolutivo o ser só conserva o seu tipo de individuação, ainda que esta se corrompa primeiro para curar-se depois, sempre segundo o próprio tipo, mas também cada ser percorre apenas a diferente distância de ida e volta que lhe compete, segundo o seu ponto de partida no Sistema e chegada no Anti-Sistema, determinados pela sua natureza e posição de origem. Disso se pode deprender com quanta perfeição foi concebida e executada a obra criadora de Deus, se tudo, inclusive a técnica, as medidas e as proporções no processo de endireitamento em caso de queda, tinham sido previstas. Embora com o maior respeito à liberdade da criatura, cada movimento seu já estava implicitamente contido numa possibilidade bem definida em potencial, em que a Lei o havia enquadrado, tendo sido previsto e disciplinado precedentemente, mesmo antes que a criatura tivesse pretendido se revoltar.

XX

ASPECTOS MAIS PROFUNDOS DA VISÃO

(2ª Parte)

Completada a segunda representação mental do fenômeno da queda, observemo-la, agora, por meio de uma imagem mais apta a fazer ressaltar seus outros aspectos, que não puderam ser explicados pelas duas primeiras.

Se analisada com maior atenção, a segunda representação que acabamos de expor não corresponde, perfeitamente, à realidade, visto que tivemos de imaginar o Sistema fechado nos limites de uma superfície esférica, ou mesmo na projeção plana desta, como circunferência de círculo. Ora, trata-se, na realidade, de um infinito, ao qual não é aplicável o conceito de limite nem a representação de uma figura geométrica limitada. Entretanto, tivemos de recorrer a essa imagem fechada, porque, embora o conceito de esfera ou círculo ilimitados não seja representável por uma figura geométrica, tínhamos necessidade dela para fixar as idéias do melhor modo possível. Se não imaginasse o Sistema fechado dentro de uma superfície esférica, não se teria compreendido o conceito de uma saída dessa esfera, se esta fosse ilimitada, estendendo-se ao infinito. Nem teria sido possível imaginar a formação de uma segunda esfera, do Anti-Sistema, em redor da esfera do Sistema. Assim, tivemos de contentar-nos com representações relativas, já que não é possível encontrar em nosso relativo, uma representação que possa conter e mostrar-nos a realidade do fenômeno.

Outros aspectos do fenômeno poderão ser observados, por meio de uma terceira imagem, que nos permita focalizar melhor a nossa visão. Quanto mais olharmos em profundidade, mais verificamos não ser exata a idéia de esfera. Se o Sistema é o Todo, não se pode imaginar uma superfície que o delimite. Não pode constituir uma propriedade do infinito, estar fechado dentro de fronteiras, que lhe permitam ter uma parte interna e outra externa. Então, não é possível imaginar a queda como uma projeção dos elementos rebeldes fora do Sistema, para formar outra zona externa a ele, o Anti-Sistema. Temos então de encontrar outra forma para representar com maior exatidão e verdade,

esse fenômeno. Não podendo os elementos rebeldes existir além e fora do infinito, nem podendo pensar-se numa sua saída, devemos imaginar a queda numa forma que se tenha realizado com todos permanecendo dentro do Sistema.

De acordo com esta representação do fenômeno da queda, os espíritos rebeldes não foram lançados fora, mas permaneceram no Sistema. Então em que consistiu e como ocorreu a queda? Procuremos compreender imaginando o fenômeno da queda da seguinte forma: com a criação dos espíritos, formaram-se, na substância homogênea, muitos núcleos de pensamentos, constituídos por vibrações, cada uma de seu tipo. Disso nasceu o novo estado diferenciado, formado pelas individualizações dos vários “eu”. Ora, muitos pensaram conforme a Lei, assim permanecendo em seu seio, porque constituídos de pura vibração de pensamento. A Lei representava o pensamento de Deus que tudo dirigia e regia; permaneceram na ordem do Sistema os espíritos que continuaram a existir em uníssono com esse pensamento. Mas outros espíritos, ao contrário, pensaram contra a Lei. E porque constituídos de pensamento, acharam-se fora Dela. Desse modo, caíram fora da ordem, na desordem, os espíritos que não quiseram viver sintonizados harmonicamente com o pensamento de Deus, representado pela Lei. Isolaram-se, por isso, num funcionamento próprio antagônico ao do todo.

Esta é uma nova forma de representação do fenômeno da queda que, agora, em termos de imaginação espacial, dir-se-ia: os espíritos foram expulsos. Mas esta é relativa à nossa forma mental e vale apenas para o seu uso. Na realidade, não havia espaço, e, portanto, não podia haver afastamentos espaciais, nem haver saída do Todo. Por isto, os espíritos rebeldes permaneceram no Todo, como estavam antes. Não obstante, surgiria uma diferença, que até agora foi expressa com a idéia de afastamento espacial, isto é, os espíritos que permaneceram obedientes, continuaram a existir na Lei, porque estavam de acordo com Ela, enquanto os desobedientes, tendo-se colocado contra a Lei, de acordo com a sua própria vontade, se acharam fora Dela.

É esse o sentido de afastamento. Os espíritos rebeldes não foram expulsos e isolados por um afastamento parcial, mas por seu comportamento. Se quisermos dar, uma representação concreta do fenômeno, podemos imaginar o Sistema constituído de muitas bolas brancas, tendo algumas, no momento da revolta, se transformado em bolas pretas, as quais, mesmo ficando ao lado das bolas brancas, passaram a constituir o Anti-Sistema. As posições permaneceram sem nenhuma mudança. Mudou apenas a qualidade dos elementos constituintes, porque a revolta produziu uma transformação íntima em sua natureza. O Anti-Sistema permaneceu no Sistema, diferenciando-se por ser constituído por elementos de natureza diferente, bem longe, substancialmente, e impossibilitados de se misturarem. Então, mesmo permanecendo tudo no Sistema, as bolas brancas constituíram a parte sã do organismo; e as bolas pretas constituíram a parte doente, chamada Anti-Sistema. Ao invés de bolas brancas e pretas, poder-se-ia chamar esferas rolantes em sentido positivo, e esferas rolantes em sentido inverso, isto é, em sentido negativo. Ou também chamá-las esferas com carga eletro-positiva, que se fundiram num circuito, constituindo o Sistema, e esferas com carga eletro-negativa, que se fundiram num circuito oposto, passando a ser o Anti-Sistema. Pode-se ainda dizer que as células sãs do organismo do Todo, permaneceram funcionando coordenadamente para a saúde deste, enquanto as outras células adoeceram, permanecendo no organismo do Todo, mas funcionando desordenadamente.

Enquanto expomos estas novas formas de representação do fenômeno, observemos de quantas maneiras diferentes pode se expresso, mesmo tendo em conta que nenhuma é suficiente para exprimi-lo por completo. Paralelamente, podemos representar de muitos modos diferentes o fenômeno da evolução. Por exemplo, como um regresso, uma subida, ou um fenômeno de reabsorção no Sistema; como um voltar a pensar, funcionar e existir segundo a Lei, após haver feito o contrário; como uma cura da natureza corrompida dos elementos; como um endireitar da própria posição invertida; como a direção do próprio movimento rotativo, invertendo a carga eletro-negativa do Anti-Sistema, na carga eletro-positiva do Sistema etc. A exemplificação poderia continuar. Mas, o conceito conclusivo e focalizado agora, é que os modos pelos quais podemos representar em nosso relativo o fenômeno da criação, da revolta e da queda, ocorridos nas dimensões do absoluto, situadas fora de nosso concebível, são infinitos. Escolhemos

apenas alguns modos, pouquíssimos, deixando a fantasia do leitor imaginar todos os que ainda achar úteis.

Todavia, se tantas podem ser as nossas observações no relativo, com as quais procuramos ver representado o fenômeno, este, na realidade, teve e tem caracteres e comportamento bem definidos, que uma observação mais atenta vai sempre representando melhor. A queda não se verificou ao acaso, por si mesma. A Lei, ou seja, o pensamento de Deus, previra-lhe a possibilidade; prova-o o fato de haver determinado o seu decurso e suas conseqüências, mesmo antes da sua ocorrência. Sem dúvida, devia haver na Lei, princípios que, mais tarde, ao se verificar a queda, teriam regulado a descida involutiva e, também, a posterior subida evolutiva, como no-lo demonstra o seu evidente telefinalismo.

Em todo o fenômeno verificamos uma maravilhosa correspondência entre as partes, um desenrolar de equilíbrios, um contrapor de opostos que se compensam; há uma providência, uma sabedoria e uma harmonia jamais desmentidas, que tanto mais se revelam, quanto mais aprofundamos a nossa observação, descendo aos pormenores. Por isso, o fenômeno da queda assume cada vez mais características de um incidente, necessariamente deixado à liberdade da criatura, porque essa liberdade devia também necessariamente existir, a fim de satisfazer a outras necessidades do plano. Tudo, portanto, estava sujeito a normas precisas, previsto e correspondente às exigências impostas pela lógica desse plano.

Pode então, dizer-se que a desordem da queda ocorreu ordenadamente, ou seja, sempre contida dentro dos limites estabelecidos pela Lei, que permaneceu sempre senhora do fenômeno. Este jamais se lhe escapou das mãos, tendo sempre permanecido submisso sob o seu controle. Os que vêem na queda uma imperfeição inadmissível na perfeição do Sistema, não compreenderam tratar-se de uma imperfeição contida no âmbito da perfeição, regulada e dominada por esta. E isto é lógico. Não é admissível que, após o plano perfeito, pensado por Deus, algo lhe pudesse escapar ao domínio e controle. Portanto, também a revolta e a queda não podiam sair do âmbito da Lei, que representa a presença de Deus no Sistema e o princípio regulador de todo o existente, em qualquer momento e sob qualquer forma. Era necessidade fundamental e lógica, que a Lei tudo abarcasse e fosse impossível escapar-lhe algo, pois isto constituiria uma perda de poder e de controle do Criador sobre a obra criada, representando Sua derrota e falência. Essa mesma necessidade lógica nos obriga a admitir a possibilidade de uma queda prevista com antecedência, no caso de a criatura querer o não praticá-la. Era de sua competência, sendo-lhe permitido voltar à perfeição, após o erro e suas conseqüências, ao invés de atingi-la com a aceitação. Mas, não estava em seu poder alterar os planos divinos, que tudo haviam previsto e regulado com antecedência. Deus estava no todo e com todas as possibilidades. Tudo está em Deus, e a própria revolta não podia estar senão em Deus, porque nada pode existir além e fora Dele. Portanto, esta também devia estar contida em Seu pensamento fazendo parte de Seus planos, que não podiam deixar de ter organizado tudo com antecipação. Por isso, devemos reconhecer que até a queda devia desenrolar-se segundo uma lei, como de fato a vemos, representando dessa forma uma desordem ordenada e uma imperfeição perfeita; uma imperfeição tão bem regulada, que nos dá uma das maiores provas de perfeição de Deus.

Após estes argumentos, procuremos alcançar e expor a terceira representação mental do fenômeno da queda, acrescentando maior esclarecimento à pergunta formulada sobre como constituiu e ocorreu a queda. Segundo esta nova imagem do fenômeno, a queda consistiu na contração individual de cada elemento, para dimensões evolutivamente inferiores. Cada um teve a sua queda particular conforme a sua culpa. O período involutivo ter-se-ia iniciado com a revolta de cada um dos elementos rebeldes, com uma transformação interior, permanecendo todos no Sistema, no mesmo ambiente do Tudo-Uno-Deus. Com a revolta individual, o ser ficou à mercê do processo involutivo que o teria transformado, passando a constituir com todos os rebeldes no fim desse processo de transformação, o Anti-Sistema. Com esta terceira imagem do fenômeno, o conceito, da segunda imagem – expulsão do Sistema ou projeção para fora dele – assume uma outra concepção não mais deslocamentos espaciais, mas mudança na natureza do elemento.

Então, a expressão da imagem precedente, que dizia: os mais altos caíram, proporcionalmente, mais embaixo; ou os mais centrais no Sistema foram arremessados mais longe no Anti-Sistema; pode, agora, ser traduzida dessa maneira: os maiores tornaram-se presos de um processo íntimo de transformação, que os levou a um estado de mais profunda contração de dimensões. O processo de expulsão do Sistema teria sido constituído, então, não de afastamentos espaciais, mas qualitativos; ou seja, teria consistido num regresso involutivo, mais tarde corrigido por um progresso evolutivo, de endireitamento daquele processo. Além disso, essa transformação teria ocorrido ao longo da linha dada pelo tipo, segundo o qual, cada ser foi criado, ou seja, ter-se-ia verificado para cada indivíduo, nos termos específicos próprios, segundo sua natureza, seguindo um canal involutivo-evolutivo próprio de cada um, descendo involutivamente até o ponto situado no Anti-Sistema, nas antípodas da posição antes ocupada no Sistema, para, em seguida, subir em sentido oposto pelo canal, até o ponto de partida. Assim, o ciclo involutivo-evolutivo da queda é constituído por um movimento destrutivo-reconstrutivo, dado por um íntimo transformismo, que muda a constituição do ser, primeiro ao longo de uma fase de aprofundamento involutivo, e depois numa segunda fase de emersão evolutiva.

Desse modo, tudo permanecendo no Sistema, a parte rebelde teria caído no próprio desfazimento interior, sem perturbar, com a própria alteração patológica, a parte sã do Sistema; esta continuou a viver inalterada na ordem em perfeita saúde. Isto nos faz pensar que a Lei tivesse ao seu dispor freios automáticos à dilatação epidêmica da desordem. O freio automático foi a impossibilidade de cair na escala involutiva além do ponto determinado pelo impulso que era proporcionado à altura ocupada pelo ser no Sistema. Aconteceu exatamente segundo o modelo repetido em nosso organismo, quando aparece um estado patológico, no qual a natureza procura imediatamente isolar e circunscrever o mal, a fim de impedir a sua difusão e melhor combatê-lo.



Procuremos precisar com maior exatidão os conceitos da visão. Dissemos tratar-se de uma contração, regresso involutivo, transformismo íntimo, desfazimento interior, tentando, com estas diversas expressões dar uma representação ao fenômeno. Mas serão exatas e dirão tudo? Não haverá, talvez, um conceito mais profundo, além destas primeiras aproximações? A cada passo à frente e maior ajustamento, percebemos estar por aparecer uma realidade mais consentânea, pronta e revelar-se tão logo se queira observar a visão com maior profundidade. Então, que outros conceitos podem se esconder por trás das primeiras representações do fenômeno? Observemos, mais atentamente.

Dissemos, há pouco, que a realização da queda não foi abandonada ao acaso, mas tendo ocorrido segundo uma Lei, pela qual, cada movimento, mesmo deixado à liberdade do ser como possibilidade de ocorrer ou não, tinha sido previsto e enquadrado numa disciplina, unicamente segundo a qual podia desenvolver-se. Então, como se realizou exatamente o fenômeno, que simplesmente exprimimos com as palavras: contração, transformação, desfazimento? Qual a realidade escondida atrás dos seus significados?

A evolução da-nos um sentido de expansão, de superação de limites, de emersão do baixo para o alto, de libertação da prisão. O fenômeno da involução apresenta-se-nos com características opostas. Aparece-nos como um processo de contração, e a evolução, ao contrário, como de expansão, levando-nos a pensar que na estrutura do espírito, no estado puro em que fora criado, quando tudo tinha sido previsto, deviam existir as posições, através das quais se teriam podido operar as transformações, que constituem o processo involutivo e evolutivo. Em outros termos, na estrutura dos espíritos criados devia existir, no estado latente ou embrional como de sementes, as posições que depois apareceram no período evolutivo, ou seja, de energia e matéria. Sem esta preexistência, não se sabe donde possa haver derivado esse modelo, mais tarde

seguido, na queda e na subida; preexistência, no entanto, puramente potencial, como possibilidade pronta a realizar-se, logo que uma revolta tivesse acontecido, através de um primeiro impulso, tal como ocorre, com a centelha, que acende uma dinamite já pronta, mas pode permanecer indefinidamente inerte, se a centelha não ocorre.

Deduzimos, então, que a Lei, ao prever a possibilidade de uma revolta tinha também previsto com antecedência o seu caminho, caso esta viesse a se verificar, colocando os germes do seu desenvolvimento. Havia-lhe traçado todo o percurso. Nada podia escapar à Lei, cuja ordem, sempre soberana, devia controlar essa desordem, produzindo os seus devidos efeitos, para ensinar e salvar, com equilíbrio e justiça, e não para destruir, reconduzindo tudo a Deus, após seu desmoronamento no caos. Sem essa previsão, não se explica como os fenômenos da involução e da evolução tenham resultado, tão proporcionados, equilibrados e orientados em seu desenvolvimento; regulados conforme uma exata e recíproca compensação de opostos. O desmoronamento ocorreu e a recuperação é feita precisamente de acordo com uma Lei, da mesma forma como ocorre, segundo uma lei, num organismo vivo a doença e a cura. A Lei de Deus não podia ausentar-se, desaparecer, permanecer estranha, num fenômeno de tal importância, sem tomar-lhe conta. Não podia, também ter sido deixado, pela vontade de Deus, à vontade de alguns elementos rebeldes, tanto poder de forma a conseguir modificar a Lei. Esta não podia abdicar de suas funções diretoras, nem deixar de permanecer viva, presente e ativa, mesmo na queda. Por isso a faz chegar até o ponto devido, e não além, com equilíbrio e justiça, e a faz voltar atrás, enfeixada em normas, através de vários planos de existência, orientada segundo um telefinalismo preciso, como de fato vemos existir. Só assim podemos explicar a razão de nosso universo ter tomado a forma atual, o seu significado e donde se derivou o seu modelo. Só assim podemos compreender como tenha sido possível tanta e tal perfeição, na imperfeição.

Mas voltemos a observar a visão. Seria o modelo estrutural do espírito, que permitiria, no caso de revolta, à involução, antes, e depois à evolução, pudesse assumir a forma única, como de fato assumiu? Já dissemos que os espíritos possuíam não uma imperfeição absoluta, como a de Deus, mas subordinada e relativa à sua posição, nos vários círculos e suas funções no organismo do Sistema. Caíram, então, na imperfeição e, portanto, na possibilidade de errar e desmoronar, logo que saíram do âmbito daquela posição e função, nas quais constituía a sua perfeição. Ora, a queda, conforme esta terceira imagem adotada, foi constituída por um processo de introversão, que chamamos contração, significando que o centro vital dos espíritos rebeldes se deslocou para o interior de si mesmos. Com outras palavras, passaram a existir como vibração vital em outros planos de existência cujo despertar interior, lhes fora uma possibilidade prevista pela Lei, em caso de rebelião. Deflagrada a centelha, realizou-se a possibilidade e a existência dos rebeldes se deslocar a planos inferiores de existência. Esse foi o resultado e o significado do deslocamento do “eu” para o interior, causas e efeitos do fenômeno de contração. Justamente, como reação lógica de ricochete, que corrigiria o exagerado impulso expansionista da criatura, do querer ultrapassar os limites assinalados. Contração proporcional ao impulso da revolta de cada criatura, de acordo com sua posição e potência, para planos inferiores de vida, interiores a eles, para os quais, por lei de equilíbrio, foram arremessados os seres que tinham querido expandir-se demais para planos superiores de vida, exteriores a eles, situados além dos limites estabelecidos pela Lei.

Mas perguntamos ainda: porque esse deslocamento para o interior produziu a involução? A imagem mental, agora formulada representando o fenômeno, consiste em pensar que o desmoronamento não tenha ocorrido como no primeiro caso, no qual a queda foi imaginada como uma descida espacial, do alto para baixo; nem ocorreu como no segundo caso, em que a queda foi concebida como uma emigração de uma segunda esfera, projetada à periferia da primeira esfera do Sistema; mas que o desmoronamento tenha consistido numa contração individual de cada elemento, nas medidas estudadas por meio da segunda imagem, ou seja, proporcionalmente ao impulso determinado pela posição ocupada pelo ser no Sistema, conforme o seu círculo e poder. Enquanto na segunda imagem isto era visto em posição invertida, passando do Sistema ao

Anti-Sistema, por esta terceira imagem esse emborcamento não se dá mediante projeção para fora do Sistema, mas retrocedendo para o interior de cada um, por contração.

Como já verificamos essas posições do ser e modos de existir da substância, não puderam nascer por acaso. Nada podia aparecer que não tivesse antes pensado por Deus, ao formular o seu primeiro plano, no primeiro aspecto da Trindade. E essas posições do ser, em que lugar do Sistema podiam estar situadas, senão nos elementos que constituíam todo o Sistema? É lógico imaginar, então, que essas qualidades residiam no seu interior, prontas a desenvolver-se apenas no caso de alguma desordem viesse perturbar o equilíbrio, movimentando os impulsos da desordem. Assim, nos espíritos que permaneceram disciplinados na Lei, não o provocando, nenhum impulso foi determinado, que excitasse esse deslocamento. O micróbio da doença, não achando ambiente propício, não podia desenvolver-se. O impulso de inversão, dado pela revolta, o querer erigir-se na posição de Anti-Sistema dentro do Sistema, removeu os diques da ordem que mantinham presa a desordem, e dessa forma se romperam, provocando a queda. Tudo estava pronto. Foi como se Deus houvesse dado, nas mãos do ser, um revólver carregado, dizendo-lhe: não apertes o gatilho, porque explode. Certamente nem Deus falava nem os espíritos ouviam, como acabamos de imaginar, porque isto ocorre em nosso mundo. Mas o conceito estava contido no pensamento de Deus, vibrando sempre presente na Lei e eram percebidos pelos espíritos, imersos nessa atmosfera de pensamento. Continuando com a imagem do revólver, para os espíritos obedientes que não tocaram no gatilho, não houve detonação e a arma carregada não produziu dano algum. Mas explodiu para os espíritos que a quiseram manejar, pensando com isso, aumentar o seu poder, ultrapassando o limite da obediência. Assim, se produziu aquela contração que chamamos involução.

De acordo com essa terceira representação do fenômeno, essas posições, que revelam outras possibilidades de existência, situadas potencialmente no interior dos seres, eram as de energia e matéria. Nesta imagem, a revolta teria projetado o centro vital do ser de sua posição de espírito, para a posição de energia, e por fim para a matéria. Quanto mais poderoso o espírito e elevada sua posição no Sistema, mais potente o impulso da revolta gerado por ele, e tanto maior teria sido o efeito desta, como contração, ou seja, mais profundamente teria sido projetado o espírito no estado de matéria; mais densa teria sido a casca de matéria em que teria ficado preso. Acreditamos ter conseguido traduzir, nos termos desta terceira representação mental do fenômeno da queda, o conceito utilizado na segunda imagem desse fenômeno, na qual o ser foi projetado em posição invertida, fora do Sistema, no Anti-Sistema.

Dissemos “aprisionado em uma casca”, porque o emborcamento colocou o ser numa posição invertida, como é de fato a sua atual, no Anti-Sistema. Por esta inversão, não só tudo o que era positivo no Sistema devia transmutar-se em negativo no Anti-Sistema, como também o que era interior devia tornar-se exterior, e vice-versa. Assim, se explicaria por que e como, no homem, o espírito é íntimo no corpo, como o princípio espiritual é íntimo na forma e rege em todas as coisas. Isto faz pensar que, no espírito, existiria a possibilidade de um estado feito de matéria, como forma íntima no estado potencial, e que o existir na forma de espírito se tenha emborcado na posição inversa, não mais em poder mas em realização, posição material, que constitui a forma de existência de nosso atual universo. Com outras palavras, ter-se-ia passado (e nisto consistia a inversão) do estado no qual o espírito aprisionava e dominava como dono da matéria, nele jazendo fechada e adormecida em estado latente, como de não-existência, ao estado em que a matéria aprisionou e dominou, como dona, o espírito, nela permanecendo fechado e adormecido em estado latente, mais ou menos reduzido à inconsciência. Explica-se assim o estado atual, em que a matéria, outrora aprisionada e dominada, veio a aprisionar e dominar. Exprimindo-nos em termos espaciais, se a imagem não fosse por demais concreta, poder-se-ia dizer que o de dentro passou para fora, vindo a constituir (involução) a casa da forma física; e que o de fora passou para dentro, pelo que o espírito permaneceu aprisionado naquela forma de matéria. Pode compreender-se, então, porque a evolução consiste no processo contrário, pelo qual o espírito adormecido deve despertar, o prisioneiro da matéria deve libertar-se da forma, e o espírito por ela dominado deve voltar a

dominar. Se, com a queda, passou a ficar fechado dentro da matéria, agora, no regresso, deve sair de dentro para fora, na plenitude de sua vida.



Aceitamos a terceira representação mental do fenômeno, por nos parecer a mais apta a revelar-nos, com maiores relevos, alguns de seus aspectos, mesmo reconhecendo que não possa dizer-nos tudo. Pela mesma razão, aceitamos as outras duas representações, porque aptas a fazer ressaltar outros aspectos do processo. Cada uma revela-nos um ponto. O absoluto, para nós situados no relativo, é inesgotável e jamais terminaremos de percorrê-lo. Observamos várias representações e poderíamos continuar ao infinito, focalizando sucessivamente pormenores diferentes. As imagens examinadas, completam-se, na mais global visão possível, mas compreende-se que se trata apenas de expressões e pontos de vista diversos da própria visão que, em suas linhas fundamentais, permanece invariável. Em alguns casos, o mesmo conceito aparece em outra representação, traduzido em outras imagens. No relativo, a mesma coisa pode exprimir-se em muitas maneiras diferentes.

Por exemplo, esta última imagem, do aprisionamento numa casca, por emborcamento do externo no interno, e vice-versa pode ser expressa com outros conceitos que, suprimindo a idéia espacial de “dentro” e “fora”, ou seja, materializando-a menos, se afastam também menos da realidade do fenômeno. Então, à idéia de deslocamento, substitui-se pela de mudanças no estado da substância, constituinte do espírito. Com outras palavras: com a queda, o ser deslocou o seu centro de existência, mudando o seu modo de existir da forma pura de substância, como é o espírito, numa forma menos pura, como é a energia, e daí até à mais corrompida e inquinada, a matéria. Podemos pensar, então, que esses estados interiores do espírito eram apenas as fases previstas de um processo de corrupção progressiva do espírito, que se teriam tornado atuais no caso de uma saída sua do estado de ordem, o que lhe defendia a integridade e a saúde. Em outros termos, nas normas da Lei, teria existido também este princípio, pelo qual, se o espírito tivesse querido sair da disciplina de um regime sadio de vida, teria adoecido, com a doença da involução, levando-o do espírito à energia e à matéria, que seria o curso da doença. De forma que energia e matéria poderiam ser consideradas como estados de progressiva corrupção ou decadência do estado perfeito de espírito, e este seria então o sentido que deveríamos dar à palavra queda.

Poder-se-ia dizer, então, que a substância pode assumir vários estados, entre os quais o seu estado perfeito como espírito, e outros estados tanto mais corrompidos e imperfeitos, quanto mais sua forma se afastar do espírito para a matéria. Com a queda, a substância, que estava no estado puro, ter-se-ia arruinado, para depois tornar a curar-se, ao percorrer o caminho inverso da evolução. O processo de libertação da forma material seria um processo de purificação; o desmaterializar-se em formas de vida cada vez mais espirituais representaria a cura que, em termos religiosos, foi chamada redenção. Este é o sentido desta palavra. A queda reduziu-se a uma grande transformação da primeira substância, o Tudo-Uno-Deus, além do qual nada pode existir. Essa substância permaneceu inalterada nos espíritos obedientes, mas, se corrompeu nos espíritos rebeldes.

Esta idéia de corrupção evita a idéia espacial das várias imagens examinadas e as substitui, completando o conceito de contração e fazendo compreender melhor como seja possível, para o espírito, assumir a forma de existência representada pela matéria. Dessa forma, ao conceito de contração do ser por deslocamento de seu centro de vida, exterior para o interior e ao conceito de que por esse caminho se possa atingir o estado da matéria, substituiu-se pela idéia mais profunda de uma transformação da substância do ser por efeito e um processo de corrupção progressiva, que vai do estado de espírito ao estado de matéria. Assim, ao conceito de um espírito que contenha potencialmente, dentro de si, os estados de energia e matéria, nas quais o espírito se contrai e que, portanto, aflorem com a revolta, substitui-se o conceito pelo qual a energia e a matéria constituem uma corrupção da substância, acarretando doença e

decadência para o espírito, por efeito da revolta. Com este último aspecto de nossa terceira representação mental do fenômeno da queda, evita-se totalmente a idéia inexata de deslocamento espacial, que tivemos de aceitar nas primeiras aproximações, ao interpretar o fenômeno.

Para não arrastar ao infinito a argumentação e concluir o livro, devemos terminar por agora a nossa exposição das várias representações mentais, aptas a reduzir, ao nosso concebível, a substância da visão, em pormenores cada vez mais exatos. O nosso caminho poderia continuar, e continuará em outros livros. A pesquisa não tem limites, e ao descobrir novos horizontes, aparece imediatamente outro mais remoto. Grande é a nossa viagem pelos mares inexplorados do conhecimento. Atravessamos um oceano e aparecem novos continentes, nos quais viverá amanhã uma humanidade mais feliz, porque mais inteligente. Orientamos a primeira rota, pela qual poderão orientar-se melhor, mais tarde, os outros navegantes. Possuímos agora, de forma racional e compreensível, os princípios gerais até hoje apenas vagamente afirmados, e não provados, pelas religiões e teologias. Dão-nos as chaves para abrir outras portas do conhecimento, permitindo penetrar em pormenores cada vez maiores, até ao contato com os fenômenos e explicá-los no terreno, próprio da ciência.

Baste-nos, por ora, ter-nos desincumbido da tarefa deste volume, fruto do novo amadurecimento hoje atingida, ou seja, expor a visão de forma mais profunda, além da conseguida no volume *Deus e Universo*. Subimos, assim, mais um pouco e passamos a compreender o fenômeno da gênese, queda e subida, de que somos filhos; conhecer um pouco mais do que conhecíamos, no fim do volume precedente.

Assim, vamos avançando laboriosamente, e construindo o grande edifício. O nosso pensamento vai cada vez mais se aperfeiçoando por graus, esclarecendo-se sempre mais, analisando, provando o que foi dito desde o princípio, com conceitos que jamais se modificaram, mas foram, cada vez mais se confirmando. Jamais retratamos uma só palavra, por ter sobrevindo um fato que a demonstrasse errada. O trabalho consiste, sobretudo, em demonstrar, com a análise, que são verdadeiras as conclusões ou os totais das operações, colocadas antes da argumentação, quando ainda ignorávamos completamente, em princípio, o desenvolvimento futuro. Mas, a finalidade principal já foi alcançada que é a de mostrar as linhas gerais da Lei que dirige tudo e todos, e contém o pensamento de Deus. Outros, encontrando outras aproximações, poderão, subindo ao longo do relativo, continuar o tremendo trabalho de aproximar-se mais do absoluto, descobrindo-lhe sempre novos aspectos. Nós, segundo os planos preestabelecidos, e ainda todos não conhecidos, continuaremos a realizar nossa tarefa, até que tudo esteja completo.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim do livro. O nosso trabalho de análise e de crítica está terminado. Os conceitos da visão foram levados ao contato da realidade existente entre nós, em nosso mundo, como sua conseqüência. O fato desta realidade confirmar os conceitos, deu-nos prova de corresponderem à verdade. Descemos aos pormenores e vimos que confirmam o universal donde partimos; que efeitos no relativo são explicados por sua concordância com as suas causas, situadas no absoluto. O controle lógico e positivo que fizemos da visão, obtida por intuição, mostrou-nos, na realidade, a concordância entre os fatos circundantes e os princípios da visão. Esta correspondência de um pólo ao outro do todo, do Sistema, colocado além dos nossos meios de conhecimento, ao Anti-Sistema em que vivemos, constitui uma afirmação que nos diz ser a visão verdadeira. Observando e raciocinando, esclarecemos os pontos obscuros, respondemos às perguntas e objeções, resolvendo as dúvidas e as dificuldades.

O quadro está agora completo diante dos olhos. Foi apresentado primeiramente limitado ao ambiente terrestre, tratando-se apenas do trecho matéria-homem, no volume *A Grande Síntese*. Depois o quadro foi ampliado em suas linhas gerais, abarcando o ciclo completo do ser que, criado e depois afastando-se de Deus, a

Deus regressa. Isso foi feito no volume *Deus e Universo*. Finalmente, no presente livro *O Sistema*, o quadro foi completado em muitos pormenores, confirmado pelas provas oferecidas pela realidade em que vivemos, observado melhor e demonstrado verdadeiro sob novos pontos de vista. Esses três volumes: *A Grande Síntese*, *Deus e Universo* e *O Sistema*, são os três degraus de uma mesma verdade, que progressivamente se está revelando, por meio de fases de amadurecimento do instrumento, que assim se torna apto a compreender e explicar cada vez mais profundamente, como ocorreu nos últimos dois capítulos deste livro.

Dessa forma se pode compreender como funciona o fenômeno inspirativo, partindo dos princípios gerais para depois descer aos particulares. Prova-nos isto a genuinidade do fenômeno. Se se tratasse de uma criação mental do instrumento, dever-se-ia como faz a ciência, partir da análise do estudo dos fatos particulares, único meio que a razão possui para chegar ao conhecimento. Não tomar como ponto de partida a teoria geral, que representa normalmente o ponto de chegada, como conclusão de pesquisas efetuadas. Aqui, ao invés, começamos pelo absoluto, para chegar apenas no fim às suas conseqüências em nosso mundo. Parece ser este o método direto do Sistema, enquanto o outro, usado comumente, parece constituir o método inverso, do Anti-Sistema. Se a razão sozinha quisesse arriscar-se a usar o primeiro método, que do Alto desce, ao invés do humano que sobe de nosso mundo aos princípios que o dirigem, correria o risco de necessitar rever as posições tomadas e corrigir as próprias afirmações gerais, quando os fatos não as confirmassem. Seria fácil errar, por não haver previsto tudo. Como se explica não ter sido corrigido?

A mente humana procura a verdade por tentativas e hipóteses, e só chega a encontrá-la no fim, como conclusão das suas pesquisas. Mesmo neste caso trata-se de verdades parciais, de teorias circunscritas a determinadas ordens de fenômenos, tanto que, diante de uma síntese universal a ciência, com o seu método de observação e experiência, pode, imediatamente, declarar-se incompetente, impotente para alcançá-la. Como explicar o nosso caso, em que não procedemos por tentativas e hipóteses, como se faz na busca do desconhecido, mas ao contrário, com um sentido seguro da verdade, como se já fosse conhecido, afirmando-o decisivamente desde o princípio, e depois sempre mais esclarecendo, e nunca corrigindo? Como explicar, sem o fenômeno inspirativo, que os totais das operações tenham sido colocados como uma premissa, anteposta às mesmas, antes de realizá-las e sem o escritor conhecê-las? Essas mesmas só pouco a pouco chegam ao conhecimento, à proporção que se vai escrevendo. E como mais tarde, ao analisá-las, pode verificar-se que elas levam exatamente àqueles totais? É evidente que a mente humana, sozinha, não pode funcionar desse modo, produzindo esses resultados. E então? Estes livros são um fato positivo, e não se resolve o problema pelo fato de querer ignorá-lo. Quando nos achamos diante de um efeito inegável, que não se pode destruir, cumpre-nos descobrir a sua causa, se não quisermos renunciar a compreendê-lo.

Dessa forma, o leitor que tiver chegado ao possuir conceptualmente toda a visão aqui exposta e desenvolvida, poderá ver em sua mente um quadro completo. Aparecer-lhe-á como um todo harmônico, compacto em suas partes, logicamente ligado em todos os seus pontos, sem resíduos insolúveis nem com vazios de mistérios; um quadro que resolve os problemas, esgota o assunto, sacia a mente, satisfaz o espírito. O todo nos aparece como um verdadeiro edifício, como foi pensado por Deus no primeiro momento, executado no segundo, traduzido em realidade no terceiro momento da Trindade. Esse edifício, cuja construção aqui se mostrou, representa a vitória da unidade. O monismo afirmado desde o início no volume *A Grande Síntese*, recebeu aqui nova e plena afirmação. O alfa e o ômega do universo foram unidos no mesmo ponto: Deus.

Até hoje a humanidade não conhecia tudo isto senão vagamente, através das religiões e lendas, sem análises e sem controle, sem demonstrações racionais nem prova de fato. Mas, chegou a hora em que deve saber. Por isso, na plenitude dos tempos, foi permitido a um pobre instrumento ler um pouco mais claramente, no pensamento de Deus. Quem compreende que estamos todos imersos nesse pensamento, constituindo a atmosfera que todos respiramos e da qual todos tiramos a vida, não se surpreende com essas palavras. Não há maravilha alguma, em alguém o

descobrir e perceber, fato que pode ocorrer a todos quantos tenham olhos para ver e ouvidos para ouvir.

Esta nova forma de compreender não deseja destruir as revelações precedentes, mas quer confirmá-las, desenvolvendo-as e explicando-as, com esclarecimentos e demonstrações necessárias, porque hoje, para crer, é necessário convencer, e não basta impor por princípio de autoridade. A inteligência desenvolveu-se e ninguém, a não ser um primitivo, está mais disposto a aceitar cegamente o que não estiver claro e provado. A humanidade necessita conhecer o edifício dentro do qual está morando, tanto mais que bem depressa, terá de assumir a direção e a administração dessa parte chamada Terra. A humanidade precisa desta nova evidência, indispensável para começar a aprender e se comportar melhor, sem a qual não mais se pode viver como seres civilizados. Este alimento espiritual chegou, de maneira a poder prover a nutrição necessária para continuar a vida, progredindo.



Assim nasceu este volume da segunda obra, coluna central da mesma, situada no início da segunda das três trilogias. Continuamos, tenaz e fielmente, a trazer a nossa contribuição para a construção do edifício do conhecimento, orientar nos pontos vitais e responder às perguntas que o homem faz, sem muitas vezes encontrar resposta.

Infelizmente, parece inevitável que as novas construções, mesmo as mais pacíficas e necessárias, perturbem as velhas. Embora o novo pareça irregular, porque revolucionário, inconstitucional e irreligioso, nem por isso se pode parar o progresso. Disseram que estes livros sacodem os alicerces de todas as religiões. Não seria o contrário, isto é, viriam a reforçar esses alicerces, sobretudo nos princípios gerais que elas têm em comum, demonstrando com a força da lógica e dos fatos serem seus princípios verdadeiros e reais, sobrepujando a forma, ainda vaga, baseada na fé ou na lenda, sem controle, até agora assumidas? Além disso, sempre proclamamos o máximo respeito por todas as doutrinas e se as teorias forma expostas como verdade, nem por isso pretendemos impô-las a quem as não quisesse admitir, pois, foram apresentadas como hipóteses. Tudo foi simplesmente oferecido para cada um buscar aí, conforme o seu desejo, o que lhe fosse útil. Entretanto, estes livros foram condenados pelas religiões que mais se opuseram pelas razões acima e reciprocamente se excluem. O novo sempre se encontra diante de uma parede de dogmatismo, para qualquer lugar onde se dirija, porque encontra posições já conquistadas, procurando aumentar o poder que já possuem, e não deseja caminhar pelas estradas do progresso. Prevalece sempre o instinto humano, de armazenar tudo na própria casa, excluindo e condenando o novo porque, mesmo de acordo com o velho, se apresenta sempre como uma revolução. Prevalece o instinto de apegar-se à forma, trocando-a pela substância, ao aderir à letra que mata, invés de ao espírito que vivifica.

Mas agora a construção chegou a cerca de 4.000 páginas. Para destruí-la, precisaria ser construído um outro edifício do mesmo tamanho. Criticar e condenar é fácil. Só quem construiu com a tensão de todos os dias, durante dezenas de anos, sabe o que significa construir. Por isso, muitos criticam e poucos constroem.

Pelo modo de agir, parece interessar mais em conservar íntegro o próprio grupo, que progredir no conhecimento da verdade. Pensam já a possuir totalmente, o que os autoriza, a não se incomodarem em trabalhosas e perigosas pesquisas. Assim, as religiões demonstram ser contrárias a qualquer nova indagação, porque esta pode levar a conclusões novas, diferentes das que já possuem, e dessa forma minar o velho edifício. A verdade já foi conquistada, possuída; fazê-la progredir, significa atentar contra um patrimônio sagrado. É o misoneísmo da vida que resiste ao impulso renovador dor progresso. Por isso, qualquer tentativa nesse sentido perturba, é olhada com suspeitas, e são-lhe postos obstáculos. Tudo permaneceria anquilosado nas velhas fórmulas, se se pudesse paralisar a evolução. Mas, como detê-la, se ela é uma lei fundamental da vida?

Além disso, há outra lei, contra a qual é difícil rebelar-se: a lei de solidariedade, pela qual quem caminhou um pouco mais à frente, é levado instintivamente a olhar para trás, a fim de ajudar os outros a subir. Lei sábia e necessária para impedir que o progresso, distanciando os seres uns dos outros, quebre a unidade, justamente o princípio do Sistema, para o qual todos caminhamos. Para reconstruí-lo, é mister todos chegarem à salvação, e por isso, logo que alguns elementos estejam mais adiantados, tornam-se instrumentos, de evolução, auxiliando os outros que ficaram atrás.

De tudo isso, podemos imaginar quanto esforço deve enfrentar e quantas dificuldades deve superar quem quer construir. Nenhum grupo, nenhuma religião o defende, porque cada um desejaria apenas a filiação, a fim de aumentar o número de prosélitos, não lhe importando evoluir para um conhecimento maior. Quem constrói o novo está sempre só. De um lado, vê as doutrinas e os textos das religiões, com a solução própria dos problemas, mais incompleta e obrigatória. De outro lado, vê os fatos que indicam soluções mais completas e a urgência destas. Assim se achou Galileu entre a Bíblia, segundo a qual Josué parou o sol e as observações, que lhe diziam, teria sido a Terra que deveria ter parado, em tal caso, porque não era o sol que girava em redor da Terra, mas a Terra em redor do sol. Para satisfazer à tradição, Galileu retratou o que foi classificado como seu erro e heresia, sem poder deixar de reconhecer os fatos, acrescentando o seu famoso: "eppur si muove" (e, no entanto, ela se move).

Como conseguir, modificar os fatos, dobrar e torcer a evidência, para fazê-los coincidir com esta ou aquela doutrina que ensina diferente? E se não concordam, como fazer calar a realidade? Não está em poder de algum homem mudá-la, para pô-la de acordo com os textos do passado, como não estava em poder de Galileu parar a Terra para fazer o sol girar em redor dela, só porque assim dizia a Bíblia. Nesses casos, a única coisa que resta fazer é deixar de parte as doutrinas, com todo o respeito, porque elas têm uma função a cumprir, e permanecer com os fatos.

Quem não quiser aceitar as conclusões resultantes, deveria contrapor outros fatos positivos. Estamos no século da ciência, no qual o homem quer compreender, sem o que não aceita mais crer. É o direito das crianças que se tornam homens. Se tudo não tiver explicação, depressa a humanidade não acreditará mais em nada. E isto já está começando a acontecer. O consenso das massas ignorantes não pesa no progresso do mundo. Em qualquer religião seguem sempre os seus instintos e se enfileiram atrás dos vencedores, que gritam mais alto. O que interessa é o consenso dos pensadores e dirigentes, atrás dos quais segue a multidão. Hoje só se pode aceitar uma doutrina que resolva tudo, racionalmente controlada, trazida ao contato dos fatos que a expliquem. Se deixamos a humanidade sepultada ainda entre os mistérios, ela retrocederá, animalizando-se no materialismo, dominada apenas por seus baixos instintos. Se a condição para salvar-se for a de cortar a cabeça para não compreender, o homem preferirá perder-se com a cabeça, a salvar-se sem ela. Hoje a ciência nos ofereceu muitos conceitos novos que outrora não se conheciam e o homem já amadureceu mais, por isso, a iluminação da mente é um dever e uma necessidade.



O nosso trabalho foi de pura pesquisa, com a maior imparcialidade, a fim de conhecer como tudo acontece verdadeiramente, e não para defender esta ou aquela doutrina ou grupo humano. Assim, como não foi possível, como às vezes se faz, antepor à pesquisa os ditames de cada escola, pelo fato de se pertencer a ela, também não foi possível recusar, a priori, a verdade sustentada por esta ou aquela doutrina, só pelo fato de não ser a nossa. Quem procura a verdade, não pode ter outra finalidade: caminha sem saber como poderá concluir e deve estar pronto a aceitar sem preconceitos tudo o que venha a ser demonstrado verdadeiro.

É preciso compreender a função do pesquisador. O seu estado de alma e as suas finalidades são completamente diferentes dos do crente ou ministro que têm de defender a sua fé. Estes procuram prosélitos e não o conhecimento. Têm a medida já estabelecida, com a qual tudo medem, julgando verdadeiro somente o que

corresponde a essa medida, e falso o contrário. Possuem uma verdade já confeccionada para o uso, à qual nada se deve acrescentar, não admitindo transformações. Pesquisar para iluminar e progredir, traz desordem às fileiras, sendo portanto ato reprovável, com sabor de insubordinação. No entanto, o estado da alma do pesquisador honesto não é absolutamente o de agressividade. Interessa-lhe descobrir e conhecer a verdade, e não defender ou demolir as instituições humanas. Naturalmente, é contrário ao interesse de muitos que constituem a maioria.

Dada esta atitude de pesquisa objetiva, não nos foi possível tomar em consideração as teorias não susceptíveis de controle, sobre as quais, por isso, não era possível exercer alguma crítica que nos desse a prova da sua veracidade. Por exemplo, o pensamento religioso da antiga Índia, mesmo tão profundo, chegado ao Ocidente através de várias escolas diz muitas coisas; mas, mesmo quando traduzido, continua a dizer com palavras ignoradas por nós, com sentidos intraduzíveis em nossa forma mental e na linguagem racional e científica; além disso, são ditas de uma forma simbólica, própria a velar, mais do que a revelar o pensamento que a nossa mentalidade ocidental, para aceitar exige que seja expresso com imagens nossas, mais próximas da realidade qual a concebemos. A mentalidade oriental é muito diferente da ocidental; diferentes são os pontos de referência e também o que constitui prova convincente e meio para esclarecer. Falta-lhe aquela psicologia de crítica e controle, para nós tão importante, porque nela se baseia o nosso progresso científico. Por isso, o esplêndido edifício constituído pela antiga Índia, permanece como uma afirmação não-demonstrada nem demonstrável, que pode ter valor mais como mitologia do que como solução de problemas.

Tudo isso nos chegou através da Teosofia. O mesmo podemos repetir para a Antroposofia de Rodolfo Steiner. O Espiritismo Kardecista não nos oferece material suficiente, em relação aos temas que aqui tratamos, porque não enfrentou decisivamente esses problemas e, portanto, para ele, isto constitui um terreno inexplorado. O catolicismo permaneceu gloriosamente no século de São Tomás: pensamento profundo, mas velho, que ignora os problemas modernos, e além disso está corroído pelos abusos da escolástica. A Bíblia, por outros preferida, foi escrita em outros tempos, para outras mentes e afins, e não para resolver os nossos problemas, então completamente desconhecidos.

Ora, tudo isso está muito longe de estar errado. Há nessas doutrinas centelhas de luz, mas não há um quadro universal que esgote o assunto, que resolva tudo: um sistema teológico, científico, racional e positivo, que coordene tudo, até mesmo as últimas conquistas do conhecimento humano, em estreita unidade. Com isto, não queremos afirmar tenhamos chegado a ver toda a verdade. Mas esperamos ter atingido o nosso objetivo, isto é, o de chegar a ver um aspecto mais completo, profundo e convincente da verdade. Continuaremos amanhã, e outros depois prosseguirão neste mesmo caminho e sobre ele continuarão também as doutrinas e as religiões, porque este é o fatal e irrefreável caminho do progresso do pensamento humano. No entanto, aos céticos, ainda não convencidos, não pretendemos oferecer os resultados atingidos como verdade completa, definitiva e absoluta; oferecemo-la apenas como hipótese de trabalho, a fim de a controlarem por meio de suas observações e experiências, aceitando-a se demonstrada pelos fatos, ou recusando-a se estes dizem o contrário e, neste caso, construir uma verdade melhor, que coloquem no lugar desta. E, às várias doutrinas filosóficas e religiosas, pelas quais nutrimos o máximo respeito, não só não queremos substituir-lhes qualquer de suas verdades, nem mesmo o sistema aqui exposto, mas oferecemos o fruto do nosso trabalho, a fim de o tornarem seu, pois o mais importante é fazer progredir o pensamento humano. Este é o único objetivo que nos prefixamos.

Uma das primeiras razões da condenação de *A Grande Síntese*, por parte do catolicismo ortodoxo, foi a concepção monista e panteísta do universo. Mas como conceber um universo onde Deus não esteja presente em todas as suas partes, mantendo-o como um princípio animador, em perfeita unidade? E no entanto, este foi o pensamento dos maiores místicos cristãos! Era o pensamento de São Francisco de Assis, quando sentia Deus em todas as coisas e criaturas. O panteísmo é justamente condenado porque consiste, frequentemente, em crer que todas as coisas e criaturas sejam Deus por si mesmas. Mas, esta é apenas uma interpretação materialista do panteísmo.

Para combater esse panteísmo errado, não só se condena o panteísmo sadio dos místicos, mas se cai no erro oposto, ou seja, o de admitir um Deus somente pessoal e transcendente, separado de Sua Criação. Com esta separação, Deus e o mundo resultam contrapostos, num dualismo inconciliável. Isto levou à idéia de Deus não estar onipresente em nosso mundo, mas habitando apenas nos céus, longe, separado de nós; Ele não desce senão em Seus templos, por intermédio de seus ministros, e não será achado fora desse terreno reservado onde só existe erro e pecado. Desaparece assim a idéia da onipresença de Deus, transformado em prisioneiro de monopólios, encerrado em formas materiais de certas religiões. Verifica-se, desse modo, um afastamento, uma separação entre a alma e Deus, entre a nossa vida e o seu centro gerador, de cujo alimento continuamente tem necessidade. Perde-se, dessa maneira, o conceito de Sua maravilhosa potência saneadora, presença contínua, mesmo no secreto de nossa culpa; presença não apenas de dura justiça, mas sobretudo de amigo benéfico e médico salvador. Confirma-se, assim, a separação do dualismo; Deus nas igrejas e Satanás no mundo. Mas, se Satanás está no mundo, também Deus está no mundo do qual é o dono, a quem o mal deve obedecer. Com esta cisão, rendemos a Satanás a homenagem de um poder que ele não tem, ou seja, de possuir um reino todo seu, onde é dono absoluto, e no qual Deus não pode nem mesmo habitar. O homem iria de um a outro dos dois reinos e, ao viver no mundo, permaneceria a maior parte de sua vida pertencendo exclusivamente ao mal.



Talvez possa agora interessar ao leitor saber como foi escrito o presente volume e quais foram as minhas sensações na execução desse trabalho.

As horas de minha maior atividade começam mais ou menos às oito da noite, quando os outros vão repousar. Só então pode começar-se o trabalho, porque se pode ter a certeza do silêncio e tranqüilidade, sem perigo de interrupções. Não é possível fazê-lo durante o dia quando este é utilizado para outras atividades comuns a todos. Fechado no quarto, certo de que a minha atenção não será distraída por coisas exteriores, atinjo rapidamente o estado de alma apropriado, de profunda percepção e visão. O ambiente já está saturado dessas vibrações, no meio das quais continuamente trabalho, e posso envolver-me nelas imediatamente, pois constituem a minha verdadeira atmosfera, da qual vivo. Esta deve ser sobretudo harmônica, constituída de paz, de sentimentos de bondade, de absoluto abandono em Deus: em estado de completa harmonização com sua Lei. O ambiente é também sintonizado acusticamente, com este estado harmônico, por meio da música clássica dos melhores autores, que dessa forma podem funcionar como parede protetora, trazendo àquela atmosfera as altas vibrações de espíritos elevados. Assim, atingido em poucos minutos, o estado de alma apropriado, são novamente encontrados os conceitos desenvolvidos na noite precedente, torna-se a penetrar neles com os sentidos profundos da intuição, o espírito volta a mergulhar nesse mar de pensamento, e tudo é novamente visto com os olhos interiores da visão. Então, tudo é registrado, capítulo após capítulo, cada noite, muitas vezes até de manhã, quando já é necessário atirar o corpo em uma cama, em busca de um sono que então não vem mais. Isto durante meses e meses, até o livro estar terminado, para depois começar com outro; isto até se perder a capacidade de dormir.

Trata-se de subir a planos superiores de vida, próximos do Sistema. Não se trata do fenômeno comum da mediunidade, em que o "eu" renuncia à consciência de si mesmo, para abandonar-se em poder de não se saber a quem. Ao contrário, trata-se de um despertar da consciência além do normal, para atingir um estado que, à pessoa comum, pode parecer de extrema tensão nervosa, mas representa um estado de grande velocidade, em que, como no avião, parece-nos estar parados. Trata-se de um fenômeno do qual as teorias aqui desenvolvidas nos podem dar a explicação.

Nesse estado de despertar interior, a potência do centro vital se transfere toda para o plano do pensamento, conferindo uma lucidez mental agudíssima, enquanto ao corpo é deixado apenas o mínimo de funcionamento mecânico que lhe é necessário para não interromper a sua vida, e depois poder tornar a tomá-la em

seu plano. Não se trata, pois, de recepção mediúnicamente passiva, mas justamente o oposto, isto é, uma captação espiritual ativa, na qual a personalidade não é abandonada de maneira nenhuma em estados letárgicos, mas colocada em condições de extremo dinamismo. O estado de abandono em Deus é tudo menos inércia; é o resultado de uma adesão alcançada por haver compreendido e por ter fortemente buscado; é o produto de um esforço para subirmos e nos aproximarmos mais Dele, mais alto que o plano normal de vida. Isto é possível enquanto a personalidade se transporta, momentaneamente, a níveis superiores de evolução, transformando-se num tipo de individualidade biologicamente mais adiantado, o que lhe confere uma sensibilidade e capacidade perceptivas supranormais muito mais agudas, no sentido de permitir uma penetração conceitual muito mais profunda do que a da forma comum mental em seu estado normal. Então a percepção e a concepção abstratas, que em geral são as mais difíceis de atingir, assumem a evidência e a concretização, quase sólidas, com que passamos a ver e a tocar o nosso mundo, que nos aparece tão claro e real.

Esse estado é o que chamamos intuição ou inspiração. Devido ao longo hábito, obtido rapidamente o deslocamento de nosso centro vital e entrado em novo estado mental; aí permaneço imerso, traduzindo na linguagem das idéias e sensações normais, conhecidas por serem as de minha vida diurna, os conceitos que aparecem no estado de visão. O fenômeno permanece em cada momento perfeitamente consciente e controlado, permitindo-me, assim ter conhecimento do seu funcionamento e assenhorear-me de sua técnica.

Tão logo entrei no novo estado de visão conceitual, percebo o ambiente que me circunda, não mais no plano físico, e sim no plano espiritual, ou seja, como uma atmosfera de pensamento que me envolve completamente. Percebo-a como vibrações de todos os pensamentos positivos, de todos os sentimentos bons, de bem e de Amor, como divino poder ativo e criador, que rege a existência de todos os seres e coisas. Sei que existem aí também os pensamentos negativos, os sentimentos maus, de mal e de ódio, carregados de poder destruidor. Estão no mesmo ambiente que os outros, mas enquanto os impulsos dos primeiros, estando harmonicamente unidos, se somam, os dos segundos se destroem, porque estão em luta entre si. Além disso, estando sintonizados com os pensamentos bons, feitos de bem, encontro-me existindo apenas neste plano e ambiente. Percebo, então, somente os bons, e não os outros, pelo fato de não estar sintonizado com eles; como vibração não respondo, não percebo, não existo no seu espaço, pois, como vibração, apenas respondo, percebo e existo situado em outro espaço diferente, o dos pensamentos positivos.

Trata-se agora, de subir. Chegados a este ponto, o esforço é concentrado na subida. Comunicar-se com os desencarnados, que às vezes sabem apenas tanto quanto nós, quando não sabem ainda menos e são piores do que nós, não pode interessar num trabalho deste tipo. Subir, porque isso justamente me afasta das forças do mal e me abre as portas do conhecimento, o que constitui agora objetivo. Como é possível isto e como ocorre? O pensamento de Deus, que constitui a Sua Lei tudo dirigindo, sendo coexistente com o universo físico e dinâmico, constitui a sua atmosfera psíquica, na qual tudo está imerso, inspirando-lhe a norma diretora e o poder que sustenta a sua existência. Dessa divina atmosfera de vida cada tipo individual participa, recebe e compreende em proporção ao seu despertar espiritual, dado pelo plano de evolução alcançado. Nessa atmosfera está escrita a Lei, que representa o pensamento de Deus; nela está o conhecimento, estão feitas todas as descobertas e resolvidos todos os problemas. Ora, quem consegue, mesmo por um momento, subir, aproximando-se um pouco do Sistema no retorno evolutivo a Deus, pode ler nesse pensamento um pouco mais do que lhe permitem os recursos próprios do plano normal de evolução humana. Não pode ler tudo, mas um pouco mais do que é possível pelos meios comuns.

Ora, é lógico que tudo depende do grau de sintonização atingido. Quem se acha sintonizado, pelo tipo próprio de personalidade, com ambientes involuídos, espiritualmente baixos, perceberá, ao invés, na mesma atmosfera, as vibrações e os pensamentos baixos, que não atingem quem está sintonizado mais no alto, e que não os percebe. Quando o nosso espírito é feito de pensamentos involuídos só somos capazes de registrar as ondas do mal, do ódio e da dor. Esse estado é chamado inferno. Quando, ao

invés, vivemos de pensamentos evoluídos, então estamos aptos a registrar as ondas do bem, do Amor e da alegria. Dizemos, pois ser este o paraíso. Tudo depende do estado espiritual, conseqüência da elevação de nossa natureza.

Nos breves minutos necessários para entrar nesse estado de alma, tão diferente daquele a nos obrigar a luta diária, a personalidade deve percorrer várias adaptações e deslocamentos, ajudando com a vontade e o hábito, a transformação necessária. Neste momentos percebo uma elevação de temperatura psíquica do meu ser e o sistema nervoso se esquentando pouco a pouco até quase abrasar. Esse fenômeno pode exprimir-se de muitos modos diversos. Atingido o estado incandescente, de alta frequência vibratória, ou de forte tensão nervosa, o ser assume uma forma de existência que não é a normal durante o dia, chegando com isto a um estado vibratório e perceptivo que lhe permite entrar, com outros sentidos bem despertos, no ambiente espiritual, e comunicar-se com ele. Pode entrar, não porque tenha perdido consciência – fato que o afastaria ao invés de aproximá-lo – mas, por um despertar de consciência, acima do normal; em um confronto, o normal parece até inconsciência. Sem esse despertar que aguça a sensibilidade, o ambiente permaneceria inacessível e fechado. Assim é atingido esse outro mundo.

Quando lhe penetro, não ouço nem leio tanto quanto absorvo, tal como uma esponja na água, quer o pensamento, quer o sentimento e a potência, que constituem aquele ambiente. A absorção completa a transformação, dando-me, no cérebro, uma sensação de potência conceitual incontida, que transborda de todas as partes, sendo descarregada nas páginas que rapidamente se vão acumulando durante a noite. Os conceitos, alcançados pelo espírito, são transmitidos ao cérebro, que os transforma em palavras, e a mão escreve. Toda a personalidade é atravessada por uma potência vibratória percebidos com luminosidade e clareza de forma deslumbrante, que os vive, como se esses conceitos viessem a formar a sua própria vida. E tanto mais, à proporção que vão chegando, segundo o tema tratado, também como ondas de sentimento e poder. Forma-se assim, em todo o ser, um sentido de euforia, de leveza, de onipresença e dilatação, pelos quais aos pontos de referência do pensamento vão achar-se em outras dimensões.

Torna-se necessário, então, com a consciência bem desperta, exercer um controle ainda mais severo sobre si mesmo, provendo-se com algumas normas, como por exemplo:

1) Não se transviar, perdendo o controle de si mesmo. Permanecer senhor do fenômeno, crítico, positivo, sem perder o sendo se realidade.

2) Perceber toda a visão, com exatidão e clareza, mantendo-se ao mesmo tempo bem acordado também como mente racional, para poder traduzir os conceitos percebidos em dimensões superiores, nessa forma incompreensíveis para a psique comum, nos termos próprios desta. O trabalho a realizar é justamente esse: transportar o pensamento percebido por intuição, para a forma de palavras escritas, nas quais permaneça registrado definitivamente. Ao mesmo tempo, com a parte racional, observar o fenômeno que se está vivendo, recordando os seus particulares, para depois estudar o seu funcionamento. Trabalho necessário também, para se assenhorar da técnica do fenômeno e transformar-se de instrumento cego, em meio inteligente e ativo.

3) Não afastar demais do corpo físico, o próprio centro vital. A palavra afastamento não tem sentido espacial, mas de tipo de vibração. Portanto, não concentrar toda a vida própria apenas no plano espiritual, abandonando totalmente o corpo. Não tirar deste todas as energias vitais, mas deixar-lhe o mínimo suficiente para continuar funcionando, a fim de não se apagar permanecendo-lhe sempre ligado, ou seja, continuando a vibrar também um pouco em seu nível, para depois ser também possível resolver o problema de tornar a descer e reentrar cada noite, no fim do trabalho.

Com essas providências, começa-se. O ambiente físico quase desaparece, os sentidos corpóreos funcionam em surdina, enquanto outros sentidos se destacam e funcionam com outros poderes e percepções. Na mente, tem início um lampear contínuo, que ela absorve e com o qual se vai carregando cada vez mais. Daí a

imperiosa necessidade de descarregar no pólo negativo, em baixo, pela palavra escrita, essa carga acumulada na mente, no pólo positivo, no alto. Esta se embebe e se satura totalmente com essa atmosfera, e derrama em baixo tudo o que absorveu. Assim foi sendo escrito este livro, e estamos agora completando suas últimas páginas.



Procuremos, agora, analisar o que significa tudo isso, num sentido mais profundo, e compreender o que acontece com mais exatidão, no fenômeno inspirativo.

Como pode estar esse pensamento sempre à disposição do indivíduo, cada vez que o queira perceber? O fato é que ao lhe penetrar, a mente se enche de uma corrente de idéias ininterruptas. No meu caso não estudei antes do assunto. Tudo nasce ao escrever. Começa-se o livro e as pesquisas no vazio, sem saber onde se vai acabar. Como pode nascer sem um plano guia, estudado com antecedência, um trabalho orgânico coerente e convergente para certas conclusões inicialmente ignoradas? Além disso, mesmo se talvez existam, não conheço na Terra livros donde pudesse ter extraído o conteúdo desse volume. E no entanto, jamais faltaram as idéias, sentindo necessidade de estender em outro livro, as idéias que neste não couberam. Pergunto-me então: se esse pensamento cósmico não estivesse sempre, a cada instante, pronto na atmosfera psíquica circundante, como poderia ser recebido todas as vezes que o indivíduo quisesse? Isto confirma o ponto de vista exposto acima, ou seja, de não se tratar do fenômeno comum da mediunidade, mas da captação de um pensamento universal, sempre presente e em funcionamento.

Como isto é possível e acontece, pode ser esclarecido pelo novo ponto de vista oferecido pela terceira forma de representação mental, exposta no fim do capítulo precedente. Explicamos que, com a queda, os espíritos permaneceram no mesmo ambiente do Sistema, pois a queda não consistiu num deslocamento espacial, mas numa mudança em sua natureza ou sua transformação involutiva. Deduz-se que nós, seres decaídos em forma material, coexistimos espacialmente no ambiente espiritual não-decaído do Sistema, ou seja, estamos imersos no pensamento de Deus como os peixes no mar, pois o pensamento de Deus é onipresente, penetra tudo e constitui o Sistema. Então, esse pensamento está sempre presente, mesmo em nosso mundo material, em todos os momentos e em todos os lugares, não apenas como pensamento, sendo pois captável para quem possua a necessária sensibilização, função do grau de amadurecimento atingido, mas também como Lei: é o poder em ação, para realizar esse pensamento e diretor que dirige tudo o que existe e só pode existir enquanto é sustentado e dirigido por esse poder divino.

Eis porque esse pensamento se acha sempre pronto para ser captado se a cada momento a mente se volte em sua direção e se ache em condições de percebê-lo. Esse pensamento constitui a atmosfera psíquica do universo, coexistente espacialmente com a atmosfera dinâmica que o permeia, envolvendo os núcleos de condensação da matéria que nela se formaram. Por isso, podemos dizer que as três fases evolutivas: matéria, energia e espírito constituem três universos que se interpenetraram reciprocamente, de modo que tudo, inclusive nós, estarmos sempre imersos na substância de Deus. Trata-se de uma interpenetração íntima, pela qual respiramos a cada instante a atmosfera de Deus, fazendo dela a nossa vida. Existimos Dele e com Ele, porque não é possível existir sem Ele.

Mas, então, como normalmente não O percebemos? Em que consiste essa distância, se não é espacial, e no entanto nos deixa longe de Deus? De que é constituída essa barreira a nos dividir? Dele, tornamos tão inacessível à nossa percepção? Como não nos apercebemos de maneira nenhuma, em geral, dessa Sua presença tão viva?

Efetivamente há uma distância, mas não se trata de distância espacial, porém evolutiva, ou seja, de natureza e qualidade; uma distância evolutiva, produto do estado de contração ou desfazimento que resultou da queda. Nem

por isso Deus desapareceu dos planos inferiores de existência; desapareceu apenas a percepção que o ser tinha Dele antes da queda; desapareceu o estado de consciência e de sensibilidade capazes de alcançar essa percepção. Permanecemos, dessa forma, imersos em sua sabedoria e em Seu poder, mas distante Dele, sem conhecer-lhe.

Como pode ser superada essa distância, para reaproximarmos de Deus? Subindo o caminho da evolução, que significa regresso ao Sistema. Basta saber subir para a espiritualidade, que constitui os planos mais altos da vida, para neutralizar os efeitos da queda, percorrendo a estrada oposta da volta e encontrando dessa maneira, de acordo com a estrada percorrida, a sensação da presença de Deus e a percepção e Seu pensamento presente. Pode-se, assim, respirar essa atmosfera divina, sentindo-a e com ela comunicando conscientemente, enquanto os envolvidos estão nela mergulhados sem sequer imaginar Sua presença.

Eis então como ocorre o fenômeno inspirativo. O pensamento cósmico está presente em toda a parte, sempre pronto, qual atmosfera psíquica e universal, a ser atingida todas as vezes que um indivíduo tenha alcançado o amadurecimento apto para tanto. Basta conseguir esta condição, pois o livro de Deus está sempre pronto para ser lido e a sua leitura depende apenas das qualidades do leitor. A condição para esse pensamento cósmico ser alcançado, depende apenas da natureza e das condições do indivíduo, tornando-o apto à percepção. Está sempre presente, mas só pode comunicar-se com quem possua as qualidades necessárias, da mesma forma como a luz do dia está presente para todos, mesmo para os cegos, embora estes não a possam perceber, por estarem imensamente longe e por sua impotência sensorial. O que separa o homem de Deus e de Seu pensamento cósmico, no qual está a solução de todos os problemas, é apenas a insensibilidade, a impotência perceptiva do cego. Quando o homem evoluir, poderá, apenas pelo fato de ter aguçado com isto a sua mente e despertado o seu espírito, ler no pensamento de Deus, a solução de todos os problemas.

Procuremos esclarecer e explicar mais um pouco esse fenômeno inspirativo, sob outros aspectos. Quando o ser, com a evolução, atinge o plano espiritual no caminho ascensional, é possuído de uma sensação de expansão. A involução, efeito da queda, foi, ao contrário, um processo de contração, do positivo ao negativo, de felicidade à dor, da sabedoria à ignorância, da liberdade à escravidão, da vida à morte, do espírito à matéria etc.. A evolução representa o processo oposto, de libertação, de dilatação desse estado de contração.

De tudo isso se deduz que:

1) O envolvido está imerso no Sistema, ou seja, em Deus, na atmosfera de Seu pensamento e Sua Lei, tanto quanto estão imersos os espíritos não caídos.

2) O envolvido, devido o seu estado de involução, percebe apenas as vibrações de seu plano, muito pouco além destas e quase nada do pensamento de Deus, que o circunda de todos os lados.

3) Quanto mais o ser evolui, tanto mais se torna apto a perceber tudo isso. As capacidades perceptivas são relativas ao grau de evolução e se aguçam e aperfeiçoam com a subida.

4) Tudo se passa entre os dois casos limites, representados pelos dois pólos do ser, ou seja: no negativo, limite extremo da involução, e o ser nada sabe de Deus, feito de qualidades positivas, que ele combate como negativas, contrárias à vida, enquanto são a sua própria vida. No pólo positivo, limite extremo da evolução, o ser que voltou ao Sistema, como também o não-decaído, vivem em plena consciência da atmosfera de Deus, conhecedores e participantes da plenitude de Sua vida.

De tudo isso resulta importante consequência. Se com a evolução se consegue romper a casca que aprisionou a primeira centelha de Deus, na contração involutiva, essa centelha pode achar as qualidades perdidas entre as quais a sensibilidade que lhe permitirá perceber o pensamento cósmico, com o qual encontrará o conhecimento perdido.

Eis como se explica o fenômeno inspirativo, enquadrado no próprio seio das teorias expostas neste volume. Quando o ser consegue evoluir, corrige o processo de contração que o mutilou, rompe a casca e torna a encontrar o conhecimento,

tanto mais, quanto mais tiver conseguido subir. Consegue, desse modo, perceber o pensamento cósmico no qual ele também, como tudo o mais, está imerso. Chegados a este ponto, é possível transportar a teoria da visão ainda além do campo em que a usamos até agora, ou seja da observação inspirativa, da intuição, ou de controle racional em contato com seus efeitos em nosso mundo; pode-se transportar esta teoria também para o terreno experimental, aplicando e controlando-lhe os seus princípios, como um curso de desenvolvimento psíquico e espiritual. O primeiro produto do uso experimental da teoria aqui desenvolvida, é este volume.



Neste livro oferecemos o fruto do processo analisado, como resultado positivo. O leitor poderá formar um conceito da sua gênese, da técnica usada e do significado de tudo isso, enquadrado na teoria da visão. O trabalho está terminado e, como fato concreto, fala por si mesmo, representando a teoria sustentada, trazida até ao campo experimental. A experiência a confirma através do êxito alcançado.

Observamos o fenômeno inspirativo no momento de sua formação e depois no seu pleno funcionamento. Observemo-lo agora em seu momento final, resolutivo, em que se apaga, para deixar o indivíduo voltar ao seu estado normal, reassumindo a sua psicologia comum, diurna. Vejamo-la, agora, por meio do meu caso, as suas sensações.

Terminado, praticamente o livro, estou a observar o que aconteceu. Olho para trás. O quadro está completo. Passou diante de minha vista interior como uma visão alucinante, atirando-me para fora das dimensões de nosso mundo. Foram alguns meses de intenso contato com outras formas de vida, em planos mais altos. Grande festa do espírito, na qual o corpo se consumiu um pouco mais, ardendo!

Desço agora ao mundo normal, ao mundo de todos, com esforço e sofrimento. O trabalho de registrar toda a visão e traduzi-la, reduzindo-a a palavras humanas, de forma acessível à psicologia corrente, está terminando. Olho para trás admirado, e releio, a fim de compreender também, com o meu cérebro normal, o que escrevi com outra mente, a fim de assimilá-lo. Releio com a minha psicologia comum, parando de vez em quando, para meditar, compreender e aprender.

Com isto novo degrau foi galgado. Escrever um livro, neste caso, não é obra cerebral literária, mas para o indivíduo, significa realizar mais uma etapa da sua transformação evolutiva. O leitor poderá observar, nestes livros, além do desenvolvimento dos conceitos, também o fenômeno de um progressivo amadurecimento, pelo qual o tipo biológico do escritor está mudando gradualmente. É um trabalho profundo da vida, em que as teorias expostas são, ao mesmo tempo, experimentalmente vividas, o que oferece a maior prova de sua verdade.

Trata-se de uma verdadeira metamorfose, semelhante à da lagarta que se torna borboleta. Mas a lagarta pode proteger-se no casulo, onde pode executar em paz o seu completo trabalho de transformação, enquanto neste caso, o indivíduo deve fazer o seu trabalho no meio da tempestade da vida. Imerso neste seu esforço, necessário para subir a planos mais altos onde, unicamente, encontrará a inspiração, não pode lutar para defender-se. E os lobos estão sempre aí, prontos a empregar a sua grande sabedoria, que consiste em agredir. Forçoso é trabalhar debaixo de assaltos, mesmo quando todas as energias nervosas e as potências intelectuais estão presas no trabalho de inspiração. É preciso saber executar uma obra de espiritualidade e pensamento profundo, totalmente absorvidos, alma e corpo, entre feras que nada tem para fazer, estando prontas a cada momento e são habilíssimas em devorar. Imersos na visão, é mister possuir a força e manter-se prontos e defender-se de todas as traições e explorações de que é feita a vida. Enquanto a alma, presa em suas contemplações, se afasta da dura realidade, esta está sempre pronta a feri-la a todo o instante, a fim de recordar-lhe as suas necessidades improrrogáveis e, haja o que houver, a luta pela vida não pode deter-se nem um instante sequer.

Dizemos isto para fazer compreender que a necessidade de defender-se de todos os salteadores que povoam o mundo, não cessa de maneira alguma pelo fato de estarmos imersos num trabalho que absorve todas as energias da vida. Ele tem de ser realizado, pois, nas mais duras condições, sem tranquilidade, sempre sob a ameaça do assalto dos lobos vorazes. O indivíduo que trabalha por inspiração não deve, portanto, suportar, neste caso, apenas o desgaste imposto ao sistema nervoso pela tensão em que precisa manter-se, mas deve realizar também o esforço de defender-se de um mundo feroz, que possui acentuadas habilidades de gênero bem diferente. Enquanto o espírito está todo preso no esforço de produzir para o bem dos outros – porque a Lei impõe que, para manter a unidade, não se pode subir senão fazendo outros subirem – mil mãos rapaces e mil bocas vorazes estão sempre prontas para aferrar e devorar tudo para si. Esta é a sua febre e por ela destroem tudo, até o fruto que lhes é oferecido e o próprio instrumento, necessário para produzi-lo. É terrível, enquanto estamos perdidos na contemplação das coisas de Deus, ser sitiado e sufocado pelos adoradores do deus-dinheiro. Então sentimos quão grande é a distância de um plano de vida a outro, e que esforço heróico deve ser dispendido pelos mais evoluídos para preenchê-la. Pode-se compreender dessa forma como é horroroso, para um ser espiritualizado, ter que viver num mundo assim.

O trabalho de inspiração deve realizar-se nessas condições, quando o menor abalo nervoso pode trazer conseqüências fatais. Para conseguir uma tranquilidade relativa, este livro foi escrito à noite, deixando para o dia o trabalho normal de cursos, conferências, viagens, visitas, correspondência, conversas etc.. Esse sistema de trabalhar a noite esgotaria um jovem de 20 anos, mas é o único que pode ser adotado. O milagre é o organismo físico, ao menos até agora, ter conseguido resistir.

Muitos em pleno século XX, ainda acreditam poder a santidade ser alcançada apenas pelas formas tradicionais de renúncia e auto-perseguição. Esta pode ter sido a forma necessária e útil em tempos cruéis, ou ainda hoje para algumas pessoas que, para subir espiritualmente, precisem começar sufocando o corpo. Para estes, esta maceração pode parecer uma virtude maior. Para seres mais evoluídos, o corpo não é mais um inimigo a ser domado, mas um instrumento a ser utilizado pelo espírito. Macerar o corpo significa, então, procurar tirar ao espírito os meios para trabalhar e realizar-se na Terra. O próprio organismo físico transforma-se, então, de inimigo a domar, num amigo aliado que colabora com o espírito, o qual toma todos os cuidados necessários para conservar o seu útil instrumento; a virtude não consiste em renúncias inúteis para o próximo, que outrora eram praticadas enquanto se apodrecia no ócio, mas consiste no esforço de realizar um trabalho útil para o bem alheio. Este trabalho nos absorve a todos, de modo a não nos deixar tempo para dedicar-nos aos defeitos que as renúncias combatem, e que, dessa maneira, caem por si, sem serem reforçados pela reação provocada em todo o esmagamento. Hoje são mais necessárias e apreciadas as virtudes positivas, úteis para o bem do próximo, do que as negativas, dirigidas em mutilar a própria expansão vital. O trabalho de inspiração representa, justamente, essa mais alta expansão.

O caso do martírio do corpo está implícito e não deve ser procurado. O esforço a ser suportado é o máximo que se lhe pode pedir. Sofrimentos físicos, cilícios, jejuns e privações do necessário, como se usava antigamente, não apresentam mais utilidade, mas, sim, dar ao corpo o que é do corpo e ao espírito o que é do espírito, mas dar ao corpo o indispensável, para que possa suportar melhor o esforço de um trabalho executado pelo espírito por seu intermédio. A tensão desse trabalho já é um cilício e renúncia suficientes para o corpo. Não lhe peçamos mais, a fim de não mortificá-lo ao trabalho a ser executado.

Esse trabalho emprega toda a personalidade, física, mental e espiritual, como um ciclone. A vida dos planos inferiores treme aterrORIZADA. E, no entanto, pode dizer-se que essa hora criadora é uma festa imensa, porque constitui uma expansão vital indescritível. O terror pode vir depois, quando o espírito deve voltar ao corpo e o encontra esgotado pelo sono perdido em tantas noites, pelo esforço de concentração mental que atravessou e da tensão nervosa necessária para permanecer durante meses nesse estado de percepção inspirativa. Acrescente-se a isso, a necessidade de ter de retomar, subitamente, a luta para viver na Terra, defender-se dos assaltos que

qualquer pessoa possa ter nesse ínterim, preparado, e descongestionar o trabalho terreno atrasado, acumulado, para libertar-se da rede das mil coisas inúteis que o mundo sempre inventa, julgando-as importantes porque não sabe fazer coisa melhor.

Aí, mil inimigos estão sempre à espera. Quando se está em estado inspirativo, não se pode pensar em lutar, porque as forças e a atenção estão todas presas ao trabalho; subindo a planos mais altos de vida, somos obrigados a tornar-nos melhores e amar o próximo que nos deseja devorar. Não se pode pensar em luta, porque a luta é toda voltada para a subida a outros planos de existência, contra a animalidade que nos assedia, para transferir o centro vital do seu plano a outros superiores. Não se pode pensar em luta contra os outros, para defender-se, quando todas as energias estão empenhadas mais no alto e subtraídas ao corpo físico.

A hora mais árdua é a do regresso, no fim da grande embriaguez da captação inspirativa. Enquanto esta dura, viaja-se em velocidades supersônicas, projetados para o sistema, e só percebemos a imensa felicidade da expansão e da libertação. Mas, terminado o trabalho, quando a última palavra do volume foi escrita, o espírito deve descer novamente ao plano onde deixou o corpo. Isto significa ter que sofrer as dores da contração involutiva, num desmoronamento de dimensões que é o da queda, desmoronamento involutivo, descida na vida, para baixo, muito baixo, até o infernal pântano terrestre, povoado de feras. É um aprisionamento regressivo, involutivo, em todas as pavorosas qualidades infernais do Anti-Sistema. Ao recairmos na terra, o único prêmio que achamos é a prostração de um organismo alquebrado; é uma luta nova a realizar, para não sermos sobrepujados; é a incompreensão, a rivalidade e a voracidade.

Uma humanidade civilizada deveria ajudar e proteger esses seres que executam, sofrendo, tão árduo trabalho. Deveria pelo menos deixá-los em paz ao invés de ocupar-se deles, apenas, quando há um fruto a ser expremido em favor do próprio egoísmo pessoal ou de grupo. Assim, devem realizar a descoberto, no meio da estrada, seu trabalho pacífico para o bem de todos. Se para eles, porém, existe a ajuda dos homens, existe o auxílio de Deus. Se com tanto esforço subiram a planos superiores, algo se movimentou em cima, outras forças e defesas se puseram em movimento, descendo em forma de divina providência, parecendo um prodígio. Apesar de tudo, são também ajudados, pois representam um valor biológico importante, para que as leis da vida intervenham a fim de salvá-los. Fazendo parte da Lei de Deus, movem-se para defender e salvar os inermes, que o mundo não compreendeu. Mesmo se ninguém lhes compreendeu o valor, não são apenas os artífices de palavras, mas constituem para a vida a germinação do futuro, os tentáculos estendidos em direção aos planos superiores de evolução, antecipando-a para depois conquistá-la; representam o dinamismo criador do novo, o motor que dirige o comboio na ascensão, enquanto este segue, constituído pelas massas inertes e imitadoras.

Nesses trágicos momentos permanecemos apenas nas mãos de Deus, que restauram lentamente o sistema nervoso, quase destruído pela alta tensão. Do mundo, nada chega: tudo vem de Deus. Descem do Alto forças boas e poderosas, estreitando-o para reintegrar na plenitude de suas forças, o cérebro cansado, a fim de que amanhã possa retomar o seu trabalho de instrumento, de forma mais amadurecida e mais alta.



Assim se vai lentamente subindo o caminho do regresso. Trata-se de um fenômeno de amadurecimento biológico, de antecipação evolutiva, de exploração do supranormal, a fim de poder-se definitivamente apoderar-se dele, transformando-o em normal.

Antes de terminar o estudo que estamos fazendo, observemo-lo sob outros pontos de vista, ligando-o a todo o processo da queda e da subida. Com a desobediência dos elementos rebeldes, veio a faltar-lhes a força de coesão que no Sistema os mantinha unidos. Faltando a coesão, o edifício desmoronou prontamente, a união pulverizou-se no separatismo e, como se tivesse adoecido, mudou a

natureza dos elementos decaídos. Chegados ao fundo do caminho da descida, no Anti-Sistema, tiveram de aprender à força, a lei que não quiseram aceitar livremente, por amor, na obediência; tiveram que aprendê-la à própria custa, por meio do longo caminho da evolução, errando e corrigindo com a dor e o erro, e assim aprendendo penosamente a não errar mais.

Chegado ao fundo, relativo a cada um, como já dissemos, o ser decaído recomeçou a subida. Observemos os seus movimentos, que interessam ao caso ora estudado. Para compreender melhor os pormenores que nos interessam, imaginemos esta viagem de regresso como uma viagem da lua à Terra. Esta representa o sistema que, com maior poder de atração, dirige e domina a lua, que representa o Anti-Sistema, movendo-se no campo gravitacional da Terra ou Sistema. Mas também a lua tem o seu poder de atração, dirigindo e dominando tudo o que lhe está próximo e penetra em seu campo. Os campos gravitacionais da lua e da Terra podem representar para nós os do Anti-Sistema e do Sistema. Assim, o primeiro domina, como centro de atração, os planos inferiores de evolução, que lhe são próximos e gravitam em sua direção, enquanto, o Sistema domina, como centro de atração e gravitação os planos superiores da evolução.

Que acontece, então, nessa viagem de regresso da lua à Terra ou do Anti-Sistema ao Sistema? O poder da Terra ou Sistema chega até mesmo à superfície da lua, que representa o fundo do Anti-Sistema ou plano ínfimo de evolução, o ponto de chegada da queda. Nesse ponto, a atração do Sistema para o retorno a Deus é mínima, enquanto é máximo o poder de atração para o Anti-Sistema, ou seja, é mínimo o impulso evolutivo e máximo o involutivo. Mas, por menor que seja, o primeiro consegue determinar um primeiro movimento ascensional evolutivo, vencido, todavia, por uma queda involutiva, em vista da proximidade da Anti-Sistema, pois tudo ocorre no campo de seu domínio. Mas a atração do Sistema não se apagou e continua a agir tenazmente, de modo que, logo após o impulso negativo do Anti-Sistema haver vencido, funcionado e ter-se esgotado, o impulso positivo do Sistema retoma o predomínio. Mas se, devido à maior massa de onde deriva, este impulso positivo do Sistema é mais forte, torna-se mais fraco na superfície da lua ou fundo do Anti-Sistema, por causa da distância; ao passo que nesse ponto o impulso negativo do Anti-Sistema, por ser mais próximo, é mais forte, apesar da massa menor de onde deriva. Por isso, os primeiros movimentos evolutivos são fraquíssimos. De início, são possíveis apenas movimentos ascensionais mínimos, no fundo do Anti-Sistema. Mas a atração, por parte do Sistema, jamais cessa de agir; embora longínqua e fraca, é constante.

Eis os dois impulsos opostos frente a frente, em luta e são diferentes: um é força de tipo Anti-Sistema (física), outro é força de tipo Sistema (espiritual). A evolução transforma uma na outra, entrando cada um em ação logo que o outro se esgote. O caminho ascensional da evolução assume, desse modo, a forma de uma onda. Observemo-la, para ver os movimentos que o ser executa em seu caminho evolutivo de regresso. Devido o poder diferente dos dois centros de atração e as distâncias diferentes entre si, em que os elementos em ascensão se vão sucessivamente encontrando. E esta onda será constituída por uma oscilação, mudando continuamente de forma, ao longo da subida. Na luta ente os dois impulsos contrários, o vencedor, para quem a vitória está garantida desde o princípio, é o mais poderoso, que provém do centro maior. O triunfo final, portanto, cabe ao Sistema; e se assim não fosse, a evolução seria tentativa inútil e não estaríamos a estudá-la, porque teria abortado de há muito. A cada um desses movimentos oscilatórios, se revela sempre mais clara a verdadeira natureza e o poder dos dois centros e seus impulsos.

Observemos, as formas que a onda irá assumindo, de acordo com a qual se vai desenrolando o caminho do ser em sua viagem de regresso. Devido a estrutura do sistema de forças, mesmo que fossem mínimos os primeiros movimentos ascensionais, é evidente que a cada um se atingiria um ponto mais próximo do Sistema e mais longe do Anti-Sistema. Desse modo alcança-se um fortalecimento contínuo do impulso de atração para o Sistema, e um enfraquecimento contínuo do oposto. Há mais, todavia. Se a atração age em razão direta das massas e em razão inversa do quadrado das distâncias, a sua potência aumentará também pelo fato de, a cada movimento ascensional, chegar-se mais próximo da massa atraente. Esse aumento na potência de atração se

verificará tanto mais rapidamente, quanto maior for a massa do Sistema relativa a do Anti-Sistema. Teremos, dessa maneira, uma aceleração constante ascensional, devido não apenas à massa maior do Sistema, como também à progressiva aproximação do elemento.

No momento em que se esgotou o ímpeto da queda, ao atingir a plenitude de sua realização no fundo do Anti-Sistema, bastava que nesse momento o poder de tração do Sistema começasse apenas a funcionar (e podia fazê-lo, pois este representava uma força maior, embora mais afastada), para que se verificasse o primeiro aceno de um movimento ascensional em sua direção; e o movimento ondulatório ter-se-ia iniciado com as características estudadas, que tenderiam sempre mais a acentuar-se. E, assim, de fato, a onda ascensional tomou a forma de oscilação; cada vez mais desenvolveu-se em altura, ao longo da estrada, diminuiu na parte inferior. Essa diminuição inferior exprime o progressivo enfraquecimento do poder de atração do Anti-Sistema (mundo físico), e o progressivo fortalecimento do poder de atração do Sistema (mundo espiritual). Esta a razão pela qual a evolução significa espiritualização.

Devido às forças em jogo, forma-se, automaticamente, um tipo de onda, cuja oscilação constitui uma contínua aceleração ascensional. Na verdade, esgotado todo o ímpeto da queda, do fundo da involução, começou a funcionar a atração do Sistema, produzindo o primeiro movimento mínimo ascensional. Esgotado este impulso, a atração do Sistema retomou a supremacia, produzindo um regresso, e assim por diante. Mas, cada oscilação de subida correspondia uma potencialização da atração positiva por causa da aproximação do Sistema, e um enfraquecimento da atração negativa por causa do afastamento do Anti-Sistema. O resultado de cada oscilação é a curva inferior da onda se afastar cada vez mais do Anti-Sistema, e o vértice superior se aproximar cada vez mais do Sistema. Segue-se que a cada oscilação, a subida da evolução ganha em dois sentidos: primeiro, porque a extremidade inferior da onda se apresenta cada vez mais alta e afastada do Anti-Sistema; segundo, porque a extremidade superior, está cada vez mais alta e próxima do Sistema.

Ora, a transformação da onda, nesse sentido, tende a acentuar sempre mais, quanto mais progride em direção ao alto. Tornando-se cada vez mais poderosa a atração positiva (porque a massa do Sistema é maior e a onda se aproxima sempre mais), e sempre mais fraca a atração negativa (porque a massa do Anti-Sistema é menor e a onda se afasta cada vez mais), a onda tende a alongar-se sempre mais para cima e a encurtar para baixo. Chegará dessa maneira ao ponto em que o seu trajeto ascensional prevalecerá totalmente, reabsorvendo o de descida, que será assim completamente eliminado. Então, nos planos supremos da evolução, desaparecerá a onda numa reta, lançada como uma flecha em direção ao Sistema.

De tudo isso se compreende ser a evolução tanto mais lenta e penosa quanto mais se está em baixo, e tanto mais rápida e feliz quanto mais alto se encontra. O homem se acha no meio do caminho. Se a onda, para ele, pode ser constituída, hoje, de três medidas para frente e duas para trás, para os seres mais evoluídos, ou para o homem de amanhã, poderá ser constituída de quatro medidas para cima e uma para baixo, até que a descida esteja relativamente anulada em relação à subida. O homem poder-se-ia dizer, hoje, ainda retrocede para o Anti-Sistema dois passos, cada três que ganha em direção ao Sistema. Quanto mais se evolui, tanto mais se espiritualiza o ser, tornando-se mais poderosa a atração para Deus, enquanto tende a desaparecer a atração oposta da animalidade inferior.

Ao expor tudo isto, buscamos explicar cada vez melhor o fenômeno da evolução, mas especialmente fazer compreender o nosso caso, que só se pode entender em função dela e do que dissemos até aqui. Escrever um destes volumes representa o período ascensional de uma onda de evolução. Colocados sob o poder da atração do Sistema, sobe-se até o vértice máximo suportável, estabelecido por todos os desenvolvimentos atingidos nas oscilações precedentes, às quais se acrescenta um pequeno trecho à frente. Terminado o trabalho, cessado o esforço, a onda torna a descer involuntivamente; o espírito, nesse momento, perde o poder intuitivo e vai permanecer cansado, abatido no vale da onda, em sua veste corpórea. Mais exatamente, não se exauriu o poder de atração do Sistema, mas, é o indivíduo que se cansa, porque esgota a energia necessária para manter-se em alta tensão, a fim de poder corresponder àquela atração.

Ocorre, então, o colapso nervoso, que representa, todavia, um repouso natural e necessário, porque, depois, o espírito se acha pronto para reerguer-se em novo salto ascensional, ou seja, para percorrer o trajeto de outra oscilação, atingindo então um vértice mais alto. Enquanto antes, na descida, era o Anti-Sistema que procurava reviver, agora é o Sistema que retoma a supremacia, de forma cada vez mais decidida e elevada, ou seja, para escrever um livro ainda mais avançado, com mais profundo amadurecimento do espírito. Assim se desenrolam, sucessivamente, os períodos ascensionais, atingindo uma produção cada vez mais elevada, proporcional ao progresso espiritual. Um passo após o outro, vão subindo os degraus do conhecimento e da evolução. Experimentalmente, os impulsos do Anti-Sistema são pouco a pouco demolidos e reabsorvidos pelos do Sistema.

O produto útil deste esforço ascensional aparece, externamente, nos volumes escritos, e permanece depositado, internamente, no tesouro dos valores pessoais, onde o indivíduo os achará sempre como seu patrimônio inalienável. Mas, os colapsos da descida, embora sempre menores, o indivíduo os suporta sozinho, sem serem revelados. São uma doença? A medicina oficial, desconhecedora desses fenômenos complexos que explicamos, os considera um estado patológico. Já tocamos neste ponto no cap. XVI, "Reconstrução orgânica do sistema e desenvolvimento da consciência". Trata-se de crises naturais de desenvolvimento, a que estão sujeitos os que possuem a chamada doença da evolução. Distúrbios raros, poucos sofrem dessa doença. A maior parte vegeta estacionária em seu nível, no qual se acha proporcionada a tudo e não possui esses ímpetos para o alto, nem se propõe suportar os relativos sofrimentos e perigos. Não oscila, estando constantemente bem plantado em seu plano biológico, considerando com louco utopista quem se arrisca a sair daí. Por esse meio, porém, se dá a ascensão, custe o que custar, enquanto para os outros a vida permanece segura e cômoda mas, sem sentido nem objetivo. Aos primeiros, o tormento do esforço e o terror do inexplorado, mas também a alegria da criação e a vitória da descoberta. Aos outros, as satisfações inferiores e ilusórias, que só deixam à alma um sentido desolador de vazio.

Preferimos estar doentes, com esta atormentadíssima enfermidade da evolução, com os seus colapsos dolorosos. Preferimos pertencer à classe dos que, lutando e sofrendo, constroem a si mesmos e um mundo melhor, a pertencer à classe dos que passam por felizes e afortunados, mas, carregados de pesos, poderes e riquezas, perdem tempo, fazendo os outros também perderem. Bendigamos, pois, estas crises, porque são de evolução e crescimento. Se o organismo não atravessasse esses desmoronamentos de potencial nervoso, como poderia depois retomar o impulso para novas e sempre mais altas ascensões? De onde nasceriam e como poderiam nascer doutro modo, esses períodos tão intensamente construtivos? Essas horas de abatimento são o preço com que se paga o próprio progresso, exprimem e provam existir, verdadeiramente, nos fatos, o período de descida da onda evolutiva que acima ilustramos. Confirma-se o que dissemos no capítulo citado: não se trata de casos patológicos, mas de um fenômeno natural, uma oscilação necessária de reações criadoras sempre mais altas. Só quem oscila poderá também subir e não quem permanece estacionário no pântano de uma inteligência média, incapaz de ir além das pequenas coisas desse mundo. Só quem oscila, precipitando-se na dor, para reerguer-se na alegria, vai cada vez mais encurtando o período de regresso da onda, a favor do período oposto de progresso. Assim, para este, sempre mais se encurta o primeiro, enquanto sempre mais se alonga o segundo, cada vez mais aproximando-se do ponto em que a onda, à força de subir, terá demolido o período de descida que a levava em direção ao Anti-Sistema, e se tiver transformado numa reta, apontada como uma flecha em direção ao sistema, para precipitar-se nele, voltando finalmente para os braços de Deus.



Ao tomar este livro entre as mãos, pode o leitor compreender quanto significa, que festa, mas também que esforço representa o havê-lo escrito, sendo o sofrimento o único prêmio imediato deste trabalho. O céu não se

conquista gratuitamente, adormecendo na inconsciência, não desce até nós, se antes não tivermos lutado, nós mesmos, com a consciência integralmente despertada, para subir a ele; se não tivermos enfrentado a subida com a coragem que só uma grande paixão pode dar-nos. Por esta somos inteiramente inflamados, sem parada nem repouso, para que todo o nosso tempo e energia sejam consagrados ao trabalho, que não se pode executar com preguiçosa comodidade, mas apenas quando se arde numa chama que queima a vida física, para dar à luz a vida espiritual. É esta chama que oferecemos neste volume, a fim de, aonde quer que possa chegar, queimar a animalidade humana e fazer surgir a espiritualidade.

Sinto estar escrevendo as últimas palavras deste livro. As correntes de pensamento, que durante meses me estrondearam na mente, alimentando este ano os três cursos realizados em São Paulo, Rio de Janeiro e Santos, e este livro que aqui se desenvolve, estão apagando o seu ímpeto e acalmando sua pressão. As idéias, que dantes se amontoavam acavalando-se como para sair todas juntas da ponta da pena, começam a rarear, como as nuvens após o furacão. Mas, permaneço ainda atordoado pela visão apocalíptica que atravessei e me atravessou, fazendo o meu ser vibrar até às mais profundas fibras. Não sei, agora, quando entrarei novamente em outra tempestade de conceitos, para o volume seguinte. Estou tornando a descer e olho para trás. Parece-me ouvir um acalmar de tempestade, como na Pastoral de Beethoven.

Volto-me para trás a fim de olhar. Este volume, que a massa dos eleitores levará, como ocorreu com *A Grande Síntese*, dezenas de anos para compreender, teve de ser escrito em poucos meses sem nenhum traçado precedente, nem ajuda de pensamento conhecido, resolvendo, para a humanidade, problemas ainda não resolvidos, e tudo isto, estando sobrecarregado com o trabalho normal. Mesmo continuando a trabalhar, de dia, com cursos, conferências etc., vivi durante vários meses no estado de suprema sensibilidade, indispensável para a recepção inspirativa. Estado nervoso delicadíssimo, no qual o mínimo choque pode ser fatal. Durante meses trabalhei de noite, adquirindo uma insônia que agora me impede de recuperar as forças.

No estado inspirativo, o meu espírito se afastava do corpo, permanecendo ligado por um sutil e frágil estado vibratório que qualquer choque poderia abalar. O meu centro vital se deslocava para planos mais altos da vida, e, se se quebrasse o fio que o mantinha ligado ao plano normal humano, o meu espírito teria permanecido lá em cima e os meus familiares, pela manhã, teriam encontrado o meu corpo abandonado, morto na mesa de trabalho. Perigo tanto maior, quanto o meu espírito não desejava de maneira nenhuma voltar à Terra, ao corpo, senão como penoso dever a cumprir. O que poderia proteger e salvar tudo, senão a presença de Deus? O que poderia ajudar a realizar o milagre, senão a sabedoria da lei de evolução, que previa esses esforços e preparara os auxílios correspondentes, para chegarem a bom termo? De fato, jamais se sente tanto a proximidade e a proteção da divina presença, como nas horas de abandono humano.

Ao concluir esta obra, as minhas últimas palavras são para oferecer, antes de tudo ao Brasil, minha nova pátria, e depois ao mundo, este fruto do meu esforço, para subir e fazer subir, porque devemos subir e ninguém pode deter a ascensão da vida.

Mas acima de tudo, as minhas palavras são de agradecimento a Deus, que me deu a vida para fazer o bem, que neste atual esforço me protegeu e ajudou, dando-me luz para compreender, paixão para inflamar-me e força para seguir obedecendo.



ORAÇÃO A DEUS

Adoro-Te, Deus de todas as religiões e de todos os corações, vértice em que se fundem todas as divisões humanas, unidade absoluta em que se recompõe na ordem, a infinita multiplicidade do relativo.

Adoro-Te Deus da sabedoria, poder e bondade, suprema inspiração da vida que evolui, aspirando a Ti de todos os pontos do universo, convergindo para Ti, centro do sistema do todo.

Tu és o Amor, que sustentas com o Teu Amor todas as criaturas e para Ti as guias no extenuante caminho de regresso.

Tu és a aspiração e o anseio supremo do ser que, caído longe de Ti, chora com a nostalgia e, na alegria e na dor, no triunfo e na derrota, Te invoca, porque Tu és a essência da sua vida e nenhum ser pode existir sem Ti.

Viver, viver, cada vez mais intensamente e cada vez mais alto, viver. Este é o anseio de todos e Tu és esse viver. Tu és a chama de que se alimenta todo o universo. É uma chama que arde, de Amor, do Teu Amor, de que é feita a vida.

Tem piedade desta humanidade que sofre, porque quis fugir de Ti, e agora carece do Teu Amor. Ajuda-nos, porque sem ele falta-nos a vida. O ódio nos envenena e agora nos ameaça matar. Salva-nos do bátratro da destruição, em que o egoísmo de cada um e a luta de todos contra todos, estão nos precipitando. Não merecemos auxílio: mereceríamos dores ainda maiores. A hora é trágica e Tu empunhas os destinos do mundo. Aceita a dolorosa oração dos humildes que se oferecem para que sejam salvos também os rebeldes à Tua Lei.

Faze que esta visão nos ajude a dissipar a nossa arrogância e, iluminando-nos, impulsione-nos pelas vias do bem, para nossa salvação. Faze que o nosso mundo se reconstrua cada vez mais, do caos à ordem, da separação à união, da guerra à paz, do ódio ao Amor.

Ajuda e sustém o esforço dos bons que lutam nesse sentido, dos solitários que, neste inferno de perdição, trabalham pela salvação.

Faze que para eles seja de conforto esta visão da Tua ordem. Ela é suprema orquestração de forças, que surpreende a mente, é música de dulcíssimas harmonias, que arrebatava o coração. Conhecer-Te cada vez melhor é o anseio dos bons; conhecer-Te para cada vez mais amar-Te é o seu sonho; amar-Te para sempre mais intensamente, viver tornando a achar-Te e voltando a Ti, é o irresistível impulso da sua vida.

Estamos a Teus pés, filhos rebeldes e ingratos, invocando-Te, tu nos abres os braços e nos chamas, e quantas vezes nos voltamos para outros lugares, repelindo-Te!

Com a Tua sabedoria ilumina as mentes. Com o Teu poder sustém a nossa fraqueza. Com a Tua bondade amansa a fera humana. Com o Teu Amor apaga todos os nossos ódios. Leva-nos de novo a Ti, no Alto donde caímos, de modo que todas as criaturas voltem ao seio do seu Criador, onde unicamente é possível encontrar felicidade; voltem ao seio de Deus, centro e alma do todo, alfa e ômega do ser, ponto de partida e de chegada de nosso longo e doloroso caminho, estendido para Ti, Deus, nossa última meta.

São Vicente (S. Paulo), Natal de 1956.

F I M

